UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

SHAMARA ANGÉLICA CASSIANO DA PAZ

A LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:

RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS SOBRE “A HISTÓRIA DE JUVENAL E O DRAGÃO”

Recife
2023

SHAMARA ANGÉLICA CASSIANO DA PAZ

A LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:

RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS SOBRE “A HISTÓRIA DE JUVENAL E O DRAGÃO”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. Clecio dos Santos Bunzen Júnior.

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Paz, Shamara Angélica Cassiano da.
A Literatura de Cordel nos anos iniciais do Ensino fundamental: rodas de conversas literárias sobre "A História de Juvenal e o Dragão" / Shamara Angélica Cassiano da Paz. - Recife, 2023.
264 : il., tab.

Orientador(a): Clecio dos Santos Bunzen Júnior
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras (Profletras), 2023.
Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Educação Literária. 2. Literatura de Cordel. 3. Rodas de Conversas Literárias. I. Bunzen Júnior, Clecio dos Santos . (Orientação). II. Título.

890 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2024 - 105)

SHAMARA ANGÉLICA CASSIANO DA PAZ

A LITERATURA DE CORDEL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:

RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS SOBRE “A HISTÓRIA DE JUVENAL E O DRAGÃO”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovada em: 31/08/2023.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Clecio dos Santos Bunzen Júnior (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco- UFPE

_____

Profª. Drª. Hérica Karina Cavalcanti de Lima (Examinadora Externa)

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

_____

Profª. Drª. Marcia Félix da Silva Cortez (Examinadora Interna)

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE – UFRPE

Dedicado a três pessoas que me deram forças durante o desenvolvimento deste trabalho:

Meu orientador e professor, **Clecio Bunzen**, por ser um excelente docente, um ser humano humilde e por me encher de esperança;

Minha mainha, **Vilma Cassiano**, por ter me levado pela primeira vez à biblioteca pública e por demonstrar tanto amor por mim;

Meu amor, **Paulo César Dutra**, pelo cuidado e proteção a nossa família.

AGRADECIMENTOS

Escrever estas linhas de agradecimento é um momento de grande emoção, pois o caminho que percorri foi permeado por desafios. Porém, como uma mulher vestida de coragem que sou, possuo uma armadura poderosa, aquela de Efésios 6.13: “Vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo”. Assim, fui resistindo às tribulações e segui na caminhada.

Diante disso, meu coração se enche de gratidão primeiramente a Deus, por ter permitido que eu fosse aprovada em 2º lugar no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) no dia 15 de junho de 2020, por nunca ter desistido de mim, por me usar para Seus propósitos e me proteger sempre. A Deus toda honra e toda glória!

Agradeço a minha mãe e grande amiga, Vilma Cassiano, por tantas vezes ter me ajudado a prosseguir, por ter me incentivado a não desistir e por estar comigo nos momentos mais difíceis. Obrigada, mainha, por todo cuidado, carinho e amor. Estendo meus agradecimentos ao meu pai, Manoel da Paz, pelas orações e cuidado, e também, aos meus irmãos: João Paulo e José Nilton.

Ano da pandemia do novo coronavírus (COVID-19), enfrentando medos e desafios, iniciamos as nossas aulas no dia 8 de abril de 2021 de forma remota, com uma incrível “Aula de Português” com a Professora Irandé Antunes. Mesmo sem nos encontrarmos presencialmente, a turma 7 passou a ter uma sintonia incrível. Por isso, agradeço aos meus amigos: Simone Lopes, Elisabeth Melo, Cris Abreu, Aline Vargas, Sandra Regina, Giane Agra, Eduardo Cruz e Guilherme Barbosa. Foi fascinante trocar conhecimentos com vocês. Agradeço em especial, a Simone e Elisabeth e Cris, por estarem comigo nos momentos mais difíceis, como verdadeiras amigas-irmãs. Obrigada pelos conselhos, mensagens, trabalhos realizados em grupo e por todo carinho.

Faço abrangência dos meus agradecimentos aos professores do PROFLETRAS: Marcela Vasconcelos, Gláucia Nascimento, Maria Clara Catanho, Adriano Moura, Fatiha Dechicha, Dilma Tavares, Rosiane Xypas e Herbertt Neves. Em especial, ao meu professor e orientador Clecio Bunzen, que desde o início esteve comigo com muita sabedoria compartilhando seus preciosos conhecimentos e amor pela Educação Literária. Ele fez de tudo para que esse momento chegasse.

Muito obrigada, professor! Agradeço também à professora Hérica Karina e Frederico Machado pela leitura e contribuições realizadas na qualificação desta dissertação. Relembrando também a qualificação do meu projeto de pesquisa, agradeço à professora e poetisa Socorro Nunes pela leitura e ajuda. Também agradeço aos meus professores e coordenadores do Curso de Letras (EAD) da Universidade Federal de Pernambuco por estarem comigo na trajetória da minha graduação, em especial: César Giusti, Inara Gomes, Gláucia Nascimento, Dilma Tavares, Guilherme Moura, Eduardo Henriques, Márcia Moura e Breno Hiroshi. Vocês me ajudaram a dar o primeiro passo para que eu pudesse ingressar no PROFLETRAS. Agradeço aos meus professores do Centro Universitário FACOL (UNIFACOL), que me acompanharam em minha primeira graduação: Pedagogia. Obrigada, Veralúcia Andrade, Carmelo Souza, Marilene Figueiroa, Priscilla do Carmo, Clarissa, Tonny Apolinário, etc.

Quero agradecer ao Grupo de Pesquisa sobre Educação Literária (GPEL) da UFPE, coordenado pelo Professor Clecio Bunzen. O GPEL ampliou a minha visão sobre a Literatura. No grupo temos a oportunidade de ler e debater sobre as obras de estudiosos da Educação Literária. Vários autores(as) já foram convidados para eventos em que trocamos conhecimentos e enriquecemos a nossa prática em sala de aula.

Não poderia esquecer de agradecer aos amigos, cordelistas, escritores e leitores do Cordel Glorioso (@cordel_glorioso), espaço virtual onde compartilho experiências sobre a Literatura de Cordel e declamo poesia. Obrigada a todos(as)!

Continuando meus agradecimentos, externo gratidão à Escola Municipal Jornalista Júlio Augusto de Siqueira, onde sou professora desde 2016. Agradeço a toda equipe e comunidade escolar, em especial aos meus alunos do 4º ano do Ensino Fundamental (Turma de 2022) por estarem envolvidos nesta pesquisa-ação. Também agradeço à Escola Municipal Marechal Castelo Branco onde fui professora por 7 anos, vivendo ricas experiências na docência. Agradeço as minhas gestoras: Patrícia Augusta e Edvaneide Zacarias, bem como a minha eterna supervisora Edilene.

Também gostaria de agradecer aos meus amigos, em especial, Gesiane Gomes por todo apoio e por sempre perguntar: “E o mestrado?”. Em especial a minha sogra, Dona Maria, por todo cuidado comigo e pela torcida para que eu

concluísse essa etapa em meus estudos. Assim, como a minha amiga Robervânia Costa, amiga desde o Normal Médio e que sempre demonstra amor e carinho!

Dedico aqui um espaço especial para uma menina/mulher extraordinária: Larícia da Mata. Estudante de Pedagogia e uma professora que faz a diferença. Larícia não mediu esforços em colaborar com nosso projeto de intervenção. Obrigada, Larícia, por cada gravação, cada ensaio, e por todo carinho com o 4º ano.

Agradeço a mim mesma por ter me levantado todas as vezes que pensei que não iria conseguir, por ter enxugado as minhas próprias lágrimas e ter me lembrado o motivo pelo qual iniciei. Agradeço a Shamara Paz, por não ter sido egoísta e ter lembrado sempre que esta pesquisa traria benefícios não sou para mim, mas para muitas pessoas.

Por último e não menos importante, agradeço profundamente ao meu amor, Paulo César Dutra, por segurar em minha mão e com seu amor, companheirismo e amizade me mostrar que eu seria capaz de concluir o mestrado. Agradeço pelas ligações, mensagens e pela doce presença. Obrigada por todas as vezes em que se preocupou com o andamento da dissertação. Muito obrigada, amor, pela construção da nossa família. Concluo essas linhas com o coração cheio de gratidão! Obrigada a todos (as)!

“[...] O Senhor é quem dá sabedoria; de sua boca procedem o conhecimento e o discernimento. Ele reserva a sensatez para o justo; como um escudo protege quem anda com integridade.” (Provérbios 2. 6-7)

“Escutar sensivelmente significa esvaziar-se de nós mesmos para que possamos reconhecer o outro na sua singularidade.” (COELHO, 2009, p.26 apud CERQUEIRA e SOUSA, 2011, p.18)

RESUMO

Esta investigação do Mestrado Profissional em Letras está inserida no âmbito das discussões acerca da Educação Literária na Educação Básica. Em nossas vivências pessoais/profissionais e durante nossas experiências enquanto docente/estudante, houve o seguinte questionamos: como explorar a Literatura de Cordel com as crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, possibilitando a aproximação de suas vivências com o texto literário? Também tínhamos interesse em saber como as crianças dos anos iniciais dialogam com a Literatura de Cordel e quais sentidos e significados podem circular durante a leitura. Tais questionamentos nos levaram ao objetivo geral da pesquisa: analisar como as crianças do 4º ano do Ensino Fundamental dialogam e vivenciam a leitura com o cordel *A história de Juvenal e o Dragão*, de Leandro Gomes de Barros em Rodas de Conversas Literárias, e com o livro ilustrado em que Rosinha reconta a mesma história. A pesquisa está fundamentada numa perspectiva dialógica e democrática (FREIRE, 1987) da Educação Literária como um processo amplo permeado por múltiplos sujeitos com diferentes experiências (LEAHY-DIOS, 2004; DALVI, 2018). Também nos debruçamos sobre a mediação literária, pensando principalmente no trabalho com as Rodas de Conversas Literárias com a Literatura de Cordel em sala de aula (PETIT, 2009; MARINHO E PINHEIRO, 2012; MACEDO, 2021; BUNZEN,2022) em que os(as) alunos(as) envolvem-se em experiências literárias que podem promover conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação em que os sujeitos são participantes constituindo uma pesquisa colaborativa em busca de transformação (TRIPP, 2005). No que diz respeito à metodologia de ensino-aprendizagem, baseados nas orientações de Bajour (2006, 2012) e Marinho e Pinheiro (2012), elaboramos a nossa proposta de intervenção, em uma escola pública municipal de Vitória de Santo Antão/PE, por meio do Projeto Entre Versos e Rimas do Cordel, que foi realizado em três etapas: Aproximação Poética, Um dragão na sala de aula e Compartilhando Saberes. A análise dos dados focalizou a segunda etapa em que aconteceram as Rodas de Conversas Literárias com as crianças em sala de aula. Os resultados de nossa pesquisa demonstram que as crianças ao serem ouvidas nas rodas, puderam expressar seus pensamentos, sonhos e anseios. Elas compartilharam suas experiências por meio da voz, gestos e corporalidades, inclusive do silêncio. Numa ação colaborativa, participaram da

narrativa poética do cordel (re)criando sentidos para a história. Numa dimensão estética, o trabalho com a Literatura de Cordel na sala de aula reconheceu as crianças como sujeitos pensadores/aprendizes.

Palavras-chave: Educação literária; Literatura de cordel; Rodas de conversas literárias.

ABSTRACT

This investigation of the Professional Master's in Letters is inserted in the context of discussions about Literary Education in Basic Education. In our personal/professional experiences and during our experiences as a teacher/student, there was the following question: how to explore Cordel Literature with children in the 4th year of Elementary School, enabling the approximation of their experiences with the literary text? We were also interested in knowing how children in the early years dialogue with Cordel Literature and what senses and meanings can circulate during reading. Such questions led us to the general objective of the research: to analyze how children in the 4th year of Elementary School dialogue and experience reading with the cordel The story of Juvenal and the Dragon, by Leandro Gomes de Barros in Literary Conversation Circles, and with the illustrated book in which Rosinha retells the same story. The research is based on a dialogical and democratic perspective (FREIRE, 1987) of Literary Education as a broad process permeated by multiple subjects with different experiences (LEAHY-DIOS, 2004; DALVI, 2018). We also focused on literary mediation, thinking mainly about the work with the Circles of Literary Conversations with Cordel Literature in the classroom (PETIT, 2009; MARINHO E PINHEIRO, 2012; MACEDO, 2021; BUNZEN, 2022) in which (students engage in literary experiences that can promote knowledge, skills, attitudes and values. This study is characterized as an action research in which the subjects are participants, constituting a collaborative research in search of transformation (TRIPP, 2005). With regard to the teaching-learning methodology, based on the guidelines of Bajour (2006, 2012) and Marinho and Pinheiro (2012), we elaborated our intervention proposal, in a municipal public school in Vitória de Santo Antão/PE, by through the Project Entre Versos e Rimas do Cordel, which was carried out in three stages: Poetic Approach, A dragon in the classroom and Sharing Knowledge. Data analysis focused on the second stage in which the Literary Conversation Circles took place with the children in the classroom. The results of our research demonstrate that children, when heard in the circles, were able to express their thoughts, dreams and desires. They shared their experiences through voice, gestures and corporality, including silence. In a collaborative action, they participated in the poetic narrative of

the cordel (re)creating meanings for the story. In an aesthetic dimension, working with Cordel Literature in the classroom recognized children as thinkers/learners.

Keywords: Literary education; Literature of twine; Literary conversation circles.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pesquisas realizadas no PROFLETRAS em Pernambuco.....26
Quadro 2 - Habilidades paras as turmas de 1º ao 5º ano - Campo artístico-literário.....79
Quadro 3 - Total de alunos(as) matriculados(as) na Escola Jornalista Júlio Siqueira, em 2022.....91
Quadro 4 - Interações com as adivinhas em Cordel.....118
Quadro 5 - Títulos criados pelos alunos.....135
Quadro 6 - Divisão do cordel para a primeira Roda de Conversa Literária.....146
Quadro 7 - Fragmento das interações referentes a primeira parte do cordel correspondente a primeira Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia 09 de novembro de 2022, a partir de gravação de vídeo.....148
Quadro 8 - Fragmentos das interações referentes a segunda parte do cordel correspondente a primeira Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia 09 de novembro de 2022.Transcrição a partir de gravação de vídeo.....151
Quadro 9 - Tipos de Conexões.....155
Quadro 10 - Fragmentos das interações referentes a terceira parte do cordel correspondente a primeira Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia 09 de novembro de 2022. Transcrição a partir de gravação de vídeo.....157
Quadro 11 - Divisão do cordel para a segunda Roda de Conversa Literária.....163
Quadro 12 - Fragmentos das interações referentes a quarta parte do cordel correspondente a segunda Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão, no dia 10 de novembro de 2022. Transcrição a partir de gravação de vídeo.....163
Quadro 13 - Fragmentos das interações referentes a quinta parte do cordel correspondente a segunda Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão, no dia 10 de novembro de 2022. Transcrição a partir de gravação de vídeo.....172

Quadro 14 - Fragmentos das interações referentes a sexta parte do cordel correspondente a Segunda Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia 10 de novembro de 2022. Transcrição a partir de gravação de vídeo.....179
Quadro 15 - Divisão do cordel para a terceira Roda de Conversa Literária.....181
Quadro 16 - Fragmentos das interações referentes a sétima parte do cordel correspondente a terceira Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia 11 de novembro de 2022. Transcrição a partir de gravação de vídeo.....182
Quadro 17 - Fragmentos das interações referentes a oitava parte do cordel correspondente a terceira Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia 11 de novembro de 2022.Transcrição a partir de gravação de vídeo.....183
Quadro 18 - Fragmentos das interações referentes a quarta Roda de Conversa Literária sobre o livro ilustrado A história de Juvenal e o Dragão no dia 16 de novembro de 2022.Transcrição a partir de gravação de vídeo.....190
Quadro 19 - Livro gigante produzido pelos alunos.....202

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Coleção Palavra Rimada com Imagem.....30
Figura 2 - J.Borges no processo criativo da xilogravura.....69
Figura 3 - Epopeia paulista, obra de Maria Bonomi.....72
Figura 4 - Folhetos de cordéis com capas em ilustraxilo.....75
Figura 5 - Leitura Plural.....84
Figura 6 - Ciclo da Investigação-ação.....89
Figura 7 - Escola Jornalista Júlio Augusto de Siqueira.....90
Figura 8 - Pátio da escola.....91
Figura 9 - Dependências da escola.....91
Figura 10 - Armário do Projeto Biblioteca para Todos.....92
Figura 11 - Abordagem metodológica proposta por Pinheiro e Marinho (2012).....94
Figura 12 - Abordagem Metodológica proposta por Cecília Bajour (2006; 2012).....95
Figura 13 - Algumas obras lidas pelos alunos e pela professora.....96
Figura 14 - Capa do livro O fantástico mundo do CORDEL.....97
Figura 15 - Coleção Palavra Rimada com Imagem.....99
Figura 16 - Folhetos de Cordel e livros ilustrados da Coleção Palavra Rimada com Imagem.....100
Figura 17 - Página dupla do livro ilustrado A história da Garça Encantada.....101
Figura 18 - Página dupla do livro ilustrado A história da Princesa do Reino da Pedra Fina.....102
Figura 19 - Etapas da Jornada do Herói.....106
Figura 20 - Principais etapas do Projeto Entre Versos e Rimas do Cordel.....115
Figura 21 - Brincando de Adivinhas.....116
Figura 22 - Conexões entre textos.....117
Figura 23 - Registros da primeira atividade.....118
Figura 24 - Imagens de Xilogravura coladas na lousa.....119
Figura 25 - Crianças assistindo ao vídeo Memorial J. Borges, um dos artistas mais famosos do mundo na arte da Xilogravura.....119
Figura 26 - Crianças apreciando as xilogravuras.....120
Figura 27 - Aluna durante um jogo dramático.....120
Figura 28 - Novos títulos para as xilogravuras.....121
Figura 29 - Crianças cantando e brincando.....122

Figura 30 - Bancada de Cordéis na sala de aula.....124
Figura 31 - Alunos apreciando as xilogravuras.....125
Figura 32 - Comparando personagens.....126
Figura 33 - Alunos num jogo dramático.....129
Figura 34 - Professora apresentando a Coleção Palavra Rimada com Imagem.....131
Figura 35 - Conexão entre obras.....132
Figura 36 - Capa e quarta capa do livro ilustrado A história de Juvenal e o Dragão.....135
Figura 37 - Crianças e alunos dialogando sobre os paratextos.....136
Figura 38 - Comparação entre ilustrações.....138
Figura 39 - Piquenique Literário.....141
Figura 40 - Alunos realizando a leitura silenciosa de folhetos de cordel.....142
Figura 41 - Aluna cantando o cordel.....143
Figura 42 - Leitura em voz alta por alunos e professora.....144
Figura 43 - Capa do folheto do cordel A história de Juvenal e o Dragão.....145
Figura 44 - Leitura em voz alta na primeira roda de conversa.....146
Figura 45 - Aluna imitando os carneiros.....150
Figura 46 - Brincadeira com as crianças.....155
Figura 47 - Comidas que Rompe-Ferro levaria para Juvenal.....156
Figura 48 - Mestre Bila.....160
Figura 49 - O Dragão entra em cena.....161
Figura 50 - Leitura e interação na primeira parte da história de Juvenal e o Dragão.....161
Figura 51 - Alunos dispostos em círculo.....165
Figura 52 - Intertextualidade com a história de Juvenal e o Dragão.....167
Figura 53 - Recado de José para Juvenal.....176
Figura 54 - Recado de Ana e Paula para Juvenal.....177
Figura 55 - Recado de Samuel e Carolina para Juvenal.....177
Figura 56 - Compartilhando aventuras.....180
Figura 57 - Terceira Roda de Conversa.....188
Figura 58 - Quarta roda de Conversa Literária.....188
Figura 59 - Ilustração (um) do livro de Rosinha.....192
Figura 60 - Ilustração (dois) do livro de Rosinha.....193
Figura 61 - Alunos interagindo com o livro ilustrado.....194

Figura 62 - Ilustração (três) do livro de Rosinha.....195
Figura 63 - Ilustração (cinco) do livro de Rosinha.....195
Figura 64 - Ilustração (doze) do livro de Rosinha.....197
Figura 65 - Conhecendo o processo de criação da Coleção Palavra Rimada com Imagem.....199
Figura 66 - Biografias de Rosinha e Leandro Gomes de Barros.....200
Figura 67 - Trabalho em grupo.....201
Figura 68 - Oficina de Isogravura (parte 1).....204
Figura 69 - Oficina de Isogravura (parte 2).....205
Figura 70 - Oficina de Isogravura (parte 3).....205
Figura 71 - Carta para a escritora e ilustradora Rosinha.....206
Figura 72 - Café Literário (parte 1).....207
Figura 73 - Café Literário (parte 2).....208
Figura 74 - Café Literário (parte 3).....208
Figura 75 - Feira Literária (parte 1).....209
Figura 76 - Feira Literária (parte 2).....210
Figura 77 - Feira Literária (parte 3).....210
Figura 78 - Feira Literária (parte 4).....211

SUMÁRIO

1 INICIANDO A CONVERSA, ENTRE VOZES E AÇÃO.....20
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA E SEUS OBJETIVOS.....22
1.2 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....31
2 CONVERSANDO COM AUTORES(AS), AMPLIANDO A DISCUSSÃO.....34
2.1 EDUCAÇÃO E LITERATURA: CONSTRUINDO DIÁLOGOS.....34
2.2 A EDUCAÇÃO LITERÁRIA, AS CRIANÇAS E A ESCOLA.....40
2.3 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA LEITURA LITERÁRIA.....45
2.4 RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS NA ESCOLA.....49
3 CONTINUANDO A CONVERSA, CONHECENDO A CRIAÇÃO.....58
3.1 LITERATURA DE CORDEL: BREVE PERCURSO HISTÓRICO.....58
3.1.1 Literatura de Cordel Portuguesa.....59
3.1.2 Literatura de folhetos nordestina.....60
3.1.3 A relação da Cantoria de Viola com a Literatura de Cordel.....61
3.1.4 Leandro Gomes de Barros e os primeiros cordelistas.....65
3.2 A ARTE DA XILOGRAVURA E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA DE CORDEL.....68
3.3 A LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA.....75
3.4 LITERATURA DE CORDEL, PERFORMANCE E JOGO DRAMÁTICO.....83
4 O CORDEL NA SALA DE AULA: JUVENAL E O DRAGÃO.....88
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....88
4.1.1 Descrição da escola e dos participantes da pesquisa.....89
4.2 PERCURSOS E ESCOLHAS DA METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....93
4.2.1 O processo de escolha da obra literária.....98
4.2.2 Conhecendo mais de perto a história de Juvenal e o Dragão.....105
4.3 PROPOSTA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....113
4.3.1 Apresentando o Projeto Entre Versos e Rimas do Cordel.....114
4.3.2 Relato da primeira etapa.....115
5 DISCUSSÃO E RESULTADOS.....123
5.1 ANÁLISE DA SEGUNDA ETAPA.....123
5.1.1 Análise das Rodas de Conversas Literárias.....144
5.2 RELATO DA TERCEIRA ETAPA.....198

6 A CONVERSA CONTINUA, ENTRE AÇÃO E REFLEXÃO.....212
REFERÊNCIAS.....216
APÊNDICE A - PLANEJAMENTO DO PROJETO ENTRE VERSOS E RIMAS DO CORDEL.....229
ANEXO A - ANTOLOGIA POÉTICA.....251
ANEXO B - NO TEMPO QUE OS BICHOS FALAVAM.....254
ANEXO C - BIOGRAFIA DE ROSINHA.....256
ANEXO D - BIOGRAFIA DE LEANDRO GOMES DE BARROS.....257
ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....258
ANEXO F - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....261
ANEXO G - CARTA DE ANUÊNCIA.....263

1 INICIANDO A CONVERSA, ENTRE VOZES E AÇÃO

Com estes singelos versos
Expresso minha alegria
Em dissertar sobre um tema
Que muito me contagia
O Cordel no chão da escola
Dando espaço à poesia

São meninos e meninas
Construindo o caminhar
Eles têm vez e têm voz
E podem se expressar
Com gestos e movimentos
No falar e no escutar

Eu sou uma professora
Da cidade de Vitória
Na Rede Municipal
Fica pertinho de Glória
São cidades deslumbrantes
Recheadas de história

Não encontrei na escola
O trabalho com o Cordel
Literatura tão rica
Mas tão longe o menestrel
Essa ausência me incomoda
Realidade cruel

Cruel, porque nós sabemos
Literatura é direito
Já dizia Antônio Cândido
Com esplendor e muito preito
É uma necessidade
Essencial ao sujeito

Sabemos que a poesia
Muitas vezes na escola
Encontra-se escanteada
Realidade que assola
Toda a arte é um direito
Não se trata de esmola

A fim de contribuir
Junto com a comunidade
Levo o Cordel para a escola
Com responsabilidade
Num espaço dialógico

Com democraticidade

Como será que os alunos
Participam da leitura?
Quais foram seus sentimentos
Diante de uma aventura
Que se encontra no cordel
Com rimas e tessituras?

E nas rodas de conversas
Quais os gestos, movimentos...
Que emergiram no contorno?
Olhares, conhecimentos
Texto, contexto, intertexto
Trocas e experimentos

Vamos juntos conhecer
Estudar, se aprofundar
Sobre o Cordel na escola
Vamos nos aproximar
Educação Literária
Pode vidas transformar

(Shamara Paz)

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA E SEUS OBJETIVOS

> Acreditando na cultura popular como sinônimo de resistência, e no cordel como manifesto dessa cultura que não entrega os pontos, vou espargindo versos sobre o papel com o mesmo respeito e cuidado do agricultor que lança a semente e, com ela, a esperança, no ventre da terra. (HAURÉLIO, 2013, p. 9)

A chamada **Literatura de Cordel** é Patrimônio Cultural do Brasil desde 2018, reconhecida pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)[1]. Esse reconhecimento não aconteceu de forma rápida, pois o pedido foi feito no ano de 2010 pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). A conquista se deu por meio de uma construção social, uma luta coletiva que abriu as janelas da visibilidade, reforçando a sua identidade e preservando o fazer literário (MELO, 2019). Assim, a Literatura de Cordel foi inserida pelo IPHAN no Livro de Registros das Formas de Expressão[2].

Esta manifestação artística, bem cultural imaterial, apresenta as suas origens na Região Nordeste, inicialmente pela cantoria de viola. Os poetas repentistas, por meio da Literatura Oral versejavam sobre a vida no campo e sobre as suas experiências (ABREU, 1999). Além disso, era muito comum a contação das histórias sobre a criação de gado e outras peculiaridades da região do Nordeste, com muita poesia. As narrativas também eram influenciadas pelo Romance Medieval Ibérico (SUASSUNA, 2007). Afinal, algumas práticas culturais brasileiras possuem uma exuberante herança cultural com elementos advindos de diversos lugares. Ao som da viola, o poeta do Sertão improvisava seus versos que eram cantados individualmente ou em duplas, por meio dos desafios de cantoria em que cada poeta apresentava uma estrofe por vez (ABREU, 1999). Essa literatura oral atraía um

[1] O IPHAN é uma instituição brasileira que tem por objetivo preservar e conservar o patrimônio cultural. Para conhecer um pouco mais, acesse: http://portal.iphan.gov.br/. De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil, em seu artigo 216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (BRASIL, 2014, p. 62)

[2] Em 2018 a Literatura de Cordel passou a compor o Livro de Registro das Formas de Expressão do IPHAN, junto a outras manifestações, como: Frevo, Roda de Capoeira, Maracatu Nação, Maracatu de Baque Solto, Cavalo-Marinho, Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, Ciranda do Nordeste, Repente, etc. No livro, encontramos um dossiê de registro da Literatura de Cordel, vídeos, pareceres e outros documentos. O livro com todas as informações pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/reconhecimento-de-bens-culturais/livros-de-registro/formas-de-expressao.

grande público que se envolvia com as histórias contadas e cantadas e as repassavam fazendo com que não morressem. Inclusive, a cantoria de viola, por meio dos festivais de repentistas ainda vigora nos dias atuais.

Com o passar do tempo, as histórias e versos da cantoria vivas na memória de alguns grupos sociais passaram a ser registradas pelos cordelistas que editavam, declamavam e vendiam os folhetos. Um dos primeiros cordelistas foi Leandro Gomes de Barros, reconhecido como o "Pai da Literatura de Cordel Brasileira" (HAURÉLIO, 2019). Paraibano da cidade de Pombal, mudou-se para Pernambuco, morando em Vitória de Santo Antão, Jaboatão dos Guararapes e em Recife.

De acordo com a biografia presente na Fundação Casa de Rui Barbosa[3] (2004), Leandro Gomes de Barros escrevia sobre múltiplas temáticas, utilizando principalmente a sátira. Ele transformava em versos, como forma de denúncia, os problemas políticos e sociais de sua época. Além das críticas ao governo, Leandro Gomes de Barros falava sobre o amor, o cangaço, a religião, os animais, etc. Ele era um leitor assíduo, o que lhe ajudava a ter ricas inspirações. Aproximava-se das pessoas, dos seus costumes, e por meio de uma linguagem de bom entendimento, atraia um grande público. Tratava-se, portanto de "um poeta antenado não só com a fabulação, como também preocupado com os destinos do País [...] e indignado com o descaso em relação às populações menos favorecidas" (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2004, n.p.)

De acordo com Rosinha (2010), estima-se que ele produziu mais de 600 folhetos com milhares de edições. Algumas obras escritas por Leandro Gomes de Barros, foram: *O cavalo que defecava dinheiro*, *História do valente Zé Garcia*, *O cachorro dos mortos*, *A vida de Pedro Cem*, *História do Boi Misterioso*, *A vida de Canção de Fogo*, *História da Donzela Teodora*, etc. Não é por acaso que era muito admirado pelo grande historiador Câmara Cascudo e pelo grande poeta Carlos Drummond de Andrade. Este o definiu como o "Rei da Poesia do Sertão e do Brasil em estado puro", e aquele o considerava como o escritor popular mais lido de todos. (ROSINHA, 2010).

---

[3] A Fundação Casa de Rui Barbosa possui um acervo com mais de 9.000 folhetos de cordel de diversos poetas. Há um projeto dedicado a Leandro Gomes de Barros que tem por título Folhetos de Papel: Memórias do Cordel e busca disponibilizar para a leitura, vários cordéis antigos e raros de Leandro Gomes de Barros. A coleção está disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_colecao.html#

Dessa forma, buscamos levar Leandro Gomes de Barros para a nossa escola. Buscando valorizar a Literatura Popular[4], por meio do contato das crianças com a obra *A história de Juvenal e o Dragão*, objeto de análise dessa dissertação. Hélder Pinheiro diz que é preciso levar a Literatura Popular para a sala de aula, pois ela apresenta uma riqueza de experiências. Nas palavras do autor:

> Devemos ler e levar ao espaço escolar toda manifestação artística, de qualquer grupo ou classe social, veiculada por diferentes suportes - oral ou escrito. E porque fazê-lo? Porque toda vivência artística, de qualquer grupo, comunica uma experiência peculiar do mundo. É preciso ouvir a experiência do outro não como menor, ou menos universal, mas como diferente. (PINHEIRO, 2013, p.36)

Hélder Pinheiro (2018a) nos diz que a poesia/literatura de cordel é o gênero literário que menos ganha espaço na escola. Quando os textos literários são lidos em sala de aula, os(as) professores(as) preferem trabalhar com o texto em prosa. Pinheiro afirma que este fato acontece porque muitos (as) professores (as) acham difícil trabalhar a poesia na sala de aula. De acordo com Marinho e Pinheiro (2012), outra problemática, envolvendo a Literatura de Cordel, diz respeito às metodologias que restringem as suas qualidades e potenciais, como: práticas que utilizam o cordel apenas em festividades como a do folclore no mês de agosto, sendo esquecida durante o ano letivo como elemento cultural e artístico, e a leitura do cordel apenas para transmitir conteúdos curriculares, deixando de lado a narrativa, e a restrição do cordel à leitura silenciosa.

Assim, optamos por levar para a sala de aula a Literatura de Cordel, trabalhando com o folheto como obra literária (PINHEIRO, 2013), resgatando a sua dimensão cultural, buscando um lugar de interação entre o cordel e as crianças, pessoas em fase de descobrimento da vida e do mundo, que possuem experiências, “são sujeitos da história e da cultura, além de serem por elas produzidos” (KRAMMER, 2006, p. 810). Pinheiro (2013) afirma que a escola ainda é um espaço

[4] Compreendemos a Literatura Popular como “a literatura que exprime os sentimentos, os problemas e os anseios do povo, entendendo-se por povo a classe social trabalhadora que se contrapõe às classes sociais hegemônicas detentoras dos meios de produção econômica e ideológica e dos mecanismos de dominação política” (AGUIAR E SILVA, 1994, p.116). Destacamos que a Literatura de Cordel é uma das manifestações da literatura popular- ou poesia popular, como diz Haurélio (2019). As primeiras manifestações da Literatura oral eram produzidas para serem cantadas. Outras manifestações da Literatura Popular, são: a cantoria, embolada, o teatro de mamulengo, os autos, etc. (OLIVEIRA, 2011).

que privilegia obras consideradas canônicas. O cordel é um gênero literário que tanto quanto o cânone, apresenta ricas experiências. É importante pensarmos na bibliodiversidade literária, o que inclui a Literatura de Cordel e não somente obras canônicas da literatura para crianças.

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)[5], documento legal e prescritivo que tem como finalidade orientar a construção das propostas pedagógicas das escolas públicas e privadas do Brasil, indica o trabalho com a leitura literária por meio do campo artístico-literário[6].

Se a poesia está na vida, se somos construídos por palavras, permeados por cultura e sujeitos construtores, por que muitas vezes a escola se distancia dela? Esse questionamento se deu durante a docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental em escola pública, mais especificamente em turmas de 4º e 5º ano nos municípios de Vitória de Santo Antão/PE, em que a Literatura de Cordel era algo distante. A nossa experiência escolar[7] não nos aproximava de projetos que envolvessem a Literatura de Cordel, e o livro didático muito se distanciava dessa arte.

A formação no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) foi nos oportunizando pensar acerca da Educação Literária. Durante as aulas da disciplina *Literatura e Ensino* com o Professor Clecio Bunzen, fomos refletindo sobre a literatura, além de experimentarmos, enquanto acadêmicos-leitores-docentes, textos literários diversos e podermos destacar nossas impressões sobre a narrativa, sobre as personagens, as vozes sociais que emergiam das leituras literárias que fazíamos. Nos debruçávamos sobre o texto e tínhamos a oportunidade de expressar nossos sentimentos por meio de palavras, ideias, relações com outros textos/com outras pessoas e até mesmo por meio do silêncio. O professor organizava rodas de conversas e o que pensávamos e sentíamos era levado em consideração. Algumas

[5] A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018, p.7)

[6] No tópico *A Literatura de Cordel na sala de aula* abordaremos sobre a BNCC.

[7] A professora-pesquisadora atua como professora no município de Vitória de Santo Antão/PE desde o ano de 2016, tendo formação em Pedagogia pelo Centro Universitário Facol (UNIFACOL) e em Letras-Língua Portuguesa na Modalidade de Educação a Distância (EAD) pela Universidade Federal de Pernambuco.

obras líamos antes das aulas, e outras obras eram lidas pelo professor em voz alta. Aprendemos a ouvir, a nos colocar no lugar dos alunos e recuperar a beleza da escuta.

Considerando essas vivências durante o curso, a nossa experiência nos anos iniciais do Ensino Fundamental e as problemáticas elencadas, fomos elaborando alguns questionamentos, entre eles:

- Como explorar a Literatura de Cordel com as crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, possibilitando a aproximação de suas vivências com o texto literário?
- Como as crianças dos anos iniciais dialogam com a Literatura de Cordel? Quais sentidos e significados podem circular durante a leitura?

Com o interesse em conhecer as pesquisas desenvolvidas na área da Literatura de Cordel na escola, visitamos o repositório[8] do PROFLETRAS e nos debruçamos sobre as pesquisas realizadas no Estado de Pernambuco. Vejamos no quadro 1:

Quadro 1- Pesquisas realizadas no PROFLETRAS em Pernambuco

INSTITUIÇÃO	TÍTULO	AUTOR (A)	ANO
Universidade de Pernambuco (UPE)	O uso do folheto de Cordel na formação do leitor literário: uma perspectiva de letramento	Maria Aparecida da Silva Izídio	2015
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)	A Literatura de Cordel como prática motivadora da leitura e escrita em sala de aula	Ana Valéria Ubaldo da Silva	2017
Universidade Federal Rural de Pernambuco	A literatura em festivais escolares: o folheto de cordel na escola	Carlos Frederico de Gouvêa Caldas	2016

[8] Podemos ter acesso às pesquisas citadas buscando pela palavra-chave cordel no site do Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, Rede Nacional. Disponível em: https://profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes A pesquisa da Universidade da Federal de Pernambuco encontramos no repositório das dissertações do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/15763

(UFRPE)			
Universidade de Pernambuco (UPE)	A leitura de folhetos de cordel: uma proposta de letramento literário a caminho da formação do leitor no 8º ano	Lindaci Cavalcanti de Azevedo	2018
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Letramento Literário e Cordel: um novo olhar para o ensino de literatura	Gilles Villeneuve Souza Nascimento	2018
Universidade de Pernambuco (UPE)	Projeto de Letramento na EJA: uma proposta de intervenção mediada pelo hibridismo entre os gêneros autobiografia e cordel	Ana Elizabete Novaes de Souza	2019

Fonte: A autora (2023)

A dissertação intitulada *O uso do folheto de Cordel na formação do leitor literário: uma perspectiva de letramento*, de autoria de Maria Aparecida da Silva Izídio, buscou verificar a importância do folheto de cordel na formação do leitor do texto literário no espaço de sala de aula, inserido numa perspectiva de letramento literário. Izídio (2015) trabalhou com as obras *A galinha dos ovos* d'água, de Arlindo Lopes e a canção *Triste Partida*, de patativa do Assaré. A professora-pesquisadora desenvolveu uma sequência básica baseada no autor Rildo Cosson e realizou oficinas com uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental.

Ana Valéria Ubaldo da Silva, por sua vez, em sua pesquisa *A Literatura de Cordel como prática motivadora da leitura e escrita em sala de aula*, buscou investigar a utilização da Literatura de Cordel como ferramenta pedagógica de intervenção para motivar o desenvolvimento da leitura e da escrita de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Silva A. (2017) desenvolveu uma sequência didática "criada a partir das aspirações dos alunos e da observação cotidiana do professor em sala de aula" (SILVA A., 2017, p.) com nove módulos, trabalhando com a leitura de diversos cordéis considerados clássicos pela autora.

Carlos Frederico de Gouvêa Caldas, em sua pesquisa *A literatura em festivais escolares: o folheto de cordel na escola*, nos apresenta um trabalho desenvolvido

em torno do Festival de Literatura e Cordel (FELICO) desenvolvido na escola em que atua. Trata-se de um projeto interdisciplinar que integra toda a comunidade e não somente uma turma específica, durante todo o ano letivo. Caldas (2016) buscou analisar como o FELICO e suas atividades podem promover o letramento literário e a construção identitária-cultural ampla dos sujeitos envolvidos. Diversas oficinas foram desenvolvidas durante o projeto, como: xilogravura, música, dança e produção de cordel.

Na dissertação *A leitura de folhetos de cordel: uma proposta de letramento literário a caminho da formação do leitor no 8º ano*, Lindaci Cavalcanti de Azevedo buscou analisar o processo de letramento literário na produção escrita do aluno a a partir das leituras dos folhetos de cordel *O Soldado Jogador*, de Leandro Gomes de Barros e *O Futebol no Inferno*, de José Soares. Azevedo (2018) desenvolveu uma Sequência Didática baseada no Letramento Literário de Rildo Cosson e no Método Recepcional de Aguiar e Bordini, realizando oficinas didáticas com uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental.

Gilles Villeneuve Souza Nascimento, por sua vez, em sua pesquisa *Letramento Literário e Cordel: um novo olhar para o ensino de literatura*, realizou "uma experiência literária com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental que tiveram a oportunidade de vivenciar práticas sociais de letramento literário pela leitura do cordel" (NASCIMENTO, 2018, p. 96). O autor realizou uma proposta de intervenção por meio de uma sequência didática básica sugerida por Cosson (2014). Nascimento (2018) desenvolveu encontros de leitura, por meio de oficinas em torno da obra *As proezas de João Grilo*, dos autores João Ferreira de Lima e João Martins de Athayde.

Em 2019, a professora-pesquisadora Ana Elizabete Novaes de Souza, em sua dissertação *Projeto de Letramento na EJA: uma proposta de intervenção mediada pelo hibridismo entre os gêneros autobiografia e cordel*, desenvolveu um projeto subsidiado pela concepção de escrita como prática social, partindo de uma proposta com a intertextualidade entre o Cordel e a autobiografia, buscando a ampliação da competência escrita e destaca a identidade dos alunos. O trabalho foi desenvolvimento com uma turma da 4ª fase da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O cordel utilizado foi *Cordel Autobiográfico* de autoria de Joésio Menezes.

Ao realizarmos a leitura das pesquisas citadas, reforçamos a importância de cada uma delas. Porém, notamos que elas apresentam uma vivência com os **anos**

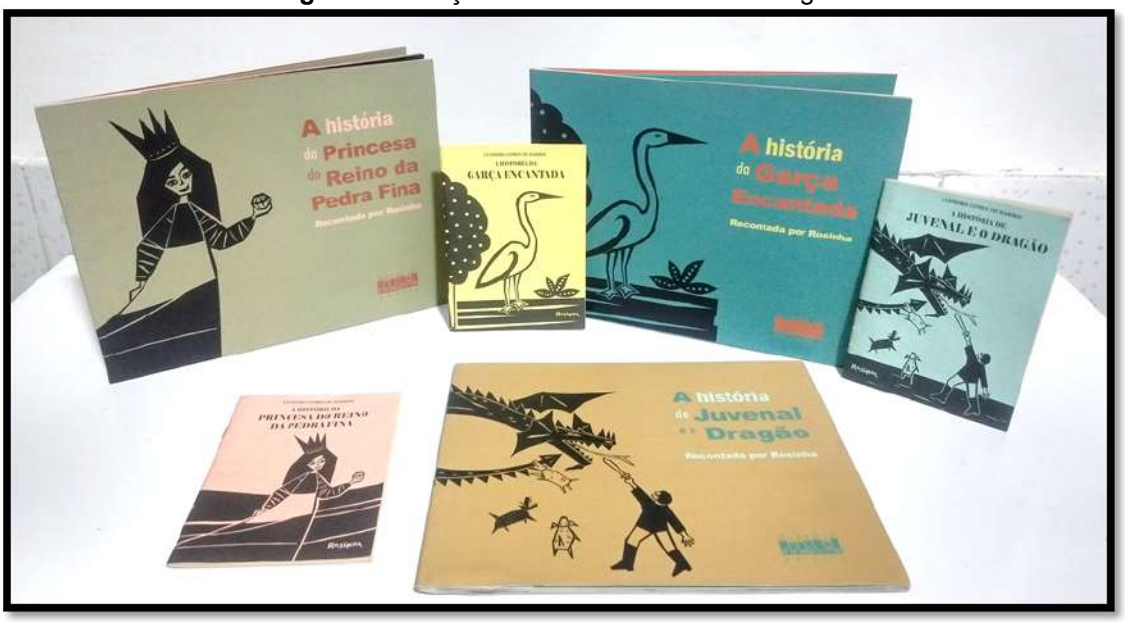
finais do Ensino Fundamental. Não encontramos pesquisas realizadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, reforçamos a necessidade de nos debruçarmos sobre as especificidades dessa faixa literária, pois trata-se de crianças ainda em processo de alfabetização. Em nosso estudo, nos debruçamos sobre a Educação Literária, levando em consideração o direito à literatura e sobretudo, o direito de brincar, próprio da infância (KRAMER, 2007; CORSINO, 2021). Assim, destacamos a relevância científica e social desta pesquisa, pois é necessário que as práticas literárias nos anos iniciais do Ensino Fundamental sejam ampliadas valorizando assim a infância e resgatando as suas experiências. Defendemos uma prática pedagógica em que numa relação dialógica aprendemos também com as crianças e entendemos que elas

> [...] têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido de uma história, que muda a direção de certas situações, exige que possamos conhecer nossas crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam. E que possam falar mais. (KRAMER, 2000, p.12)

Dessa forma, nos motivamos a pensar numa prática de leitura compartilhada (COLOMER, 2007; BAJOUR, 2006, 2012; PINHEIRO, 2018a) com a Literatura de Cordel, mais especificamente, com a obra *A história de Juvenal e o Dragão* escrita por Leandro Gomes de Barros e recontada em um livro ilustrado por Rosinha, escritora e ilustradora pernambucana. Trabalhamos com a *Coleção Palavra Rimada com Imagem* da Editora Projeto (Figura 1) que apresenta três romances escritos por Leandro e três livros ilustrados em que Rosinha reconta as mesmas histórias. Os outros dois títulos que compõem a coleção, são: *A história da Princesa do Reino da Pedra Fina* que nos apresenta três irmãos que trabalham na roça com o pai. Eles possuem alguns desejos, mas o de José deixa seu pai irritado. José desejava ver as pernas das princesas da Pedra Fina. Ele acaba sendo expulso de casa e vai andar pelo mundo. Até que ele encontra um rio misterioso onde acha um brilhante muito valioso. Ele tenta vender e quem compra é o rei que incentivado pelo seu barbeiro deseja mais e mais pedras. Até que algo misterioso acontece. Será que ele consegue encontrar mais pedras preciosas? O outro título é *A história da Garça Encantada*. Há muito tempo, uma bruxa encantou a garça e ela sempre canta com muitas saudades, sendo perseguida pelos caçadores. Até que um caçador muito corajoso conquistou a confiança dela e descobriu um espinho de laranjeira cravado

em sua cabeça. Ele retirou o espinho e a garça se transformou numa linda princesa. Porém, algo surpreendente aconteceu. Sobre A história de Juvenal e o Dragão conversaremos mais adiante.

Figura 1- Coleção Palavra Rimada com Imagem



Fonte: A autora (2023)

Assim, apresentamos o objetivo geral da nossa investigação: analisar como as crianças do 4º ano do Ensino Fundamental dialogam e vivenciam a leitura com o Cordel *A história de Juvenal e o Dragão*, de Leandro Gomes de Barros, em Rodas de Conversas Literárias, e com o livro ilustrado em que Rosinha reconta a mesma história. Por sua vez, estende-se nos objetivos específicos:

> Analisar o processo de planejamento e implementação de Rodas de Conversas Literárias numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental, com atenção especial para a recepção dos textos pelas crianças;
>
> Analisar o que dizem/comentam/escrevem as crianças que participaram das Rodas de Conversas Literárias e das atividades didáticas que envolveram o trabalho com a Literatura de Cordel.

A seguir, apresentaremos a organização desta dissertação que encontra-se dividida em seis capítulos. Vamos conhecer um pouco sobre cada um deles.

1.2 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

O nosso estudo está organizado em seis partes. No primeiro capítulo **Iniciando a conversa, entre vozes e ação,** buscamos, por meio de um singelo cordel contar um pouco da nossa experiência e resumir os nossos propósitos em forma de poesia. Logo após, contextualizamos a pesquisa e seus objetivos, situando um pouco o leitor sobre o objeto do nosso estudo, a Literatura de Cordel, apresentando um pouco sobre a sua origem e sobre a sua importância na sala de aula. Apresentamos alguns questionamentos que nos apontaram para o objetivo geral e os objetivos específicos. Também apresentamos algumas pesquisas realizadas no PROFLETRAS em Pernambuco na área de Literatura de Cordel.

No segundo capítulo **Conversando com autores(as), ampliando a discussão**, buscamos dialogar com teóricos que muito contribuem para os estudos e reflexões acerca da Educação e Literatura. Na primeira parte, discorremos sobre o conceito de Educação, conversando com estudiosos como Brandão (2007) e Libâneo (2011) que a definem como uma prática social e transformadora. Apresentamos também a ideia de uma Educação Dialógica proposta por Freire (1987). Seguimos a nossa conversa, dialogando com Lajolo (2018) e Cândido (2011), etc, sobre o termo Literatura. Mais adiante, nos debruçamos na concepção de Educação Literária, trocando ideias com Dalvi (2018), Macedo (2021), Colomer (2021), Bunzen (2022), Leahy-Dios (2004), etc. Compreendemos que a Educação Literária acontece por meio do diálogo entre diversas experiências humanas e a cultura. Na segunda parte do capítulo dialogamos com autores que se preocupam com as especificidades da infância, para promovermos, sobretudo o direito à literatura e à brincadeira. Contribuíram para esta reflexão, autores como: Krammer (2007) e Corsino (2007, 2021). Na terceira parte, oferecemos espaço para a mediação literária. Petit (2009) e Macedo (2021), muito colaboram com nosso estudo sobre a arte de mediar, deixando claro que não existe Educação Literária sem mediação. Na quarta parte, abordamos sobre as Rodas de Conversas Literárias na escola, dialogando com Bunzen (2022) que nos apresenta alguns conceitos e ideias, Bajour (2012) que nos convida a ouvir nas entrelinhas, Cosson (2020) que nos apresenta alguns tipos de Círculos de Leitura/Rodas de Conversas Literárias, Colomer (2007) falando sobre a leitura compartilhada, e a experiência de Melo (2023) com as rodas de conversas no ambiente da biblioteca.

No terceiro capítulo **Continuando a conversa, conhecendo a criação**, adentramos na origem da Literatura de Cordel. Na primeira parte, conhecemos sobre a história da Literatura de Cordel, por meio dos estudos, principalmente de Abreu (1999) que nos apresenta diferenças entre a Literatura de Cordel Portuguesa e a Literatura de Folhetos Nordestina. Dessa forma, buscamos passear nesses universos literários para nos aproximarmos do que hoje é a Literatura de Cordel em nosso país. Também a relacionamos com a cantoria de viola e apresentamos um pouco sobre a biografia de Leandro Gomes de Barros. Na segunda parte, dialogamos com a arte da xilogravura que reproduz afetos, sentimentos e cultura. Falamos sobre as primeiras gravuras, discutindo com Hata (1999), conceituamos a xilogravura com Rosinha (2010), Marinho e Pinheiro (2012) e apresentamos alguns artistas como J. Borges, Maria Bonomi, e Derlon Almeida de Lima. Na terceira parte, ampliamos nosso estudo dialogando sobre a Literatura de Cordel na escola. Os teóricos que contribuíram conosco foram, sobretudo, Marinho e Pinheiro (2012) e Pinheiro (2008, 2018). Silva (2006) também dialoga conosco sobre o tratamento dado à literatura na escola. Esses autores defendem um trabalho com a leitura literária voltado para a experiência estética da obra. Apresentamos também, um pouco sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o campo artístico-literário. Em seguida, evidenciamos algumas abordagens metodológicas para o trabalho com a Literatura de Cordel. Na quarta parte, abordamos sobre a Literatura de Cordel, performance e jogo dramático, dialogando com Slade (1978), Zumthor (1997), Sousa, G. (2012) e Pinheiro (2018).

No quarto capítulo, **O cordel na sala de aula: Juvenal e o Dragão**, apresentamos os procedimentos metodológicos de nossa pesquisa, caracterizando-a como uma pesquisa-ação, conforme Thiollent (1986), Tripp (2005) e Minayo (2007). Na segunda parte, realizamos a descrição da escola e dos participantes da pesquisa. Na terceira parte, conversaremos sobre os percursos e escolhas da metodologia de ensino-aprendizagem, apresentando uma abordagem metodológica baseada nas sugestões de Bajour (2006, 2012), Marinho e Pinheiro (2012) e Pinheiro (2018), em que três elementos essenciais se articulam: a escuta, a seleção e a avaliação. Na quarta parte, destacamos o processo de escolha da obra literária, dialogando com Bajour (2012), Bunzen (2017) e Corsino (2021). Ainda na quarta parte, buscamos analisar *A história de Juvenal e o Dragão*, para que o leitor a conheça mais de perto. Na quinta parte, apresentamos a nossa proposta de

intervenção, detalhando o Projeto Entre Versos e Rimas do Cordel em três etapas: Aproximação Literária, Um dragão na sala de aula e Compartilhando Saberes. Esse projeto é o produto da nossa pesquisa e encontra-se mais detalhado no Apêndice A. Também apresentamos os seus respectivos objetivos. Logo em seguida, relatamos a primeira etapa do projeto.

No quinto capítulo, iniciamos a discussão e resultados, relatando e analisando a segunda etapa do projeto, pois foi onde aconteceram as Rodas de Conversas Literárias. Logo em seguida, voltamos relatando a terceira etapa que não foi objeto de análise.

No sexto capítulo, **A conversa continua, entre ação e reflexão**, continuamos as nossas reflexões, (re)pensando a nossa prática. Revisitamos os nossos questionamentos iniciais, nossos objetivos e refletimos sobre os resultados alcançados durante toda a pesquisa-ação.

2 CONVERSANDO COM AUTORES(AS), AMPLIANDO A DISCUSSÃO

2.1 EDUCAÇÃO E LITERATURA: CONSTRUINDO DIÁLOGOS

> Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, **todos os dias misturamos a vida com a educação.** Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 2007, p.7, grifo nosso)

Iniciamos a nossa discussão levantando algumas reflexões sobre a amplitude da **educação** ou prática educativa. Carlos Rodrigues Brandão, em seu livro *O que é Educação* nos faz pensar na pluralidade do termo. Brandão (2007) afirma que a educação existe de maneira diversa, não havendo uma forma única e não acontecendo somente na escola. Libâneo (2011), por sua vez, conceitua o termo educação como uma prática social que gera consciência crítica e transformação (FREIRE, 1987; MACEDO,2021a; 2021b), afirmando:

> Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas, ações, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando à formação do ser humano. (p.68)

A educação acontece por meio das relações sociais diversas, ocorrendo em vários lugares: “na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola” (LIBÂNEO, 2011, p. 67). Ampliamos o nosso olhar para a **Educação Dialógica** proposta por Paulo Freire (1987). O diálogo é um ato de coragem e humildade, um lugar de encontro entre pessoas, que juntas constroem o saber, sendo favorável à liberdade e não oferecendo espaço à manipulação, como conceitua Freire:

> [...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (1987, p.51)

Nesta ação cultural libertadora, há o enfrentamento do silêncio, do antidiálogo e da educação bancária[9]. Com o diálogo, busca-se o saber, (re)construindo-o de forma constante numa relação entre homem e mundo num processo de ação cultural. Acontece então uma **relação horizontal** em que se encontra o autêntico diálogo, dando espaço a uma **prática democrática**, nutrida de esperança e confiança (FREIRE, 1987). Tendo em vista esse pensamento, Freire aborda em todas as suas obras, a necessidade dessa relação horizontal educacional, afirmando que é preciso muita coragem para viver e buscar experiências democráticas (GADOTTI, 1996).

Dessa forma, nos apropriamos do conceito de educação enquanto prática social transformadora em que há uma práxis, ou seja, relação entre a ação e a prática, proporcionando o poder de (re)criação e atuação dos sujeitos. Defendemos uma educação permeada pelo diálogo e pela esperança, pois "não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" (FREIRE, 1987, p. 50).

Tendo construído o conceito de educação, nos debruçaremos neste momento à concepção de **literatura**. Vejamos um questionamento de Marisa Lajolo:

> Por que não incluir no conceito de literatura as linhas que cada um rabisca em momentos especiais, como o poema que seu amigo fez e enviou para a namorada, e não mostrou para mais ninguém? Por que não chamar de literatura a história de bruxas e bichos que de noite, à hora de dormir, sua mãe inventava para você e seus irmãos? E a fanfiction que dá vida mais longa a personagens de romances e de novelas mais antigas? Por que não seriam literatura os poemas que a jovem poeta escreve no computador, põe na internet e convida os internautas a lerem? (LAJOLO, 2018, p.17)

Ao nos debruçarmos sobre as ideias de Lajolo apresentadas em seu livro *Literatura: ontem, hoje e amanhã*, notamos que a literatura está presente em nossas vidas por meio de experiências singulares/subjetivas e também plurais. Antônio Cândido apresenta a seguinte definição para literatura:

---

[9] Na obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), Paulo Freire apresenta a concepção de educação bancária que opõe-se ao conceito de educação libertadora. Trata-se de uma educação em que o professor é visto como superior e a ele "não cabe nenhum outro papel que não o de disciplinar a entrada do mundo nos educandos" (FREIRE, 1987, p. 41). Assim como num banco, os professores fazem "depósitos", transmitindo o conhecimento. Nessa visão, o professor é o que sabe, pensa, educa, diz a palavra, disciplina, atua e é sujeito do processo; os alunos são os que são educados, não sabem, os pensados, os que escutam, os disciplinados, os que seguem a prescrição, os que têm a ilusão que atuam, os que não participam das escolhas e são meros objetos. Na educação bancária não há lugar para a transformação, pois o poder criador é anulado nas tentativas de adaptar o homem ao mundo (FREIRE, 1987).

> Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. **Não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.** [...] Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CÂNDIDO, 2011, p.176, grifo nosso).

Este conceito de Antônio Cândido abarca muito mais que o texto escrito, que aponta para a literatura impressa canônica e erudita. Ele destaca a literatura como arte em suas várias manifestações, dando espaço, inclusive, à literatura oral. Entramos em contato com um conceito heterogêneo, permeado de palavras, sons, imagens, vídeos, músicas, etc. Cândido (2011) concebe a literatura como um direito imprescindível para nós e para o outro, por isso um direito humano. Ele destaca que é necessário nos inserirmos num processo autoeducativo, empático e solidário, pois "a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que o do próximo" (p.174). O crítico literário afirma que é impossível que alguém viva sem literatura, sem alguma espécie de fabulação, sendo assim, um fator indispensável de humanização, ou seja,

> [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CÂNDIDO, 2011, p.182).

Márcia Abreu (2006) afirma que há pessoas que consideram algumas produções literárias como as únicas válidas, dando ênfase à literatura erudita e menosprezando outras formas de literatura, dizendo, inclusive que o brasileiro não lê ou lê pouco. A professora e pesquisadora salienta que "a avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, fazendo com que diferentes pessoas apreciem de modo distinto os romances, as poesias, as peças teatrais, os filmes" (ABREU, 2006, p.59). É notável que não há um padrão que conceitue o que seja literatura, pois é uma questão cultural, por exemplo:

> um folheto de cordel julgado segundo os padrões de avaliação da crítica literária moderna e erudita é considerado simples, ingênuo, pouco elaborado. O mesmo folheto, julgado pela comunidade nordestina e por seus poetas, pode ser considerado de excelência incontestável (ABREU, 2006, p. 110).

Assim, defendemos um conceito de literatura que abrange diversas obras que poderão ser lidas em determinado momento por determinadas escolhas, pois "literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política" (ABREU, 2006, p. 112).

Amorim *et al.* (2022) utilizam o termo no plural **Literaturas**, abrindo mão de uma concepção reducionista e simplista e nos direcionando às múltiplas linguagens em que a literatura se desenvolve. Para os professores-pesquisadores, a literatura "assumiu novas maneiras de se apresentar e se representar" (AMORIM *et al*, 2022, p.16). A literatura está vívida na sociedade, como bem deixa claro Lajolo (2018, p.11): "[...] A literatura vai bem, obrigada, está vivinha da silva, e até manda lembranças...".

Amorim *et al.* (2022) afirmam que há novos autores, novos suportes e novas maneiras de consumir literatura na atualidade: as histórias literárias estão adaptadas em filmes e séries, na internet há uma grande quantidade de jovens escritores independentes que escrevem seus textos literários e publicam gratuitamente nas plataformas Wattpad, Kindle Direct Publishing, por exemplo; Nas redes sociais, como o Facebook, o Instagram e o YouTube, encontramos diversos poetas e poetisas que divulgam seus poemas e declamam seus versos, interagindo com seus leitores. Além disso, leitores e leitoras compartilham suas leituras e participam de clubes de leitura on-line. Bookinstagram busca incentivar a leitura e ajudam escritores e escritoras nacionais que não encontram muito espaço nas editoras. Os autores também abordam a literatura presente nas feiras literárias e na Bienal do Livro[10]. Assim, acreditamos que o conceito de literatura é algo complexo, pois

[10] A Bienal é um evento literário grandioso que além de vender livros prepara várias atividades literárias envolvendo pessoas de todas as idades. O Clube do Livro em Glória do Goitá/PE, por exemplo, participou, em 2019, do **Palco além das letras** em que diversas pessoas puderam recitar poemas, cantar, fazer apresentação de mamulengo, entre outras atrações. O clube levou um pouco da cultura de nossa cidade, recitando poemas de autores glorienses. Além disso, a Bienal tem uma plataforma de lançamento, em que autores e autoras puderam lançar as suas obras e conversar com os leitores. Em 2021, no espaço **Nordeste: Território Encantado** a Bienal disponibilizou diversas obras de autores nordestinos. A Cordelista Emylle Barreto lançou o seu livro *Duas faces de* mim e divulgou seus cordéis. Estavam disponíveis ainda a Literatura de Cordel de grandes cordelistas, entre eles: Mariane Bigio e Érica Montenegro.

“depende do ponto de vista, do significado que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura” (LAJOLO, 2018, p. 23).

Nos debruçamos sobre as concepções de educação e literatura e vimos que ambos são conceitos amplos. Agora nos direcionamos ao conceito de **Educação Literária**, que utilizamos em nosso estudo. De acordo com Maria Amélia Dalvi (2018), a Educação Literária não pode ser reduzida ao ensino da literatura, à leitura literária e à formação de leitores, pois como vimos, tanto o conceito de educação, quanto o de literatura possuem uma amplitude de ideias. Dalvi (2018, p.14) afirma:

> Uma educação literária efetiva precisa ir além de ensinar a ler textos literários. É necessário defrontar o sujeito com a complexidade (cultural, social, histórica, econômica...) das práticas atinentes ao literário, para que o próprio sujeito possa entender que literatura não se reduz à escrita e à leitura de obras: há toda uma intricada e sedutora teia de trabalho, filiação, valoração e escolhas que, se não vem à tona fica esquecida, e não mobiliza e engaja os sujeitos que têm diferentes interesses, perfis, modos-de-ser no mundo.

Dessa maneira, percebemos que a Educação Literária é constituída por variadas práticas sociais e por diferentes sujeitos em determinado contexto situacional. Dalvi (2018, p. 14) nos convida à reflexão e a pensarmos e permitir que os outros também pensem “seu tempo, sua sociedade, seu lugar no mundo como indivíduo e como partícipe de uma teia de relações”.

Nesta perspectiva, Macedo[11] (2021a) afirma que a Educação Literária permite uma transformação pela/com/na linguagem literária, ou seja, há um processo dialógico, humanizador e esperançoso. A educação literária lança o olhar, não só para o ensino de literatura, mas para o ensino-aprendizagem de leitura literária em espaços formais e não formais, “a partir do contato efetivo com a linguagem literária materializada em diferentes formas, textos e suportes” (MACEDO, DEZOTTI e PEDROSA, 2021, p.76-77).

Assim, a Educação Literária é um processo amplo permeado por múltiplos sujeitos com diferentes experiências, não acontecendo somente na escola e não pode ser reduzida à escolarização. Seu objetivo é,

---

[11] Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (2021) apresentou o conceito de Educação Literária que defende juntamente com o Grupo de Pesquisa em Alfabetização, Linguagem e Colonialidade (GPEALE) durante um evento literário promovido pelo Grupo de Pesquisa sobre Educação Literária (GPEL), transmitido no dia 24 de maio de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gGHoM6tv8xM&t=1112s

> em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissoluvelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem. (COLOMER, 2007, p. 31)

Essa contribuição da educação literária se dá por meio do diálogo entre as experiências humanas e a cultura, envolvendo pessoas que convivem com práticas de leitura, escutas e experiências literárias diversificadas na escola e em espaços não escolares (BUNZEN, 2022). Podemos pensar em alguns espaços não formais em que a educação literária se desenvolve, como por exemplo, instituições não-formais como igrejas ou Organizações da Sociedade Civil (OSC). As crianças, por exemplo, podem estar envolvidas em singulares experiências, ativas em grupos de teatro, dança ou coral nas OSC. Elas podem visitar espaços em que a arte literária se faz presente com muita nitidez, como o Museu do Mamulengo em Glória do Goitá/PE, onde o boneco de mamulengo ganha vida e se comunica, transmitindo a sua história, pelas mãos do artista/mamulengueiro. Dalvi (2018, p.15), mais uma vez defende a amplitude da Educação Literária e nos apresenta outros possibilidades de espaços-tempos em que ela está incorporada, como por exemplo: “bibliotecas, salas e clubes de leitura, feiras, jornadas, lançamentos, palestras e mesas-redondas, teatros, óperas, slam’s, saraus, debates, programas midiáticos, batalhas de repentistas e rappers, cineclubes, etc”.

No caso de algumas crianças, por exemplo, elas costumam representar o mundo por meio das brincadeiras[12]. Elas brincam de adivinhas, trava-línguas, cantam suas canções preferidas, participam de brincadeiras de roda, acessam a internet e encontram textos, vídeos, e ainda, podem compartilham suas próprias produções artísticas-literárias, demonstram interesse pelos ritmos, pelos sons, pelas brincadeiras das palavras. Diante desta realidade, é nítido que o leitor se desenvolve por meio de aprendizagens e práticas literárias diversas em sua vida. Neste percurso, memórias vão sendo construídas em suas práticas sociais, num processo educacional muito mais amplo que o ensino formal centrado em habilidades e competências, reconhecendo diversos espaços educativos (DALVI, 2018).

Em seu livro *Educação Literária como Metáfora Social*, Cyana Leahy-Dios afirma que a “educação literária é o processo de educar através da literatura [...] e

[12] A professora-pesquisadora em suas experiências e contato com os alunos e alunas do 4º ano do Ensino Fundamental, observa essas vivências.

representa simbolicamente os espaços sociais de cidadania" (2004, p. xv). Leahy-Dios se aproxima da Educação Dialógica apresentada por Paulo Freire e defende que educar um sujeito literariamente é dar-lhe voz para que se expresse democraticamente num processo interativo que envolve o autor, o texto e o leitor. Ambos veem a educação como um processo de transformação, como "prática de liberdade". Leahy-Dios (2004, p. 219) afirma que "uma proposta pedagógica voltada para a democracia sociocultural dentro e fora das salas de aula deveria começar por ouvir as vozes dos estudantes" e negando qualquer pedagogia do silêncio que impede a comunicação, o diálogo e a transformação.

Após explanarmos as concepções de educação, literatura e educação literária, lançaremos o olhar para a educação literária na escola em nossas próximas discussões. Dalvi (2018, p.14), também "considera a escola, a disciplina escolar de Língua Portuguesa e o professor de Literatura como partícipes do processo de Educação Literária". Quando professores e professoras buscam refletir sobre as experiências ali vivenciadas, (re)pensando e buscando melhorias e transformação, muito pode ser feito, pois como destaca Dalvi (2018, p.15): "Se quiséssemos mais, se mirássemos mais longe do que temos feito, penso que, consequentemente, mais pessoas se interessariam em ler (e escrever, editar, ilustrar, publicar, mediar, criticar...) literatura".

2.2 A EDUCAÇÃO LITERÁRIA, AS CRIANÇAS E A ESCOLA

> Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspindo fogo e lendo fotonovelas. A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias. Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça: - Não há nada a fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia. (Carlos Drummond de Andrade)[13]

Carlos Drummond de Andrade, aguça a nossa imaginação nos aproximando das vivências literárias do menino Paulo. As crianças são imaginativas e criativas e possuem extraordinárias potencialidades. São características próprias da infância.

[13] ANDRADE, Carlos Drummond. O sorvete e outras histórias. São Paulo: Ática, 2022 apud KRAMER (2007).

Ao nos debruçarmos sobre a educação literária na escola, mais especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, somos direcionados a pensar em espaços e tempos que garantam às crianças ação e interação no espaço escolar nesse período da infância em que elas estão descobrindo e conhecendo o mundo e também produzindo cultura:

> Como um colecionador, a criança busca, perde e encontra, separa os objetos de seus contextos, vai juntando figurinhas, chapinhas, ponteiras, pedaços de lápis, borrachas antigas, pedaços de brinquedos, lembranças, presentes, fotografias (KRAMER, 2007, p. 16).

As crianças podem aprender brincando e serem atentas, perspicazes, curiosas e criativas ao se relacionarem com o mundo ao seu redor. Elas têm facilidade de imaginar, criar e reinventar. Meninos e meninas são sujeitos sociais, construtores de histórias. Refletir sobre essa realidade nos motiva a pensar em práticas que garantam os direitos das crianças à literatura e também o direito de brincar. É importante que cada professor(a) tente se aproximar das práticas/experiências culturais em que seus alunos estão envolvidos, de seu modo de estar e conviver no mundo, pois “é na singularidade e não na padronização de comportamentos e ações que cada sujeito, nas suas interações com o mundo sociocultural e natural, vai tecendo os seus conhecimentos” (CORSINO, 2007, p.57). Os alunos e alunas são pensadores e aprendizes, e engajá-los “no debate da compreensão da educação literária requer, primeiramente, o conhecimento desses alunos, para iniciar uma reflexão sobre e a partir de sua própria experiência” (LEAHY-DIOS, 2004, p.176). Com um olhar sensível, curioso e atento, podemos conhecer os interesses dos nossos alunos, podemos realizar escolhas e desenvolver um planejamento que possibilite um trabalho que amplie os horizontes. Notamos que as crianças reinventam o mundo por meio das brincadeiras e dos jogos simbólicos num ato de libertação. Assim, a escola como reflexo da sociedade, como uma das agências de acesso à leitura e à literatura (CORSINO, 2021) tem o dever de contribuir com o desenvolvimento dos alunos para o exercício da cidadania.

Dessa maneira, forma-se uma **comunidade de leitores** (COLOMER, 2007) em que se estreitam laços entre os participantes e beneficiam os sujeitos enquanto cidadãos. Esta comunidade está inserida numa ação contínua/permanente, firme e

com caráter formativo, de forma interativa. Assim, vivencia-se uma dimensão social/afetiva/humanizadora da literatura.

A escola, enquanto um dos responsáveis em garantir o direito à literatura, deve (re)pensar o trabalho com a educação literária. Podemos assim, discutir sobre o espaço da leitura literária na escola. Antes, precisamos nos debruçar sobre o conceito de **leitura**. De acordo com a concepção apresentada por Ezequiel Theodoro da Silva, em seu livro *Elementos da pedagogia da leitura*, temos:

> [...] a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidade de transformação sociocultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção do conhecimento, a leitura não pode deixar de incluir movimentos da consciência, voltados ao **questionamento**, à **conscientização** e à **libertação**. (SILVA, E., 2005, p. 24, grifo nosso)

Essa concepção de leitura é interacionista e se dá entre diferentes sujeitos inseridos em situações comunicacionais, em que a leitura é uma prática social permeada por intertextos (KLEIMAN, 2002). Relacionamos esse conceito de leitura à educação dialógica de Freire (1987) em que há um processo democrático em busca de transformação. Ele nos apresenta a "palavramundo" e nos faz pensar numa leitura que vai além da escrita nos apresentando um pouco da sua infância no livro *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*:

> Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fosse gente, tal a intimidade entre nós- à sua sombra e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber. (FREIRE, 2011, p. 20-21)

De maneira bastante poética, Freire nos aproxima do contexto de sua infância, e embora não tivesse falado de livros, textos verbais e outras palavras, ele fala de leitura/linguagem e nos sentimos muito próximos a ela. Freire (2011) afirma que essas experiências contribuíram para que mais adiante ele fosse inserido na leitura da palavra, que também iniciou em sua casa: "o chão foi meu quadro-negro;

gravetos, o meu giz" (p.24). Toda a experiência vivida por Paulo Freire em suas particularidades nos direciona a pensar também nas particularidades dos nossos alunos, mais especificamente, crianças do Ensino Fundamental; nos direciona a levar em consideração "seus anseios, as suas inquietações, as suas reinvindicações, os seus sonhos".

Walter Benjamin apud Kramer (2007, p. 16-17) nos apresenta quatro eixos em que podemos compreender a infância e a cultura infantil: a) A criança cria cultura, brinca e nisso reside sua singularidade; b) A criança é colecionadora, dá sentido ao mundo, produz história; c) A criança subverte a ordem e estabelece uma relação crítica com a tradição; d) A criança pertence a uma classe social. O trabalho com a educação literária na escola nos direciona às especificidades dos alunos para que possamos garantir espaço e condições para a singularidade e as ações/interações das crianças. De acordo com Kramer (2007, p.17): "Conhecer a infância e as crianças, favorece que o humano continue sendo sujeito crítico da história que ele produz (e que o produz)".

Tendo discutido a concepção de leitura, discutiremos sobre a **leitura literária**[14]. Amorim *et al.* (2022, p. 73) nos aproxima da leitura literária, como

> aquela em que, diante do texto (social, política, cultural e historicamente situado), o leitor (igualmente situado) consegue reconstruir elementos que abrangem as dimensões cognitiva, ética e, também, estética de sua existência em sociedade. Vale destacar que essas dimensões são construídas de forma contextualizada, de modo que relações de poder macro e microssociais interferem em cada umas delas. Em outras palavras, a leitura literária decorre, assim como outros tipos de leitura, de uma integração sócio e historicamente situada, mas como diferencial o alcance da dimensão estética na pessoa.

Defendemos uma educação literária que enxerga o leitor literário, dando-lhe voz e contrariando a pedagogia do silêncio. A leitura literária, assim, tem como foco, "leitores reais, plurais, empíricos" (ROUXIEL, 2013) que se expressam e constroem significados durante a leitura.

Nesse processo de ensinar e aprender literatura (LEAHY-DIOS, 2004), o professor Hélder Pinheiro (2018b), por meio de suas experiências, diz que há muitas maneiras de levar o texto literário para a sala de aula, mas afirma com muito entusiasmo que o caminho mais frutífero para as crianças é aquele em que a

[14] Para Neide Rezende (2013), a leitura literária concentra-se no polo do aluno, enquanto o ensino da literatura, no polo do professor.

brincadeira com as palavras entra em cena. Brincar com as palavras nos direciona a uma dimensão lúdica da literatura, em que o(a) professor(a) pode alcançar muitos resultados e experiências. Práticas como essa não são algo mecânico, mas uma prática interacionista, conectada com a vida dos alunos, com a comunidade etc. Tais práticas de brincadeiras com as palavras sempre geram novas experiências, e as palavras não "se gastam", como bem deixa claro o poeta José Paulo Paes (1991): "Quanto mais se brincam com elas/ Mais novas ficam/ Como a água do rio/ Que é sempre água nova/ Como cada dia/ Que é sempre um novo dia".

Dessa forma, a educação literária pode encontrar espaço de construção nos anos iniciais do Ensino Fundamental desde as brincadeiras, as histórias ouvidas, na percepção das diferentes vozes/entonação, nos gestos, etc. Práticas como essas podem produzir grandes significados e aproximam os alunos e alunas do mundo da literatura, afinal: "As crianças estão mais próximas do artista, do colecionador e do mágico, do que de pedagogos bem intencionados" (KRAMER, 2007, p.16).

Porém, muitas vezes, os textos literários são utilizados em sala de aula de maneira equivocada. Muitos professores usam como pretexto para ensinar conteúdos diversos (PINHEIRO, 2018a; ANTUNES, 2003). Sabemos que não lemos literatura para aprender um conceito, ou aprender regras ou executar instruções. Os textos literários possuem uma dimensão estética que ganha espaço, sensibilizando a criança não só para a apreciação de um texto escrito, mas "para apreciar uma pintura, uma escultura, assistir um filme, ouvir uma música. [...] É importante a criança vivenciar atividades em que possa ver, reconhecer, sentir, experienciar, imaginar as diversas manifestações da arte e atuar sobre elas" (CORSINO, 2007, p.60).

Dessa maneira, uma Educação Literária efetiva percebe os alunos e alunas como pensadores e aprendizes (LEAHY-DIOS, 2004), envolvendo-os num processo dialógico em que os alunos têm direito à voz e à vez. Eles são "seres humanos como nós: com corpo, nome, sobrenome, sinais particulares, histórias, afetos, sonhos e temores". (REYES, 2012, p.79). De acordo com Macedo (2021b) a educação literária envolve a mediação dialógica, o que implica a presença de um mediador que "estabelece pontes entre o leitor e a obra" (p.48). Discutiremos no próximo tópico sobre a mediação do texto literário e a sua importância para a educação literária.

2.3 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA LEITURA LITERÁRIA

> Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor. (PETIT, 2009a, p.161)

A mediação de leitura é uma ação dinâmica, um exercício de si mesmo e do outro. Os professores são agentes de descobertas, de mudanças, e conscientes de seu papel se veem como mediadores. Essa assunção vem acompanhada de compromisso e desafios, e também por amor, como destaca Petit.

Em seu livro *Os jovens e a leitura* (2009a), Michèle Petit, antropóloga francesa e estudiosa sobre a leitura, nos convida a refletir sobre quem é o mediador de leitura e o seu papel, por meio da sua experiência advinda de uma pesquisa baseada em relatos de jovens franceses. Por meio dessa pesquisa, Petit nos apresenta experiências singulares desses jovens que tiveram a oportunidade de serem ouvidos pela estudiosa, e por meio do livro, por nós.

Petit (2009a, p.103) nos mostra em certos momentos que algumas pessoas podem demonstrar medo e resistências ao livro, fazendo com que fujam da leitura, principalmente quando estão diante de uma austereza, que diz: “É preciso ler”; “Tem que gostar de ler” ou “os jovens não leem mais”. Quem nunca escutou tais frases? Lajolo (2005) nos convida a refletir sobre essas frases tão repetidas entre as pessoas, sobretudo, os professores. Será que realmente os nossos alunos não gostam de ler ou não estão tendo a oportunidade de se aproximarem da leitura de uma maneira significativa?

As práticas sociais e culturais da mediação estão envolvidas numa relação dialógica entre os leitores, o texto literário e o ato mediador. É um grande desafio, pois ser mediador, e sobretudo, formar leitores nos dias atuais em que o acesso ao livro ainda é raro para muitas famílias brasileiras. Ser mediador é buscar uma aproximação com as práticas culturais dos alunos, compreendendo que a leitura está presente em diversos espaços extraescolares. Adentrar no universo do grupo de alunos em que somos mediadores, fortalece o vínculo e colabora com o incremento e desenvolvimento de uma comunidade de leitores (COLOMER, 2007).

Em seu livro *Aula de Português*, a investigadora Irandé Antunes (2003) apresenta uma pesquisa realizada por Lílian Martin da Silva em escolas públicas de Campinas, em que muitos alunos ao serem indagados se liam nas aulas de

Português, destacaram que não liam por falta de tempo. Dentre algumas respostas: "*Pouco, porque nos primeiros anos escolares eu fiz é muito exercício"; "Porque se lêssemos não ia dar tempo de aprender toda a matéria."* Se não há tempo, então não houve planejamento que envolvesse a leitura. E como contribuir com a ampliação das práticas de leitura dos nossos alunos, se não realizarmos práticas de leitura na escola, se não dedicarmos tempo, planejamento, ação e reflexão à leitura, sobretudo às leituras de textos literários, provocando encontros com outras vozes e discursos?

Dessa forma, é importante nos reconhecermos como leitores, antes de tudo. Lajolo (2005, p.6) nos convida a pensar em nossa trajetória de leitor iniciada ou não lá na infância: "O que fazemos na classe com nossos alunos tem muito que ver com o que fizeram conosco quando fomos alunos." As experiências dos professores influenciam muito nas práticas de leitura. A nossa história de leitura é tanto coletiva, quanto individual.

Diante dessas reflexões podemos nos perguntar: "Quem é o mediador de leitura?" Petit (2009a) chama o mediador de leitura também como um iniciador ao livro, ou seja, aquela primeira pessoa que faz com que o medo do livro vá embora, que apresenta possibilidades, aproximando a pessoa do livro. Após esse primeiro contato, outros mediadores entram em ação, ajudando a ampliar essa construção de saberes, acompanhando o leitor em seu percurso. Neste estudo, daremos ênfase ao professor como mediador, mas Petit destaca mediadores em diversas funções e em espaços diversificados, vejamos:

> Esse mediador é com frequência um professor, um bibliotecário ou, às vezes, um livreiro, um assistente social ou um animador voluntário de alguma associação, um militante sindical ou político, até um amigo ou alguém com quem cruzamos. (2009a, p.149)

Essa relação entre mediador e leitor acontece em vários lugares, como podemos observar. Atualmente, com as redes sociais, também encontramos mediadores de leitura na internet. Pessoas que se dedicam a explorar a leitura, sobretudo a leitura literária, compartilhando seus diários de leitura, indicando obras, realizando entrevistas com escritores, etc. Com isso, muitas pessoas podem ser tocadas por uma obra e começar a ler. Inclusive, encontramos muitos clubes de leitura on-line, em que acontecem experiências singulares.

Na escola, é preciso que a mediação de leitura literária tenha uma **perspectiva dialógica** (PETIT, 2009a; MACEDO, 2021b) em que a obra seja explorada, vivenciada e conhecida pelos alunos, pessoas em fase de descoberta do mundo. Porém, muitas vezes “o fascínio que a criança sente pela palavra e pela multiplicidade de imagens que ela lhe suscita costuma ser reprimido na sala de aula”. (SOUZA, 2012, p.22). Podemos nos questionar: Será que estamos tão preocupados em “passar conhecimentos” que não estamos preparados para sermos mediadores da leitura? Será que estamos envoltos numa concepção de Educação Literária, refletindo sobre a literatura enquanto um direito inalienável?

Uma mediação dialógica somente encontrará espaço no ambiente escolar, quando os professores estiverem diante de uma perspectiva que percebe a leitura/literatura como um direito (CASTRILLÓN, 2011; CÂNDIDO, 2011), compreendendo-a antes de tudo como uma manifestação artística. Refletir sobre a mediação de leitura literária é se debruçar em várias possibilidades de encontro entre a obra literária, o autor e o leitor. O mediador cria pontes de conexão, convida, apresenta, inicia e persiste nesse processo de Educação Literária que não termina na escola e vai além de um objeto impresso. A apreciação estética seria muito difícil de acontecer sem a presença de um mediador, e

> não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras ‘verdadeiras’, é essencial (PETIT, 2009a, p. 154).

A ação mediadora tem grande relevância, pois mediar é uma arte desafiadora (PETIT, 2009b, mas cheia de vontade de realizar sonhos. Sobre este ponto, Macedo (2021b) corrobora afirmando que não basta implementar políticas que disponibilizam livros, uma vez que “é preciso criar processos de formação e de mediação que possibilitem o acesso e a apropriação das obras pelos leitores”. (p.48)

Diante disso, refletimos sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) que destina obras literárias, entre outros materiais, às escolas públicas. Os livros estão disponíveis nas bibliotecas escolares ou em outro ambiente caso a escola não tenha esse espaço. Porém, não basta oferecer as obras às

escolas, é preciso pensar em propostas que preparem o professor como mediador de leitura literária, como bem destaca Castrillón (2011, p. 24):

> Investimento de esforços para melhorar a formação dos docentes. O propósito de formar leitores exige professores bem formados, conscientes da necessidade de mudanças importantes na estrutura social da escola e atualizados, não por meio de cursos breves ou oficinas, mas, sim, por meio de programas de longa duração, que partam de sua prática cotidiana e que também introduzam o conhecimento da teoria e a necessidade da reflexão e do debate. Formação que lhe permita romper com a tradição de ensinar como aprenderam. Professores também formados como leitores e escritores, condição primordial para ensinar a ler e a escrever.

O mediador, preparado e interessado, toma iniciativa e busca realizar mediações com um olhar atento e perspicaz para enfrentar os problemas existentes. Por meio dessa vitalidade, o mediador pode planejar um trabalho em torno da leitura com ações coletivas produzidas diariamente, organizando eventos literários. É importante que os alunos sintam-se parte do processo, afinal eles são construtores de saberes, são produtores de cultura. O mediador promove a arte de ler, conforme Petit (2009b, p.25) e faz o leitor “ser reconhecido em sua singularidade, chamado pelo nome, ouvido.” Sujeito singular, envolvendo uma pluralidade. O professor permite a diversidade de olhares para os textos literários, respeitando as diferenças entre os alunos, o que faz com que eles tenham o direito de ler um texto literário e refletir por meio de suas experiências, por meio do seu olhar. Afinal, “literatura não foi feita para ser um ‘dever’ de respostas prontas”. (RAMOS, 2008, p. 36) O texto literário é cheio de possibilidades, os alunos experimentam, sentem, discutem, imaginam. O mediador (re)constrói caminhos de práticas de leituras, ou seja, práticas de cultura viva. Ele planeja ações, como oficinas literárias, conversas com autores, etc. Se na escola não tem biblioteca, Pinheiro (2018a) nos motiva a pensar em possibilidades com experiência das “salas de leitura”, que são ambientes adaptados para oferecer leituras aos alunos. Quando a escola também não tem esse espaço, precisa-se pensar em outras alternativas dentro da sala de aula. Afinal: “Privar os alunos de uma experiência tão simples e tão salutar denuncia o descaso com a educação mais integral de nossos estudantes”. (PINHEIRO, 2018a, p. 26). Os livros precisam ser colocados à disposição dos alunos, precisam ser valorizados pela escola. É importante que o professor tenha interesse em conhecer o acervo e busquem realizar ações mediadoras. Assim, refletimos que:

> O mediador recorre de modo privilegiado à voz que dá vida aos textos, ao olhar que passa por cada um dos que participam; os ritmos, ou as culturas, ou os pertencimentos próprios a uns e outros são respeitados, assim como as falas que eles pronunciam; a escolha das obras propostas é bem pensada, baseada em um gosto pessoal pela literatura e uma grande experimentação de seus efeitos, assim como em um saber mais teórico, deixando também um lugar à intuição, à associação livre. (PETIT, 2009b, p. 146)

Nesta interação percebemos que é possível uma relação dialógica entre os alunos, o mediador e consequentemente, a comunidade escolar. Porém, muitos ainda são os desafios (MACEDO, 2021b) a serem enfrentados em nosso país para que possamos desenvolver uma Educação Literária com qualidade.

A seguir, abordaremos sobre as Rodas de Conversas Literárias na escola e refletiremos um pouco mais sobre o processo da mediação dialógica nessa prática literária. Discutiremos alguns aspectos primordiais para que durante as rodas nossos(as) alunos(as) possam construir memórias felizes (YUNES, 1999).

2.4 RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS NA ESCOLA

> Compartilhar as leituras não apenas estabelece vínculos entre os leitores de alguns livros em um momento determinado, como os conecta com sua tradição cultural. (COLOMER, 2007, p.151)

A **Roda de Conversa**[15] é uma prática de letramento que envolve a Educação Literária (BUNZEN, 2022). Sendo assim, a sua realização é possível em diversos âmbitos e com uma diversidade de propostas. Pode-se formar uma comunidade de leitores que leem juntos e compartilham suas experiências em ambientes mais convencionais, como a sala de aula e a biblioteca escolar ou em outras ambiências como: igrejas, hospitais, ruas, livrarias, bibliotecas, etc. Há, inclusive, bibliotecas itinerantes em que os livros e os mediadores vão até os leitores em diferentes espaços. Além disso, podemos realizar rodas de conversas em torno de obras ou textos literários, envolvendo textos escritos, livros de imagens, livros ilustrados, livros com ilustrações, etc. As rodas de conversas literárias fortalece o grupo de pessoas (de todas as idades) que interagem entre si compartilhando histórias, costumes e sonhos. Por isso, ela tem caráter social, pois o conhecimento

[15] Em nossa pesquisa optamos pelo uso do termo **Roda de Conversa Literária**. Melo (2023) salienta que uma roda de conversa também pode ser chamada de círculo de conversa ou círculo de leitura: são termos que se complementam.

vai se construindo de maneira colaborativa, onde o leitor também é um coautor, na medida em que constrói a leitura literária num processo dialógico. O professor Clécio Bunzen afirma:

> A grande ideia é pensar o círculo de leitura não como um espaço monológico [...], mas como um **espaço dialógico**. Por isso, o círculo de leitura [...] é uma metodologia que foca muito mais no leitor, [...] mas não nesse leitor isolado, mas no leitor que interage com obras. Podemos fazer círculo de leitura com obras específicas e com textos específicos. Eu posso escolher um conto, eu posso escolher um poema, eu posso escolher uma crônica e fazer o círculo de leitura a partir dessas escolhas. (BUNZEN, 2022, grifo nosso) [16]

Em nosso estudo, daremos ênfase às rodas de conversas literárias na escola. Para que a educação literária ganhe efetividade no espaço escolar, faz-se necessária a mediação do(a) professor(a) (MACEDO, 2021b). Durante essa prática de leitura literária há um diálogo entre os(as) leitores(as), o(a) autor(a) e a obra. Os mediadores aprendem a ouvir além das palavras, eles escutam “as vozes, os gestos e os silêncios dos leitores” (BAJOUR, 2012, p.45).

Este encontro das nossas palavras com as palavras dos outros gera muitas fibras interpretativas. Cada leitor tem diante de si a possibilidade de trazer a sua vida, a sua voz e a sua experiência para o centro das rodas de conversas (BUNZEN, 2022). O texto passa a não ser somente do autor, mas de todos os leitores que ajudam a tecê-lo e reconstruí-lo. As Rodas de Conversas Literárias são como uma colcha de retalhos, em que cada pedaço de tecido, representa um (a) leitor (a). Cada cor ali representada é diferente uma da outra: pode apresentar risos, choros, gestos, silêncios etc.

Para que as rodas de conversas aconteçam de forma efetiva na escola, é preciso que haja um trabalho sistemático, o que envolve ações para serem desenvolvidas durante o ano letivo. O ideal é que esteja presente no Projeto Político-Pedagógico da escola, esteja presente nas ações da biblioteca e na sala de aula. Esse trabalho envolve planejamento, pois trata-se de uma situação de ensino-aprendizagem, há intencionalidade, conforme destaca Bajour (2012, p.85): “Não há motivos para que a responsabilidade da escola de propiciar aos alunos experiências culturais ricas e variadas seja concebida de forma apartada da responsabilidade de ensinar, muito pelo contrário”. É importante destacar que na metodologia das rodas

[16] Fala do professor Clecio Bunzen durante a palestra Círculo de leitura como metodologia na formação literária na escola, exibida no dia 02 de setembro de 2022 [Live] durante o IV Seminário Biblioteca nas escolas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xakJw24qt8w&t=915s

de conversas não há um caminho pronto e acabado, mas dependendo do perfil da comunidade de leitores, há possibilidades e adequações. Afinal, a escola tem intenções pedagógicas. Neste processo sistemático, as rodas de conversas precisam fazer parte da rotina escolar e não ser apenas um "acontecimento raro". No espaço escolar o mediador pode ser um(a) professor(a) ou um(a) bibliotecário(a). Durante o processo, leva-se em consideração diversas escolhas, como: a forma de mediação, o tempo escolar, a escolha das obras/textos literários.

Rildo Cosson (2020), em sua obra *Círculo de leitura e letramento literário*, nos apresenta três tipos de círculos de leitura. No **círculo estruturado** há "uma estrutura previamente estabelecida com papéis definidos para cada integrante e um roteiro para guiar as discussões" (p.158); No **círculo semiestruturado** [17]não há um roteiro, mas "orientações que servem para guiar as atividades" (p.159), e no **círculo aberto ou não estruturado** "a discussão se desenvolve como uma conversa entre amigos ou familiares, com a diferença que tem como fonte a leitura da obra" (p.159). Vale destacar que não há uma forma fixa de rodas de conversas literárias. O(a) mediador(a) planejará a melhor forma de compartilhar leituras com os(as) estudantes, levando em consideração as especificidades do grupo.

Outro ponto importante que integra o planejamento são os espaços e ambiências em que acontecerá as rodas de conversas na escola. A **biblioteca escolar** é um espaço em que podem acontecer as rodas de conversas literárias. Elisabeth Melo[18] (2023) realizou rodas de conversas literárias com seus alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na biblioteca escolar. A professora-pesquisadora mediou a leitura literária de minicontos e afirma que a prática desenvolvida na biblioteca, num semicírculo dialógico foi muito relevante:

> "O princípio dialógico das Rodas de Conversas Literárias nos permitiu experienciar o direito à liberdade (da vez e da voz) com aquele pequeno

[17] A nossa ideia de rodas de conversas literárias na escola se aproxima desse tipo de círculo de leitura, pois há toda uma intencionalidade pedagógica. Há um mediador atento que escuta os(as) estudante, dialoga e orienta. Há um "equilíbrio entre as formas de intervenção de um mediador e a construção da autonomia do leitor" (BAJOUR, 2012, p. 91). Acreditamos que esse tipo de roda de conversa literária pode ser uma escolha apropriada para o trabalho desenvolvido com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois o(a) professor(a) encoraja os alunos a participarem da roda sem impor, respeitando seu tempo, seu silêncio e sua fala.

[18] Elisabeth Melo realizou uma pesquisa-ação no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) na UFPE. A sua dissertação tem por título Rodas de conversas literárias na Educação de Jovens e Adultos (EJA): diálogos com a obra "Os cem menores contos brasileiros do século". Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50223

> grupo que se reunia na biblioteca da escola para ler, conversar, se emocionar, questionar, ouvir, sorrir, criar... a partir do texto literário" (MELO, E. 2023, p.177).

Dessa forma, constatamos a importância da mediação literária na interação entre o leitor e a obra literária. Continuando o nosso diálogo em torno da biblioteca escolar, gostaríamos de apresentar algumas experiências vivenciadas por Michèle Petit na obra Os jovens e os livros. Nesta obra, a antropóloga francesa nos apresenta experiências de leitura de jovens da zona rural e de bairros marginalizados na periferia de cidades da França. Ela destaca a importância da biblioteca, afirmando:

> **A biblioteca ideal é a que permite que as crianças sonhem e** que não lhes imponha ideias, imagens ou histórias, mas que lhes mostre possiblidades, alternativas. Essas coisas terão uma ligação profunda com sua vida adulta, mais tarde. Ler histórias, pura e simplesmente, talvez só pelo prazer de contra, mostrar que se pode sonhar, que existe saída e que nem tudo está imóvel. Que inventem sua vida, que é possível inventar a própria vida. E que talvez, para inventar a própria vida, seja preciso primeiro a matéria-prima; é preciso ter sonhado para poder sonhar e criar. (PETIT, 2009, p. 32, grifo nosso)

. Esse diálogo que faz com que as pessoas, em especial as crianças, tenham autonomia, se sintam parte do processo é que dá vida à biblioteca. Petit (2009a) nos apresenta a jovem Hava, "uma jovem de origem turca que, após ter vivido dez anos em um bairro da periferia de Istambul, mudou-se para a França, em uma cidade de província, onde seu pai, pedreiro, foi tentar a sorte" (p.149). Hava estava passando por alguns problemas e quase abandonava a escola para trabalhar. Porém, ela encontrou nos professores e nas bibliotecárias uma rede de apoio e incentivo. Por isso, ela não desistiu de ir à escola. Tornou-se leitora assídua, trabalhava e ainda ajudava outras pessoas com as tarefas escolares. Essa experiência que Petit nos apresenta, nos faz perceber a importância do mediador na vida das pessoas.

Quando os mediadores escolhem trabalhar com rodas de conversas literárias, permitem que experiências como essas aconteçam. Seus alunos e suas alunas podem ler juntos e criar laços que poderão levar para toda a vida. Durante as rodas de conversas, os(as) estudantes podem ver no(a) mediador(a) "alguém que acolhe, que recolhe as palavras do outro, que é o testemunho de seu desejo, com quem se estabelece uma ligação próxima ao amor" (PETIT, 2009a, p. 153).

Muito mais importante que oferecer livros aos alunos e pensar na ambiência, é preciso acolher os(as) leitores (as): um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhe der vida" (PETIT, 2009a, P.154). Para darmos vida à biblioteca é preciso que ela seja um espaço de movimento, tenha projetos e práticas de leitura. Rosa (2021, p.74) corrobora com esse pensamento quando afirma que "nas bibliotecas, são formadas comunidades de leitores que leem juntos, conversam sobre o que leem, indicam leituras, compartilham opiniões e também produzem textos autorais". Nesta ação colaborativa, os(as) leitores(as) são construtores, pois dão vida à leitura literária quando têm a oportunidade de serem ouvidos, de concordarem, de discordarem, de silenciarem, etc.

Porém, nem sempre é possível realizar rodas de conversas literárias na biblioteca, pois infelizmente nem todas as escolas possuem esse espaço ou possuem biblioteca sem bibliotecário, sem projetos, sem vida. Em nossa escola, por exemplo, não há uma biblioteca. Mesmo diante desta problemática, é possível pensar em outras ambiências para a realização das rodas de conversas literárias, como a própria sala de aula, sala de leitura ou até mesmo no pátio da escola.

Outro ponto que merece destaque no planejamento é a escolha[19] das obras literárias que serão lidas nas rodas de conversas. Cecília Bajour, em sua obra *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*, afirma que é necessário pensar nos textos com antecedência. Não é qualquer livro que é ideal para uma roda de conversa literária (Bunzen, 2022). A ação de escolher exige seleção e responsabilidade. Selecionar as obras literárias já é o início de uma conversa literária. Para Bajour (2012, p. 52, grifo nosso) "a escolha de textos vigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que provoquem **perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações**, é a antessala da escuta". Ela ainda firma que critérios não são receitas, depende de cada comunidade de leitores. Os critérios precisam ser (re)construídos, democráticos e que busquem valorizar a diversidade cultural (BUNZEN, 2017, p.17).

Por isso, é importante pensarmos na bibliodiversidade na hora de escolhermos uma obra para a nossa roda de conversa literária. De acordo com

[19] Mais adiante falaremos sobre o processo de curadoria que desenvolvemos em nossa pesquisa-ação.

Nakano[20] (2021), trata-se de “apresentar uma diversidade de obras [...], com livros de diferentes autores, diferentes origens, temas, linguagens, estéticas”. Dessa forma, o repertório cultural será ampliado por meio dessas múltiplas linguagens. Enquanto mediadores atentos, analisaremos a materialidade, os processos artísticos, os autores, personagens, ilustrações, temáticas, etc. Sobre a importância de oferecer uma diversidade de leitura, Pinheiro (2008a, p.22) afirma que “levar aos alunos uma diversidade de temas poderá favorecer o interesse” dos alunos pela leitura.

Continuando a conversa sobre a importância da escolha das obras, Rouxel (2013, p. 23-24) nos apresenta algumas reflexões: (i) é importante confrontar os alunos com a diversidade do literário; (ii) é importante também propor obras das quais eles extrairão um ganho simultaneamente ético estético, obras cujo conteúdo existencial deixe marcas; (iii) segundo a modalidade de leitura, convém observar o grau de dificuldade da obra proposta.

Dessa forma, notamos que as obras precisam possibilitar um diálogo com o leitor, promovendo desafios, novas vivências e transformação. Bajour (2012, p. 60) recomenda que o mediador conheça bem a obra e faça uma

> representação provisória da cena com os leitores, que, por mais que sejam conhecidos, nunca se conhece de todo, que certamente surpreenderão nossas previsões, já que ninguém pode antecipar com certeza o rumo das construções dos sentidos dos textos. A predisposição à surpresa por parte do mediador é por si só mesmo uma **postura metodológica** e ideológica em toda conversa sobre livros, dado que supõe partir do princípio de que as significações ou maneiras de penetrar nos textos não estão dadas de antemão, ou de que não existe alguém, nesse caso, o docente, que tenha a chave da verdade.

Bajour (2012, p. 62) destaca a importância do planejamento das rodas de conversas literárias. Ela diz que preparar o encontro é “imaginar modos específicos de adentrar e apresentar os textos, de apurar os ouvidos e o olhar do leitor para uma leitura aguçada e atenta”. O planejamento, portanto, não é algo pronto e acabado; é flexível e aberto às novidades e ao inesperado. O importante é que as rodas de conversas “assumam as feições da sua turma, na sua escola, correspondendo [...] ao desenvolvimento que seus alunos precisam alcançar naquele momento dentro do

[20] Renata Nakano é mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. A afirmação foi dita em 19 de out. de 2021, durante a apresentação do vídeo **Qual a importância da bibliodiversidade para as crianças?** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AfocVKIqMmo

percurso de formação de leitores literários" (COSSON, 2021, p.31)

As rodas de conversas literárias são leituras compartilhadas em que concedemos a nossa palavra, mas também oferecemos nossos ouvidos atentos para escutar a voz do outro, "objetivando o pensamento", conforme explica Bajour (2012), nos levando a ouvir além do dito.

A escola é um espaço privilegiado para que as rodas de conversas literárias ganhem espaço, pois contribuem para o desenvolvimento de alunos e alunas enquanto sujeitos responsáveis e críticos diante do mundo. Porém, dentre as práticas de leitura literária, identifica-se que as rodas de conversas ainda não ganham muito espaço ou não são realizadas de maneira efetiva, como afirmam Brandão e Rosa (2010, p. 69): nem sempre esses textos são, de fato, discutidos no grupo e, menos ainda, as situações de conversa sobre os textos são planejadas ou avaliadas pelos professores.

Colomer (2007) também nos lembra que em nossa tradição educativa, os sentimentos/opiniões dos alunos nunca tiveram muita importância. Bajour (2012, p.62) também confirma este fato, quando diz:

> [...] as práticas de leitura literária mais habituais na escola ainda são bastante ´monológicas´, na medida em que os alunos aguardam que o professor faça sua leitura e o grau de participação dos leitores fica reduzido a uma escuta muitas vezes passiva ou excessivamente pautada por sentidos sugeridos de antemão.

Sem a preocupação para o novo, para o imaginário e a criatividade, espera-se respostas prontas e acabadas e uma certeza de que os alunos gostarão ou não do texto. Qualquer resposta contraditória é "errada". Mas como sabemos, a literatura é plural, "[...] exige e permite distintas ressonâncias individuais". (COLOMER, 2007, p. 149). Se a criança não sente confiança e liberdade para expressar as suas opiniões, não há a formação de uma comunidade de leitores. Pois, a leitura genuína não é forçada e com respostas automáticas. Em muitos casos a preocupação está em ensinar a literatura na escola, direcionando um olhar para os conteúdos gramaticais e avaliações somativas, por meio de fichas ou por meio de perguntas com respostas certas ou erradas, por exemplo. Quando o texto literário é trabalhado em sala de aula com esse propósito, ele se esvazia de significados, pois dessa forma, os (as) estudantes não estarão experimentando a literatura na sua dimensão

socializadora, pois não irão compartilhar a construção de significado, não vão dialogar sobre o texto lido, não irão criar laços, etc.

A **leitura compartilhada**, por sua vez, possibilita aos alunos e alunas, a possibilidade de manifestação da criatividade com grande poder transformador, levando em consideração as palavras, os silêncios (por escolha própria e não por ser impedido), suas associações, reminiscências, descobertas e pensamentos dos leitores. Neste rico processo de acolhimento, Bajour (2012, p.23-24) compara:

> O regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo. A princípio para quem fala, já que escuta enquanto diz a outros o que o texto suscitou em si e desse modo ensaia sua leitura como um músico quando lê uma partitura. [...] Como em um ensaio de orquestra, o texto cresce em acordes sonantes e dissonantes com ecos às vezes inesperados para os intérpretes.

Entra em ação o educador humanista preocupado com as necessidades do ser humano, convidando os alunos a participarem, a serem críticos e atuantes. Sem esse processo dialógico não há comunicação, e consequentemente, não há educação.

Nessa perspectiva dialógica, durante as rodas de conversas, os saberes são (re)construídos por meio de elementos essenciais (autonomia, protagonismo, criatividade, comunicação, etc.) que os levam ao conhecimento. Os (as) estudantes são considerados peças ativas num processo contínuo de aprendizagem. Nesta dialogicidade, eles aprendem por meio da descoberta, da curiosidade, da análise e investigação constante, desenvolvendo a autonomia, a autoconfiança, o senso crítico, e responsabilidade, saberes necessários à prática educativa. (FREIRE, 1996).

Por meio do diálogo, os leitores conquistam novas maneiras de entrar em contato com o texto literário. Eles estão inseridos num espaço-tempo de aprendizagens significativas. A palavra compartilhada é um ato de democracia (BAJOUR, 2012) em que o professor se encontra como um educador-educando, ou seja, ele aprende no caminho da docência. Neste encontro bilateral, os alunos ouvem e aprendem num conjunto de pessoas (o que envolve toda a comunidade escolar) em busca de um saber efetivo. Pois, o texto literário é permeado de plurissignificações, recheado de possibilidades para que os leitores experimentem, sintam, discutam, imaginem etc. (ROUXEL, 2012).

Dessa maneira, é importante que a escola se mobilize, esforçando-se para que os (as) estudantes sejam sujeitos perspicazes na busca de significados junto com o professor. Colomer (2007, p. 143) afirma que:

> O fato de que ter compartilhado contos nos primeiros anos de vida duplica a possibilidade de tornar-se um leitor, que falar sobre livros com pessoas que nos rodeiam é o fator que mais se relaciona com a permanência de hábitos de leitura, o que parece ser uma das dimensões mais efetivas de estímulo à leitura.

A arte literária vai ganhando vida, na medida em que os leitores vão criando sentidos por meio da intertextualidade e de suas experiências de vida. Os sujeitos envolvidos nesse processo são vistos como pessoas que ocupam lugares sociais, estão envoltos em histórias que precisam ser levadas em consideração. Nessa dimensão socializadora da Educação Literária há uma interação entre os sujeitos, pois conforme destaca Lourenço e Dalvi (2019, p.83):

> Para o escritor, a literatura é a oportunidade de expressão de suas ideias, sentimentos, indignações, admirações, etc., sendo, portanto, sua impostação de voz diante dos acontecimentos do mundo. Para o leitor, a literatura representa o seu diálogo com outras ideias, outros sentimentos, indignações, admirações, etc. Essa relação dialógica estabelece-se entre leitor e autor através da obra literária, uma matéria organizada que trata inevitavelmente, de posicionamentos do artista, implícitos ou explícitos, sobre as convenções sociais que o rodeiam.

Nota-se a importância dessa oportunidade de troca. Nesta dimensão socializadora, a literatura ganha vida e ganha interpretações que numa dimensão de isolamento não seria possível. Neste ato social, as competências se entrelaçam e os sujeitos se fortalecem nesta comunidade de leitores. No próximo capítulo, conheceremos um pouco sobre a origem da Literatura de Cordel, objeto de nosso estudo. As nossas Rodas de Conversas Literárias serão em torno do gênero literário cordel, por isso é importante nos debruçarmos em sua origem.

3 CONTINUANDO A CONVERSA, CONHECENDO A CRIAÇÃO

3.1 LITERATURA DE CORDEL: BREVE PERCURSO HISTÓRICO

> Acreditando na cultura popular como sinônimo de resistência e, no cordel como manifesto dessa cultura que não entrega os pontos, vou espargindo versos sobre o papel com o mesmo respeito e cuidado do agricultor que lança a semente e, com ela, a esperança, no ventre da terra. (HAURÉLIO, 2013, p.9)

A Literatura de Cordel é uma das manifestações artísticas e culturais que compõem a Literatura Popular. Com origem ibérica na tradição oral de contar histórias, a Literatura de Cordel nos remete ao Trovadorismo, com as primeiras manifestações da poesia popular produzidas para serem cantadas (HAURÉLIO, 2019; PINHEIRO, 2021).

O Trovadorismo é um dos períodos literários da Era Medieval. Suas produções recebiam o nome de lírica trovadoresca, em que cantigas eram produzidas: cantigas de amor, cantigas de amigo e cantigas de escárnio. As poesias eram acompanhadas por instrumentos musicais e cantadas para os apreciadores ouvintes. Elas eram classificadas em gênero lírico (cantigas de amigo e cantigas de amor) e em gênero satírico (cantigas de escárnio e maldizer). Os trovadores eram os autores das cantigas, e quem as interpretavam eram o jogral, o segrel e o menestrel. Eles iam para vários lugares declamar poesia e disseminar a arte em toda a Europa. Com o passar do tempo as cantigas foram manuscritas em livros chamados Cancioneiros, porém muitas delas se perderam (INFANTE, 2005).

Márcia Abreu (1999) em sua obra intitulada *Histórias de Cordéis e Folhetos* nos convida a adentrar nesse universo histórico da Literatura de Cordel refletindo sobre a sua conceituação. A autora utiliza os termos **Literatura de Cordel Portuguesa** e **Literatura de Folhetos Nordestina** nos apresentando diferenças entre elas. Assim, buscaremos passear nesses universos literários para nos aproximarmos do que hoje é a Literatura de Cordel em nosso país.

Em Portugal, para que a literatura fosse divulgada e acessível para todas as camadas populares, os editores perceberam que utilizando um novo formato de suporte com folhas simples fariam circular diversos textos. Com isso, esse tipo de literatura passa a ser chamada de Literatura de Folhetos, ou simplesmente, folhas soltas ou folheto (OLIVEIRA, 2011). Outra curiosidade é que esses folhetos também

eram conhecidos como “literatura de cego”, pois muitos vendedores eram deficientes visuais e escreviam suas próprias histórias, ou melhor, criavam suas histórias e ditavam para outras pessoas escreverem. Baltasar Dias é um exemplo, ele era um grande poeta e escritor de prosas, além de ter publicado suas peças teatrais. Ele sobrevivia por meio da arte e fez parte da “escola vicentina”, em que junto com outros autores, como Gil Vicente era considerados autores de cordel. Baltasar Dias foi o autor que mais se destacou nessa literatura. A expressão Literatura de Cordel começa a ser usada porque os folhetos eram vendidos em feiras, pendurados em cordas. Pinheiro (2021) ressalta que esse costume é pertencente somente à essa região e que no Brasil nunca houve esse hábito.

Abordaremos alguns aspectos da Literatura de Cordel em Portugal. Como percebemos, a definição voltada para “as características físicas do folheto, aliados à maneira de vendê-los, têm sido os atributos mais recorrentes ao se tentar uma definição” (ABREU, 1999, p.19). Tal definição leva em consideração apenas o projeto editorial.

3.1.1 Literatura de Cordel Portuguesa

A Literatura de Cordel Portuguesa não tinha um gênero e uma forma fixa. Como visto, Gil Vicente e Baltasar Dias, por exemplo, não escreviam textos em formatos únicos. Eles eram autores de romances, textos dramáticos e também poesia. Eles tinham seus textos publicados e vendidos como literatura de cordel. Abreu (1999, p.21) explica que a literatura de cordel em Portugal abarcava “autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias...”. Além disso, a literatura de cordel não se tratava somente de poemas, os textos abrangiam também a prosa e o teatro, como podemos observar numa setilha extraída do cordel *Origem da literatura de cordel e sua expressão de cultura nas letras de nosso país*, de Rodolfo Coelho Cavalcante[21]:

> Na França, também Espanha
> Era nas bancas vendida,
> Que fosse em prosa ou em verso
> Por ser a mais preferida
> Com o seu preço popular
> Poderia se encontrar
> Nas esquinas da avenida

[21] A setilha foi apresentada por Marinho e Pinheiro (2012, p.20) na obra *O cordel no cotidiano escolar*.

Nos costumes da Europa, assim era a Literatura de Cordel, tanto em prosa, quanto em verso. Os papelistas ou folheteiros vendiam nas portas dos teatros, na frente de igrejas, contavam histórias, e aos poucos, essa literatura se tornava popular, sobretudo pela sua acessibilidade. Os folhetos tratavam de diversos assuntos, desde receitas às grandes obras, como a "Biblioteca Internacional", uma coleção de obras-primas de literaturas antigas e modernas. De acordo com Abreu (1999, p. 24):

> A publicação de textos populares – ou popularizados- nasce, praticamente, junto com o início da imprensa. *A História da Princesa Magalona*, um dos clássicos da literatura de cordel europeia, é um dos exemplos da rapidez com que a invenção da imprensa foi utilizada com a intenção de divulgar obras, anteriormente restritas a pequenos setores da população, para grandes conjuntos das "camadas populares".

A história da Literatura de Cordel Portuguesa teve declínios e evoluções. Com o passar do tempo, muitos romances tradicionais foram traduzidos para os folhetos, adaptadas levando em consideração o "gosto português" (ABREU, 1999). Além disso, a diversidade temática dos cordéis foi aumentando e pessoas de várias condições escreviam e tinham interesse pela literatura, "desde o rei até as senhoras da corte" (Ibid., p.45). Este gênero editorial unifica as pessoas, pois democratiza de certa forma a literatura.

3.1.2 Literatura de folhetos nordestina

Agora vamos conhecer um pouco sobre a **literatura de folhetos nordestina**, como Abreu (1999) prefere nomear. É que por muito tempo, as pessoas conheciam como simplesmente folheto. Vale destacar que o termo Literatura de Cordel no Brasil foi trazido pelos pesquisadores recentemente. Hélder Pinheiro, nas conversas com pessoas mais experientes, descobria que eles nunca viram folhetos pendurados:

> Parece até que é umas das invenções mais recentes. Normalmente os folhetos eram conduzidos em malas, que eram postas no chão e, em cima delas, se colocavam os folhetos. Cheguei a ver em ruas de Fortaleza dezenas de folhetos no chão, em cima de plástico, muitas vezes com pedrinhas por cima para não voarem (PINHEIRO, 2007, p.19).

Da mesma forma, o pesquisador e também professor Rafael de Oliveira (2011, p. 13) em conversa com seu avô também confirma: "O mesmo já dizia o

poeta pernambucano, Urbano de Souza Costa (comunicação pessoal) sobre o uso do termo folheto como o mais comum na zona da mata de Pernambuco". Hoje, quando os folhetos são pendurados em barbantes é mais num contexto decorativo, por exemplo, numa festa de aniversário em que a temática é a Literatura de Cordel.

A literatura de folhetos tratava-se de uma poesia característica do Nordeste, mais especificamente da área rural com as experiências do campo. Os folhetos eram vendidos pelos próprios poetas ou por outros vendedores, nas feiras ou pelos caminhos que percorriam, como nos "mercados, nas estações de trem e de ônibus, nas festas, nas fazendas e nas casas da cidade" (ABREU, 2006, p. 62). Eles declamavam os versos para o público, mas não concluía toda a narrativa, deixando-o curiosos e com vontade de conhecer o desfecho, assim comprando o cordel. Vamos caracterizar o folheto para que possamos nos aproximar mais de sua estrutura. De acordo com Abreu (2006, p.62):

> O folheto é uma brochura com 8, 16, 32, 48 ou 64 páginas, número determinado pela quantidade de folhas de papel dobrados em quatro empregadas em sua confecção: uma folha dobrada gera um folheto de oito páginas, duas folhas fazem um de 16, e assim por diante, compondo folhetos com números variados de páginas, mas sempre em múltiplos de oito.

Diversos eram os temas que poderiam ser tratados na literatura de folhetos, e até hoje é assim. Há temas variados, o que rende cordéis curtos ou mais longos. Quando as narrativas ultrapassam 16 páginas são chamadas de Romance. Já as de 4, 8 ou 16 páginas trata-se de Folheto. Pesquisadores como Accioly (2005) ainda apresentam o tipo História ou Romance-exagerado, com 64 páginas. Antigamente essas denominações eram utilizadas com mais frequência.

3.1.3 A relação da Cantoria de Viola com a Literatura de Cordel

Antes de os folhetos serem impressos no Brasil, o Cordel vai se formando na literatura oral, mais precisamente no Sertão do Nordeste com a cantoria de viola com os poetas repentistas que até hoje fazem parte da Cultura Nordestina. Esses poetas com as cantigas rurais, improvisavam os versos na hora, de repente. Por isso, eles também são chamados de repentistas. Geralmente eram agricultores que tinham uma vida sofrida com muita história e experiência para compartilhar. De

acordo com Abreu (1999) é nesse espaço poético que a literatura de folheto nordestina inicia.

Agostinho Nunes da Costa é considerado o fundador da cantoria. Ele viveu em solo paraibano, mais especificamente na Serra do Teixeira. Ele é de um grupo de poetas que carregavam uma verve incomparável, formavam o Grupo do Teixeira, e produziram as primeiras composições da poesia de cantoria. Essa cultura foi passando de pai para filhos na região (ABREU, 1999). Eles se apresentavam no local, cantando de forma solo ou em dupla. Os encontros também aconteciam na casa deles, nas feiras, além de serem convidados para cantarem em festas e outros locais. Quando os cantadores se encontravam era muito mais divertido, pois eles faziam as pelejas, isto é, desafios de improviso para ver quem ganhava. A presença do humor despertava a curiosidade dos ouvintes que muitas vezes passavam a noite toda na cantoria com os poetas à luz de candeeiro sentados em tamboretes.

A disputa dos desafios era levada a sério e às vezes chegava até em briga, principalmente quando “um falava da mãe do outro”. Suas composições poéticas eram variadas, e eles sempre cantavam as narrativas de romances pedidas pelo público que muito apreciava. As histórias mais contadas eram as de boi e outros animais do sertão, em que esses personagens também tinham o papel de narrador-onisciente. Essas narrações estavam voltadas para uma realidade nordestina de muito trabalho, compromisso e luta.

Elas apresentavam o “Ciclo do boi”, mostrando aspectos da cultura e da atividade predominante da criação de gado. Tal narrativa era própria da vida no Nordeste, algo criado pelos próprios poetas da terra: “Essas composições baseadas em eventos cotidianos, como fugas de animais, que punham em xeque a habilidade dos vaqueiros, discutiam um aspecto crucial da vida das pessoas ligadas à pecuária. Curiosamente o herói não era o homem, mas o animal” (ABREU, 1999, p.82).

Especificamente essas histórias contado a trajetória do gado, destacando atividades desenvolvidas na fazenda e tudo que passa por lá até chegar a sua morte, é uma criação do poeta do sertão. Porém, Ariano Suassuna, em sua obra *Seleta em Prosa & Verso (2007)* numa conversa com os leitores, destaca que muitas narrativas dos romances cantados pelos violeiros tinham influência dos Romanceiro Medieval Ibérico ou cantigas velhas como o escritor fala. Ele se inspirou, inclusive, em muitas histórias nordestinas para produzir suas peças de teatro, e com pesquisas mais aprofundadas descobriu tais influências.

Por falar nas narrativas de romances, nas antigas cantorias, o público sempre pedia que o poeta cantasse algum: “Saber algum romance decorado era obrigação de todo cantador, pois o público os exigia” (ABREU, 1999, p. 79). De fato, o público era bastante exigente e atento a tudo que acontecia nas cantorias, principalmente no que diz respeito às métricas e rimas. Muitos dos apreciadores dessa poesia gostavam de memorizá-los. Eles percebiam quando os poetas não seguiam as regras e não gostavam muito, chegavam até a reclamar. Esse tipo de poesia tem uma oralidade muito marcante. Os versos são feitos para serem memorizados, e quando a forma fixa não é obedecida prejudica a facilidade de decorá-lo, fazendo que com o tempo seja esquecido. Dessa forma, quando os ouvintes identificavam alguma falha, de certa forma também ajudava o poeta, afinal “a tarefa de conservação cabe não só ao autor, mas a toda a comunidade” (ABREU, 1999, p.88).

As primeiras formas fixas são as quadras, como podemos observar na estrofe a seguir, retirada do cordel *O Pato Carioca e o Marreco Baiano*, da cordelista Mariane Bigio ([s.d.], p.01):

Quá-quá-qualé, meu irmão?	A
Disse o pato na lagoa	B
Sou o pato Carioca	C
Tô por aqui numa boa...	B

Com o passar do tempo, essa forma fixa foi deixando de ser utilizada com frequência. Silvino Pirauá é o primeiro poeta que passa a compor seus versos com uma nova estrutura, a sextilha. Ele dizia que somente quatro versos era muito pouco para se defender nos desafios da cantoria. Vejamos o uso da sextilha nas quatro primeiras estrofes do cordel *O Romance do Pavão Misterioso*, escrito por José Camelo de Melo ([s.d., p.01-02):

Eu vou contar uma história	A
De um Pavão Misterioso	B
Que levantou voo na Grécia	C
Com um rapaz corajoso	B
Raptando uma condensa	D
Filha de um conde orgulhoso	B

Residia na Turquia	A

Um viúvo capitalista	B
Pai de dois filhos solteiros	C
O mais velho João Batista	B
Então o filho mais novo	D
Chamava-se Evangelista	B

O velho turco era dono	A
Duma fábrica de tecidos	B
Com largas propriedades	C
Dinheiro e bons possuídos	B
Deu herança a seus filhos	D
Porque eram bem unidos	B

Depois que o velho morreu	A
Fizeram combinação	B
Porque João Batista	C
Concordou com o irmão	B
E foram negociar	D
Na mais perfeita união	B

Outras formas fixas também eram utilizadas pelos cantadores, eram elas: setilhas, martelo, galope a “beira-mar”, gemedeira. Com o passar do tempo, os cantadores tinham duplas fixas e os desafios já não eram como antes. A cantoria ainda ocupa um lugar no cancioneiro brasileiro. Há muitos poetas contemporâneos que participam de festivais e sobrevivem de sua arte. Um exemplo é o poeta Marlon Torres. Ele é formado em Engenharia de Produção pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e em Jornalismo na Universidade Federal do Cariri (UFCA), e segue preservando a tradição que aprendeu com seu avô. Marlon Torres e outros jovens poetas da contemporaneidade também fazem uso das redes sociais para divulgar o seu trabalho e a sua poesia. Ele diz que é preciso apoio por parte das políticas públicas. Assim, finalizamos o nosso passeio pelo mundo das cantorias, mas a nossa viagem não acaba aqui.

Você pode se perguntar: “O que tem a Literatura de Cordel a ver com as cantorias, com os repentes, com os desafios?”. Antes da poesia do Cordel ganhar vida por meio dos folhetos, ela se manifestou nas cantorias. Lembra das pelejas que aconteciam? Alguns autores começaram a transformar essa narrativa que fazia parte da oralidade e que estava presente na memória do povo (correndo o risco de ser esquecida) em poesia escrita, ou melhor, em Literatura de Cordel. Outras histórias foram surgindo e se espalhando por todo lugar. Hélder Pinheiro (2012, p. 21) nos

diz:

> Alguns nomes parecem ter vindo de outras terras, outros mares, mas as histórias se passam aqui mesmo, entre fazendeiros e moradores, nas caatingas e fazendas de gado. Aparecem reinos distantes, com seus reis e rainhas, príncipes e batalhas, mas também estão presentes Zezinho e Mariquinha, Iracema e João Grilo, em uma mistura bem própria da nossa cultura.

3.1.4 Leandro Gomes de Barros e os primeiros cordelistas

Os primeiros folhetos foram publicados em 1893 por Leandro Gomes de Barros, considerado o pai da Literatura de Cordel e o “príncipe dos poetas” por Carlos Drummond de Andrade. Como sabemos a poesia popular estava presente na oralidade, mas de forma escrita só foi possível quando Leandro iniciou o processo de editoração de cordel. No início, os poetas rejeitavam essa novidade, mas depois muitos foram seguindo os passos de Leandro. Um grupo destaque de poetas se forma, entre eles temos: Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde. Silvino Pirauá também adentra no grupo dos primeiros cordelistas, pois foi ele o primeiro a escrever romances em versos (HAURÉLIO, 2013).

A Fundação Casa de Rui Barbosa tem um site onde apresenta o Projeto “Folhetos de Papel: Memória de Cordel” em que oferece ao público a grande história de Leandro. O poeta Leandro Gomes de Barros nasceu em 19 de novembro de 1865 na Fazenda Melancia na cidade de Pombal na Paraíba. Quando ainda era criança ficou órfão de pai e mãe, indo morar com a família do Padre Vicente Xavier de Farias. Mudou-se para a cidade de Teixeira, também na Paraíba. Essa cidade é conhecida como um grande berço da Cultura Popular. Foi lá que ele se aproximou da arte de forma bastante intrínseca. Ele era apreciador da cantoria de viola, por isso ficou muito amigo dos poetas repentistas. Embora não fosse cantador, Leandro participou do Grupo do Teixeira, que reunia vários poetas. Ele também tinha acesso a muitos livros e tinha muito conhecimento por ser criado por um padre e também por interesse próprio. Sempre atento à sociedade e sua cultura, Leandro era um entusiasta da arte.

Tempos depois ele se muda para Pernambuco, morando em Vitória de Santo de Antão, bem como em Jaboatão dos Guararapes. Foi na capital

pernambucana que ele criou a sua própria tipografia e começou a editar e publicar os seus cordéis. As vendas eram feitas pelos correios para diversos leitores. Foi Leandro quem criou a profissão do folheteiro, vendedor responsável por divulgar e vender os cordéis. Depois, outros poetas também começaram a publicar de forma independente, pois:

> O sucesso comercial dos folhetos permitiu a alguns poetas a aquisição de equipamentos de impressão, graças à proliferação de jornais e à diminuição do preço dos equipamentos. Essas condições permitiram aos poetas adquirirem certa autonomia no processo de produção de suas obras literárias, desde a composição do poema até a sua comercialização. (BRASIL, 2018b, p.73)

Leandro casou-se com Venustiana Eulália de Barros com quem teve 4 filhos. Com o seu trabalho de poeta sustentou a família, pois vivia exclusivamente de sua arte. No dia 04 de março de 1918, deixando todos os seus textos para o seu genro Pedro Batista que seguiu editando e vendendo seus cordéis até o ano de 1920. Logo depois, a viúva de Leandro vende parte dos direitos para o poeta João Martins de Athayde.

Este fato veio a prejudicar a Literatura de Cordel produzida por Leandro, porque Athayde passou a editar algumas histórias de Leandro como se fosse suas. Quando não plagiava toda a obra, trocava algumas estrofes ou suprimia outras. Leandro já desconfiava de plágio em sua obra e prezando pelos direitos autorais, colocava notas na 4ª capa de seus cordéis conversando com seus leitores, informando que seus cordéis estariam com a sua fotografia. Muitas vezes, ele também fazia a última estrofe do cordel com acróstico, identificando-se como único autor de sua obra.

Na Fundação Casa de Rui Barbosa há um vasto acervo digital que busca valorizar e resgatar a Literatura de Cordel, intitulado “Cordel Literatura Popular em verso”. Diversos pesquisadores se reuniram para preservar e conservar os folhetos de cordéis antigos e raros. A fundação reúne mais de 9.000 folhetos digitalizados e disponíveis ao público para a leitura na íntegra. Além disso, há biografia dos poetas, bem como uma extensa bibliografia, o que inclui livros, teses, dissertações e artigos sobre a Literatura de Cordel. A Fundação Casa de Rui Barbosa divide os poetas de 1ª e 2ª geração. Os **poetas da 1ª geração** são:

- Antônio Ferreira da Cruz;
- Francisco das Chagas Batista;
- João Melquíades Ferreira da Silva;
- Severino Milanês da Silva;
- Silvino Pirauá de Lima;
- José Camelo de Melo Resende;
- Leandro Gomes de Barros.

Estes poetas deram vida à Literatura de Cordel, foram responsáveis por constituírem o público, as temáticas, as regras do cordel, etc. Os poetas da 2ª geração, por sua vez, são aqueles que ouvindo as narrativas do cordel, reescreveram dentro do seu próprio contexto, além de criarem novas histórias. São eles.

- João Martins de Athayde;
- Manuel Camilo dos Santos**;**
- José Pacheco**;**
- Manuel Pereira Sobrinho**;**
- João Ferreira de Lima**;**
- Minelvino Francisco Silva**;**
- José Soares**;**
- José Costa Leite**;**
- José João dos Santos (Azulão)**;**
- Raimundo Santa Helena**;**
- Rodolfo Coelho Cavalcanti**;**
- Manuel d'Almeida Filho**;**
- Francisco Sales Arêda**;**
- Gonçalo Ferreira da Silva

No que diz respeito às obras de Leandro Gomes de Barros há folhetos raros e originais do poeta. Também há folhetos de outros autores, em que podem ser encontrados cordéis reeditados que podem ser comparados com os do cordelista.

3.2 A ARTE DA XILOGRAVURA E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA DE CORDEL

As primeiras gravuras foram produzidas na China. Hata (1999) nos conta que "no ano 175, um clássico da literatura foi insculpido em pedra, a partir da qual se fizeram mil cópias. O processo consistia em aplicar um papel umedecido sobre a placa, amoldando-o aos ideogramas entalhados e entintando-o a seguir". De acordo com José Roberto Teixeira Leite (1966) apud Hata (1999, p.21):

> Gravura, arte e técnica que possibilita a representação de figuras ou formas, linhas, caracteres, etc., sobre qualquer superfície dura, em cavado (gravura em metal), relevo (gravura em madeira) ou planograficamente (gravura em pedra), mediante a utilização de buril, bisel, roseta, agulha ou mesmo qualquer outro instrumento. Em sentido lato, o mesmo que estampa.

Para Hata (1999) o termo gravura remete à ideia de técnica de impressão, porém a mesma palavra também é usada para as imagens resultantes da impressão. As gravuras em relevo, pode apresentar como base alguns materiais, como: a madeira (**xilogravura**), o linóleo[22] (linoleogravura) ou o zinco (zincografia), por exemplo. Em nosso estudo, destacaremos a xilogravura, por ser a arte mais associada à Literatura de Cordel atualmente. Muitos(as) cordelistas a utilizam na capa dos seus folhetos.

A xilogravura é uma obra artística em que desenhos ou palavras são entalhados na madeira formando uma espécie de carimbo que reproduz a imagem em papel. A maioria dos artistas pintam a parte em relevo de cor preta, e outros, como J. Borges costumam colorir a imagem. Geralmente, a madeira utilizada para a criação da xilogravura é a umburana (ROSINHA, 2010; MARINHO E PINHEIRO, 2012).

Para produzir a xilogravura, recomenda-se lixar várias vezes a madeira, deixando-a bem lisa para ser entalhada, e usar a goma laca, lixando novamente em seguida. Essas recomendações são do artista Nicolau Mello (2020)[23] que utiliza o

[22] Na técnica de linoleogravura, o processo é semelhante ao da xilogravura. Porém, em vez de madeira, utiliza-se uma placa de linóleo, um material emborrachado. O produto foi inventado pelo químico inglês Frederick Walton, na Inglaterra em 1860 (HATA, 1999)

[23] Nicolau Mello é artista plástico, design gráfico e xilogravador no Rio de Janeiro. Em seu canal no YouTube disponibiliza uma videoaula, ensinando como fazer uma xilogravura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IJPmHKt5950&t=1275s

compensado naval como base para as suas xilogravuras. Logo em seguida, o desenho é passado para a madeira com o auxílio de papel carbono ou de forma direta, se preferir. Em conversa com J.Borges, durante uma visita em seu ateliê no ano de 2021, ele afirmou que desenha diretamente na madeira. O seu processo criativo é cheio de afeto, pois ele ao olhar para a madeira, imagina exatamente o desenho ideal e preenche o espaço. A sua inspiração vem da cultura nordestina. Após o desenho feito, utiliza-se as ferramentas para entalhar a madeira, como goivas, estiletes e algumas facas (Figura 2).

Após o processo de entalhamento, as matrizes recebem a pintura. Os artistas geralmente usam tinta para xilogravura, tinta offset ou tinta à base d'água (de cor preta)[24], rolinho de pressão, papel de arroz e uma colher de pau durante o trabalho. Depois, as imagens são impressas e apreciadas.

José Francisco Borges (conhecido como J. Borges) é um dos artistas mais consagrados da Xilogravura. Além disso, é poeta cordelista, unindo duas manifestações artísticas: a Literatura de Cordel e a Xilogravura.

Figura 2 - J.Borges no processo criativo da xilogravura

Fonte: Folha de Pernambuco (2022)[25]

No ano de 2005, o Mestre J. Borges foi reconhecido como Patrimônio Vivo do

[24] Geralmente utiliza-se a cor preta. O mestre J.Borges também utiliza tintas coloridas em suas xilogravuras.

[25] A imagem faz parte do arquivo pessoal do Jornal Folha de Pernambuco. Disponível em: https://www.folhape.com.br/colunistas/papo-de-primeira/exposicao-inedita-de-j-borges-chega-a-sao-paulo/30384/

Estado de Pernambuco[26]. Um dos requisitos para esse título foi ter comprovada participação em atividades culturais há mais de 20 anos. Para J. Borges tal requisito não o preocupou, pois o artista começou a trabalhar com Xilogravura aos 20 anos de idade, portanto em 2005 ele já tinha 50 anos de envolvimento com a cultura popular.

O mestre nasceu na zona rural do município de Bezerros/PE, no dia 20 de dezembro de 1935. Após uma grande seca, aos 17 anos de idade, muda-se com a família para Ribeirão/PE e depois para Escada/PE. Em 1967, 15 anos depois, ele volta para Bezerros, constrói sua família e lá vive até hoje (BORGES, 2022a)[27]. Ele diz que gosta muito de crianças, por isso, construiu uma grande família, com 18 filhos biológicos e seis adotados.

J.Borges se considera autodidata, pois aprendeu por interesse próprio a arte da xilogravura. Percebeu que tinha muito jeito, e passou a produzir as xilogravuras que eram encomendadas pelos cordelistas e também usadas nas capas dos seus próprios cordéis. Ele afirma com muito orgulho que todos os seus filhos trabalham com a xilogravura. Alguns trabalham no ateliê do pai, e outros, como J.Miguel, têm seu próprio ateliê. Além disso, o mestre repassa seu saber a muitos jovens da cidade de Bezerros que encontram na arte uma fonte de renda. Esse fato é outro requisito que fez de J. Borges ser patrimônio vivo: estar capacitado a transmitir seus conhecimentos ou suas técnicas a alunos ou a aprendizes. Quem chega em seu ateliê é muito bem recebido pelo mestre e sua equipe. Ele é disposto a repassar os seus conhecimentos com muita humildade e sabedoria, e tem contribuído

> para a difusão da xilogravura por meio de palestras e encontros com crianças e adolescentes no seu ateliê, que abriga o Museu da Xilogravura e que, além de estudantes, recebe diariamente jornalistas e pesquisadores.

[26] O Registro de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco foi instituído pela Lei nº 12.196, de 2 de maio de 2002, disponível em: https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=1&numero=12196&complemento=0&ano=2002&tipo=&url= e alterada pela Lei nº 15.944, de 14 de dezembro de 2016), disponível em: https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=1&numero=15944&complemento=0&ano=2016&tipo=&url=. Em 2023, o concurso está em sua 18ª edição, sendo promovido pela Secretaria Estadual de Cultura (SECULT-PE) e pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE). De acordo com Macambira (2023, n.p): "Podem concorrer pessoas residentes ou domiciliadas em Pernambuco, e com atuação cultural há pelo menos duas décadas na preservação dos modos de fazer, técnicas e saberes da cultura tradicional ou popular pernambucana". Para conhecer outros mestres, mestras ou grupos culturais reconhecidos como Patrimônio Vivo, basta acessar o Portal da Cultura Pernambucana, disponível em: https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=1&numero=15944&complemento=0&ano=2016&tipo=&url=

[27] Entrevista realizada com J. Borges, em 29 de mar. de 2022 no Canal Mulher Versátil com Walkíria Diniz. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ljyTe_ONqyU&t=546s

> Por meio da imagem, J. Borges representa seu universo pessoal e social: expressa a vida no sertão, o imaginário, os costumes, os valores morais e experimenta outras técnicas de impressão, adicionando cores ao preto e branco recorrente (BRASIL, 2018b).

J. Borges diz que a sua maior inspiração é a vida. Ele gosta do que faz, e busca valorizar e fazer com que a cultura nordestina permaneça viva: “Eu me inspiro muito na vida, na vida do vaqueiro, na vida do gado, na história do Sertão, na vegetação, no dia a dia do povo do Sertão” (BORGES, 2022a). Com muita criatividade, imaginação, cores ele perpassa o saber com muita poesia. Em seu ateliê há muitos quadros com diversas xilogravuras, e as pessoas que apreciam podem ser levadas a imaginarem diversas narrativas por meio das imagens. J. Borges é um contador de histórias, e suas xilogravuras podem nos aproximar da arte literária. Ele já trabalhou em diversas profissões: pedreiro, pintor, carpinteiro, inclusive já foi vendedor de cordéis:

> Eu comecei a trabalhar com cordel, comprar em Recife e vender pelas feiras, mas como eu gostava muito e lia muito. Eu escrevi um cordel, na época não tinha quem ilustrasse, e eu tentei fazer. Em 1969 surgiu uns pintores que vieram do Rio. Eles andando em Caruaru se depararam com o meu trabalho lá nas capas dos cordéis e mostrou para Ariano Suassuna (que eu considerei sempre meu padrinho de arte). Ai Ariano disse: “Me traga ele terça-feira da semana que vem, aqui”. Ai eu fui, ele tava lá na reitoria, me atendeu muito bem. Ele mandou filmar. Chegou quatro jornalistas, fizeram matéria comigo. No sábado da mesma semana chegou um carro cheio de gente de Recife para me comprar trabalho. E até hoje, no bom sentido, eu não tive mais sossego na vida. (BORGES, 2022b).[28]

Ser valorizado pelo grande intelectual, poeta e também artista plástico Ariano Suassuna, fez com que surgissem muitas oportunidades para J.Borges, reconhecido com um dos maiores gravadores do país. Vejamos o que diz Ariano Suassuna (1993, p.152) *apud* Simões (2016, p.32):

> É por isso que cito sempre a par os nomes de José Francisco Borges e Gilvan Samico. O primeiro, autor de folhetos, é um homem do Povo. O segundo não é, mas tem seu trabalho profundamente ligado ao da xilogravura popular. A meu ver, são eles os dois maiores gravadores do Brasil.

O artista J.Borges é, de fato, um dos maiores gravadores do nosso país. Com

[28] O mestre conta, em reportagem para a TV Brasil. **Caminhos da Reportagem | Xilogravura: a maestria da madeira**. 23 de maio. de 2022b. [*S. l.*]: Canal TV Brasil. 1 vídeo (27min:23seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YGhGJswuONY&t=289s Acesso em: 20 de abr. de 2023.

87 anos de idade e 67 anos de trabalho com a arte, o mestre já produziu diversas xilogravuras e escreveu muitos títulos de cordéis, participando de exposições em vários países. Além disso, já recebeu muitos prêmios e homenagens, e foi objeto de pesquisas nas universidades.

A xilogravura tem uma identidade própria, não se encontra somente nas capas dos cordéis. Maria Bonomi, por exemplo, cria gravuras em grandes dimensões. Para ela todo espaço pode ser uma matriz que reproduz sentimentos com muita afetividade:

> A ideia que me guia, todo espaço pode ser uma grande matriz, e nós construímos pensamentos, questões nesse espaço que são para a leitura de todos. Ao artista cabe despertar (de uma maneira, no meu caso, gráfico) essa possibilidade de vivencia da arte, como um momento de se salvar o lado humano do ser, a sensibilidade do ser, a emoção do ser (BONOMI, 2022).

Foi assim que no ano de 2004, Maria Bonomi trabalhou em sua maior obra pública, o Painel Epopeia Paulista (Figura 4) na Estação da Luz. Foi nesta estação que Bonomi desceu, quando chegou da Itália com o seu avô em 1946, aos 11 anos de idade.[29]

Figura 3- Epopeia paulista, obra de Maria Bonomi

Fonte: Bonomi (2004)[30]

[29] Podemos encontrar a biografia completa da artista Maria Bonomi em seu site: http://www.mariabonomi.com.br/artista_biografia.asp. Além disso, podemos encontrar uma galeria com suas principais xilogravuras.

[30] Descrição da obra: Epopéia Paulista, 2004 - concreto pigmentado, 7300 x 300cm - estação de metrô Luz, São Paulo. Disponível em: http://www.mariabonomi.com.br/obras-arte-publica.asp?pa=3&mt=3

De acordo com Nunes (2004, n.p):

> Com 73 metros de comprimento por 3 de altura, a obra é formada por 150 placas de concreto moldadas a partir de matrizes de madeira trabalhadas por um seleto grupo de artistas, quatro artesãos e centenas de pessoas que voluntariamente deixaram suas marcas. O processo começou no estúdio de Maria, mas o espaço ficou pequeno e ela aceitou o convite do Museu de Arte Contemporânea da USP para montar seu ateliê no local.

Bonomi (2022) afirma que a xilogravura é uma linguagem muito poderosa, pois por meio da madeira, podemos expressar nossos sentimentos, multiplicando-os para um grande público. Esse movimento é um "captador de energia", afirma a artista.

Outro artista que aprecia a xilogravura é Derlon Almeida de Lima[31], ou simplesmente Derlon, como é conhecido, utiliza "a estética visual da xilogravura ao graffiti e criou um estilo próprio que estabelece vínculos alternativos entre a arte culta, de galeria e a popular, das ruas" (LIRA, 2019, p.28). Por meio das suas obras, busca valorizar a riqueza as diversidade cultural. Derlon nasceu em Recife/PE, no dia 27 de março de 1985. Atualmente, reside e trabalha em São Paulo e sente muita saudade da sua infância, dos vizinhos, da comida pernambucana. Ele afirma ser bem saudosista, e que busca nunca perder a sua essência, por isso retrata com intensidade a cultura nordestina: "Como sou muito saudosista, tenho essa coisa da lembrança, da memória que se perpetua muito na minha obra. Ela é carregada desse sentimentalismo, desse resgate do passado". Sobre as pinturas baseadas na xilogravura, Lima (2022)[32] afirma:

> Eu tento tirar o máximo possível o efeito do pincel. Por isso que deixo a tinta bem fraca. Ela dá essa impressão também de xilogravura, de uma impressão. [...] Até a forma de pintar, seja no pincel ou em murais com tinta spray, tem uma certa dança que lembra o movimento de cavar uma madeira.

---

[31] Mais informações sobre o artista pode ser encontrada em seu site: https://www.derlon.com.br/about-1

[32] O artista explica, em reportagem para a TV Brasil. **Caminhos da Reportagem | Xilogravura: a maestria da madeira**. 23 de maio. de 2022b. [*S. l.*]: Canal TV Brasil. 1 vídeo (27min:23seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YGhGJswuONY&t=289s Acesso em: 20 de abr. de 2023.

É comum as pessoas associarem a xilogravura ao cordel, Derlon diz que já escutou inclusive a expressão “desenho de cordel”. Porém, ele faz questão de buscar uma identidade para os seus desenhos por meio da comunicação. A partir das pinturas em murais, “transportando a estética” da xilogravura para o mural, o artista se comunica com as pessoas que por ali passam.

As xilogravuras têm forte relação com a Literatura de Cordel, porque também são utilizadas para estampar as capas dos folhetos. Nascimento (2018, p. 95-96), afirma que a capa pode chamar a atenção do(a) leitor(a): “Essa arte ilustra as capas do cordel e diz muito a respeito da obra a ser lida: é uma forma de proporcionar ao leitor um primeiro contato com o texto”.

Porém, nem sempre a xilogravura foi utilizada pelos cordelistas. Na origem do Cordel, a ilustração não estava presente: “No início, eram usadas as “capas cegas”, sem qualquer imagem nas capas dos folhetos. Em alguns casos, vinhetas e arabescos emolduravam o nome do autor ou o título da obra” (HAURÉLIO, 2019, p.103). De acordo com Marco Haurélio (2019), a primeira xilogravura utilizada na Literatura de Cordel foi a que ilustrou a capa do folheto *A história de Antônio Silvino* escrito por Francisco das Chagas Batista no ano de 1907. Algo muito raro, pois o mais comum, além das capas cegas, eram utilizar desenhos, fotografias e até mesmo imagens de cartões-postais na capa dos cordéis. Nas gráficas responsáveis pelas edições dos cordéis, haviam profissionais que se dedicavam na criação de desenhos para ilustrar os cordéis. Haurélio nos apresenta alguns artistas, como: Maria de Athayde e Ângelo Abreu do Nascimento. De acordo com Peregrino (1984 *apud* HAURÉLIO, 2019) a xilogravura começa a ganhar espaço na Literatura de Cordel aproximadamente no ano de 1933 nos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e, inclusive, em Pernambuco na cidade de Vitória de Santo Antão.

Atualmente, além das capas em xilogravuras, alguns cordelistas encomendam as suas capas em ilustraxilo (Figura 4).

Figura 4- Folhetos de cordéis com capas em ilustraxilo

Fonte: A autora (2023)[33]

O mestre artesão Edilson Oliveira[34] da cidade de Goiana/PE, além de produzir xilogravuras realiza um trabalho com a ilustraxilo. Quando um(a) cordelista entra em contato com o mestre, contando a sua história em cordel e propondo uma ideia de capa, Edilson ajuda a construir, e o processo acontece primeiramente de forma manual, em que o artista faz o desenho, utilizando lápis e papel comum. Edilson utiliza traços da gravura tradicional em seus desenhos. Logo após, a arte é escaneada e com ajuda de um software de vetoração, o artista realiza os ajustes necessários, utilizando filtros, fontes e adornos. Vários cordelistas realizam encomenda de ilustraxilo, como por exemplo, Érica Montenegro Mélo e Shamara Paz. Dessa maneira, as imagens vão ganhando vida, reproduzindo arte, afetos, sentimentos e cultura.

3.3 A LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA

> A poesia é uma coisa assim: nasce sem a gente saber como ou onde. Ela pode estar numa folha seca ou caindo de uma mangueira ou no canto de um passarinho, quando a gente o ouve, distraído. Ou pode estar num verso que, lido assim, de repente, faz a gente descobrir que o poeta está falando da gente. Você até diz: “Epa, isto é comigo!”. (ZIRALDO, 2003, p.4)

[33] MÉLO, Érica Montenegro. **Ruth Rocha**: vou te contar essa história. Recife: Editora Coqueiro, 2021.
PAZ, Shamara. **Joãozinho e o Mamulengo.** [s.n.]. Glória do Goitá, 2021.
MÉLO, Érica Montenegro. A boneca e as três princesas. Recife: Editora Coqueiro, 2021.

[34] Edilson Oliveira nasceu em Goiana/PE, no dia 16 de novembro de 1981. Ele é um artista multifacetado: xilogravador, ceramista/escultor figurativo, artista visual, desenhista. Algumas xilogravuras do artista podem ser encontradas em seu blog: http://edilsonoliveiras.blogspot.com/p/xilogravuras.html

A Literatura de Cordel, sinônimo de poesia popular em versos, ainda tem pouco espaço na sala de aula. Na maioria das vezes, é trabalhada numa abordagem conteudística em que é utilizada como pretexto para ensinar algum conteúdo específico da grade curricular. Muitas vezes os cordéis que chegam à escola é para informar, ensinar gramática, história, e outras disciplinas (PINHEIRO, 2018a). Dessa forma, o cordel vai perdendo a beleza da fantasia e da narrativa, e não possibilita que os alunos ampliem seus horizontes, compartilhem suas experiências, e produzam sentidos. Silva (2006, p. 112) corrobora com esse pensamento ao afirmar que

> a escola parece ainda não ter conseguido se adaptar às exigências do mundo contemporâneo no que se refere ao tratamento dado à literatura, ainda trabalhada como objeto autônomo, distante das interferências criativas dos alunos leitores. Ainda se fazem análises tradicionais [...] e enfatizam a leitura como uma obrigação sempre atrelada aos exercícios escolares.

Aos poucos esse contexto precisa mudar e dar espaço à uma literatura plural, dinâmica e dialógica, em que de fato, se leia a obra literária na sala de aula, e busque dar espaço e voz aos alunos, experenciando, assim a obra literária.

Medeiros e Alves (2014, p.49) afirmam que o trabalho com a poesia em sala de aula ainda não é intenso, principalmente, “quando advém do meio popular. [...] Uma vez que se tem a visão de que a cultura popular não faz parte de nossa literatura nacional”.

Em nosso estudo, defendemos um trabalho com a leitura literária, sobretudo, a Literatura de Cordel, voltado para a experiência estética da obra. Defendemos uma educação literária na escola que dê espaço a outras manifestações culturais, e não somente ao cânone, como propõe Pinheiro (2013, p.35).

> Devemos ler e levar ao espaço escolar toda manifestação artística, de qualquer grupo ou classe social, veiculada por diferentes suportes – oral ou escrito. E por que fazê-lo? Porque toda vivência artística, de qualquer grupo, comunica uma experiência peculiar do mundo. É preciso ouvir a experiência do outro não como menor, ou menos universal, mas como diferente.

Silva (2006, p.87) também reforça: “É preciso considerar que várias obras, apesar de não terem grande representatividade no cânone, merecem ser lidas e estudadas pela riqueza temática e estética que apresentam”. Além disso, a BNCC, contempla o trabalho com a literatura, como podemos observar na terceira

competência geral da Educação Básica: Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2018, P.9).

A BNCC apresenta os campos de atuação em que as práticas de linguagem (leitura de textos, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica) se realizam. São quatro campos para os anos iniciais:

- Campo da vida cotidiana;
- Campo artístico-literário;
- Campo das práticas de estudo e pesquisa;
- Campo da vida pública.

Nos debruçaremos sobre o campo artístico-literário, em que a BNCC define:

> Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, **cordéis**, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros. (BRASIL, 2018, p.96, grifo meu)

Nesse campo, busca-se possibilitar o acesso das diversas manifestações artísticas, oferecendo “as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações” (BRASIL, 2018, p.138). O documento ainda destaca a relevância do campo artístico literário para o exercício da empatia e do diálogo, ajudando os (as) alunos (as) a compreender a si mesmo e os outros numa atitude de respeito. Na área de Linguagem, mais especificamente no Componente de Língua Portuguesa, a BNCC nos apresenta as competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. Entre as dez competências, destacaremos a de número nove, que diz:

> Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como **formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador** da experiência com a literatura. (BRASIL, 2018, p.87, grifos nossos)

Entre os gêneros sugeridos pela BNCC, o professor pode buscar realizar

suas experiências literárias durante o ano letivo, realizando escolhas de acordo com a sua comunidade de leitores. Em nosso estudo, optamos pelo Cordel, pois é um gênero literário que pode possibilitar aos alunos a capacidade de construir uma leitura complexa, gerando muito mais sentidos do que se imagina (BAJOUR, 2012). Destacaremos as habilidades da BNCC direcionadas para as turmas de 3º ao 5º ano, em relação ao campo artístico-literário para trabalharmos com os gêneros literários em sala de aula. Vejamos um recorte no Quadro 2.

Quadro 2- Habilidades paras as turmas de 1º ao 5º ano- Campo artístico-literário

HABILIDADES CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO 1º AO 5º ANO
(EF15LP15) Reconhecer que os **textos literários** fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.
(EF15LP17) Apreciar poemas visuais e concretos, observando efeitos de sentido criados pelo formato do texto na página, distribuição e diagramação das letras, pelas ilustrações e por outros efeitos visuais.
(EF15LP18) Relacionar texto com **ilustrações** e outros recursos gráficos.
(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.
(EF35LP21) Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
(EF35LP22) Perceber diálogos em textos narrativos, observando o efeito de sentido de verbos de enunciação e, se for o caso, o uso de variedades linguísticas no discurso direto.
(EF35LP23) Apreciar **poemas** e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido.
(EF35LP24) Identificar funções do texto dramático (escrito para ser encenado) e sua organização por meio de diálogos entre personagens e marcadores das falas das personagens e de cena.
(EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.
(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.
(EF35LP27) Ler e compreender, com certa autonomia, **textos em versos**, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros.
(EF35LP28) Declamar poemas, com entonação, postura e interpretação adequadas.
(EF03LP27) Recitar **cordel** e cantar repentes e emboladas, observando as rimas e obedecendo ao ritmo e à melodia.
(EF04LP25) Representar cenas de textos dramáticos, reproduzindo as falas das personagens, de acordo com as rubricas de interpretação e movimento indicadas pelo autor.
(EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.
(EF35LP30) Diferenciar discurso indireto e discurso direto, determinando o efeito de sentido de verbos de enunciação e explicando o uso de variedades linguísticas no discurso direto, quando for o caso.
(EF35LP31) Identificar, em textos versificados, efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos

rítmicos e sonoros e de metáforas.
(EF04LP26) Observar, em poemas concretos, o formato, a distribuição e a diagramação das letras do texto na página.
(EF04LP27) Identificar, em textos dramáticos, marcadores das falas das personagens e de cena.
(EF05LP28) Observar, em ciberpoemas e minicontos infantis em mídia digital, os recursos multissemióticos presentes nesses textos digitais.

Fonte: Brasil (2018, grifo nosso)

Observamos nas habilidades, que apesar do cordel ser citado somente na turma de 3º ano, ele pode ser trabalhado em qualquer ano, pois a Literatura de Cordel é, antes de tudo, poesia. Sabemos que a poesia encontra-se na vida. Somos permeados por palavras, gestos, sentimentos e emoções. Cada lugar é (re)construído por experiências singulares.

Tendo revisitado as habilidades referentes ao campo artístico-literário, vamos agora refletir sobre as possíveis **abordagens metodológicas** para vivenciarmos a Literatura de Cordel na sala de aula durante o ano letivo, e não somente em festividades ou para ensinar conteúdos.

Nossa perspectiva metodológica privilegia “uma aproximação mais sensível do texto literário” (PINHEIRO, 2008b). Essa aproximação pode se dar pela **leitura em voz alta**, mais especificamente, a leitura feita pelo professor. O cordel foi feito para ser declamado ou até mesmo cantado. A leitura oral do cordel “revela facilmente a riqueza e a amplitude da voz”. (idem, 2013, p. 40). É preciso que os professores se entreguem à leitura do folheto que será lido em sala de aula, conhecendo cada detalhe, cada tom, lendo e relendo.

O Cordel é uma obra polissêmica e dialógica, sabendo disso, uma das principais ações que podemos realizar na sala de aula é a **leitura compartilhada** do folheto. Petit (2009a, p.12) afirma que “compartilhar histórias lidas ou contadas dá, às vezes, o sentimento de que os pertencimentos podem ser mais flexíveis”. Dessa forma, fortalecemos a nossa comunidade de leitores, e os alunos passam a fazer parte do processo criador da obra literária. A leitura compartilhada permite uma rica troca de experiências, em que o professor como mediador, passa a ouvir atentamente e sensivelmente os alunos e respeitando suas emoções. Não há um único sentido pronto e acabado do texto lido, mas uma colcha de retalhos vai se formando, e cada contribuição é importante (COLOMER, 2007).

Outra sugestão de trabalho com o cordel é o **jogo dramático**, que acontece justamente interligado à escuta da leitura em voz alta e à leitura compartilhada.

Trata-se de uma ação espontânea do leitor, que reage durante a leitura e se expressa por meio das palavras, mas também do corpo, entre gestos e voz. Esse trabalho envolve uma **performance**. De acordo com Zumthor (2000, p.78):

> O texto poético significa o mundo. É pelo corpo que o sentido é aí percebido. O mundo tal como existe fora de mim não é em si mesmo intocável, ele é sempre de maneira primordial, da ordem sensível: do visível, do audível, do tangível. O mundo que me significa o texto poético é necessariamente dessa ordem; ele é muito mais do que o objeto de um discurso informativo.

Dessa maneira, é notável que o trabalho com a literatura de cordel em sala de aula abrange muito mais que “obedecer às rimas”; trata-se de um processo complexo que envolve voz e corpo, numa leitura literária permeada pela sensibilidade dos sujeitos envolvidos nesse processo que é dialógico, nunca solitário. O espaço, o contexto, os sujeitos precisam ser levados em consideração, pois, a presença do cordel na sala de aula, muito mais que um texto escrito, possibilita o contato com diferentes vozes. Assim, o trabalho com a literatura de cordel envolve uma performance, “um modo vivo de comunicação poética” (ZUMTHOR, 2000, p.34). A leitura do cordel possibilita um entrelaço entre as pessoas que leem juntas, escutam e dialogam, o que implica sensações, gestos, movimentos, olhares, sentimentos, etc. Quando alguém recita um cordel, há outro alguém que escuta. Escutar o outro é sempre um processo dialógico, “é ouvir no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte” (ZUMTHOR, 2000, p.84). Neste momento a leitura se encontra com a palavra não dita, mas vista, sentida (BAJOUR, 2012) por meio de uma sinestesia.

Marinho e Pinheiro (2012) apresentam algumas sugestões para o trabalho com o cordel. Eles propõem o trabalho com a **xilogravura**, entrelaçando assim duas grandes artes. Silva (2006, p.82) afirma que “trabalhar a literatura com base em abordagens intertextuais, interdisciplinares, transversais e intersemióticas permite ao aluno desenvolver uma compreensão mais crítica do fenômeno literário integrado às práticas socioculturais”. No trabalho com a xilogravura, os alunos podem conhecer diversos artistas e suas obras, e podem, inclusive, produzir suas próprias xilogravuras. O professor pode entrar em contato com artistas xilogravadores e marcar uma oficina de xilogravura na escola, permitindo, assim, o contato dos alunos com os artistas contemporâneos.

Outra proposta é o trabalho com o **reconto do cordel**. Após a leitura compartilhada, os alunos podem recontar a história com as suas próprias **palavras** e imagens, ou somente **ilustrações**. É uma “forma de o aluno recriar o intertexto literário e assumir o papel de coprodutor do texto a partir de sua leitura” (SILVA, 2006, p.109).

Marinho e Pinheiro (2012) propõe atividades que envolvam toda a comunidade escolar, como por exemplo, uma **Feira Literária**. Artistas da cidade ou região podem ser convidados a irem até a escola compartilharem suas experiências com os alunos. Durante a feira, os alunos também podem declamar os cordéis, apresentarem seminários, realizar exposições de suas obras, como as xilogravuras, etc. Dependendo do planejamento dos professores, na feira pode acontecer diversas atividades.

Muitas são as possibilidades de trabalhar com o cordel em sala de aula. O professor ao longo dos seus estudos, pode adaptar as sugestões a sua realidade e também criar novas atividades.

Destacamos que o trabalho com a Literatura de Cordel na sala de aula, envolve muito mais que compreender o texto. Afinal, o Cordel é um texto literário, que pode estar diante de interpretações múltiplas. Portanto, mais que se preocupar que as crianças compreendam o texto literário, interessa-nos buscar meios para que as elas estejam diante de leituras que sejam pontes entre a cultura, os livros, e sobretudo a vida. Textos que muito mais que transmitir respostas prontas e acabadas, são textos que escutam os leitores.

Helder Pinheiro (2008a) no artigo *Literatura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos*, afirma que as ausências da literatura de cordel e também de outras manifestações da cultura popular nas escolas estão relacionadas à insuficiência na formação de professores e professoras. O cordel precisa de um espaço e uma perspectiva adequada na sala de aula, pois trata-se de “um viés da cultura que se movimenta, se renova e nem sempre é anônima” (PINHEIRO, SOUZA e GARCIA, 2011, p. 53). A leitura oral da Literatura de Cordel precisa urgentemente fazer parte do projeto político-pedagógico das escolas, precisa fazer parte do cotidiano escolar. Não se pode limitar a uma festa específica, pois trata-se de experiências de vida, por isso é importante que o professor seja também um **professor-pesquisador**, buscando compreender conceitos, benefícios, metodologias e outros pontos do que adentra ou pode adentrar na escola, sobretudo

na sua sala de aula. As escolhas que fazemos em sala de aula partem muito das concepções que carregamos implícitas ou explicitamente. São elas que determinam as opções. Pinheiro (2008a, p.17) ainda nos convida a refletir, nos questionando: “Que concepção tenho sobre cultura popular? Que valor tem, para mim, determinadas manifestações desta cultura? Que tempo já dediquei à leitura sobre cultura popular ou sobre algumas de suas manifestações?”. Ampliando estas reflexões, podemos pensar na Literatura de Cordel enquanto Literatura, enquanto obra literária e pensarmos nas possiblidades com o seu trabalho. Este trabalho precisa ser conduzido pela experiência lúdica com as palavras, com a imaginação, com a criatividade, principalmente quando envolve práticas com as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental.

Direcionamos o olhar para os cursos de formação de professores de Língua Portuguesa, pois diante de um cenário tão reducionista do trabalho com a Literatura de Cordel, é urgente que haja uma preparação de professores para serem também **mediadores de leitura literária**. Há uma visão distorcida de que os estudantes do curso de Letras já tenham experiências com o texto literário (PINHEIRO, 2018b), porém o professor em formação real, na maioria das vezes, traz em sua bagagem de estudante experiências não tão ricas com a leitura, principalmente leitura de poemas.

Na obra *Poesia da sala de aula*, Hélder Pinheiro (2018b) apresenta experiências bastante ricas vivenciadas na Universidade Federal de Campina Grande- UFCG. Ele nos fala da necessidade de abordar o poema privilegiando a sensibilização do leitor, desse aluno da graduação em Letras. Nem sempre os universitários tiveram um contato significativo com o texto literário. Pinheiro reforça: “Trabalhar a sensibilização não significa deixar de lado as questões de caráter formal e teórico.” Assim, o professor nos apresenta uma experiência na disciplina de Teoria da Literatura. O docente e os alunos criaram o “Grupo Bagagem”, em que os participantes reuniam-se para ler diversos poemas, discutiam, faziam leitura silenciosa e oral, etc. Em casa, buscavam melhorar a leitura. Eles escolhiam determinado poeta, organizavam antologias, socializavam leituras, trocavam livros, etc. Assim, eles se apresentavam em vários lugares, espalhando poesia. Faziam descobertas e cada vez se aproximavam mais dos poemas, até que estavam realizando uma experiência corporal, uma forma de “encenação”, e até se apresentavam na universidade e em outros locais. Será que se todos os cursos de

Letras realizassem experiências como essas, os professores de Língua Portuguesa não estariam hoje com menos dificuldade frente ao trabalho com a poesia na sala de aula? Alguns depoimentos apresentados por Pinheiro (2018b) reforçam a importância dessa prática na formação dos professores. Um deles declara (p.72): “Participar do grupo “Bagagem” foi uma oportunidade de me relacionar com a poesia de forma mais concreta, mais física para mim. Foi encontrá-la, senti-la, gritá-la, vesti-la. Foi experimentá-la de várias formas, o suficiente para nunca mais me livrar dela...”. Percebemos pelo entusiasmo do depoimento que o trabalho realizado na universidade pode contribuir muito para o fazer-pedagógico dos professores, promovendo uma Educação Literária exitosa.

3.4 LITERATURA DE CORDEL, PERFORMANCE E JOGO DRAMÁTICO

> A falta de jogo pode significar uma parte de si mesmo permanentemente perdida. (SLADE, 1978, p.20)

Em nosso trabalho buscamos fortalecer uma educação dialógica favorecendo a leitura compartilhada da Literatura de Cordel. Para tanto, lançamos mão do jogo dramático em nossas experiências literárias. De acordo com Pinheiro (2018), o jogo dramático contribui para a criação coletiva promovendo uma experiência lúdica com a comunidade de leitores.

Quando falamos em **Jogo dramático**, nos debruçamos na conceituação de Peter Slade (1978, p. 17) que em seu livro *O jogo Dramático Infantil* diz: “O Jogo Dramático Infantil é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos”. Por isso, o jogo dramático não se trata de teatro com roteiros a serem seguidos, e sim, de uma experiência espontânea em que as crianças podem “pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver” (SLADE, 1978, p.18).

A leitura de cordéis favorece a arte do jogo dramático. Durante a leitura em voz alta, as crianças podem brincar e dar espaço à criatividade e à imaginação. Slade (1978) afirma que o jogo dramático só encontra lugar na sala de aula mediante uma relação efetiva e afetiva entre o professor (mediador) e as crianças. Ele explica que não se trata de imposição ou interferência, mas de um processo de nutrição que se dá por meio da confiança. No jogo dramático todos podem participar,

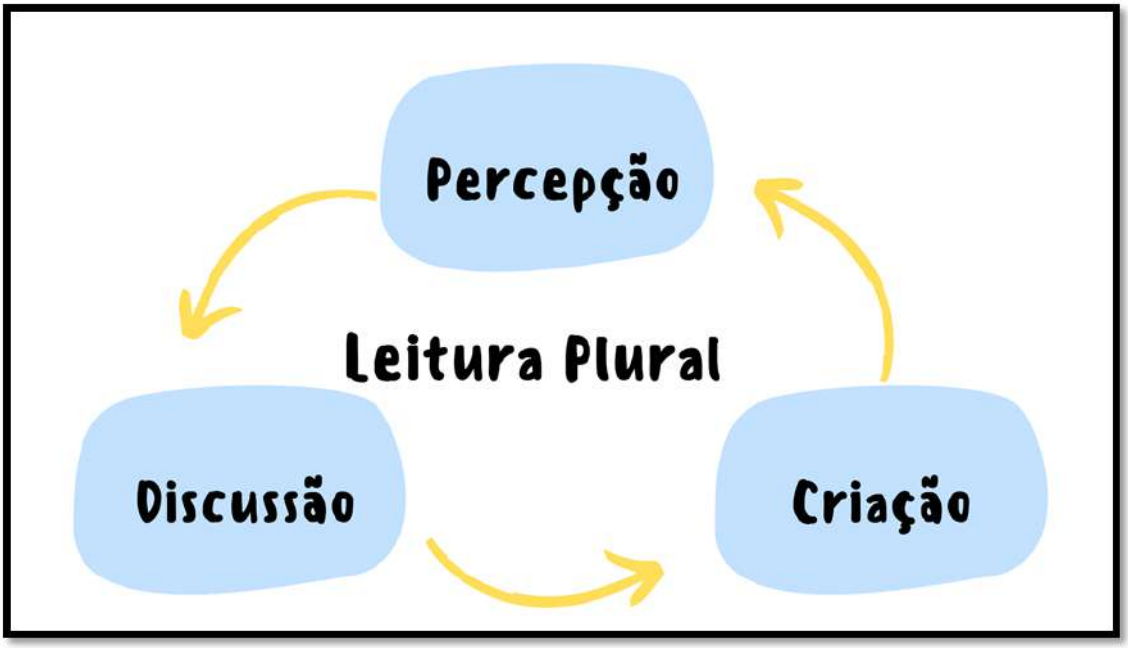
pois:

> a ação tem lugar por toda parte em volta de nós e não existe a questão de quem deve representar para quem e quem deve ficar sentado vendo quem fazer o quê. É uma experiência viril e excitante, na qual a tarefa do professor é a de aliado amoroso. (SLADE, 1978, p. 18)

Atrelado ao jogo dramático está a **performance**, que de acordo com Zumthor (1997) é um momento privilegiado em que o enunciado é materializado. Paul Zumthor destaca a importância da voz humana, os movimentos corporais, olhares e gestos, e afirma que o verbo poético requer o calor do contato. Para ele, o leitor-ouvinte torna-se um coautor da obra quando a experimenta e preenche o texto com novos significados. Essas experiências aproximam cada vez mais os leitores do poema, num entrelaçamento permeado por gestos, voz e movimentos. Dessa forma, durante a leitura de cordéis os leitores estabelecem uma conexão com a obra e o autor e podem expressar seus sentimentos e emoções durante a leitura.

Corroborando com esse pensamento, Souza, G. (2012) afirma que a poesia tem um forte vínculo com a voz e com o movimento do corpo e nos faz relembrar as possíveis experiências sensoriais e corporais que tivemos na infância, como as cantigas de rodas e as brincadeiras. A autora propõe atividades com o poema, partindo das sensações que o texto pode provocar no leitor chegando a uma leitura plural (Figura 5).

Figura 5- Leitura Plural



Fonte: baseado em Souza, G. (2012)

Na **Percepção** as atividades podem levar os alunos a sentirem o poema por meio da leitura/audição. “Podem ser atividades relativas ao movimento do corpo no espaço [...], à descoberta de sons [...] ou à apreciação de imagens.” (SOUSA, G. 2012, p.85). Na **Discussão**, o propósito é permitir que os alunos compartilhem as suas singulares experiências a partir da leitura do texto. Assim, novos significados são construídos por cada leitor. Os alunos são levados a considerar e valorizar a sua história de vida, a história da comunidade em que estão inseridos. Na **Criação**, as atividades têm um toque de “fazer-poético” em que os alunos irão experimentar suas próprias composições poéticas, seja por meio da escrita, dos gestos, desenhos, etc. Quando a criança tem a oportunidade de criar “a linguagem pode ser um brinquedo, um jogo, cuja única (ou pelo menos a principal) motivação é justamente o prazer de descobrir e inventar palavras, adivinhar e inverter sentidos, explorar ritmos, sonoridades, repetições e coincidências” (CUNHA L., 2012, p.66). Como coautoras do texto literário, “as crianças são artistas criativos. [...] Usam a experiência de vida para enriquecimento, experimentação e prova” (SLADE, 1978, P.35). Essas ações acontecem por meio do encorajamento à improvisação, ao movimento. Slade afirma que as crianças precisam de oportunidade e nos orienta a valorizarmos as ações das crianças: “Fique satisfeitos com começos pequenos, pois as coisas pequenas são realmente grandes” (SLADE, 1978, p.42). As crianças possuem um incrível potencial. Cada reação delas diante da leitura, seja por meio de palavras, gestos ou silêncios, são oportunidades que elas têm de se expressarem e de serem ouvidas: Nesse momento, as crianças repartem conosco importantes segredos pessoais; trata-se de uma confissão; elas encontram alívio na nossa amizade. Não podemos fazê-las se calarem ou repreendê-las. (SLADE, 1978, p.52).

Sabemos que o Cordel possui um forte vínculo com a oralidade, pois antes de serem escritas, as histórias dos cordéis eram narradas, cantadas e contadas de geração em geração por meio das rodas de conversas, das cantorias, das declamações. Os vendedores de cordéis, bem como os poetas, declamavam os versos em voz alta para que os leitores-clientes se interessassem pela obra e fossem assim convencidos a comprar (ABREU, 1999). Não era o folheto em si que chamava a atenção das pessoas, mas o modo como a voz poética suscitava a sensibilidade dos ouvintes. Zumthor (2005) apud Martins (2012, p. 151) afirma: Sonhos só existem quando verdadeiramente narrados.

Dessa forma, a leitura de cordéis na sala de aula envolve uma situação de

escuta numa relação dialógica em que os alunos escutam o cordel lido pelo mediador em voz alta, e o mediador escuta os alunos por meio de suas ações performáticas que envolve todo o jogo dramático. Assim, Zumthor (1997, p.157) nos diz que:

> Performance implica competência. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios lingüísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo. E pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama emanação do nosso ser.

Há todo um envolvimento durante a leitura do texto literário entre o leitor/ouvinte, o leitor/mediador e obra. A entonação do mediador de leitura, o movimento do corpo, a musicalidade, a leitura em voz alta, os gestos, sons, silêncios, enfim todo o conjunto de elementos que compõem a performance, dando vida à comunicação poética (ZUMTHOR, 1997).

Por esse caminho vamos criando uma empatia que é um ponto crucial para as vivências literárias. Os alunos vão se constituindo protagonistas de sua história e sua cultura. Trata-se de um processo de construção conjunta em que os professores também aprendem com os alunos:

> Estamos fazendo isso todos juntos. Não sou apenas eu contando uma história. Mais tarde, elas poderão participar da criação mais completamente ainda. Por exemplo, uma das ideias pode ficar de fora, ou você pode parar de repente e dizer algo como: “E o que vocês acham que aconteceu então?” ou “Quem é que vocês pensam que eles viram andando pela rua?”. Tais oportunidades para entrar e participar são prontamente aceitas pelas crianças após apenas um pouco de experiências nesse trabalho. Professores que se preocupam com a sensação de incapacidade de inventar histórias com facilidade podem se animar com isso. Mais tarde, as crianças serão capazes de inventar histórias completamente sozinhas, mas até então elas nos ajudarão muitas vezes, se as nossas ideias se esgotarem. (SLADE, 1978, p. 42)

Dessa maneira, a performance e o jogo dramático precisam adentrar em nossas experiências literárias envolvendo a Literatura de Cordel na sala de aula, pois “estimulam a experiência estética de invenção, de devaneio poético” PINHEIRO, 2018a, p.97). Concluímos este tópico com um pensamento de Peter Slade (1978, p.95) que nos lembra o seguinte:

> Antes de começar, devemos amar a criança, amar o trabalho, e saber por que o estamos fazendo. [...] Se não conseguimos amar a todos os momentos, por causa do cansaço, então temos que desenvolver um profundo senso de justiça. Pois na raiz de toda oportunidade criativa repousa uma justiça elementar para com a criança. Junto com a criança constrói-se uma sabedoria e vivencia-se uma partilha emocional. E disso cresce o indefinível conhecimento da vida que constitui para a criança uma educação no mais completo sentido da palavra.

4 O CORDEL NA SALA DE AULA: JUVENAL E O DRAGÃO

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa. Sendo uma pesquisa de natureza aplicada, objetiva analisar como as crianças do 4º ano do Ensino Fundamental dialogam e vivenciam a leitura com o Cordel A história de Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros, em Rodas de Conversas Literárias, e com o livro ilustrado em que Rosinha reconta a mesma história.

Trata-se de uma pesquisa social, colaborativa e dialógica (THIOLLENT, 1986). Neste trabalho, a professora-pesquisadora realiza uma proposta de intervenção a partir de uma problemática presente na escola, com ações didáticas envolvendo os participantes. Por meio de reflexões, colaboração das pessoas enquanto atores e não simplesmente como informantes. Esse tipo de pesquisa nunca é feito somente pelo pesquisador, mas sim, por todos os envolvidos no local (na escola), ou seja, é uma pesquisa cooperativa que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2007, p.21).

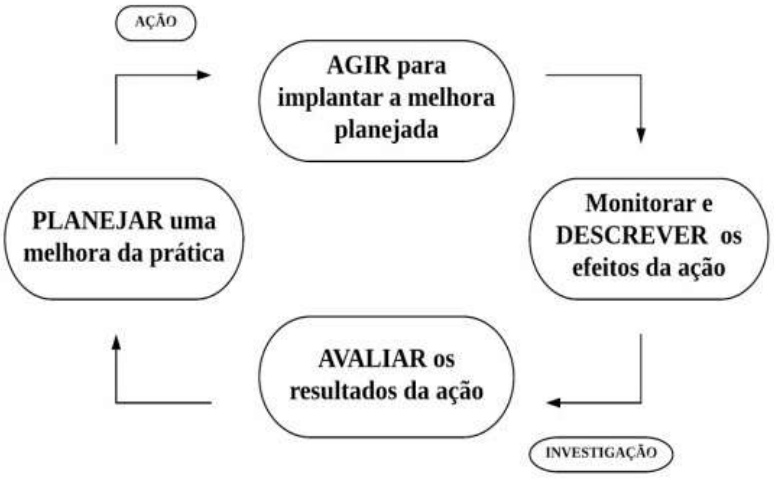
A pesquisa-ação tem uma abordagem qualitativa de natureza aplicada. Esta metodologia auxilia o pesquisador a se aproximar da realidade e da problemática de uma forma mais significativa, sem intenção de levantar dados estatísticos (MINAYO, 2007), aprofundando-se no mundo dos significados.

Minayo (2007) nos leva a refletir sobre o Ciclo de Pesquisa que num movimento espiral apresenta um questionamento que ao longo do trabalho será respondido gerando inclusive novas perguntas. A problemática da nossa pesquisa é a seguinte: “Como as crianças dialogam com a Literatura de Cordel e obras que recontam tais narrativas em Rodas de Conversas coletivas? Quais sentidos e significados circulam nas Rodas de Conversas Literárias?”. Desse modo, a pesquisa-ação, num movimento dialético, nos permite refletir sobre a nossa prática, articulando-a com a pesquisa científica, gerando conhecimento e indagações. A concretização de uma prática pedagógica busca solucionar uma problemática específica da comunidade escolar.

A pesquisa-ação no espaço escolar oportuniza aos docentes repensarem a

sua própria prática, buscando transformá-la positivamente de forma coletiva. Neste processo crítico-reflexivo, conhecimentos são produzidos, pois como afirma Paulo Freire (1996, p.39): “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Neste processo, há um ciclo de reflexão que se dá desde o planejamento da pesquisa-ação, num processo cíclico (Figura 6).

Figura 6- Ciclo da Investigação-ação



Fonte: Tripp (2005, p.446)

Trata-se de um movimento dialético permeado por críticas reflexivas (TRIPP, 2005; LEWIN, 1978) por meio da práxis. De acordo com Elliot (1997, *apud* NASCIMENTO A., 2021), a pesquisa-ação está envolvida num processo contínuo de mudanças. Ele apresenta as seguintes ações: diagnóstico, formular estratégias, desenvolver e avaliar, ampliar e compreender, proceder aos mesmos passos. Num processo de ação-reflexão-ação, o professor-pesquisador realiza ações junto à comunidade e também reflete sobre o seu fazer, promovendo transformações.

4.1.1 Descrição da escola e dos participantes da pesquisa

A pesquisa-ação foi aplicada na Escola Municipal Jornalista Júlio Augusto de Siqueira (Figura 7), situada no município de Vitória de Santo Antão/PE, localizada no Loteamento Conceição – Iraque 1. A escola funciona no horário da manhã (7h30 às 11h30) e no horário da tarde (13h às 17h). A instituição oferece a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (Anos Iniciais).

Quadro 3 - Total de alunos(as) matriculados(as) na Escola Jornalista Júlio Siqueira, em 2022

ESTUDANTES MATRICULADOS NO ANO DE 2022	
TURMA	**QUANTIDADE**
PRÉ I	19 alunos
PRÉ II	20 alunos
1º ano A	15 alunos
1º ano B	18 alunos
2º ano	33 alunos
3º ano	29 alunos
4º ano	30 alunos
5º ano	31 alunos
Total	**195 alunos**

Fonte: A autora(2023)[35]

Há 08 turmas, 04 pela manhã e 04 à tarde. No turno da manhã funcionam as seguintes turmas: Pré 2, 1º ano A, 1º ano B e 2º ano; À tarde: Pré 1, 3º ano, 4º ano e 5º ano. De acordo com o Quadro 3, 195 alunos(as) entre 4 e 14 anos estavam matriculados(as) em 2022.

Figura 7- Escola Jornalista Júlio Augusto de Siqueira

Fonte: A autora (2023)

O espaço da instituição escolar é pequeno (Figuras 8 e 9), além das 04 salas de aulas, há: 02 banheiros para os alunos, 01 cozinha, 01 dispensa, 01 sala da gestão, 01 pátio. Na escola tinha uma Sala de Informática, porém há muito tempo estava sem uso, pois os computadores não funcionavam. Atualmente, a secretária da escola encontra-se nesse ambiente, estando a sala antiga fechada para reforma.

[35] Os dados foram disponibilizados pela equipe da Secretaria Escolar.

Na escola também há internet e dois computadores interativos. Além disso, funciona o Projeto Aula Digital em parceria com a Telefônica VIVO[36]. A escola recebeu uma maleta com equipamentos, entre eles: tablets, notebook e roteador. Os(As) professoras também receberam formação e participaram de cursos. Esse projeto foi uma forma de inclusão digital, pois a escola apesar de ter acesso à internet não tem computadores para os alunos. A chegada dos tablets foi uma inovação e contribui com o ensino-aprendizagem.

Figura 8- Pátio da escola

Fonte: A autora (2023)

Figura 9- Dependências da escola

Fonte: A autora (2023)

[36] Conheça mais de perto a Fundação Telefônica VIVO por meio do endereço eletrônico: https://www.fundacaotelefonicavivo.org.br/quem-somos-a-fundacao/

Infelizmente, a escola não possui biblioteca escolar, porém há o armário do *Projeto Biblioteca para Todos*[37] no pátio com livros da Editora Bagaço (Figura 10). Além disso, na escola, há livros literários do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

Figura 10- Armário do Projeto Biblioteca para Todos

Fonte: Autora, 2022.

Os participantes da pesquisa são estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental, turno da tarde, no ano de 2022, da Escola Municipal Jornalista Júlio Augusto de Siqueira. O Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) propõe uma pesquisa-ação de natureza interventiva, por isso, esta pesquisa foi realizada na turma em que a professora-pesquisadora ministra aulas. Na turma há 27 alunos[38], são 13 meninas e 14 meninos. Eles foram convidados a participarem da pesquisa a partir da apresentação do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Conversamos com os responsáveis pelas crianças, que aceitaram participar da pesquisa. Queremos destacar que a pesquisa-ação seguiu as normas éticas da

[37] Trata-se de um projeto da Editora Bagaço destinado à Educação Básica. A prefeitura de Vitória de Santo Antão/PE adquiriu os livros da editora que acompanha um mobiliário funcionando como uma biblioteca itinerante. Os professores

[38] Os nomes das crianças utilizados nesta pesquisa-ação são fictícios.

Resolução 466/12 ou 510/16 do Conselho Nacional de Saúde[39], pois para a geração de dados realizamos filmagens e registramos as atividades por meio de fotos.

4.2 PERCURSOS E ESCOLHAS DA METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

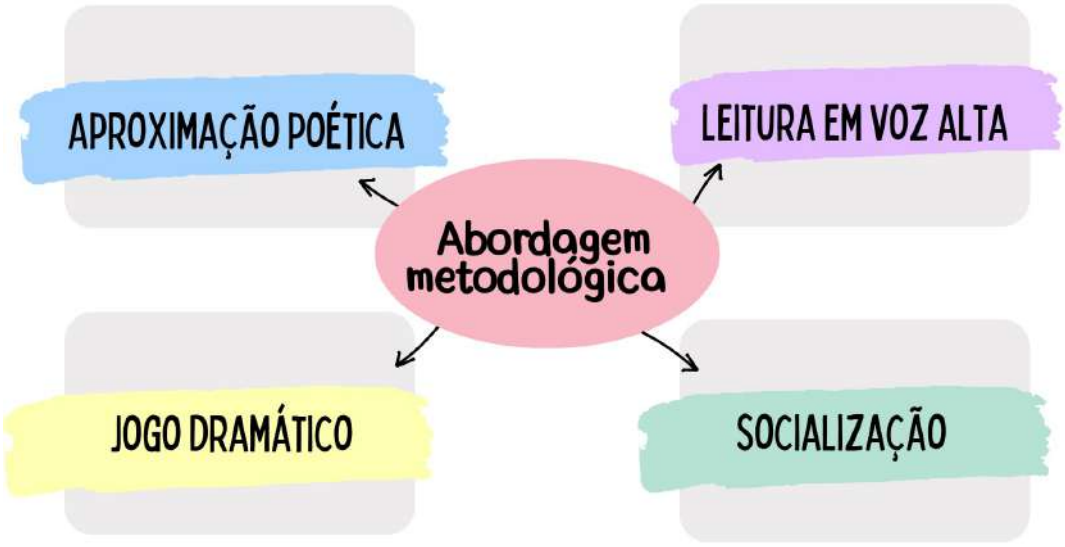
> Em experiências de leituras compartilhadas, os mediadores que aprendem a ouvir nas entrelinhas constroem pontes e acreditam que as vozes, os gestos e os silêncios dos leitores merecem ser escutados. Se assim for, quando é assim, ler se parece com escutar. (BAJOUR, 2012, p.45)

O planejamento é um momento de grande dedicação e também de muito cuidado por parte do professor-pesquisador. É um momento de escolhas, de escutas e atenção. Saber ouvir faz parte da docência, como bem afirma o grande mestre Paulo Freire (1996, p.113): “Ensinar exige saber escutar”, corroborando com a Bajour. Com intencionalidade, o planejamento objetiva favorecer uma prática dialógica e flexível, e não unilateral. (MARINHO e PINHEIRO, 2012).

Dessa forma, buscando respostas para as nossas inquietações, pensamos num evento de leitura literária que pudesse promover uma experiência de leitura compartilhada, aproximando os alunos da Literatura de Cordel. No que diz respeito à nossa metodologia de ensino, estruturamos a proposta de intervenção com base nas abordagens metodológicas de Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho (2012). Na Figura 11, podemos observar os principais pontos da abordagem metodológica proposta.

[39] Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf e https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa pela Plataforma Brasil e foi aprovado. Protocolo: 55998122.6.0000.5208

Figura 11- Abordagem metodológica proposta por Pinheiro e Marinho (2012)

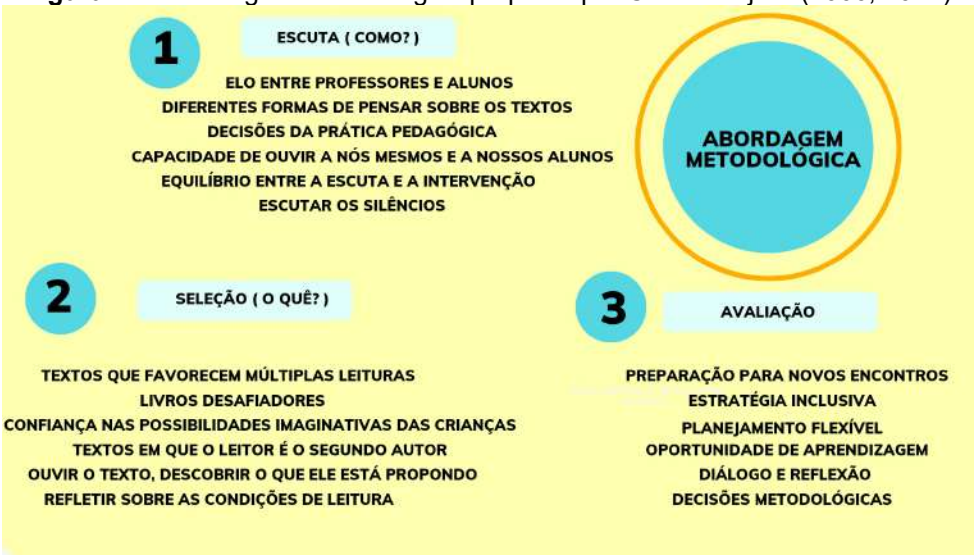


Fonte: Baseado em Pinheiro e Marinho (2012)

Pinheiro e Marinho (2012) nos orientam a buscar um envolvimento afetivo com a Literatura de Cordel antes de levarmos para a sala de aula. Eles nos recomendam buscar conversar com os alunos e com a comunidade, nos aproximando das suas experiências, descobrindo formas poéticas que circulam no seu dia a dia. A partir disso, oferecemos possibilidades para que as crianças ampliem seus horizontes de expectativas.

Além disso, as nossas atividades também foram planejadas baseadas na metodologia de Bajour *et.al* (2006) e Bajour (2012). Três elementos essenciais se articulam durante toda a pesquisa-ação: a escuta, a seleção e a avaliação (Figura 12).

Figura 12- Abordagem Metodológica proposta por Cecília Bajour (2006; 2012)



Fonte: Baseado em Bajour (2006; 2012)

Desde o início do ano letivo de 2022, após finalização do projeto de pesquisa e apresentação no Seminário de Dissertação em Andamento (SEDA), buscamos uma aproximação poética com os alunos, num processo de escuta atenta. Dessa forma, fomos criando um elo entre a professora-pesquisadora, os alunos, os pais, bem como, a comunidade escolar. Nas aulas buscávamos dialogar com os(as) alunos(as), os(as) conhecendo um pouco a cada dia. Notamos que os alunos estavam envolvidos em experiências artísticas e religiosas principalmente fora da sala de aula. A maioria deles é participante das igrejas do bairro em que vivem. Participam de jograis, dramatizações, cantam em grupo e tocam instrumentos. Na escola, percebemos que as crianças gostavam de se divertir com brincadeiras de rodas, trava-línguas e adivinhas. Buscamos a construção de uma comunidade de leitores (COLOMER, 2007), possibilitando uma expansão da experiência literária já existente. Começamos a realizar a leitura de livros literários nas nossas aulas, incluindo-as na nossa rotina escolar (Figura 13). Assim, líamos todos os dias, antes de iniciarmos outras atividades escolares.

Figura 13- Algumas obras lidas pelos alunos e pela professora

Fonte: A autora (2023)

Também passamos a realizar as nossas primeiras Rodas de Conversas Literárias com os livros disponíveis na escola. É importante destacar que no início do ano letivo de 2022, os(as) alunos(as) ficavam meio tímidos, por vezes somente prestando atenção. Aos poucos, participavam, socializavam as suas experiências, pediam para levar os livros para casa. Como na nossa escola não há uma biblioteca escolar, eles não tinham o costume de realizar empréstimos dos livros. Começaram a levar as obras para lerem com seus pais ou responsáveis e sempre chegavam com uma novidade. Em relação à Literatura de Cordel, percebemos que eles não tinham vivenciado experiências com o gênero. Passamos a explorar o acervo disponível na escola e encontramos o livro *O fantástico mundo do CORDEL* (Figura 14), escrito e ilustrado por Arlene Holanda. Iniciamos a leitura do livro com as crianças e, aos poucos íamos adentrando neste universo literário. Além do livro citado, encontramos alguns livros em versos de Cordel. Porém, ainda sentimos falta do folheto de Cordel disponível na escola.

Figura 14- Capa do livro O fantástico mundo do CORDEL[40]

Fonte: A autora (2023)

Assim, íamos constituindo uma comunidade de leitores, que de acordo com Medrano[41] (2017, n.p) trata-se de:

> um grupo que lê permanentemente, aprecia a leitura literária, compreende e usufrui da experiência leitora, sobretudo coletivamente, mas não apenas. A partir dessa prática, os integrantes da comunidade leitora passam a comentar suas leituras, adquirindo, progressivamente, condições para avaliar, opinar, selecionar e sugerir leituras, estabelecendo relações cada vez mais amplas e intensas com o universo literário.

Sempre que líamos juntos, as relações eram fortalecidas, os conhecimentos eram compartilhados e construídos de maneira dialógica. Quando o mediador de leitura preocupa-se com a curadoria, ele inicia uma aproximação com o leitor, pois trata-se de um processo dialógico. Por meio da escuta da comunidade escolar, dos alunos e também por meio do olhar para a realidade da escola, pode-se realizar práticas mais potentes do ponto de vista das significações. Pensar na disposição dos

[40] O livro faz parte do PNLD Literário- Ensino Fundamental.

[41] Sanda Mayumi Murakami Medrano é autora da Revista Emíla (Revista independente e gratuita desde 2011. Direcionada às pessoas interessadas por leitura e escrita. Medrano é formada em Pedagogia, mestre em Didática pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e especialista em livros e literatura para crianças e jovens pela Universidade Autônoma de Barcelona. O artigo *A constituição de uma comunidade de leitores na escola,* encontra-se disponível em: https://emilia.org.br/a-constituicao-de-uma-comunidade-de-leitores-na-escola/.

leitores é um ponto crucial durante o planejamento. Conhecer mais de perto a história do(a) discente enquanto leitor(a), suas experiências, etc. Pinheiro (2008a, p. 17) acredita “que é possível, através da pesquisa com os próprios alunos, descobrir diferentes manifestações da cultura do povo enraizadas em suas comunidades”. O autor nos aproxima mais uma vez da educação dialógica defendida por Freire. É preciso que estejamos dispostos a nos aproximar dos alunos e de sua cultura, ouvindo-os atentamente (re)construindo saberes. Os alunos-participantes da nossa pesquisa-ação residem na cidade de Vitória de Santo Antão, e a professora-pesquisadora, em Glória do Goitá. Sobre isso, Pinheiro (2008a, p. 19) reforça:

> [...] quase sempre acreditamos que temos um saber cultural para levar ao outro e quase sempre esquecemos que o aluno tem uma vivência concreta da cultura que precisa ser levada em conta. Mais que isto, pode e deve ser compartilhada, de modo a enriquecer a minha própria experiência, sobretudo se trabalho numa comunidade que não é a mesma em que resido.

A nossa pesquisa-ação não aconteceu apenas na execução da intervenção. É um processo contínuo que desde o início do ano buscou contribuir com o desenvolvimento dos nossos alunos e das nossas alunas.

4.2.1 O processo de escolha da obra literária

> A seleção dos textos que serão oferecidos no encontro social de leitura literária. **Aí se inicia a escuta**; aí o ouvido do mediador começa a se apurar. A escolha de textos rigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeição e atrações, é a antessala da escuta (BAJOUR, 2012, p.27).

Uma das nossas primeiras escolhas foi em torno do cordel que levaríamos para a sala de aula. Na seleção passamos a escutar os textos, a dialogar com as experiências dos nossos alunos e passamos a definir “o quê” dos nossos encontros (BAJOUR, 2012), realizando escolhas e tomando decisões. No trabalho com a literatura na escola, é importante refletir sobre o processo de curadoria das obras literárias. Trata-se de “escolhas (individuais e coletivas) que envolvem critérios para selecionar textos literários de diferentes autores, nacionalidades, gêneros, autorias, editoras, suportes e mídias para mediação literária” (BUNZEN, 2017, p.15). Neste momento, começa a “escuta” (BAJOUR, 2012), pois há uma efervescência na busca

por melhorias, na busca por objetos culturais que permitam diálogos, interações, intertextualidades, etc. A curadoria na escola é um ato de responsabilidade do mediador, pois ele faz e refaz os caminhos da conversa literária. É um processo que envolve intencionalidade pedagógica e didática. Bajour (2012) refere-se ao processo de curadoria das obras literárias como a “antessala da escuta”, o que envolve planejamento e determinadas escolhas. Para Corsino (2021), a escola tem compromisso em oferecer aos alunos obras de qualidade que envolve a “arte da palavra, as artes visuais e a arte do design gráfico-editorial” (p.98). Ao pensarmos na escolha de obras literárias para as crianças, é importante dar espaço à brincadeira, ao lúdico, ao faz-de-conta. Os leitores oferecem muitas pistas durante o dia a dia escolar sobre as possíveis obras que podem ser objetos culturais numa roda de conversa. Durante a nossa aproximação poética e escuta atenta, podemos conhecer algumas vivências e experiências da nossa comunidade de leitores.

Sendo assim, selecionamos a **Coleção Palavra Rimada com Imagem** (Figura 15) da Escritora e Ilustradora Rosinha.

Figura 15- Coleção Palavra Rimada com Imagem

Fonte: Rosinha (2010)

Nesta coleção, Rosinha reconta três romances do Cordelista Leandro Gomes de Barros: *A história de Juvenal e o Dragão*, *A história da Princesa do Reino da Pedra Fina* e *A história da Garça Encantada*. Cada uma dessas histórias, é recontada por meio de livros ilustrados. Além disso, cada livro ilustrado acompanha o folheto com a Literatura de Cordel com a história original escrita por Leandro Gomes de Barros (Figura 16).

Figura 16- Folhetos de Cordel e livros ilustrados da Coleção Palavra Rimada com Imagem[42]

Fonte: Editora Projeto (2018)

Justificamos a nossa escolha pelo fato de os alunos e as alunas terem a oportunidade de interação com o folheto de cordel e também com o livro que reconta, recria e ilustra a história. Outra decisão que tomamos foi escolher um dos livros da coleção para realizarmos a nossa proposta de intervenção. Assim, optamos pela história de **Juvenal e o Dragão**. Levamos em consideração os seguintes critérios: os livros presentes na coleção possuem **qualidades estéticas, lúdicas e pedagógicas**. Bunzen (2017) afirma que tais qualidades presentes no texto literário são essenciais para o trabalho envolvendo crianças. Sobre as qualidades estéticas, pensamos nas seguintes características:

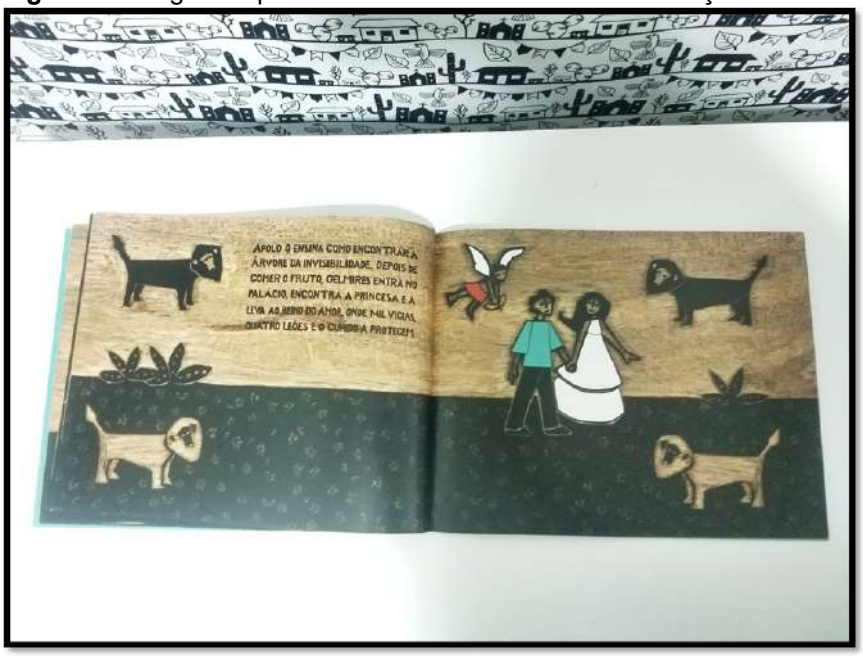
> Algumas qualidades estéticas dos textos literários para criança podem ser: formato e inovação do suporte "livro", formas de organização dos paratextos, modos de utilização de técnicas artísticas diferenciadas para ilustração, jogo plurissemiótico entre o texto verbal e o texto visual, exploração de diferentes vozes sociais e estilos diversificados, utilização de mundos imaginados abertos e plurais para que o leitor possa entrar no "jogo" da imaginação e da criatividade, utilização de jogos de linguagem verbal (aspectos sonoros, morfológicos, sintáticos, semânticos, etc.), imagens e ilustrações com plurissignificados e que ampliam a percepção do leitor para aspectos da narrativa (em prosa ou em verso), da lírica (nos mais diferentes tipos de poemas) e do texto dramático. (BUNZEN, 2017, p. 19)

Dessa maneira, consideramos a Coleção Palavra Rimada com Imagem permeadas por essas **qualidades estéticas**, principalmente pelo entrelaçamento

[42] A Editora Projeto disponibilizou em seu site um arquivo mostrando passo a passo do processo de criação da Coleção Palavra Rimada com Imagem. Disponível em: http://www.editoraprojeto.com.br/2018/03/processo-de-criacao-e-producao-da-colecao-palavra-rimada/

entre o cordel e o livro ilustrado contemporâneo presente na coleção. Rosinha recriou cada história de forma verbo-visual, recontando a história com 12 textos verbais e 12 ilustrações. Ela dedicou-se a fazer os esboços das ilustrações em papel, depois passou para a madeira e logo em seguida iniciou-se o processo de entalhamento. Observamos o quanto Rosinha se dedicou. Ela aprendeu um pouco da técnica da Xilo e colocou a mão na massa, entalhando a madeira, com a ajuda dos xilogravadores Meca Moreno[43] e Davi Teixeira[44]. Após o entalhamento, as matrizes foram pintadas e impressas, e para ilustrar os livros, as matrizes foram fotografadas. Quando folheamos as páginas dos livros ilustrados, temos a sensação de estarmos diante das matrizes (Figuras 17 e 18).

Figura 17- Página dupla do livro ilustrado A história da Garça Encantada



Fonte: A autora (2023)

[43] De acordo com a biografia disponível na Coleção Palavra Rimada com Imagem, Meca Moreno é pernambucano de Palmares, é poeta, artesão, estudioso da poesia popular e produtor cultural. Como xilogravador, é discípulo dos mestres Marcelo Soares e Davi Teixeira. É membro da União dos Cordelistas de Pernambuco (UNICORDEL), coordenador do Movimento Cultural e membro do Movimento Poetas Del Mundo.

[44] Davi Teixeira é pernambucano de Bezerros, é poeta, artesão, compositor e bonequeiro de mamulengo. Como xilogravador, é discípulo do mestre Givanildo, de Bezerros. É membro da UNICORDEL.

Figura 18- Página dupla do livro ilustrado A história da Princesa do Reino da Pedra Fina

Fonte: A autora (2023)

A Coleção Palavra Rimada com Imagem foi considerada como o melhor livro de reconto pelo Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em 2011. Também recebeu o Prêmio Jabuti na categoria Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil no mesmo ano.

Nascimento (2019), em sua pesquisa-ação desenvolvida no Profletras (UFPE) realizou a sua intervenção selecionando o Cordel *As Proezas de João Grilo*. Ele desenvolveu uma experiência literária com uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental. No decorrer do seu trabalho, o professor-pesquisador nos recomenda "escolher histórias que retratem o universo dos bichos ou de viagens para lugares fantásticos ou reinos distantes" (NASCIMENTO, 2019, p. 112). Os alunos participantes da nossa pesquisa têm entre 8 e 10 anos, e durante as atividades desenvolvidas no ano letivo, constatamos o interesse dos alunos por narrativas em que as personagens eram animais. Pinheiro (2008b), por sua vez, afirma que as narrativas que envolvem a temática dos animais é de grande riqueza poética.

Tanto o livro ilustrado recontando a história de Juvenal e o Dragão, quanto o folheto de cordel com a história original escrita por Leandro Gomes de Barros trazem uma qualidade estética em sua narrativa. Leandro constrói as personagens com grande potencial para serem explorados por pessoas de todas as idades. As crianças, em especial, são convidadas a dialogarem e brincarem com as situações do cordel. *A história de Juvenal e o Dragão* é uma obra que dialoga com o leitor de

várias formas, inclusive de maneira bem direta, como fazia Machado de Assis. O narrador conversa com o leitor, como podemos observar nesse trecho do cordel:

> Paremos aqui, leitor
> Deixemos isso pra frente
> Vamos saber como passa
> A princesinha doente
> Seu pai estava ficando
> Severo e muito exigente
> (BARROS, [s.d.], 2010, p. 24)

Notamos nessa estrofe que o leitor é convidado a entrar na história. É um texto que indaga, permite (re)criações, acolhe as experiências e permite novos olhares, "nutre a mente e a imaginação e ajudam a nos mover com certa familiaridade por esses Mundos-Outros de ficção" (REYES, 2012, p. 50). Esse movimento dialógico presente no cordel entrelaça voz, som e imagens.

Consideramos que a obra escolhida possuem **qualidades lúdicas.** Bunzen (2017, p.19) afirma:

> Muitas vezes, a ludicidade está relacionada ao suporte (livro), outras vezes às ilustrações (traços diferentes ou aspectos que chamam atenção do leitor) ou à própria linguagem e/ou temática. Os títulos, as capas, a forma como a narrativa ou o texto lírico é apresentado para o leitor podem conter diversificados elementos que possuem potencial lúdico: pode ser um "livro-fantoche" ou um livro que traz várias rimas ou intertextos com personagens clássicos.

O folheto e o livro ilustrado escolhido apresentam elementos paratextuais que muito podem contribuir para a leitura literária. A capa, a guarda, as orelhas de um livro, por exemplo, podem enriquecer e aprofundar a conversa literária (SILVA e SOUZA, 2016). Trata-se de uma porta de entrada ao texto, provocando múltiplos significados. Estes elementos paratextuais podem suscitar perguntas, curiosidades, etc. As ilustrações são muito importantes no processo de escolha de obras literárias para crianças, pois contribuem para a narrativa. Um livro ilustrado apresenta possibilidades de criação. A narrativa verbo-visual está interligada e as ilustrações ajudam a contar a história, pois há a narrativa por meio das palavras e a narrativa por meio das imagens.

Cecília Bajour (2018a), em seu artigo *O artesanato do silêncio*, publicado na Revista Emília nos convida a refletir sobre o equilíbrio entre o que se diz e o silêncio presente na arte. Encontramos essa característica na obra escolhida, pois notamos

a oportunidade do leitor construir junto com Leandro Gomes de Barros, o que as estrofes “não dizem, sugerem, ou deixam em suspense até a sua revelação” (BAJOUR, 2018a, n.p).

Consideramos *A história de Juvenal é o Dragão* um texto desafiador, na medida que não apresenta respostas prontas e únicas. Antes de levarmos o cordel para a sala de aula, realizamos a leitura da obra e iniciamos a escuta, “preparando nossos ouvidos”. De acordo com Bajour (2012, p 27):

> Ao escolhermos o que será lido com os outros, estamos imaginando por onde poderemos introduzir os textos nas conversas literárias, por onde entrarão os demais leitores, que encontros e desencontros a discussão poderá suscitar. Como faremos para ajudá-los nesses achados, como deixaremos aberta a possibilidade de que o próprio texto os ajude com algumas respostas ou lhes abra caminho para novas perguntas, como faremos para intervir sem fechar sentidos.

Com esse envolvimento com o cordel, aguçamos a nossa escuta. Notamos que a leitura poderia gerar, não somente “prazer”, mas, sobretudo “conflitos que os fizessem refletir, questionar-se, ficar tristes e também irônicos” (BAJOUR, 2012, p. 30). Arena (2003) nos leva a refletir sobre as consequências da leitura, afirmamos que os leitores leem por necessidades criadas pelo meio social. Quando satisfazemos nossas necessidades podemos ter diversas sensações, entre elas prazer ou desprazer. Aproximamo-nos da perspectiva de Arena (2003, p.60) que afirma que:

> ... não há nem hábito a ser formado, nem gosto a ser criado, nem prazer a ser desenvolvido ou despertado nas práticas de leituras. Há necessidades provocadas pelas circunstâncias criadas pelas relações entre os homens, ancoradas no conhecimento que tem o leitor sobre o próprio conhecimento, sobre a língua e sobre as operações que estabelecem a relação grafo-semântica entre o leitor e o escrito.

Dessa forma, pensamos em espaços e tempos que contribuam com o desenvolvimento das crianças, com a necessidade de leitura, em que nossos alunos serão sujeitos protagonistas num processo dialógico. Vale destacar que a nossa experiência com a Educação Literária leva em consideração as especificidades da infância, buscando garantir o direito à literatura, bem como, o direito de brincar, “fazendo-as ampliar sua visão de mundo, refletir sobre as mais heterogêneas temáticas e apresentar uma linguagem rica de significados plurais” (BUNZEN, 2017, p.18).

Consideramos a leitura da história de Juvenal e o Dragão desafiadora, no sentido que leva as crianças a pensarem, não as infantilizando. Não é uma leitura fácil, e as crianças são capazes de dialogar com a obra, encontrando suas próprias questões de vida. Corsino (2015) nos lembra que as crianças também vivem os dramas humanos e "a literatura daria ao sujeito ampliações de suas compreensões do mundo, de si mesmo e do outro" (p.117). Pensamos assim, numa literatura sem adjetivos (ANDRUETTO, 2012), uma literatura que é antes de tudo arte. Juvenal e o Dragão é um convite a "mundos imaginários que deixam surgir o que cada um traz como texto interior e permitem compartilhar os textos/mundos pessoais com os textos/mundos dos outros" (ANDRUETTO, 2012, p.55). É uma história que não foi escrita para um público específico, pois "não havia cordel para mulheres, para crianças, para adolescentes. (PINHEIRO e MARINHO, 2012)". A Literatura de Cordel pode suscitar experiências que permitem "ter encontros imprevisíveis com leitores, sem idade nem rosto definido. Com 'gente', nada mais: sem atributos especiais. (REYES, 2012, p. 41).

Por isso também consideramos que a obra escolhida possui **qualidades pedagógicas**, pois "tem um potencial de provocar reflexões sobre o mundo e nos educar de alguma forma" (BUNZEN, 2017, p.20). Neste processo dialógico, as qualidades estéticas, lúdicas e pedagógicas (re)constroem o texto literário.

Por fim, queremos destacar que a Coleção Palavra Rimada com Imagem envolve escritores e artistas (colaboradores do projeto gráfico) nordestinos: Leandro Gomes de Barros é paraibano, Rosinha, Meca Moreno e Davi Teixeira são pernambucanos. Buscamos valorizar a Cultura Nordestina por meio desses artistas, pois como afirma Pinheiro e Marinho (2012, p.127) é importante descobrir as formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor: "Descobri-las, dar-lhes visibilidade é uma tarefa da maior importância na formação leitora e social de nossos alunos".

4.2.2 Conhecendo mais de perto a história de Juvenal e o Dragão

A história de Juvenal e o dragão foi escrita por Leandro Gomes de Barros, a data é incerta. De acordo com Amorim (2008, p.85): "O enredo é considerado tradicional com herói a lidar com o sobrenatural. Há a presença de elementos da literatura medieval e de contos maravilhosos, a reincidência do mágico, do

encantamento e de valores de cavalaria.” Podemos dizer que a narrativa é construída de acordo com o modelo da Jornada do Herói que lida

> [...] com as questões universais que parecem infantis: Quem sou? De onde vim? Para onde vou quando morrer? O que são bem e o mal? O que preciso fazer quanto a isso? Como será o amanhã? Para onde foi o ontem? Tem alguém mais lá em cima? (VOGLER, 2015, p.43)

Em seu livro, A jornada do Escritor: estrutura mítica para escritores, Christopher Vogler nos apresenta da Jornada do Herói. Em *Juvenal e o Dragão* estamos diante do protagonista Juvenal considerado como o herói da narrativa. Vogler (2015), afirma que a história do herói é sempre uma jornada:

> Um herói abandona seu ambiente confortável e comum para se aventurar em um mundo desafiador e desconhecido. Pode ser uma jornada ao exterior, a um lugar de verdade, um labirinto, uma floresta ou caverna, uma cidade ou país estrangeiro, um novo local que se converte em arena para seu conflito com forças antagônicas contestadoras. [...] Existem muitas histórias que conduzem o herói a uma jornada interior, que acontece na mente, no coração e no espírito. (VOGLER, 2015, p. 45)

Vogler (2015) nos apresenta doze estágios da Jornada do Herói, como podemos observar a seguir (Figura 19):

Figura 19- Etapas da Jornada do Herói

Fonte: Baseado em Vogler (2015)

Tudo inicia no **Mundo Comum** onde Juvenal vivia com sua família simples e humilde:

> Morava um camponês
> Num subúrbio dum ducado
> Já fazia sete anos
> Que ele tinha enviuvado
> Só ficou com dois filhinhos
> No que mais tinha cuidado
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p.1)

Seu pai, um velho camponês acabara de falecer e deixou como herança uma choupana e três carneiros para seus filhos Juvenal e Sofia.

Juvenal, muito aventureiro, deixou sua irmã aos cuidados do padrinho e saiu pelo mundo com seus três carneiros. Ele foi apresentado a um problema, não mais satisfeito com o conforto do mundo comum, “pensava em aventura atrás do bem ou do mal (BARROS, [s.d.] 2010, p.2).

Vogler (2015, p. 49) nos diz que esse **Chamado à Aventura** “estabelece as regras do jogo e deixa claro o objetivo do herói: conquistar o tesouro ou o amor, vingar-se ou corrigir um erro, realizar um sonho, enfrentar um desafio ou mudar sua vida”.

Na **Recusa do Chamado**, Juvenal hesita quando diante do **Mentor** é convidado a trocar seus três carneiros em três cachorros com poderes sobrenaturais:

> Quando bateu meio-dia
> Ele estava descansando
> Na sombra de um arvoredo
> Os três carneiros pastando
> Viu que um sujeito estranho
> Perto dele ia chegando
>
> [...]
>
> Chegando no arvoredo
> Foi dizendo: — Oh! Meu rapaz
> São seus aqueles carneiros
> Que eu vejo ali por trás?
> Quer trocar pelos cachorros?
> Veja o negócio que faz
>
> Juvenal lhe respondeu:
> — Nós não podemos trocar
> Os meus carneiros no mato
> Procuram se alimentar

Ao passo que seus cachorros
São preciso eu sustentar

(BARROS, [s.d.], 2010, p. 2-3)

Neste momento da história, Juvenal ainda apresenta certo receio frente ao desconhecido. Vogler (2015, p.49) afirma: “A mudança nas circunstâncias, outro ataque à ordem natural das coisas ou o incentivo de um Mentor- é necessária para fazê-lo deixar para trás esse momento decisivo”.

Em Juvenal e o Dragão, o Mentor é o sujeito estranho que tem como função “preparar o herói para enfrentar o desconhecido. Ele pode dar conselhos, orientações ou equipamentos mágicos” (VOGLER, 2015, p.50). O sujeito estranho é apresentado no cordel como alguém que aparece do nada com uma proposta inusitada, não apresenta mais detalhes sobre a sua vida, não explica por que deseja os carneiros, mas faz com que ele mude de ideia quando diz:

Lhe disse o desconhecido:
— Nenhum dos três é ruim
Na hora que estou com fome
Só basta dizer assim:
“Rompe Ferro, mão à obra”
Traz pra ele e pra mim

Cada um desses cachorros
É um grande defensor
Se acabam, morrem lutando
Em defesa do senhor
São chamados Rompe Ferro
Ventania e Provedor

Juvenal pensou um pouco
De ficar sem os carneiros
Mas lembrou-se que os cães
São amigos verdadeiros
Lhe disse: — Está feita a troca
Pode levar os carneiros

(BARROS, [s.d.], 2010, p. 3-4)

Assim, Juvenal segue seu caminho com os três cachorros mágicos e é com eles que o herói realiza a **Travessia do Primeiro Limiar**. Vogler (2015, p.50) diz que é “o momento em que a história decola e a aventura realmente começa”. Neste momento Juvenal está mais comprometido ainda com a jornada:

Juvenal seguiu viagem
Cada vez mais animado
Naquela zona esquisita
Com seus cachorros de lado
Foi dormir no outro dia
Na terra doutro reinado

(BARROS, [s.d.], 2010, p. 5)

Chega o momento em que Juvenal enfrenta **provas, aliados e inimigos**. Fome ele não passava, pois estava com três companheiros que arrumavam muitas comidas e gostosuras não se sabe de onde. Ele seguia viagem, até que algo muda, ele encontra novos desafios e passa por provas. Nessa parte da jornada é onde a "virilidade e determinação são testadas e onde amigos e vilões são apresentados" ao herói (VOGLER, 2015, p.51).

Juvenal encontra uma carruagem com uma linda moça dentro. Ela estava em prantos e junto dela estava um cocheiro acompanhando. O cocheiro então explica a Juvenal:

Daqui a cinquenta léguas
Existe um grande reinado
Que passou mais de cem anos
Sendo o povo devorado
Por um monstro horrendo e feio
Misterioso encantado

(BARROS, [s.d.], 2010, p.6)

O cocheiro explicou a Juvenal que o dragão propôs ao rei não mais perseguir o reinado, caso ele enviasse todo ano uma das suas moças bonitas.

Eu só faço esse negócio
Pra cessar a mortandade
Se o senhor não cumprir
E usar de falsidade
Eu venho de lá da furna
Devorar toda a cidade

(BARROS, [s.d.], 2010, p. 7)

Juvenal quando soube do absurdo, fica revoltado. Não pensa duas vezes e resolve enfrentar a fera. Enquanto isso o cocheiro estava morrendo de medo.

Juvenal disse ao cocheiro
— Vou fazer uma loucura
Ando percorrendo terra
Em busca de uma aventura
Não vou deixar essa fera
Comer essa criatura

(BARROS, [s.d.], 2010, p. 8)

Desse modo Juvenal, se **aproxima da caverna** chegando “às margens do local perigoso, às vezes de subterrâneo profundo, onde o objeto da missão está escondido” (VOGLER, 2015, p.52).

Era um monstro sem feitio
De um corpo descomunal
Todo coberto de escamas
Mais duras do que metal
Tudo era mole na ponta
Do punhal de Juvenal

A moça vendo o barulho
Pender pro fundo da gruta
Dando cada rabiçaca
Com uma força absoluta
Vendo a hora que o rapaz
Se acabava na luta

Na etapa da **Provação** “o destino do herói atinge o fundo do poço num confronto direto com seu maior medo. É aqui que ele enfrenta a possibilidade de morte e é levado a encarar uma batalha com forças hostis” (VOGLER, 2015, p.53).

Ajoelhou-se por terra
Implorando ao Criador
— Valei-me, pai poderoso
Livrai-me deste terror
Salvai também este moço
Do dragão devorador!

(BARROS, [s.d.], 2010, p. 10)

Porém, Juvenal conseguiu enfrentar o dragão contando com a ajuda dos três cachorros mágicos, principalmente Rompe-Ferro.

Viu-se logo a diferença
Quando o cachorro mordeu
O monstro deu um esturro
Que toda terra tremeu

Na segunda bocanhada
A serpente esmoreceu

(BARROS, [s.d.], 2010, p. 11)

Vogler (2015, p.53) afirma que “esse é um momento de vida ou morte psicológica, pois, se ele desistir, suas chances de mostrar ao destino quem de fato detém a força estarão acabadas. Ele sobrevive à provação, recusando-se a entregar os pontos e a provação o altera”.

Para comprovar a vitória contra o dragão, Juvenal arranca dois dentes da fera. A princesa ficou muito agradecida e queria que Juvenal voltasse com ela para o reinado.

Terás lá no meu reinado
Teu nome reconhecido
Por todos da minha corte
Hás de ser bem recebido
O mundo terá ciência
Do teu valor merecido

(BARROS, [s.d.], 2010, p. 12)

Porém, Juvenal muito humilde não buscou benefícios, mesmo sabendo que a princesa era muito rica.

Disse ele: — Eu nada quero
Do benefício que fiz
Desejo que sua alteza
Siga em paz e seja feliz
Vou vê-la de hoje a três anos
Na capital do país

(BARROS, [s.d.], 2010, p. 13)

Vogler (2015, p. 53) diz que a provação “é a principal fonte da magia do mito heroico. As experiências dos estágios anteriores levam-nos, o público, a nos identificar com o herói e seu destino”. No caminho de volta, o cocheiro ameaça à princesa e ela tem que contar para o rei que foi o cocheiro que a salvou. O rei deu a mão da princesa em casamento para ele. A princesa ficou desesperada, fingiu até

doença. Juvenal continuou com as suas aventuras. Certo dia, ele teve um sonho que o deixou pensativo, pois lutava com um inimigo.

> Juvenal ficou pensando
> Neste sonho aborrecido
> E disse consigo mesmo:
> “O que terá acontecido?
> A princesa que salvei
> Talvez tenha me traído”
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p. 22)

Quando se passaram três anos, Juvenal vai até o reino e descobre a mentira do cocheiro.

> Aí travou-se uma luta
> Os cães entraram no meio
> Em menos de meia hora
> Era um estandarte feio
> Que o rei lá no palácio
> Estava ouvindo o tiroteio
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p. 26)

O rei ficou sabendo dessa grande confusão, mandou chamar Juvenal para possíveis esclarecimentos. Assim que soube de toda a verdade, o rei ficou furioso e mandou prender o cocheiro.

> Aí descobriu-se tudo
> O rei ficou se mordendo
> Disse ali mesmo ao cocheiro:
> — Você vai morrer sabendo!
> Mandou por quatro carrascos
> Tirar-lhe o couro ele vendo
>
> Casou-se a linda da princesa
> Com o valente Juvenal
> Repercutiu a notícia
> Pelo mundo universal
> Houve festa quinze dias
> No palácio imperial
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p. 31-32)

Dessa forma, chega o momento da **Recompensa**: “Depois de ter sobrevivido à morte, derrotado o dragão ou massacrado minotauro, o herói e o público terão motivos para celebrar” (VOGLER, 2015, p.54). Depois de resolver o conflito, Juvenal

toma decisão de voltar ao Mundo Comum, em seu **caminho de volta**. Não necessariamente retornando ao subúrbio do duncado, mas percebendo “que o Mundo Especial deve no fim das contas, ser deixado para trás, e que ainda há perigos, tentações e testes pela frente” (VOGLER, 2015, p.55). Ele mandou buscar a sua irmã, e os cães mágicos se despediram dele.

> Os cães vendo a menina
> Ficaram de prontidão
> E disseram a Juvenal:
> — Está finda a nossa missão
> Queríamos ver se a riqueza
> Mudava teu coração
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p. 32)

Na etapa da **Ressurreição** o herói volta à vida comum com novas perspectivas (VOGLER, 2015). Juvenal na verdade foi testado e venceu a provação, pois em momento algum a riqueza mudou seu coração.

No **Retorno com Elixir**, o herói retorna com elixir, ou seja, uma “benção ou tesouro para beneficiar o mundo comum” (VOGLER, 2015, p.58). Dessa forma, Juvenal volta ao mundo comum com a certeza de que vale a pena ser um homem fiel e de honra. Ele ficou com uma linda história para contar e foi recompensado com o amor da princesa, o carinho da irmã e o respeito de todos.

4.3 PROPOSTA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

> ... Crescer é um passo inerente às crianças. Costumam crescer; isso significa que o que fazemos ou deixamos de fazer por elas constrói o país ao longo de alguns anos. (REYES, 2012, p.56)

Durante as nossas vivências com a turma de 4º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Jornalista Júlio Augusto de Siqueira, em Vitória de Santo Antão/PE, buscamos num processo de interação, refletir sobre a nossa prática e sobre as nossas escolhas, sempre com um olhar voltado para a mediação dialógica em que é possível compartilhar com nossos alunos uma experiência estética em torno da leitura literária, mais especificamente com a Literatura de Cordel. Macedo (2021b) nos convida a refletir sobre a mediação dialógica em que há um

entrelaçamento entre leitor e obra num processo de (re)criação de significados. Assim, pensamos num processo de mediação para que nossos alunos tivessem a oportunidade de se expressarem, de conversar sobre o texto literário, de serem ouvidos “numa relação de confiança, cooperação e reciprocidade” (MACEDO, 2021b, p.55). Além disso, buscamos uma prática literária que privilegie o debate sobre o que lemos. Essa conversa literária é um “princípio fundante”, como afirma Macedo (2021b).

Dessa forma, elaboramos a nossa proposta de intervenção (Apêndice A) em que as crianças pudessem vivenciar uma experiência literária numa “dimensão socializadora” (COLOMER, 2007). Planejamos então **Rodas de Conversas Literárias** sobre o Cordel *A história de Juvenal e o Dragão*, com base nas discussões que Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho nos apresentam principalmente na obra O cordel no cotidiano escolar.

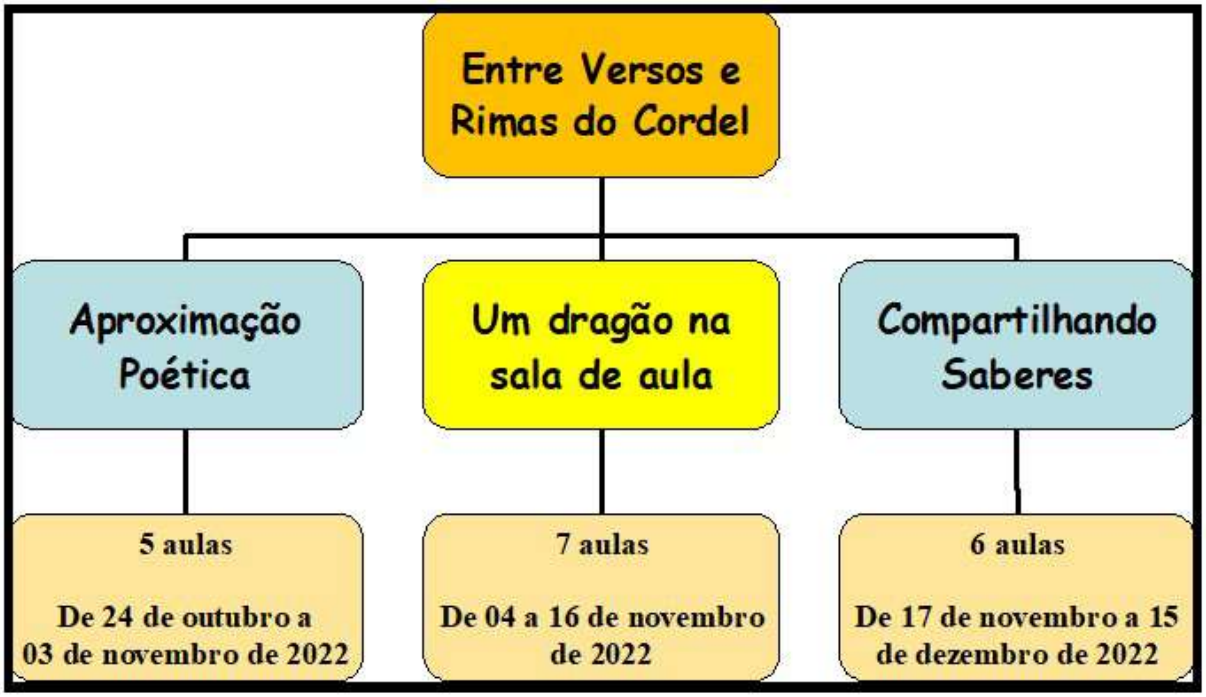
4.3.1 Apresentando o Projeto Entre Versos e Rimas do Cordel

> O poeta se aproxima da criança, que vê o mundo com olhos virgens e que, por quase nada saber, está aberta ao mistério das coisas. Para a criança — como para o poeta — viver é uma incessante descoberta da vida.
>
> Ferreira Gullar

O projeto **Entre Versos e Rimas do Cordel**, como intitulamos a nossa ação pedagógica na escola no âmbito do Profletras, procurou agir com muita ética e respeito aos alunos e à comunidade escolar. As ações pedagógicas foram desenvolvidas durante 18 aulas entre os meses de outubro a dezembro de 2022. O projeto[45] (Apêndice A) foi desenvolvido em três etapas (Figura 20). Iremos apresentar algumas ações de cada etapa do projeto.

[45] O planejamento detalhado encontra-se no Apêndice A.

Figura 20- Principais etapas do Projeto Entre Versos e Rimas do Cordel



Fonte: A autora (2023)

4.3.2 Relato da primeira etapa

A 1ª etapa do nosso projeto intitulada de **Aproximação Poética** foi desenvolvida durante 5 aulas[46], sendo organizada em duas grandes atividades: **Brincando de Adivinhas** e **Conhecendo as Xilogravuras**. Hélder Pinheiro (2018b) propõe que o professor-mediador realize uma preparação da leitura oral se aproximando do texto a ser lido e também das experiências dos alunos. Assim, buscamos promover uma experiência literária com a Literatura de Cordel, nos aproximando das vivências dos(as) alunos(as), buscando ampliar seus horizontes de expectativas por meio do diálogo e de uma escuta ativa. Pinheiro (2018b, p. 50) afirma que

> há inúmeras formas de levar a literatura às crianças. As diferentes realidades e objetivos é que determinam as opções. [...] Acreditamos que o caminho mais agradável para as crianças é aquele que explora a brincadeira com a linguagem, os jogos sonoros, o humor, enfim, a dimensão lúdica da palavra. As crianças tendem a se alegrar e a se divertir com a sonoridade, com os trocadilhos, com a expressão que soa nova e encantadora.

[46] Cada aula aconteceu no turno da tarde, das 13 às 17 horas.

Por isso, iniciamos as nossas atividades **Brincando de Adivinhas**. O objetivo foi promover uma experiência literária com a Literatura de Cordel, nos aproximando das vivências dos alunos, buscando ampliar seus horizontes de expectativas por meio do diálogo e de uma escuta ativa. Essa atividade teve duração de duas aulas (24 e 25 de outubro de 2022).

Umas das atividades que realizamos nessa etapa foi a leitura em voz alta da antologia poética [47](Anexo A) com advinhas em forma de cordel. As quadras e sextilhas selecionadas são dos cordelistas Mariane Bigio e Pedro Costa, e têm como temática: os animais. Realizamos essa escolha para que os(as) alunos(as) pudessem conhecer os poetas cordelistas, aproximando-os do cordel. Pinheiro (2018b) recomenda o trabalho com antologias poéticas para aproximar o leitor de diversos autores e texto, pois é uma possibilidade de descoberta da poesia. Ele afirma que o professor pode reunir poemas de autores regionais com diferentes núcleos temáticos e outros elementos a depender da comunidade de leitores. Nem sempre a Literatura de Cordel está acessível na escola.

Para permitir uma experiência lúdica, organizamos a “Lata das Adivinhas” contendo sextilhas e quadras da antologia poética. Iniciamos realizando a declamação em voz alta, com atenção à entonação para que as crianças completassem o último verso com a resposta. Os alunos foram brincando e descobrindo os animais. Em seguida, colaram na lousa as imagens relacionadas ao animal descoberto, com seu respectivo nome (Figura 21).

Figura 21- Brincando de Adivinhas

Fonte: acervo da professora-pesquisadora (2022)

[47] Optamos por não levar os folhetos nessa primeira etapa do projeto. Ressaltamos que os alunos terão acesso aos folhetos de cordéis nas próximas etapas.A nossa antologia também está disponível no Canva: https://www.canva.com/design/DAFP58Q2eps/mZYXwv7RpxUq5EiWqUrtXw/view

Na nossa brincadeira, visitamos o gavião, o macaco, o camelo, entre outros bichos (Quadro 4):

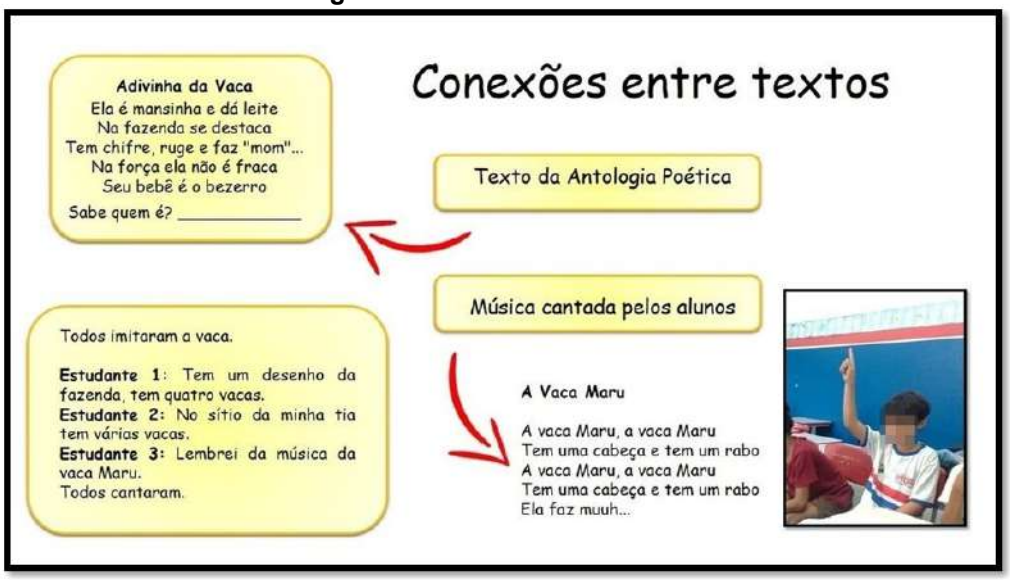
Quadro 4- Interações com as adivinhas em Cordel

ADVINHAS EM CORDEL	INTERAÇÕES
Sereia Dizem que vive no mar Com tubarão e baleia Meio peixe e meio gente Aparece em lua cheia É a rainha do mar O nome dela é? _____	***Júlia:*** *No filme da Iara tem uma sereia, tia.* ***Carolina:*** *No Folclore eu já vi falar.* ***Samuel:*** *Tia, eu lembrei de Ariel. No app da TV tem, a Netflix.* ***Sara:*** *Na Série H2O fala da sereia. São três sereias que se afogam, três meninas que são transformadas em sereias.* ***Laura:*** *Já assisti umas quatro vezes.* ***Joaquim:*** *Eu assisti Ariel no cinema, no shopping.*

Fonte: A autora (2022)

Assim, as crianças foram participando e a conversa se ampliando. Eles traziam as suas experiências, imitavam o som dos animais, lembravam de filmes, desenhos, documentários e músicas. No grande círculo, alguns dialogavam por meio das expressões, da resposta às adivinhas, mas não conversavam. Outros, aos poucos iam participando. Eles notavam a presença das rimas e íamos destacando-as no texto, conversando e realizando impressões sobre o lido. No decorrer da leitura em voz alta, os(as) alunos(as) iam estabelecendo conexões entre os textos (Figura 22).

Figura 22- Conexões entre textos



Fonte: Autora (2022)

Os(As) alunos(as) interagiram bastante por meio de uma dimensão lúdica da arte literária (Figura 23).

Figura 23- Registros da primeira atividade

Fonte: Autora (2022)

Nos dias 26 e 27 de outubro e no dia 03 de novembro de 2022, realizamos a segunda atividade da Aproximação Poética. Dessa vez com o título **Conhecendo as Xilogravura** que teve por objetivo: aguçar a capacidade imaginativa e criativa dos alunos, por meio da relação entre a Literatura de Cordel e a Xilogravura, além de explorar o texto literário, possibilitando um diálogo entre os participantes, com novas narrativas, além de propiciar o jogo dramático. Exploramos a capa do Cordel *No tempo que os bichos falavam* do artista J. Borges (Figura 24). Escutamos atentamente as impressões dos alunos sobre a xilogravura presente na capa do folheto. Além disso, os alunos conheceram a biografia do artista e o processo de criação da xilogravura. Assistimos ao vídeo *Memorial J. Borges, um dos artistas mais famosos do mundo na arte da Xilogravura* (Figura 25). Os alunos ficaram atentos contemplando a entrevista e conhecendo J. Borges e o seu ateliê, mesmo sem estarem lá. Ainda em nossas interações, possibilitamos o contato das crianças com uma matriz original de xilogravura. Eles observaram os detalhes e apreciaram a forma e a textura da madeira.

Figura 24- Imagens de Xilogravura coladas na lousa

Fonte: Autora (2022)

Figura 25- Crianças assistindo ao vídeo Memorial J. Borges, um dos artistas mais famosos do mundo na arte da Xilogravura

Fonte: Autora (2022)

Buscamos nos aproximar das experiências dos alunos, escutando as suas impressões sobre as xilogravuras de J. Borges, propiciando um espaço para que eles apreciassem as artes e entrassem no mundo da ficção, (re)criando narrativas (Figura 26).

Figura 26- Crianças apreciando as xilogravuras

Fonte: Autora (2022)

Na xilogravura **Os pássaros**, alguns alunos imitam as aves (Figura 27).

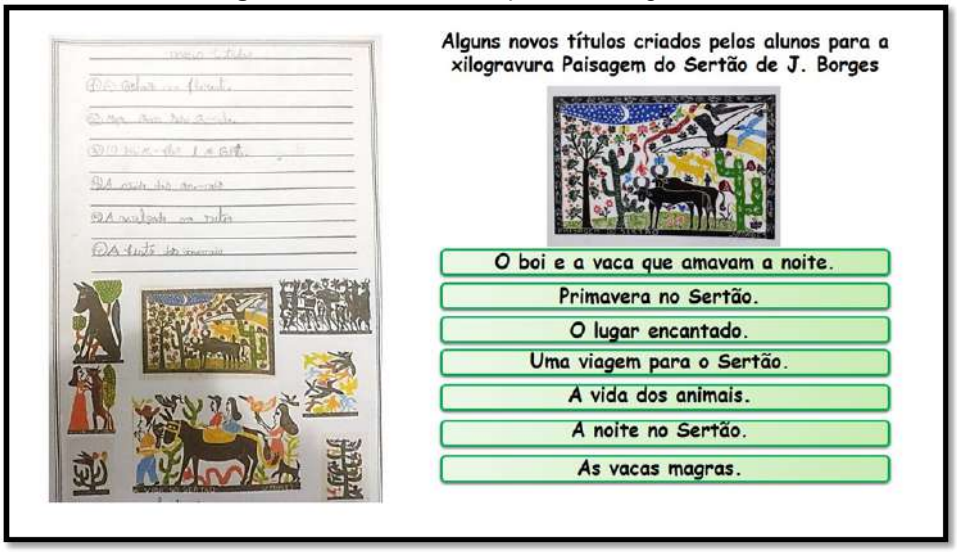
Laura: *Tem pássaros de toda cor.*
Paula: *São coloridos*
Afonso: *Parece que estão fazendo uma festa. A festa dos pássaros.*
Paula: *Tem um que está fazendo pose.*

Figura 27- Aluna durante um jogo dramático

Fonte: Autora (2022)

Numa brincadeira com as palavras, num envolvimento com a linguagem, os alunos se expressavam espontaneamente. Também propomos uma atividade em que os alunos tiveram a oportunidade de criarem novos títulos para as xilogravuras (figuras 28).

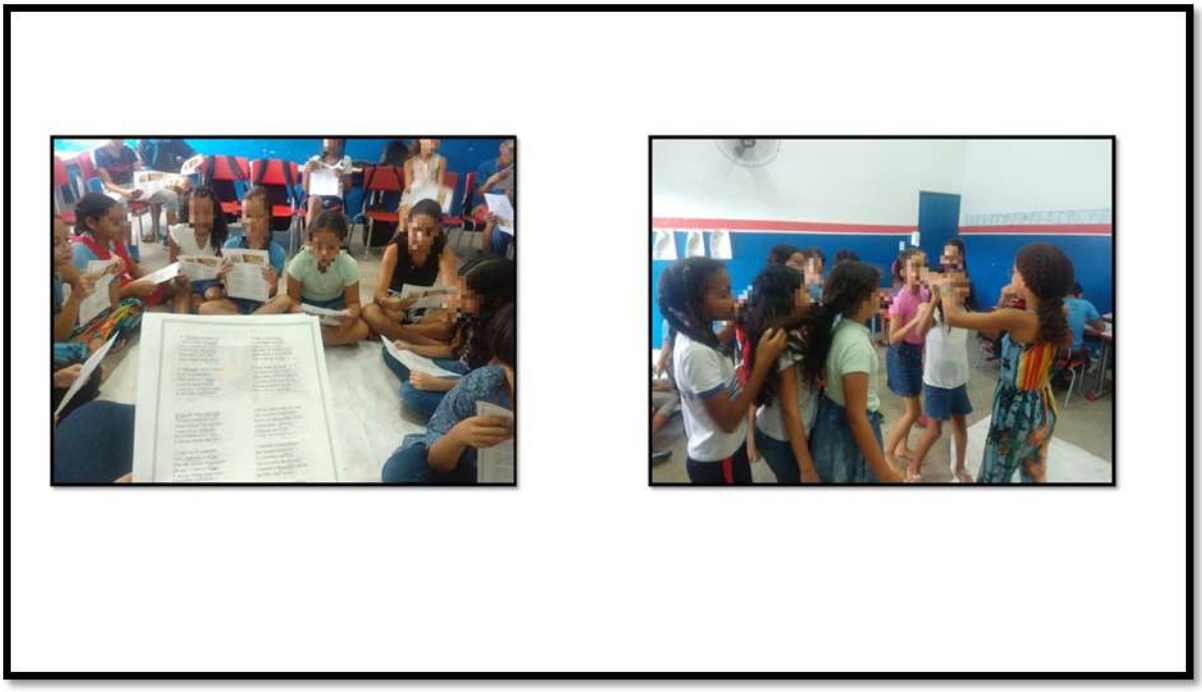
Figura 28- Novos títulos para as xilogravuras



Fonte: Autora (2022)

Sentamos com os alunos no chão da sala de aula. Distribuímos vários animais em fantoches de palito no centro do círculo. Iniciamos a leitura em voz alta do Cordel *No tempo que os bichos falavam* (Anexo B). Queremos destacar que durante as atividades, alguns alunos não queriam participar. Porém, eles iam ouvindo, reagindo de outras maneiras, como por exemplo, por meio de reações, gestos e sorrisos. Dando continuidade à nossa aproximação poética, dissemos que o cordel também pode ser cantado. Então, distribuímos o texto e juntos cantamos (figura 29). Todos aplaudiram no final da canção. Assim, finalizamos a nossa segunda etapa referente à aproximação poética. Os alunos sugeriram a realização de um piquenique literário na área externa da escola. Acolhemos essa sugestão com muito carinho. Após as nossas interações, as crianças estavam conversando e dialogando sobre a Literatura de Cordel. Outras continuaram a cantar e outras iniciaram uma brincadeira em grupo. Elas estavam bem envolvidas e em sintonia após a as atividades.

Figura 29- Crianças cantando e brincando



Fonte: Autora (2022)

5 DISCUSSÃO E RESULTADOS

5.1 ANÁLISE DA SEGUNDA ETAPA

Destacamos que a 2º etapa **Um dragão na sala de aula** será o momento em que a nossa análise será concentrada, pois foi onde aconteceram as Rodas de Conversas Literárias sobre ***A história de Juvenal e o Dragão***, pois de acordo, com o nosso objetivo geral, buscamos analisar como as crianças do 4º ano do Ensino Fundamental dialogam e vivenciam a leitura com o Cordel *A história de Juvenal e o Dragão*, de Leandro Gomes de Barros, em Rodas de Conversas Literárias e com o livro ilustrado em que Rosinha reconta a mesma história.

No dia **04 de novembro de 2022,** iniciamos a primeira atividade da 2ª etapa, intitulada como **De olho nos paratextos**, que teve por objetivo explorar os elementos paratextuais com as crianças, para que elas pudessem formular suas primeiras impressões sobre o cordel *A história de Juvenal e o Dragão*.

Antes de apresentarmos a obra para as crianças, buscamos aproximá-las mais uma vez das xilogravuras. Dessa vez, com a presença do dragão, uma das personagens da história que lemos.

Iniciamos as atividades apresentando duas imagens de xilogravuras de autoria de J. Borges: *A briga dos dragões* e *O dragão do reino dos encantos*. Na lousa também encontrava-se a imagem da matriz da xilogravura. Além disso, também disponibilizamos uma matriz real, porém da capa de outra história "Joãozinho e o Mamulengo" da cordelista Shamara Paz, já que não tínhamos a matriz original das xilogravuras dos dragões. Organizamos uma mesa com diversos cordéis (Figura 30).

Figura 30- Bancada de Cordéis na sala de aula

Fonte: A autora (2022)

As crianças continuaram observando as xilogravuras e imaginando várias situações. Elas se levantaram e foram até às imagens para verificar e sustentam suas afirmações, mesmo quando são diferentes das afirmações dos colegas.

Marinho e Pinheiro (2012, p.131) sugerem o trabalho com as xilogravuras: “depois que os alunos conhecerem um número significativo de xilogravuras, deve-se conversar sobre essa forma de produção cultural”. O contato das crianças com a xilogravura ativou seus conhecimentos prévios, pois relembraram aspectos sociais em que a arte foi produzida, as experiências do artista J. Borges, etc. Santos Filho (2015, p.24) afirma que as manifestações visuais “não só existem para sensibilizar a visão, mas também para comunicar ou expressar os movimentos da experiência humana”.

Todos(as) da turma foram convidados a irem até a lousa observarem mais de perto as xilogravuras (Figura 31). Quando se aproximaram das imagens, conversaram entre si, imaginando novas narrativas. Alguns foram até as xilogravuras, outros observaram de longe, outros não se levantaram, mas estavam atentos.

Figura 31- Alunos apreciando as xilogravuras

Fonte: A autora (2022)

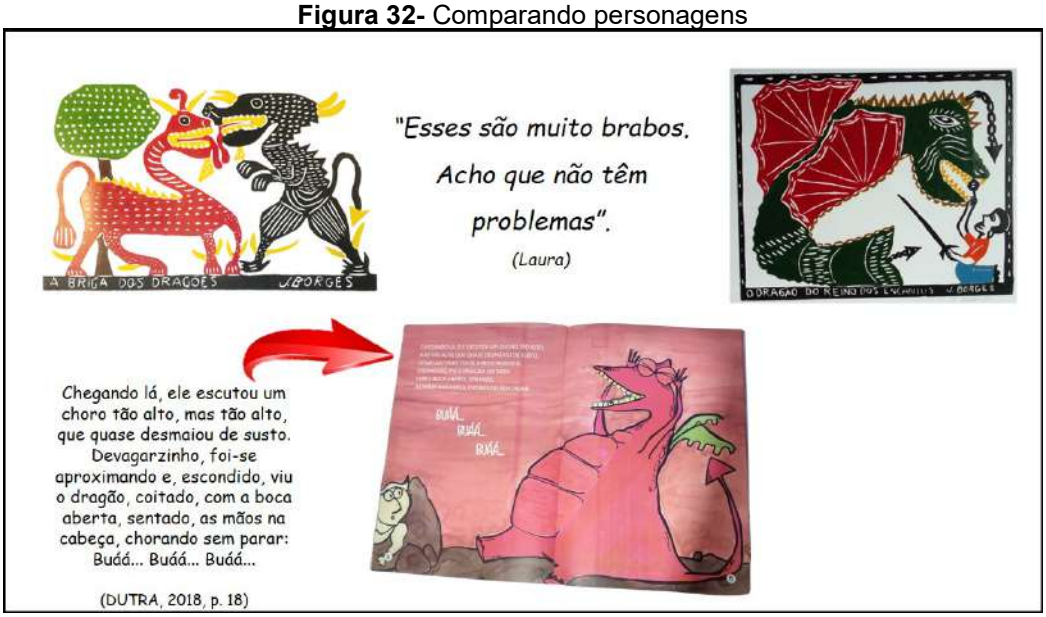
> ***Professora:*** *Vamos conhecer um animal, uma personagem que está em muitas histórias.*
> ***Todos:*** *Um dragão!!*
> ***Carolina:*** *lembrei do livro O dragão tem um problema.*
> ***Alguns alunos****: Eu também!*
> ***Professora:*** *Quais semelhanças ou diferenças você observa entre esses dragões e o da história que você lembrou?*
> ***Carolina:*** *Aí tem dois, na história era um só.*
> ***Professora:*** *qual era o problema do dragão?*
> ***Carolina:*** *ele estava com dor de dente.*
> ***Laura:*** *será que esse também está com dor de dente?*
> ***Júlia:*** *lá na história tinha muitos personagens. Tinha muita gente pra tirar o dente dele.*
> ***Laura:*** *esses são muito brabos. Acho que não têm problemas.*

No episódio selecionado acima, iniciamos a mediação realizando uma afirmação. Eles rapidamente associaram a personagem aos dragões presentes nas xilogravuras de J. Borges ao dragão, personagem do livro *O dragão tem um problema*. Esse livro é da escritora recifense Flávia C. Rocha Dutra e foi lido na sala durante o primeiro semestre do ano letivo de 2022. Continuamos a mediação realizando uma pergunta sobre as semelhanças ou diferenças que eles poderiam observar entre os dragões das xilogravuras e o dragão do livro lembrado por eles. Assim, buscamos colaborar com a construção de sentidos dos docentes, por meio dos movimentos das experiências que eles trouxeram. Ao interagirem com essa criação artística, a linguagem não verbal, os alunos também (re)criaram, imaginando outras imagens (SANTOS FILHO, 2015). Carolina afirma que na xilogravura há dois

dragões e na história que lemos antes havia somente um. Continuamos perguntando qual era o problema do dragão, e os próprios alunos interrogaram se o dragão da xilogravura também poderia estar com dor de dente. Laura responde, comparando as características dos dragões (Figura 32). Eles relembram que o dragão do livro chorava muito por causa de uma dor de dente, e que tinha muita gente na vila para ajudá-lo. O dragão não era brabo como aparentava, estava apenas pedindo ajuda. Já os dragões da xilogravura, na visão das crianças, eram muito brabos.

Nesta interação entre manifestações artísticas, a linguagem verbal e visual, numa dimensão lúdica e dialógica, possibilitamos que e a criatividade. Proporcionar essas vivências atende às perspectivas da interdisciplinaridade (MARINHO E PINHEIRO, 2012), pois, "temos na literatura esse espaço de confronto e enfrentamento das diversidades por sua condição intertextual e interdisciplinar; seus textos estabelecem uma natural inter-relação entre as mais diversas linguagens" (SANTOS FILHO, 2015, p.29).

Figura 32- Comparando personagens



Fonte: A autora (2023)[48]

Santos Filho (2015) afirma ser relevante a prática de leitura do texto literário em articulação com outras linguagens, pois possibilita ao leitor "mais chances de interação com a sua existência" (p.31). Neste movimento dialógico, compreendemos

[48] As imagens das xilogravuras utilizadas na montagem feita pela professora-pesquisadora podem ser encontradas em: https://pedeboi.com.br/loja/j-borges-a-briga-dos-dragoes/ e em: https://www.leiloesalarcon.com.br/peca.asp?ID=1305118. A referência da página dupla do livro ilustrado presente na montagem é: DUTRA, Flávia C. Rocha. **O Dragão tem um problema**. Recife: Bagaço, 2018.

a leitura literária de forma plural, por isso a experiência com a xilogravura contribuiu para que os alunos compartilhassem suas experiências durante a leitura da história de Juvenal e o Dragão. Silva (2006, p.81) afirma que

> Como manifestação artística concretizada na articulação entre motivações políticas, históricas, sociais, econômicas, motivações diversas que repercutem no fazer estético, a literatura não pode ser compreendida como objeto isolado, sem as interferências do leitor, sem o conhecimento das condições de produção/recepção do texto, sem as contribuições das diversas disciplinas que perpassam o ato da leitura literária, inter/multi/transdisciplinar pela própria natureza plural da obra literária.

Assim, os alunos continuaram a interagir sobre as xilogravuras, compartilhando experiências, concordando e também discordando dos colegas. A partir do contato com as imagens, também realizaram as suas próprias perguntas, e criando as suas hipóteses. Eles foram criando conexões com as aulas anteriores, lembrando, inclusive, da matriz e da xilogravura original que tivemos contato.

> ***Laura:*** *O que é aquilo que está saindo da boca do dragão?*
> ***Paula:*** *É a língua.*
> ***Afonso:*** *É meio diferente, meio torta.*
> ***Paula:*** *Tia, uma imagem está preta e a outra colorida. É o mesmo desenho.*
> ***Laura:*** *É igual a madeira que tia mostrou naquele dia.*
> ***Professora:*** *Vocês lembram do nome?*
> ***Alguns alunos:*** *Matriz.*
> ***Professora:*** *Isso mesmo. Uma das figuras está representando a matriz e as outras, a xilogravura.*
> ***Joaquim:*** *Lembrei do desenho de Fiona que tem um dragão. Ele ficava na torre protegendo ela.*
> ***Laura:*** *Não é desenho, é um filme. O nome é Shrek.*
> ***Joaquim:*** *é como se fosse um desenho.*

Ao observarem as xilogravuras, os alunos compartilharam as suas experiências. Lembraram do filme *Shrek* e da Série *Como treinar o seu Dragão,* falando que já assistiram quase todos os episódios. Ficaram trocando ideias e comparando os dragões da série com os da xilogravuras. As crianças trocam informações, discordam e também constroem conhecimentos juntas. Joaquim refere-se ao filme utilizando o nome da personagem Fiona. Laura, por sua vez, compreende de que ele está falando de Shrek. As experiências se complementam.
De acordo com Francez e Neitzel (2019, p. 27):

> Em alguns casos, a utilização de imagens de arte nas aulas pauta-se somente em explicações quanto à obra, de maneira que o professor apenas repassa informações a respeito da produção artística e não permite que se

> desenvolvam as percepções das crianças a partir da relação que elas estabelecem com a obra.

Durante a contemplação das crianças às xilogravuras, muito mais que conhecer sobre o autor das obras, e outras informações como datas, os alunos puderam expressar suas opiniões e criar suas próprias narrativas. Durante a mediação, buscamos deixar os alunos à vontade para realizar as suas próprias observações e indagações, mas também buscamos provocá-los com algumas perguntas, como por exemplo:

> ***Professora:*** *Por que será que eles estão brigando?*
> ***Carolina:*** *Por território?*
> ***Júlia e Samuel:*** *por alimento*
> ***Laura:*** *Acho que estão querendo pegar os filhotes deles.*
> ***José:*** *Por que é um dragão de uma espécie e outro de outra.*
> ***Professora:*** *Mas podemos brigar por sermos diferentes?*
> ***Todos:*** *Não!*
> ***Carolina:*** *Eles estão errados.*
> ***Professora:*** *Quais conselhos vocês dariam para eles?*
> ***Samuel:*** *Parem de brigar, todos somos iguais.*

Assim, as crianças foram interagindo e levantando hipóteses. Francez e Neitzel (2019, p.29) afirmam que “essa mediação de leitura de imagens pode oportunizar que a criança se relacione com a obra de arte de uma maneira mais sensível, aberta a novos olhares, contribuindo para sua educação estética”.

Ainda em relação à xilogravura intitulada *A briga dos dragões*, os alunos Afonso e Sara pediram para imitar os dragões (Figura 33). Peter Slade em sua obra *O Jogo Dramático Infantil* (1978) afirma que as crianças ao realizarem o jogo sentem confiança. É perceptível que as crianças estavam bastante à vontade. Buscamos fortalecer a nossa comunidade de leitores por meio da escuta, do diálogo e confiança. Durante as atividades, os alunos levantavam, iam até a lousa onde estavam as imagens, realizavam gestos, demonstravam diversas reações por meio de palavras ou silêncios. Sobre essas ações, Slade (1978, p.18) comenta:

> A melhor brincadeira teatral infantil só tem lugar onde oportunidade e encorajamento lhe são conscientemente oferecidos por uma mente adulta. Isto é um processo de nutrição e “não” é o mesmo que interferência. É preciso construir a confiança por meio da amizade e criar a atmosfera propícia por meio de consideração e empatia.

Figura 33- Alunos num jogo dramático

Fonte: A autora (2023)

Neste processo fortalecemos a educação literária valorizando os nossos alunos como sujeitos autônomos e protagonistas, “querendo bem” a eles e resistindo à cultura do silêncio (FREIRE, 1996). Continuamos a conversar sobre as xilogravuras. As crianças mais uma vez trouxeram à lembrança filmes, compartilhando seus conhecimentos prévios, evocando histórias vivenciadas.

> ***Laura:*** *Eu me lembrei do filme Encanto.*
> ***Professora:*** *Conta um pouco.*
> ***Laura:*** *É uma família com uma menina que não tem dom. Todos têm um dom e ela não. Só que ela é a chave do milagre.*
> ***Carolina:*** *Eu lembro!*
> ***Professora:*** *Que reino será esse que fala na xilogravura?*
> ***Ana:*** *Tem um monte de dinossauro?*
> ***Carolina:*** *Deve ter um monte de dragões*
> ***Joana:*** *Acho que tem fadinhas e princesas*
> ***Paula:*** *Mas se fosse o reino dos dragões, não tinha um homem.*
> ***Laura:*** *Tia, será que aí era no tempo que os bichos falavam?*
> ***Joana:*** *Eu acho!*
> ***Samuel:*** *Acho que não.*
> ***Joaquim:*** *Eu acho que o rei tem um poder.*
> ***Laura:*** *De controlar os dragões*
> ***Carolina:*** *Eles não aceitam*
> ***Sara:*** *Na série que falei, Como treinar o seu Dragão, tinha um dragão maior que era o Alfa e controlava todos os dragões.*
> ***Paula:*** *Se a gente não gosta de ser controlado, imagine os dragões.*
> ***Professora:*** *O que eles fizeram para não serem controlados?*
> ***Todos:*** *Lutaram*
> ***Afonso:*** *Acho que esse homem tem o poder de acalmar os dragões*
> ***Laura:*** *Mas porque ele está com a espada?*
> ***Afonso:*** *Acho que ele é do bem e está tentando ajudar o dragão para ele ficar calmo.*
> ***Henrique:*** *Acho que ele é do mal, porque está com a espada.*
> ***Sara:*** *Quem vence é o dragão, a não ser que o homem seja muito poderoso.*

Quando as crianças observaram o título da xilogravura O dragão do reino dos encantos, elas lembraram do filme Encanto. Pedimos que contassem um pouco sobre o encanto da história do filme e em seguida realizamos uma pergunta para que eles pudessem imaginar os possíveis encantos do reino do dragão: "*Que reino será esse que fala na xilogravura?".* Eles começam a formular hipóteses, imaginando como seria esse reino. Paula, por sua vez, questiona o título: *Mas se fosse o reino dos dragões não tinha um homem*. Eles imaginam que o homem presente na xilogravura lutando com o homem pode ser um rei que tenta controlar os dragões. Paula dessa vez traz algo da sua experiência, se compara com os dragões quando afirma: "*Se a gente não gosta de ser controlado, imagine os dragões".* Outros imaginam que o homem quer apenas acalmar o dragão. Neste diálogo, eles apresentam as suas experiências, concordam e também discordam, respeitando os colegas.

Queremos destacar o momento em que Laura relembra o cordel *No tempo que os bichos falavam* de J. Borges e questiona se a xilogravura estaria acontecendo nesse tempo: "*Tia, será que aí era no tempo que os bichos falavam?".* Realizamos a leitura dessa obra citada por Laura durante a nossa segunda atividade da *Aproximação Poética* e aluna relembrou. Alguns alunos não concordaram com Laura e outros sim.

No dia **07 de novembro de 2022** continuamos as nossas atividades. Apresentamos os livros da Coleção Palavra Rimada com Imagem (Figura 34). Mostramos cada um dos livros ilustrados, bem como os folhetos de cordéis. Pegamos o Cordel *A história de Juvenal e o Dragão*, assim como o livro ilustrado com o mesmo título e colocamos um post-it para cobrir o título. Quando os alunos viram a capa do cordel relacionaram imediatamente com a xilogravura apresentada nas atividades anteriores. Observando a capa das obras, os alunos foram aguçando a imaginação e especulando diversas possibilidades de narrativas. Eles realizavam suas próprias perguntas e iam respondendo. Algumas respostas tinham congruência e outras eram diferentes. Eles dialogavam, e aos poucos os alunos iam participando, incluindo aqueles que de início estavam um pouco tímidos.

Figura 34- Professora apresentando a Coleção Palavra Rimada com Imagem

Fonte: A autora (2023)

Carolina: A capa é parecida com a xilogravura *O dragão no reino encantado*.
Sara: Será que o título é esse, Carolina?
Paula: Acho que não. Tem três cachorros.
Laura: O homem está com a espada e na xilogravura também.
Ana: Não tem como ser igual, porque na capa tem três cachorros.
Júlia: Na xilogravura o homem está ajoelhado, na capa não.
Professora: Por que será, Júlia?
Júlia: Acho que o da xilogravura é medroso.
Joaquim: Não é a mesma história.
Professora: Onde essa história está acontecendo?
Júlia: No céu.
Sara: No campo.
Joaquim: É um dia chuvoso, o homem está de bota. Na fazenda?
Carolina: No campo chuvoso.
Professora: O que será que vai acontecer?
Paula: Uma briga. O homem está com a espada. Tem um cachorro mordendo o rabo do dragão.
Samuel: Uma batalha
Henrique: Uma batalha, porque o rei queria controlar os dragões.
Professora: Será que existem outras personagens nessa história?
Henrique: Sim, outros dragões.
Paula: Outros cachorros.
Samuel: Outras pessoas batalhando
Sara: Outros animais: cavalo, vaca...
Laura: Uma dragão.
Júlia: O filho do homem.
Carolina: Um guerreiro.
Ana: A esposa desse homem.
Afonso: O menino escolhido para batalhar com o dragão.
Joaquim: O rei.
Júlia: Por que o cachorro está mordendo o dragão, tia?
Professora: O que vocês acham?
Carolina: Porque eles estão brabos.
Henrique: O dono dele mandou.
Laura: Uma forma de defesa.
Sara: Porque o dragão foi atacar o homem.
Joaquim: Ele deve ter feito algo de mau para o dragão.

Souza e Silva (2016) afirmam que não somente a narrativa do livro pode ser explorada pelo mediador, mas os paratextos podem ser explorados “**com** as crianças e **por elas**, durante a leitura” (grifos nossos, p. 78). Por isso, buscamos realizar um encontro entre os alunos e os paratextos presentes no livro ilustrado, bem como no folheto da história de *Juvenal e o Dragão*. Por paratextos, compreendemos diversos elementos que compõem a obra, como por exemplo: “formato do livro, título, capa e contracapa, página de rosto, dedicatória, apresentação do autor e da obra, ficha catalográfica, etc.” (SOUZA e SILVA, 2016, p.79). Esses elementos possuem uma tangência muito rica, e podem ser explorados.

Quando os alunos iniciaram o primeiro contato com a coleção, notaram semelhança entre a capa do livro com a xilogravura *O dragão do reino encantado* (Figura 35).

Figura 35- Conexão entre obras

Fonte: A autora (2023)

Sara então questiona se o título do livro não seria o mesmo da xilogravura de J. Borges. Alguns alunos discordam, comparando as obras. Eles tocam no livro, observam mais de perto e continuam a dialogar. Paula e Ana acreditam que não se trata do mesmo título, afinal, na capa tem a presença de três cachorros. Júlia, observa a personagem de ambas as obras: um homem com a espada. Ela percebe que um está ajoelhado e o outro em pé. Entre troca de ideias, eles concluem não se tratar da mesma história.

Continuando a mediação, perguntamos onde a história estaria acontecendo. As crianças apreciam a capa e observam que o homem está usando botas. A maioria deles acredita que a história irá se passar em uma fazenda num dia

chuvoso. Perguntamos: *“O que será que vai acontecer?”*. Paula observa mais uma vez os elementos presentes na capa e percebe que um dos cachorros está mordendo a cauda do dragão. Os alunos ficam curiosos olhando, pois alguns deles ainda não tinham notado. Eles acreditam que irá acontecer uma briga e talvez os dragões serão dominados. Continuamos a mediação, perguntado aos alunos se teriam outras personagens na história, além do homem, do dragão e dos três cachorros. Eles afirma que sim, dizem ter outras pessoas e até outros animais. Durante a nossa roda de conversa, os(as) alunos(as) tinham oportunidade de formular as suas próprias perguntas. Júlia, por exemplo, questiona o motivo pelo qual o cachorro estaria mordendo o dragão. A pergunta é direcionada a mediadora, porém, repassamos a pergunta para os próprios alunos que afirmam que era uma forma de defesa, pois o dragão queria atacar o homem. A turma estava bastante eufórica e curiosa para saber o título da obra. Eles levantavam, iam até algum colega trocar ideia, pedia para pegar no livro. Nem todos expressaram as suas opiniões, mas muitos se posicionavam por meio de movimentos, silêncios... Cecília Bajour, ao abordar questões relacionadas ao livro-álbum, em entrevista concedida à Revista Emília fala sobre a zona do não dito. Quando optamos em explorar a capa enquanto elemento paratextual, cobrindo o título propositalmente com post-it, oferecemos aos nossos alunos a “possibilidade de reconstruir e construir ou preencher vazios e espaços do não dito” (BAJOUR, 2018b, p. 14). Para a autora, neste momento, o leitor está lendo olhando, lendo outros tipos de linguagem, lendo as imagens, o projeto gráfico. Foi assim que aconteceu com os nossos alunos. As crianças perguntam, questionam, imaginam histórias: “Elas se caracterizam por não ter preconceitos com a imagem, para elas não há muito problema em perguntar, especialmente quando são pequenas, o que é aquilo que veem” (BAJOUR, 2018b, p.16). Durante as nossas atividades, as crianças iam (re)construindo sentidos e, enquanto mediadores foi importante esperar o momento de cada criança expressar seus pensamentos. Consideramos um processo permeado de confiança numa troca de saberes. Após toda essa explanação, cada criança imaginou um título para o Cordel (Quadro 5).

Quadro 5- Títulos criados pelos alunos

	Possíveis títulos
1	O dragão e o homem
2	A briga entre o dragão e o homem
3	O dragão tem uma briga
4	O menino e o dragão
5	O dragão e os três cachorros
6	O dragão e seu reino
7	O dragão e reino encantado
8	A guerra do dragão e o homem
9	O menino batalhando com o dragão
10	A briga entre o dragão, o homem e os cachorros
11	A defesa do dragão
12	O reino dos dragões
13	O dragão e o guerreiro

Fonte: A autora (2022)

Os(as) alunos(as) ficaram curiosos(as), torcendo para acertarem. Assim, retiramos os *post-it* um por vez. Quando tiramos por completo, Joaquim percebeu que o título que ele pensou ficou bem próximo do título do Cordel. Mostramos o livro ilustrado e eles perguntaram se iríamos contar a história, pois eles estavam querendo conhecer Juvenal e o Dragão. Assim, abrimos o livro, mostrando a capa e a quarta capa ao mesmo tempo (Figura 36). Elas formam uma única imagem em que estão permeadas por linguagem verbo-visual. Na capa há a ilustração feita por Rosinha, apresentando Juvenal, o dragão e os três cães. Na quarta capa há uma parte da ilustração formando o desenho do dragão, a sinopse em três estrofes de cordel, mais especificamente, no formato de sextilhas. No lado esquerdo há uma ilustração de várias casas, ou talvez, um reinado. O livro foi impresso em papel couché 150 g (miolo) e em Duo Design 250g (capa). A capa tem um formato retangular, as orelhas são extensas (aproximadamente 20 cm). Na orelha do lado esquerdo, há uma apresentação produzida pela Escritora Rosinha em que ela fala sobre a Coleção Palavra Rimada com Imagem. Na mesma orelha, há uma ilustração, provavelmente trata-se do cocheiro na carruagem levando a princesa para o dragão. No lado interior da mesma orelha há várias imagens representando a capa de diversos cordéis de Leandro Gomes de Barros. Rosinha, em seu projeto gráfico, dedicou-se a ilustrar capa por capa. Dentre os cordéis, encontramos: *A vida de Pedro Cem*, *O cavalo que defecava dinheiro*, *História da donzela Teodora*, etc. Na orelha do lado direito encontramos o folheto de cordel pendurado de uma maneira bastante criativa por meio de uma abertura na orelha. Acima há a ilustração provavelmente representando Juvenal e os três cachorros. Os alunos pegaram o

livro e o cordel e foram explorando, sentindo e tocando. A aluna Laura, notando a ilustração da orelha, pergunta: *Tia, isso é um menino?* Joaquim, por sua vez responde: *É um menino e um cachorro*. Até então, eles não sabem de quem se trata. Na parte interior também encontramos imagens de diversos cordéis de Leandro, como por exemplo: *O casamento do Calango*, *Antônio Silvino: o rei do cangaço*, etc.

Figura 36- Capa e quarta capa do livro ilustrado A história de Juvenal e o Dragão

Fonte: Rosinha (2010)

Assim, exploramos os paratextos, mostramos a orelha e eles notaram os diversos cordéis que estavam lá. Eles pediram para ver mais de perto. Dessa maneira o livro circulou entre os alunos e muitas foram as reações. Souza e Silva (2016) afirmam que tanto a linguagem verbal, quanto os paratextos e as ilustrações podem ser explorados pelo mediador junto às crianças. As autoras afirmam que esses elementos instigam a leitura, pois apresentam ludicidade que contribuem para a construção de sentidos da obra. Os leitores fazem inferência, buscam descobrir do que trata a narrativa, por meio das suas especulações literárias. Porém, ainda há certa negligência “não somente pelos críticos, mas também pelos docentes, quando não deram e não dão importância a eles” (SOUZA e SILVA, 2016, p. 79).

Dessa maneira, buscamos lançar mão desses elementos que aguçam a imaginação e contribuem para o fortalecimento da nossa comunidade de leitores, pois enquanto exploramos os paratextos, vamos dialogando e construindo conhecimentos. Enquanto mediadores de leitura, possibilitar esse contato com os paratextos, traz muitas contribuições:

> O trabalho com os paratextos do livro literário oferece ao leitor elementos de reconhecimento do texto e a oportunidade desse leitor formular as primeiras hipóteses sobre a narrativa. Podemos dizer, ainda, que os paratextos operam como dispositivos pragmáticos, já que predispõem e condicionam o processo de leitura. Por outro lado, a discussão desses elementos do livro ajuda as crianças em seu trabalho de construção e/ou reconstrução do sentido textual. Assim, evidenciamos a importância do papel tanto dos paratextos como do professor que os evidenciará. (SOUZA e SILVA, 2016, p. 89)

Dessa forma, buscamos considerar os paratextos na nossa prática literária. Conversamos com os alunos, fazendo-os contemplar os elementos presentes na obra (Figura 37).

Figura 37- Crianças e alunos dialogando sobre os paratextos.

Fonte: A autora (2022)

As crianças foram explorando as diversas capas de cordéis ilustradas por Rosinha, e entre elas encontraram um folheto que chamou a atenção:

> **Carolina:** Achei o cordel *Os bichos que falam*.
> **Júlia:** É o mesmo de J. Borges?
> **Carolina:** Não.

Alguns alunos notaram que o título era parecido com o de J.Borges e explicamos que cada autor recontou do seu jeito e que existem diversos temas na Literatura de Cordel. No decorrer da conversa, lembramos que o cordel também pode ser cantado, pois de acordo com o dossiê de registro da Literatura de Cordel, produzido pelo IPHAN:

> Para atrair curiosos e compradores, **os poetas costumavam cantar em voz alta trechos dos poemas.** Dramas, tragédias, romances e sátiras eram cantados em voz alta e no momento mais importante da narrativa – quando o desfecho da história de aproximava – o canto do poema era interrompido. O final da história era dado a conhecer apenas para aqueles que comprassem o folheto. Portanto, a **métrica perfeita** seria a condição para que o poeta pudesse exercer sua performance com maestria diante do público. (BRASIL, 2018b, p.20, grifos nossos)

A aluna Sara disse que tocava meia lua na igreja e que gostaria de tocar na escola. Nas atividades posteriores, conseguimos um instrumento emprestado e o levamos para a sala de aula e os alunos gostaram muito, pois além de Sara, mais dois alunos também tocavam o pandeiro meia lua e cantavam na igreja. Os alunos continuaram a observar os folhetos:

> **Joaquim:** Tia, olha a história do beija-flor.
> **Júlia:** Princesa Rosa, igual o nome da escritora.
> **Afonso:** Gostei desse do dinheiro, tia.
> **Laura:** Queria conhecer a história.

Na conversa acima notamos a riqueza dos elementos paratextuais presentes no livro literário. Esse contato com o livro permitiu um diálogo entre o leitor, a obra e a autora. Os(as) alunos(as) se aproximaram da escritora, comparando, inclusive, o seu nome Rosinha com o título de um dos folhetos. Eles demonstraram interesse por outros títulos dos folhetos de cordel, querendo conhecer outras histórias.

Continuando a exploração, as crianças observaram uma ilustração presente na quarta capa e recordaram, mais uma vez, do livro *O dragão tem um problema*, da escritora Flávia C. Rocha Dutra. Eles perceberam semelhança entre a ilustração de Rosinha e a vila descrita no livro de Flávia (Figura 38).

Figura 38- Comparação entre ilustrações

Fonte: A autora (2022)

Laura: Olha, tem o reino.
Carolina: Eu ia falar agorinha.
Júlia: Tem castelo, casa.
Afonso: É uma vila, porque tem casas.
Joaquim: No livro *O dragão tem um problema* tinha uma vila.
Sara: Mas na vila não tinha castelo, nesse tem.
Paula: No cordel, na capa não mostra o reino e no livro mostra.
Carolina: Porque ela usou a criatividade dela.
Eduardo: Porque cordel e livro são diferentes.

De acordo com Hunt (2010) *apud* Soncini (2022, p.479): “Os livros devem ser genuinamente ampliadores da mente”. Dessa forma, os paratextos podem provocar ou não o interesse dos leitores, e quando provoca, o leitor pode criar expectativas e também estabelecer relações de intertextualidade com outra obra. Diante disso, destacamos a importância da mediação do professor nesse processo, que pode explorar todos os elementos paratextuais com os(as) alunos(as), convidando-os(as) a se conectarem com os elementos do livro ilustrado durante a leitura literária. Nesse processo dialógico, os(as) alunos(as) serão ouvidos e participarão do processo de (re)criação da narrativa. Bettelhein *apud* Petit (2009, p.155) afirma que a criança não precisa saber da “utilidade” da leitura, mas “deve ser convencida de que a leitura lhe abrirá todo um mundo de experiências maravilhosas, dissipará sua ignorância, a ajudará a compreender o mundo e a dominar seu destino”. A leitura literária é uma experiência singular, e o professor-mediador pode também ser um professor

singular, quando acolhe os alunos e os apresenta possibilidades de entrosamento (PETIT, 2009). Nas interações, os alunos observaram os elementos presentes na capa e na contracapa do livro ilustrado e puderam comparar com a capa do folheto, percebendo a ausência de uma ilustração. Alguns alunos questionaram o porquê da capa do folheto não ter a imagem do reino (ou da vila), já que ambos foram ilustrados pela ilustradora Rosinha. Assim, foram ampliando a mente, formulando ideias e questionamentos, como por exemplo, alguns alunos, como o Eduardo, afirmaram que o folheto era pequeno, diferente do livro e talvez por isso, não coubesse tantas imagens. Mais uma vez, eles recordaram do livro O Dragão tem um problema. Na história tinha uma vila bastante calma, onde moravam pessoas felizes. De repente, aparece um dragão cuspindo fogo e amedrontando as pessoas que se reúnem para tentar expulsar o dragão, mas se surpreenderam com o que descobriram. A história escrita por Flávia C. Rocha Dutra foi ilustrada por Emerson Pontes, e apresenta a vila cheia de casas coloridas e com muitas pessoas. Algumas crianças ao observarem a ilustração presente na quarta capa, associaram a uma vila, pela experiência que tiveram anteriormente, porém outras crianças afirmaram se tratar de um reino, pois tinha um castelo, além de casas. Souza e Silva (2016, p.79) afirmam quem os "leitores fazem inferências a respeito das imagens da capa, tentando descobrir o tema, as personagens e alguns indícios visuais ajudam nas previsões sobre a história em si". Durante a nossa conversa, buscamos mostrar às crianças que o livro é construído não somente pelo autor, mas também pelo ilustrador. No caso do livro que lemos, a própria autora Rosinha é também ilustradora.

Na sala tinha uma mesa lembrando uma bancada de cordéis. Pegamos o Cordel *A banguela do dente de leite*, de Valéria Rocha e lemos para eles. Declamamos algumas estrofes e também cantamos. "*Tia, está parecendo aquelas músicas de Maracatu. Minha professora do ano passado deu uma aula dessa*", disse Carolina. É interessante a associação que Carolina faz, ao ouvir a declamação do cordel, com o Maracatu[49]. Ela nota semelhança pela sonoridade, o ritmo, a partir da

[49] Maracatu é uma manifestação da cultura popular, sendo reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. De acordo com informações da Agência Brasil (2022) há dois tipos de maracatu: o maracatu rural, ou de baque solto, e o maracatu nação, ou de baque virado. O primeiro acontece durante os períodos de carnaval e Páscoa, sobretudo na região da Zona da Mata nordestina. Esse ritmo mistura outras manifestações culturais, como cambindas, bumba-meu-boi, cavalo-marinho e coroação dos reis negros. Já o maracatu nação está presente principalmente na região metropolitana de Recife. Essa expressão artística apresenta um conjunto musical percussivo e um cortejo real, que

declamação. Por isso, é importante a leitura em voz alta. Pinheiro (2018b, p. 58-59) afirma que “a preparação da leitura oral, pelo professor-mediador, é da maior importância uma vez que funciona como um estímulo ao ouvinte. Os folhetos, tradicionalmente, eram lidos ou cantados em feiras, casas, praças e nos mais diversos lugares”

Depois, Laura foi até à mesa e pegou *O cordel mais nojento do mundo*, de Mariane Bigio. Ela ficou surpresa, pois era a autora das adivinhas em cordel que conhecemos na primeira atividade. Iniciamos a leitura do cordel e alguns riram muito. Joaquim não gostou do cordel. Fez careta e disse “*Eca!*”. Alguns pediram para cantar as estrofes desse cordel também. Quando terminamos a leitura do cordel, Joaquim disse que gostou da última parte apenas. Todos bateram palma.

Ainda em nossa segunda etapa, realizamos no dia **08 de novembro de 2022**, um Piquenique Literário (Figura 39) sugerido pelos próprios alunos. Assim, aceitamos a proposta, pois o pedido reforça a construção de uma comunidade de leitores e percebemos que o planejamento não é algo definitivo, pois durante a nossa prática pedagógica vamos construindo novos olhares junto aos alunos. Buscamos estar receptivos à riqueza do novo e do inesperado (BAJOUR, 2012), escutando os nossos alunos, pois

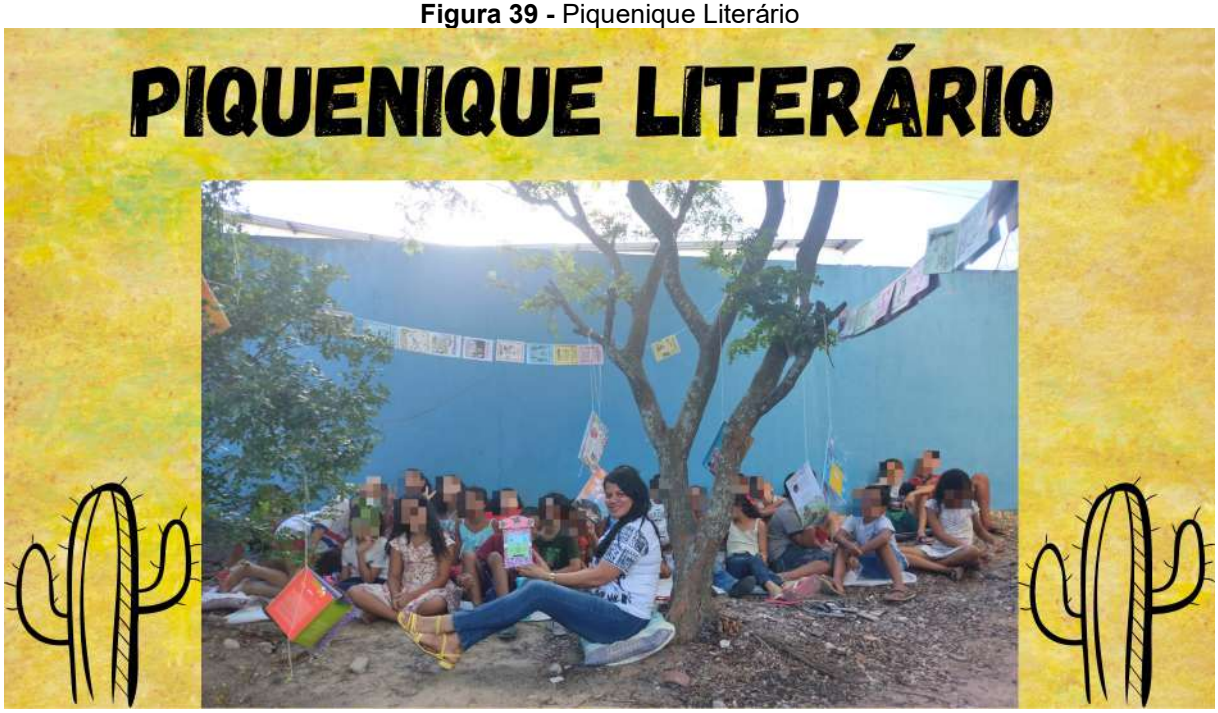
> Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE, 1996, p.113)

Assim, buscamos promover o encontro entre as crianças e os folhetos de cordel, aproveitando um espaço diferente da sala de aula. À sombra das árvores, organizamos o nosso piquenique. Todos estavam envolvidos. Começamos pendurando os folhetos em varais de barbante, forramos uma toalha no chão, organizamos as comidas nos preparando para nos alimentar de sabores e saberes. Os alunos estavam muito felizes, pois atendemos ao pedido deles. Levaram lanches, toalhas, almofadas, etc.

---

sai às ruas para desfiles e apresentação durante o carnaval. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-07/hoje-e-dia-cordel-maracatu-e-capoeirista-tem-datas-nesta-semana.

Figura 39 - Piquenique Literário



Fonte: A autora (2022)

Nesta relação de afetividade, aprendemos com os nossos alunos. Antônio Carlos Gomes da Costa, em seu livro *O professor como educador*, afirma que

> estar presente não é apenas estar perto. Presença é uma relação que exige abertura, exige sensibilidade em relação à experiência de vida do outro. Exige também reciprocidade. Trata-se de uma relação de mão dupla: educador e educando. O educador terá sempre a possibilidade de aprender com o educando e este sempre terá a possibilidade de ensinar alguma coisa ao educador. E vice-versa. A relação educador-educando[...] é geradora de responsabilidade. Temos de nos sentir responsáveis pelo outro. Não podemos ter uma atitude de indiferença em relação ao educando. (COSTA, 2001, p. 108)

Dessa maneira, continuamos a nossa mediação literária, aproveitando a proposta dos alunos. Apresentamos aos alunos a coletânea de cordéis de Larissa Lopes[50]: *As bravatas de Xoxa, Quitéria e Carolina: em terra onde machismo não se cria (2022)*. A cordelista presenteou nossa escola com a sua coleção, ao receber o convite para nos visitar. Logo após, os(as) alunos(as) ficaram à vontade para escolherem os cordéis disponíveis no varal e realizar a leitura silenciosa (Figura 40).

[50] Larissa Lopes é mamulengueira e cordelista, em Glória do Goitá/PE. Em sua coletânea *As bravatas de Xoxa, Quitéria e Carolina- em terra onde machismo não se cria*, ela interliga o Mamulengo à Literatura de Cordel, apresentando temas relevantes para a sociedade, como: a luta pela igualdade de gênero e o fim da violência contra a mulher. Ela é de uma família de Mamulengueiros, cresceu em meio à construção de bonecos e apresentações culturais. O seu pai é o Mestre Zé Lopes (em memória) que foi reconhecido como Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco em 2016. A sua mãe é Neide Lopes, bonequeira e mamulengueira.

Figura 40 - Alunos realizando a leitura silenciosa de folhetos de cordel

Fonte: A autora (2022)

Colomer (2007) afirma que é imprescindível a leitura individual na escola, um momento dedicado para a leitura livre. Dessa maneira, as crianças puderam experimentar essa forma de comunicação literária. Em determinados momentos, esse tipo de leitura é importante, pois permite que o(a) professor(a) conheça os seus alunos, “seus gostos e o que rejeitam, sua capacidade de concentração, suas dificuldades concretas ante a leitura e outros aspectos de interesse” (p.127). Compartilhamos o mesmo ambiente para realizarmos as nossas leituras, os alunos se agruparam, mas mesmo assim, ficaram livres para escolherem a obra de seu interesse. Notamos que eles indicaram o folheto que liam para os colegas. Em outros momentos, liam algumas estrofes, mas não se interessavam em continuar, ou gostavam tanto que se distanciavam para ler sozinho e concluir toda a história. Sara, chamou a nossa atenção, quando pegou um cordel, se afastou para um cantinho e estava cantando o texto (Figura 41).

Figura 41- Aluna cantando o cordel

Fonte: A autora (2022)

Buscamos respeitar e valorizar a autonomia dos estudantes, criando espaços para a curiosidade, e respeitando seus direitos (FREIRE, 1996). Consideramos que o nosso Piquenique Literário foi uma oportunidades dos(as) alunos(as)/leitores(as) satisfazerem necessidades criadas por eles próprios em que muitas sensações foram experimentadas:

> A leitura autônoma, continuada, silenciosa, de gratificação imediata e livre escolha, é imprescindível [...] para que o próprio texto “ensine” a ler. [...] É imprescindível para que os alunos formem sua autoimagem como leitores aprendendo a avaliar antecipadamente os livros, criando expectativas, arriscando-se a selecionar, acostumando-se a abandonar um livro que decepciona e a levar emprestado aquele que lhe parece atraente. Se a escola não assegura um tempo mínimo de prática para todas essas funções, quem o fará? (COLOMER, p.125).

Michele Petit (2009) afirma que muito mais do que aproximar os alunos dos livros, o importante é o encontro que se dá entre leitores e mediador, as trocas, a escuta, o chegar perto, o “querer bem” aos alunos e à escola. É importante, “a forma como o professor insere o livro na experiência dos pequenos que pode fazer do ato de ler uma vivência emocional transformadora para a criança” (MELLO, 2016, p.48 *apud* OLIVERA A., 2021, p.121).

Depois, alguns crianças compartilharam a leitura em voz alta para os colegas

(Figura 42). A gestora foi participar do piquenique e os alunos compartilharam a leitura com ela. Foi um momento muito rico e cheio de aprendizagem, em que tivemos a oportunidade de estreitar ainda mais os laços com muita empatia e diálogo.

Figura 42- Leitura em voz alta por alunos e professora

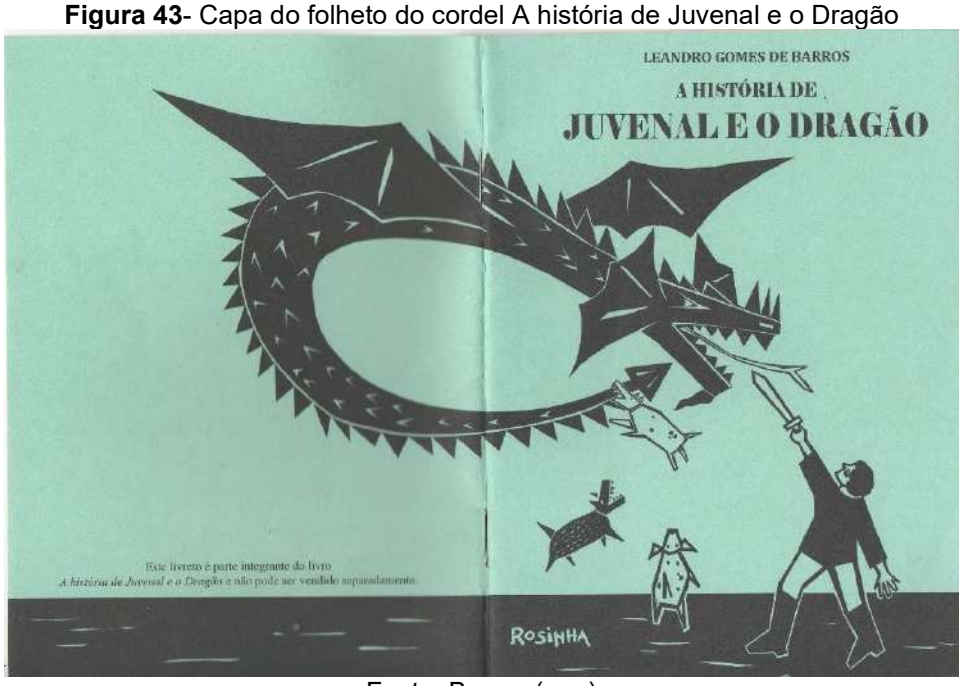
Fonte: A autora (2023)

Durante o piquenique criamos “uma ponte do individual ao coletivo”, ao lerem os cordéis em voz alta, compartilhando com os outros, explorando a história, os sons, as rimas e (re)criando significados, as crianças puderam expressar a sua individualidade, ao mesmo tempo que estavam inseridas numa dimensão socializadora da leitura literária. Dessa maneira, cria-se um vínculo e nossa comunidade de leitores na escola é fortalecida, estabelecendo redes horizontais (COLOMER, 2007; FREIRE, 1967).

5.1.1 Análise das Rodas de Conversas Literárias

Neste espaço discutiremos sobre as Rodas de Conversas Literárias em torno do Cordel *A história de Juvenal e o Dragão* (Figura 43) escrita por Leandro Gomes de Barros e recontada por Rosinha por meio de um livro ilustrado.

Figura 43- Capa do folheto do cordel A história de Juvenal e o Dragão



Fonte: Barros (ano)

As rodas correspondem a segunda atividade da segunda etapa do Projeto Entre Versos e Rimas do Cordel. Traçamos como **objetivo**: Realizar a leitura compartilhada do Cordel *A história de Juvenal e o Dragão* e também do livro ilustrado que reconta a mesma história, em Rodas de Conversas Literárias, possibilitando um diálogo entre os leitores, o texto e os autores.

No dia **09 de novembro de 2022**, aconteceu a nossa **Primeira Roda de Conversa Literária**, estando presentes 20 crianças, em sua maioria, curiosas para conhecer a história de Juvenal e o Dragão. A nossa roda de conversa teve duração de uma tarde no horário das 13h às 17h. Organizamos a divisão do cordel em oito partes, das quais as três primeiras compuseram a nossa primeira roda (Quadro 6).

Quadro 6- Divisão do cordel para a primeira Roda de Conversa Literária

PRIMEIRA RODA DE CONVERSA LITERÁRIA	
Primeira parte	A origem da família de Juvenal. O convívio com a irmã Sofia e com o seu pai que era camponês e deixou uma herança para os filhos e o espírito aventureiro de Juvenal. (Estrofes 1 até 7)
Segunda parte	Juvenal troca a sua parte da herança com um sujeito. (Estrofes 8 até 19).
Terceira parte	Juvenal segue sua viagem passando por diversos reinos. Encontra a moça seguindo o cocheiro e a princesa indo em direção ao dragão. O cocheiro conta o motivo a Juvenal. (Estrofes 20 até 34)

Fonte: A autora (2022)

Iniciamos a roda de conversa apresentando o folheto de cordel e também o

livro ilustrado, informando que a escritora e ilustradora Rosinha havia recontado a história em 12 ilustrações. No birô tinha uma caixa com vários bonecos de Mamulengo[51]. A caixa estava fechada. Ao começarmos a leitura em voz alta do cordel, dissemos que tinha uma surpresa. Os alunos ficaram curiosos. No decorrer da leitura, manuseamos os bonecos de Mamulengo para representar as personagens que apareciam no cordel (Figura 44).

Figura 44- Leitura em voz alta na primeira roda de conversa

Fonte: A autora (2022)

As nossas Rodas de Conversas Literárias aconteceram em nossa sala de aula. As rodas podem acontecer em diversos ambientes em que a Educação Literária pode ser vivenciada. Dalvi (2018) afirma que muitas são as possibilidades de espaços-tempos para que a experiência com a literatura aconteça. Na escola, pode-se encontrar como possibilidades de realização de rodas de conversa, na biblioteca, espaços externos, salas de leitura ou na própria sala de aula. Em nosso caso, optamos por realizar na sala de aula, pois não temos biblioteca escolar e nem

[51] O Mamulengo/Teatro de Bonecos Popular do Nordeste foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo IPHAN em 2015. Em Glória do Goitá há o Museu do Mamulengo, onde funciona a Associação dos Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá/PE. O museu é um lugar de garantia de salvaguarda dessa brincadeira popular que continua viva, graças aos apreciadores da Cultura Popular e, principalmente aos artistas bonequeiros e mamulengueiros que trabalham diariamente. Um grande exemplo é a Mestra Titinha que junto com a sua família de brincantes populares trabalham no museu, realizando diversas atividades, desde a confecção dos bonecos à apresentação do teatro.

sala de leitura. Porém, buscamos condições de trabalhar com a Literatura de Cordel, pois é indispensável pensarmos em boas condições para o trabalho com a poesia, principalmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental:

> Trata-se de estar atento a procedimentos e cuidados específicos que convêm a cada gênero. Tendo em vista que a poesia é, entre os gêneros literários, dos mais distantes da sala de aula, a tentativa de aproximá-los dos alunos deve ser feita de forma planejada (PINHEIRO, 2018a, p.21)

Enquanto mediadores, buscamos criar um ambiente que oportunizasse uma experiência rica e significativa. A turma estava disposta em círculo, fomos até o centro e antes de iniciarmos a leitura da história, mostramos o folheto de cordel aos alunos. Iniciamos a leitura em voz alta com atenção e cuidado à entonação, ao jogo sonoro, ao ritmo, etc. Pinheiro (2018a) orienta sobre a necessidade do(a) professor(a)/mediador(a) estudar o poema a ser lido, ler e reler diversas vezes, antes de ler em voz alta na sala de aula:

> Ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realização objetiva. Portanto, não é tarefa ligeira. Carecemos de ler e reler o poema, de valorizar determinadas palavras, de descobrir as pausas adequadas e, o que não é fácil, de adequar a leitura ao tom do poema (PINHEIRO, 2018a, p. 30)

Assim, buscamos conhecer muito bem A história de Juvenal e o Dragão para podermos “dizer poesia” na sala de aula com muito preparo. Iniciamos a leitura da primeira parte, indo até a sétima estrofe. A primeira estrofe fala de um camponês, o pai de Juvenal. Quando retiramos o boneco da caixa, os alunos ficaram surpresos. Perguntaram se eram bonecos de fantoches, então explicamos sobre o Mamulengo. Eles não conheciam essa manifestação artística e ficaram animados em saber que poderiam fazer seus próprios bonecos nas oficinas que acontecem no Museu do Mamulengo. Vejamos um fragmento das primeiras interações (Quadro 7):

Quadro 7- Fragmento das interações referentes a **primeira parte do cordel** correspondente a primeira Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia **09 de novembro de 2022**, a partir de gravação de vídeo.

Turnos de fala	Participantes	Interações
1	**Joaquim**	Tia, tem muitas rimas no cordel.
2	**Professora**	É verdade, crianças. No cordel há muitas rimas. Lembram que vimos que ele também pode ser cantado?

3	**Alguns alunos**	**Eles recordaram os momentos em que cantamos alguns cordéis na escola.**
4	**Maria**	Que nome estranho “camponês”.
5	**Júlia**	É uma pessoa que vive no campo.
6	**Professora**	Sim, camponês é quem vive ou trabalha no campo. Ducado vocês sabem? Também podemos consultar o dicionário para descobrirmos juntos algumas palavras.
7	**Samuel**	O que é casebre?
8	**Laura**	Uma casa pequena.
9	**Samuel**	O que é choupana?
10	**Laura**	A mesma coisa.
11	**Laura**	Os filhos dele eram pequenos ou grandes?
12	**Professora**	O que vocês acham? Sofia e Juvenal eram pequenos ou grandes?
13	**Laura**	Acho que tem 12 anos pra cima.
14	**Carolina**	Acho que era velho, porque disse “envelheceu e morreu”. Estava idoso.
15	**Alguns alunos**	Eles eram grandes.

Fonte: A autora (2023)

Durante a leitura, os alunos escutavam atentamente. Na primeira leitura que fizemos das sete estrofes, eles ouviram em silêncio. Realizamos uma nova leitura, pois como Bartolomeu Campos de Queirós *apud* Pinheiro (2018a, p.58) nos faz lembrar “a poesia é paciente”. Alguns começaram a participar, outros continuaram em silêncio. Eles questionaram o significado de algumas palavras desconhecidas, como Maria que afirmou: *Que nome estranho “camponês”* (Turno de fala 4). Júlia, por sua vez, se sentiu à vontade para explicar à colega o significado da palavra desconhecida: *É uma pessoa que vive no campo* (Turno de fala 5). Alguns alunos concordaram com Júlia, pois no contexto do próprio cordel, eles notaram que as personagens moravam na zona rural, pela presença dos animais: “Um casebre e três carneiros/ Só era o que possuía” (BARROS [s.d.], 2010, p.1). Em outros momentos, também explicávamos o significado e, quando necessário, utilizávamos o dicionário. Na maioria das vezes não precisava, pois no decorrer da leitura, os alunos realizavam inferências, construindo o significado. Destacamos que não foi a nossa intenção questionar os alunos sobre as palavras desconhecidas, as dúvidas partiram deles.

Em seguida, Laura mostra curiosidade pelas personagens, perguntando: *Os filhos dele eram pequenos ou grandes?* (Turno de fala 11). Ela e seus colegas tiveram oportunidade de se expressarem durante a leitura, e assim ela o fez, quebrando a cultura do silêncio (FREIRE, 1987) que impede que os(as) alunos(as) digam a sua palavra durante as aulas. Laura ao ouvir o texto literário, tem o direito de perguntar, de calar, de concordar ou não, pois “não é no silêncio que os homens

se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" (FREIRE, 1987, p.53). Durante a mediação, a pergunta de Laura não foi respondida de imediato, mas continuamos a conversa com outra pergunta: *O que vocês acham? Sofia e Juvenal eram pequenos ou grandes?* (Turno de fala 12). Xypas (2020, p.25) afirma que é importante que o docente reflita "sobre perguntas que mergulhem o sujeito leitor em construções de sentidos e não a limítrofe e estúpida "pesca" de respostas encontradas no texto". A partir da indagação de Laura, realizamos a pergunta e além dela, outros alunos, como exemplo, a aluna Carolina, também responde e justifica a sua hipótese, voltando à leitura: *Acho que era velho, porque disse "envelheceu e morreu". Estava idoso.* (Turno de fala 14). A sextilha que Carolina retoma para justificar a sua hipótese é a seguinte:

> O velho adoeceu muito
> Conhecendo que morria
> Um casebre e três carneiros
> Só era o que possuía
> Deu como herança aos filhos
> E morreu no mesmo dia
>
> (BARROS [s.d.], 2010, p.1)

Kleiman (2014, n.p.) no Glossário Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) discute sobre o levantamento de hipóteses de leitura, comentando que se trata de

> uma expectativa antecipada, que o leitor forma a respeito do conteúdo do texto, com base no gênero a que este pertence, antes de lê-lo. Durante a leitura, o leitor testa essas hipóteses à medida que vai encontrando novas informações; ele se engaja na atividade e responde ao texto, revisando ou confirmando suas hipóteses iniciais.

Durante a leitura, os alunos podem perguntar e buscam respostas para as suas perguntas: "leitores tomam a palavra escrita e constroem significados baseados em seus próprios pensamentos, conhecimentos e experiências" (HARVEY e GOUDIVS, 2008, apud, GIROTTO e SOUZA, 2010, p.45).

Neste Movimento dialógico, continuamos a nossa Roda de Conversa Literária. As crianças quiseram brincar com os bonecos de Mamulengo, encenando a narrativa. Quando a aluna Laura pegou os carneiros, foi logo imitando o berro deles (Figura 45), o que contagiou toda a turma. Pinheiro (2018b, p.50) apresenta

reflexões sobre a dimensão lúdica da palavra, afirmando que “o trabalho de levar a literatura (a poesia, em particular) às crianças deva ser regido pela experiência lúdica com a palavra, pela fantasia, pela inventividade”. Até os alunos que não participaram das interações sobre a primeira parte do cordel, pediram para recontar a história manuseando os bonecos. As crianças sentaram no chão e realizamos uma nova leitura das estrofes. Quando terminamos, todos aplaudiram.

Figura 45- Aluna imitando os carneiros

Fonte: A autora (2022)

Na segunda parte, realizamos a leitura da 8ª estrofe até a 19ª. Continuamos a leitura do cordel com muita entonação em voz alta. Os alunos estavam curiosos para conhecer as próximas partes da história. Vejamos a nossa conversa no Quadro 8.

Quadro 8- Fragmentos das interações referentes a **segunda parte do cordel** correspondente a primeira Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia **09 de novembro de 2022**.Transcrição a partir de gravação de vídeo.

Turnos de fala	Participantes	Interações
1	**Joaquim**	É muito estranho aparecer um homem para trocar. Imagine se a irmã dele aparecer e perguntar pelos carneiros.
2	**Professora**	Por que o sujeito estranho quis trocar?
3	**Luana**	Porque os carneiros davam leite.
4	**Carolina**	Carneiro não dá leite, dá carne. Acho que foi por isso.
5	**Joaquim**	Ele queria vender o leite.
6	**Carolina**	O carneiro pode dar mais dinheiro.

7	**Laura**	E se os cachorros buscavam comida, porque ele quis trocar?
8	**Afonso**	O nome sujeito estranho é porque ele pode ser um estranho?
9	**Luana**	Será que ele é ladrão?
10	**Paula**	Acho que ele é pastor.
11	**Júlia**	Eu acho que ele quis trocar, porque os cachorros eram robôs. Não é ficção?
12	**Samuel**	Porque ele já estava cansado dos cachorros.
13	**José**	O que é provedor?
14	**Professora**	É o nome de um dos cachorros. Por que será que eles tinham esse nome: Rompe-Ferro, Provedor e Ventania?
15	**Afonso**	Por causa dos dons do cachorro.
16	**Luana**	Rompe-Ferro, porque ele tinha força; Ventania, porque fazia vento.
17	**Paula**	Provedor, porque ele é aproveitador?
18	**Carolina**	Ventania, porque corre muito.
19	**Joaquim**	Porque eles têm coragem.
20	**Laura**	Porque o sujeito estranho achou os nomes bonitos.
21	**Carolina**	Os cachorros são defensores, por isso que os cachorros estão defendendo ele na capa.
22	**Maria**	Parece o pastor-alemão do policial?
23	**Júlia**	O engraçado é que esses cachorros são muito obedientes. Quando ele fala, vão logo buscar comida.
24	**Samuel**	E onde ele arrumou uma cesta?
25	**Professora**	Onde será que ele arrumou?
26	**Henrique**	Será que eles roubavam?
27	**Carolina**	Eles devem ter pegado de algum camponês.
28	**Joaquim**	Ele matou a Chapeuzinho Vermelho e pegou na casa dela.
29	**Paula**	Pegou na casa das pessoas.
30	**Laura**	Acho que eles eram cachorros mágicos e fizeram surgir com um feitiço.
31	**Maria**	Pegaram de uma loja
32	**Afonso**	Comprou a cesta e colheu as frutas.
33	**Samuel**	Viu um homem cheio de dinheiro e pegou
34	**Paula**	Achou no chão, que alguém esqueceu.
35	**Laura**	Eles devem ser criados muito bem.
36	**Henrique**	Eu tenho um cachorro e ele adora brincar comigo.
37	**Ana**	Eu também tenho um cachorro que é meu amigo.
38	**Professora**	Os cães são amigos verdadeiros, não é? A minha mãe tem oito cachorros. Ela ama todos.
39	**Alguns alunos**	Isso tudo?
40	**Professora**	Vocês acham que Juvenal fez uma boa troca?
41	**Samuel**	Acho que não fez, porque foi o pai dele que deu pra ele.
42	**Júlia**	Acho que sim.
43	**Professora**	Por que você acha que ele fez uma boa troca, Júlia?
44	**Júlia**	Porque ele não vai ficar com fome.
45	**Ana**	Ele tem muita comida.
46	**Eduardo**	Não, porque era uma herança do pai dele.
47	**Samuel**	Foi uma herança especial.
48	**Laura**	Meu pai disse que cachorra da minha casa é mais obediente do que eu.

49	**Carolina**	Porque tem três cachorros e ele só falou de Rompe-Ferro?
50	**Afonso**	Só ele que vai buscar.
51	**Samuel**	Os outros fazem o quê?
52	**Joaquim**	Os outros ficam protegendo Juvenal.

Fonte: A autora (2023)

Os(as) discentes já iniciaram a interação no decorrer da primeira leitura. Diferente da primeira parte em que eles ouviram atentamente e só conversaram depois, nessa roda eles "interromperam" a leitura, já apresentando suas criações. Nesse momento abrimos mão de uma escuta passiva, pois os alunos puderam expressar suas ideias e conversar sobre o lido. Cecília Bajour (2012, p.61) estimula essa prática e afirma que "a interrupção da leitura por comentários sobre o texto, tanto por parte dos alunos como do professor, põe em jogo a apreciação da construção social dos significados em uma comunidade de leitores", defendendo a concepção dialógica da leitura. Destacamos que nesse momento há um diálogo entre o(a) leitor(a), a obra e o(a) autor(a), que se estende para os outros participantes leitores(as) da nossa roda de conversa literária. Como bem aponta Pinheiro (2018a, p.126): "É do diálogo texto-leitor que vai nascer essa experiência poética, que vai se dar essa repercussão no sujeito leitor".

Joaquim inicia o diálogo com o texto, quando diz: *É muito estranho aparecer um homem para trocar. Imagine se a irmã dele aparecer e perguntar pelos carneiros* (Turno de fala 1). Samuel, por sua vez fala: *Foi uma herança especial* (Turno de fala 47). Joaquim e Samuel não concordam com a atitude de Juvenal em trocar os três carneiros, que seu pai deixou como herança, em três cachorros. Eles demonstram um sentimento de revolta, pois para eles, o ideal seria que Juvenal ficasse com os animais em respeito ao seu pai e em consideração a sua irmã. Interagindo com o cordel, eles comentam que na sociedade não é comum aparecer um "sujeito estranho" querendo trocar algo e rapidamente alguém aceitar. Eles, no lugar das personagens, agiriam de maneira diferente. Por meio da sua voz e pelo direito de participação democrática, puderam discordar e "suas associações pessoais, ideias, descobertas e interpretações" foram levadas em consideração (BAJOUR, 2012, p.22). Essa prática de "dar voz" aos alunos durante a leitura literária não é recorrente (BRANDÃO e ROSA, 2010; BAJOUR, 2012; PINHEIRO, 2018a).

Por outro lado, algumas crianças colaboram com a história, quando tentam imaginar o motivo pelo qual o sujeito estranho teria interesse em realizar a troca.

Elas realizam algumas inferências, pelas características dos animais e pelos motivos que levariam alguém a trocar ou até mesmo vender. Realizamos a pergunta: *Por que o sujeito estranho quis trocar?* (Turno de fala 2), pensada previamente durante o planejamento. Bajour (2012) e Pinheiro (2018a) reforçam a importância de uma boa preparação antes da roda de conversa, pois estamos apurando os ouvidos, (re)lendo e pensando em modos específicos de entrar no texto. Luana, Carolina e Joaquim, colaboram com a narrativa, destacando que o sujeito estranho queria ganhar dinheiro com os carneiros. Carolina infere que ele estava querendo realizar a troca, porque *"o carneiro pode dar mais dinheiro"* (Turno de fala 6). Sobre esta colaboração, Bajour (2012, p.17) apresenta o fato de que o leitor também passa a ser autor no momento da leitura, em que pontes são criadas "do texto ao leitor, do leitor ao texto, de leitor a leitor".

Durante a leitura literária, os alunos realizam algumas perguntas, eles trazem questionamentos, como Laura que indaga: *E se os cachorros buscavam comida, porque quis trocar?* (Turno de fala 7). Ela acha estranho, e contradiz, inclusive, a inferência de Luana, Carolina e Joaquim, afinal mesmo que os carneiros dessem muito dinheiro, os cães poderiam sempre satisfazer o sujeito estranho. Logo, ele não precisaria realizar tal troca. Pinheiro (2011, p.59) ao nos apresentar propostas com o uso de sextilhas na sala de aula, a partir da leitura do livro *Pássaros e bichos: na voz de poetas populares*, afirma que "o questionamento possibilita a busca e a descoberta de informações que estão presentes dentro ou (e) fora do texto". Foi muito perceptível a sede por conhecimento que as crianças apresentavam. Elas queriam saber por que o sujeito desejou trocar os carneiros, mesmo diante de tantas vantagens. Harvey e Goudvis (2008, p.44) *apud* Girotto e Souza (2010, p.56) afirmam que as crianças "transbordam de perguntas". Os questionamentos realizados por eles mesmos, os movimentavam e os inquietavam, fazendo com que eles buscassem por respostas. Enquanto estas não apareciam na leitura, eles criavam as suas próprias soluções, como Júlia, que lembra de uma das características de um texto literário discutidas durante o ano letivo: Eu acho que ele quis trocar, porque os cachorros eram robôs. Não é ficção? (Turno de fala 11). Samuel, por sua vez, recria a narração e deduz que o sujeito estranho, na verdade já estava cansado dos cães (Turno de fala 12).

A aluna Carolina, descobre algo na capa e cria um sentido, compartilhando na roda: *Os cachorros são defensores, por isso que os cachorros estão defendendo ele*

na capa (Turno de fala 21). O cordel *A história de Juvenal e o Dragão* de certa maneira, convidou Carolina a "construir leituras e teorias complexas" (BAJOUR, 2012). Ela se direciona aos paratextos, observando as ilustrações presentes na capa do folheto e negocia sentidos a partir do que vê, inferindo que os cachorros estão defendendo Juvenal. As imagens sugeriram para Carolina essa possibilidade e ela faz antecipações que poderão ser confirmadas ou não. Arena (2010, p.34) afirma que "em uma obra tem pistas já nos paratextos, responsáveis por informações necessárias ao leitor para que mobilize seus conhecimentos prévios, sua atitude responsiva e a busca de respostas". Dessa forma, os alunos têm a possibilidade de lerem nas entrelinhas, fazendo uso de todos os elementos da obra.

Continuando a nossa experiência, buscando a sensibilidade da Literatura de Cordel enquanto arte, queremos destacar as conexões estabelecidas pelos alunos com a própria vida. Vejamos as relações que alguns alunos apresentaram com *A história de Juvenal e o Dragão*. Henrique (Turno de fala 36) diz que tem um cachorro que adora brincar com ele; Ana (Turno de fala 37) também fala de um amigo cão. O próprio mediador (Turno de fala 38) pode compartilhar suas experiências com os alunos num processo que envolve afeto, humildade e companheirismo, como bem afirma Freire (1987, p.40): "Saber com os educandos, enquanto estes soubessem com ele, seria sua tarefa". Essa é a nossa tarefa, enquanto professores-mediadores numa Roda de Conversa Literária. Ainda sobre as conexões criadas pelos alunos durante a leitura literária, queremos destacar a fala de Laura que diz: *Meu pai disse que a cachorra da minha casa é mais obediente do que eu* (Turno de fala 48). Quando ela compartilha um pouco da sua vida na roda de conversa, os colegas acham engraçado. Ela também fica rindo junto com eles, num clima bastante agradável. A aluna estabeleceu uma conexão texto-leitor na interação com a obra. De acordo com Girotto e Souza (2010) vejamos a definição para esse tipo de conexão no Quadro 9.

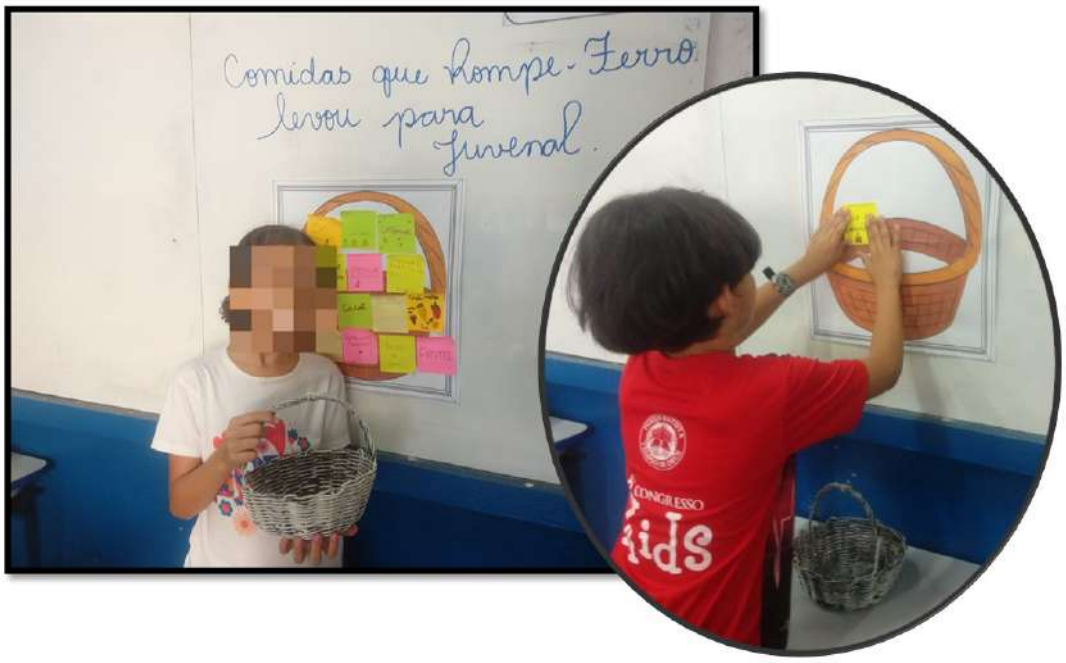
Quadro 9- Tipos de Conexões

texto-texto	texto-leitor	texto-mundo
O leitor, ao ler um texto, estabelece relações com outro texto do mesmo gênero ou de gêneros diferentes (p.68).	Na leitura, ele estabelece conexões com episódios de sua própria vida (p.68).	Conexões são estabelecidas entre o texto lido e algum acontecimento mais global.

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em Girotto e Souza (2010, p.68-69)

Assim, Laura e outros alunos apresentaram episódios da sua própria vida. Paulino (2014) afirma que a leitura literária mistura-se à vida social. Continuando a nossa roda de conversa, após a segunda parte do cordel, iniciamos uma brincadeira com as crianças (Figura 46), pedindo que elas imaginassem as comidas que Rompe-Ferro poderia levar para Juvenal.

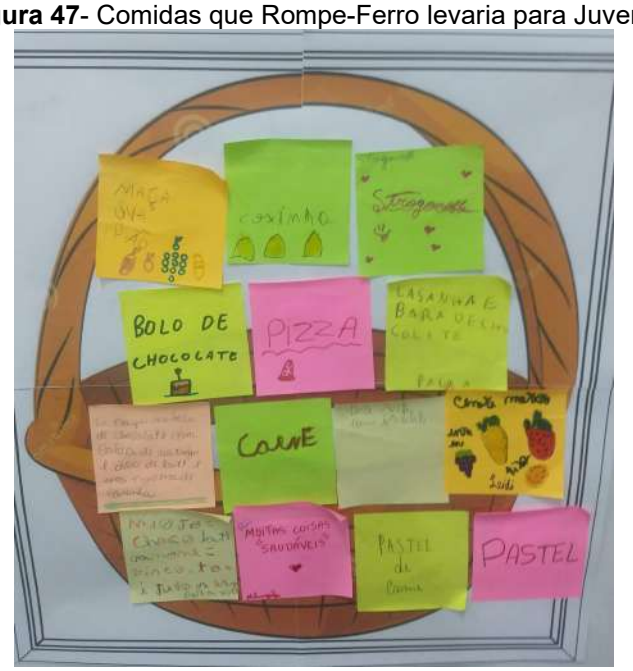
Figura 46- Brincadeira com as crianças



Fonte: A autora (2022)

Assim, íamos lendo e brincando (REYES, 2012). Com essa brincadeira, buscamos colaborar com o desenvolvimento da imaginação e criatividade dos alunos, promovendo “uma pedagogia da literatura que desse vazão à imaginação dos alunos e ao livre exercício de sua sensibilidade, para impulsioná-los a serem recriadores dos textos” (REYES, 2012, p.26-27). Nos post-its (Figura 47), os alunos colocaram o nome de vários alimentos que Rompe-Ferro levaria até Juvenal, como: bolos, strogonoff, pizza, maçã, uva, carne, pastel, “muitas coisas saudáveis”, e até: um bolo de chocolate com calda de morango, doce de leite e uma travessa de lasanha.

Figura 47- Comidas que Rompe-Ferro levaria para Juvenal



Fonte: A autora (2022)

Nessa dimensão lúdica as crianças vão ativando a imaginação. Foram construindo significado com os colegas, expressando suas ideias por meio do diálogo, da voz e da participação, pois “o sonho e a imaginação são excelentes instrumentos para a criança se desenvolver de forma equilibrada e harmoniosa” (ALVES, ESPÍNDOLA e MASSUI, 2011, p. 103).

Depois do recreio, iniciamos a terceira parte do cordel que vai da 20ª estrofe até a 34ª. No Quadro 10, podemos observar as interações.

Quadro 10 - Fragmentos das interações referentes a **terceira parte do cordel** correspondente a primeira Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia **09 de novembro de 2022**. Transcrição a partir de gravação de vídeo.

Turnos de fala	Participantes	Interações
1	**Carolina**	Esse mundo é mágico, tem carruagem, os cachorros são bons.
2	**Júlia**	Será que a irmã dele virou rainha?
3	**Carolina**	Eu acho que é a irmã dele que está com uma boa vida e está procurando ele.
4	**Professora**	Por que você acha que ela está com uma boa vida, Carolina?
5	**Carolina**	Por causa da carruagem.
6	**José**	Mas, ela está chorando de tristeza.
7	**Luana**	Será que é outra mulher que ele vai casar?
8	**Laura**	Vai casar e ter filhos.

9	**Luana**	Será que é o amor da vida dele?
10	**Paula**	Eu acho que não é a irmã dele não. Eu acho que é uma princesa que o pai dela força ela a casar com um príncipe.
11	**Joaquim**	E porque será que o cocheiro estava suspirando?
12	**Sara**	Eu acho que ela gosta do cocheiro e não pode se casar com ele.
13	**Carolina**	Está virando um conto de fadas.
14	**Joaquim**	É o dragão!
15	**Todos**	É um dragão!
16	**Carolina**	Tia, todo mundo está curioso.
17	**Paula**	Que dragão feio.
18	**Joaquim**	Juvenal não vai deixar, porque ele está com a espada na capa do cordel.
19	**Carolina**	Eu acho que vai ter um final feliz. Juvenal vai ficar com a princesa e derrotar o monstro.
20	**Renato**	Um dos cachorros vai correr.
21	**José**	Ele vai na caverna lutar
22	**Laura**	Acho que os cachorros vão morrer, porque eles estão batalhando na capa.
23	**Carolina**	Mas eles são fortes.
24	**Joaquim**	Juvenal não vai deixar o dragão devorar a princesa.

Fonte: A autora (2023)

No decorrer da leitura, alguns relembram de Sofia, a irmã de Juvenal que ficou morando com seu padrinho, enquanto Juvenal saiu em busca de aventura. Durante a preparação do nosso encontro, tínhamos pensado para a primeira parte da primeira roda, realizar a seguinte pergunta: *O que será que vai acontecer com Sofia, a irmã de Juvenal?*". Porém, durante a nossa conversa, esquecemos de realizar essa pergunta. Diante disso, percebemos a riqueza do diálogo numa roda de conversa literária que não se restringe às perguntas. O planejamento precisa ser aberto e flexível, e não algo pronto (BAJOUR, 2012). Voltamos ao texto, relendo as sextilhas iniciais, e os alunos identificaram que a personagem foi citada, e não mais apareceu. Durante a leitura da sextilha a seguir, alguns alunos questionaram sobre Sofia, mas já levantando hipóteses de que talvez a moça que estava na carruagem seria ela.

> Ele vendo a carruagem
> Foi logo se aproximando
> Viu dentro uma linda moça
> Vinha de longe chorando
> O cocheiro muito triste
> Suspirava de vez em quando
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p.5)

Carolina diz: *Eu acho que é a irmã dele que está com uma boa vida e está procurando ele* (Turno de fala 3). Perguntamos a aluna por que ela achava que Sofia estaria numa vida boa, e ela diz que é pelo fato de ela estar numa carruagem. José, por sua vez, sinaliza que talvez ela não esteja numa vida boa, afinal, ela estava chorando de tristeza (Turno de fala 6). Paula, por sua vez, contribui com o diálogo: Eu acho que não é a irmã dele não. *Eu acho que é uma princesa que o pai dela força ela a casar com um príncipe* (Turno de fala 10). Sobre a construção de hipóteses durante a leitura literária, Cecília Bajour (2012, p.39) comenta que elas "se manifestam em palavras, atitudes ou gestos extremamente originais de crianças, adolescentes ou adultos que, se há alguém disposto a escutá-los, sempre têm muito o que dizer sobre como os textos são feitos". Continuamos a leitura em voz alta, e quando chegou na sextilha a seguir, Paula confirma a sua hipótese, fazendo um movimento com as mãos, comemorando. A sextilha diz:

> Juvenal viu a princesa
> Em pranto sem se calar
> Dirigiu-se ao cocheiro:
> — Desculpe eu lhe perguntar
> Que vem ver esta princesa
> Nas brenhas deste lugar?
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p.5)

Sempre repetíamos a leitura da sextilha, às vezes, a pedido dos próprios alunos. Assim, íamos regressando ao texto quantas vezes fosse preciso e encontrávamos uma novidade. Durante a conversa não estávamos preocupados em oferecer respostas prontas às perguntas feitas por nós ou por eles, mas por meio de uma mediação dialógica ouvi-los construir suas pontes ao texto (MACEDO, 2021; PETIT, 2009). Desse modo, por meio da conversa, realizando comentários, voltando ao texto, buscando, indagando e encontrando (ou não), íamos construindo a leitura literária (BAJOUR, 2012).

Carolina compara *A história de Juvenal e o Dragão* com os contos de fadas. Ela percebe: "*Esse mundo é mágico, tem carruagem, os cachorros são bons*" (Turno de fala 1) e mais adiante: "*Está virando um conto de fadas*" (Turno de fala 13). Ela realiza esses comentários nas estrofes que anunciam a presença de uma fera (até então não sabiam que se tratava de um dragão). Amorim (2008, p. 85) afirma que há elementos característicos dos contos maravilhosos na história de Juvenal: "Há a

presença de elementos da literatura medieval e de contos maravilhosos, a reincidência do mágico, do encantamento e de valores de cavalaria". Tanto o conto de fadas, quanto o conto maravilho apresenta elementos voltados para o mundo da fantasia. As crianças notam as características, observam esses elementos da ficção. Alves, Espíndola e Massuia (2011, p. 103) explicam que essas histórias

> contam uma experiência de vida e essa "fantasia do real" permite uma identificação entre o narrador e o ouvinte, constituindo-se repleta de significados. O leitor/ouvinte é capaz de apossar-se dela de modo a torná-la sua própria história, e dessa forma superar seus conflitos, angústias, medos, ou seja, a criança, ao ouvir um conto, é capaz de transportar-se para ele e viver sua própria história em função do que lhe foi narrado, adquirindo tranquilidade para compreender seus sentimentos, seu lugar, e para resolver seus conflitos.

Continuamos a leitura do folheto. Na parte em que entra em cena o dragão, fomos até a caixa e retiramos o dragão de mamulengo (Figura 48). Antes, fizemos suspense... As crianças estavam sentadas, e nesse momento ficaram todas em pé, curiosas. Joaquim juntou as mãozinhas e disse: "*É o dragão!"* (Turno de fala 14). Assim que tiramos o dragão da caixa, todos numa só voz gritaram: "*É um dragão!"*. Entramos nas estrofes que narram o dragão entrando em cena com sua voz assustadora. Buscamos imitar uma voz de dragão assustador, seguramos o dragão e no centro do círculo íamos passando pelos alunos (figura 49). Vejamos algumas das sextilhas em que o dragão se expressa (embora tenha sido um episódio relatado pelo cocheiro):

> Eu sou a tirana fera
> Que venho me despedir
> Pretendo dar-lhe um descanso
> E deixar de o perseguir
> Se o senhor prometer
> Fazer o que lhe pedir
>
> Se acaso aceita o negócio
> Desde já fique avisado
> Pra me mandar todo ano
> Num lugar determinado
> Uma das moças bonitas
> Que tiver no seu reinado
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p.7)

As crianças participaram desse jogo dramático, fingindo estarem bastante assustadas com aquele dragão que chegara na Escola Júlio Siqueira naquela tarde. Foi um momento bem enriquecedor, em que a arte se fez presente. Foi um instante

muito feérico, em que juntos fazíamos literatura que “não tem compromissos com modismos, não é para dar lições de vida, e muito menos para reforçar conteúdos escolares. Literatura é linguagem” (LAJOLO, 2012, p.9).

Figura 48- Mestre Bila

Fonte: Acervo da pesquisadora

Nesta experiência sensível de arte, numa leitura afinada que envolve gestos, corpo, voz, movimento, etc., Souza, G. (2012) afirma que a poesia circula entre as crianças por meio das brincadeiras, canções, etc. Ela afirma que ao levarmos o poema para a sala de aula, precisamos considerar uma de suas características principais: “o seu vínculo com a voz, com a sonoridade, com o corpo em movimento” (p.83). A Literatura de Cordel pode possibilitar essa experiência, pois “é uma fonte riquíssima de ritmos, de situações humanas as mais diversas, de fantasia poética” (PINHEIRO, 2008b, p.27). Durante a nossa preparação, havíamos pensando em convidar as crianças a “entrarem dentro da história”, num jogo dramático. Ao término da primeira roda de conversa literária, as crianças iniciaram uma brincadeira por conta própria em que reproduziam alguma cena do cordel. Outras crianças, brincaram com os bonecos de mamulengos (Figura 50), recontando algumas partes da narrativa, até onde lemos.

Figura 49- O Dragão entra em cena

Fonte: A autora (2022)

A nossa turma estava em estado de poesia. Mediador e alunos numa Educação Literária permeada de dialogicidade. Embora não estivéssemos numa biblioteca, procuramos dar vida à literatura, permitindo que as crianças exercessem o direito de brincar e o direito à literatura. Petit (2009, p.31-32) afirma que

> Essas coisas terão uma ligação profunda com sua vida adulta, mais tarde. Ler histórias, pura e simplesmente, talvez só pelo prazer de contar, mostrar que se pode sonhar, que existe saída e quem nem tudo está imóvel. Que inventem sua vida, que é possível inventar a própria vida. E que talvez, para inventar a própria vida, seja preciso primeiro a matéria-prima; é preciso ter sonhado para poder sonhar e criar.

Figura 50- Leitura e interação na primeira parte da história de Juvenal e o Dragão

Fonte: A autora (2022)

No dia **10 de novembro de 2022** aconteceu a nossa **Segunda Roda de Conversa Literária**, estando presentes 22 crianças. Eles estavam bem inquietos e curiosos para saber se o dragão devoraria a princesa. A duração da segunda roda também foi de uma tarde, no horário das 13h às 17h. Seguimos a divisão do cordel feita anteriormente e para essa roda, realizamos a leitura da quarta, quinta e sexta parte (Quadro 11).

Quadro 11- Divisão do cordel para a segunda Roda de Conversa Literária

SEGUNDA RODA DE CONVERSA LITERÁRIA	
Quarta parte	Juvenal segue em direção à furna onde estava o dragão para matá-lo. A princesa promete casar com ele. Juvenal promete voltar ao seu reino depois de 3 anos. (Estrofes 35 até 63)
Quinta parte	O cocheiro ameaça a princesa e finge ter matado o dragão. Enganou o rei que deu sua filha em casamento. (Estrofes 64 até 94)
Sexta parte	Juvenal segue viagem. Ele tem um estranho sonho onde luta com um inimigo. Ele fica preocupado e passa 3 anos pensando na viagem ao reinado da princesa. (Estrofes 95 até 109)

Fonte: A autora (2022)

Assim, iniciamos a leitura da quarta parte do Cordel A história de Juvenal e o Dragão. A seguir, podemos observar algumas interações que aconteceram em nossa roda de conversa literária (Quadro 12).

Quadro 12- Fragmentos das interações referentes a **quarta parte do cordel** correspondente a segunda Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão, no dia **10 de novembro de 2022.** Transcrição a partir de gravação de vídeo.

Turnos de fala	Participantes	Interações
1	**Carolina**	Tem que ser muito doido para querer brigar com o dragão.
2	**Júlia**	O que é furna?
3	**Laura**	Caverna?
4	**Professora**	Sim, onde fica o dragão.
5	**Samuel**	O que é trespassada?
6	**Professora**	Como se ela estivesse sendo atingida por uma grande tristeza.
7	**Maria**	Lembrei de um filme. Dragões.
8	**Ana**	Como treinar seu dragão?
9	**Maria**	Não. É dragões
10	**Alguns alunos**	Corrida até o limite.
1	**Renato**	É uma série da Netflix.
12	**Alguns alunos**	Já assisti no YouTube.
13	**Carolina**	O dragão é muito assustador.
14	**Laura**	E se Juvenal não ganhar?
15	**Joaquim**	Mas acho que ele vai ganhar, porque na capa do livro eles estão lutando. No caso, não é ele,

		é os cachorros.
16	**Luana**	O cocheiro é medroso.
17	**Júlia**	Eu no lugar do cocheiro faria o mesmo. Ficaria com medo.
18	**Laura**	É um homem ou um rato esse cocheiro.
19	**Carolina**	O cocheiro não tem nome, tia?
20	**Professora**	Não diz o nome dele na história. Que nome vocês dariam?
21	**Luana**	Medroso.
22	**Afonso**	O cocheiro medroso.
23	**Maria**	O homem rato.
24	**Renato**	Se o dragão chegasse aqui na escola, ia estremecer.
25	**Júlia**	Eu ia entrar no armário.
26	**Laura**	Tia, posso imitar Rompe-Ferro?
27	**Luana**	Quem é Rompe-Ferro?
28	**Joaquim**	É um cachorro que traz comida. Juvenal encontrou um sujeito estranho e trocou com os três carneiros.
29	**Luana**	Quero um cachorro desse pra ele trazer uma pizza pra mim.
30	**Samuel**	O que é um raio abrasador?
31	**Carolina**	Vem de fogo.
32	**Afonso**	Muita raiva.
33	**Joaquim**	Será que o sujeito já sabia que ia ter essa briga? Por isso trocou?
34	**Laura**	Ou a irmã dele sabia.
35	**Júlia**	Acho que ele era o rei disfarçado.
36	**Renato**	Acho que o sujeito estranho é o dragão.
37	**Carolina**	Acho que o sujeito não é o rei, porque se não, ele não daria as princesas.
38	**Laura**	Concordo com Carolina.
39	**Afonso**	O sujeito estranho era o rei, por isso pediu para trocar os cães para Juvenal lutar.
40	**Paula**	E os outros cachorros não vão fazer nada?
41	**Samuel**	Nem vão buscar comida, nem lutam.
42	**Carolina**	Vamos ver.
43	**Júlia**	O que é rabissaca?
44	**Professora**	É um movimento rápido.
45	**Samuel**	O que é punhal?
46	**Ana**	A espada.
47	**Laura**	A princesa está chorando?
48	**Carolina**	Ela está desesperada.
49	**Carolina**	Por isso que a gente pegou e disse que ele ia casar com a princesa.
50	**Paula**	Estou pensando até agora se ele vai ficar vivo ou não, porque é um dragão contra ele.
51	**Laura**	Ele vai, porque Deus é mais forte.
52	**Joaquim**	Acho que Juvenal não tem nem um tiquinho de medo.
53	**Afonso**	O dragão pra Juvenal não é nada.
54	**Paula**	E será que o dragão tem medo de Juvenal?
55	**Joaquim**	Acho que tem, porque Juvenal não mostrou fraqueza.
56	**Paula**	Os outros cachorros não vão nem aparecer na historia
57	**Sara**	Acho que o dragão não é ruim. Ele é bom e quer ajuda. Que nem aquela história O dragão

		tem um problema.
58	**Professora**	O que vocês acham?
59	**Carolina**	Não concordo, porque esse dragão come princesa e no outro livro não.
60	**Joaquim**	Os dragões são diferentes.
61	**Júlia**	Acho que eles guardam as princesas, mas não comem.
62	**Laura**	Eles precisam ser salvas
63	**Carolina**	O dragão se sente sozinho, por isso ele quer as princesas.
64	**Júlia**	Depois que Carolina falou, eu pensei que talvez ele está pensando em ficar amigo dela.
65	**Samuel**	Eles podem brincar de pega-pega, esconde-esconde.
66	**Laura**	Mas no reino deles não tem outros dragões para brincar?
67	**Sara**	Estão enjoados e querem princesas.
68	**Carolina**	Ou a namorada dele deixou ele só.
69	**Sara**	Acho que tudo foi combinado pra saber se Juvenal é forte mesmo.
70	**Professora**	Combinado por quem?
71	**Sara**	Combinado do Rei.
72	**Joaquim**	Sujeito estranho.
73	**Carolina**	O Rei testando a coragem dos homens para ver quem se casava com a filha.
74	**Laura**	Pra cuidar da princesa
75	**Júlia**	Acho que não é um teste, porque a princesa está muito desesperada.
76	**Sara**	Pode ser um combinado e ela está fingindo.
77	**Carolina**	Ou ela não sabe, só quem sabe é o pai dela.
78	**Joaquim**	E por que o cocheiro também estava com medo?
79	**Sara**	Acho que o Rei pediu para o cocheiro fingir.
80	**Carolina**	Eu quero um cachorro desse.
81	**Professora**	Por que Juvenal não tinha medo do dragão?
82	**Júlia**	Porque ele estava protegendo a princesa e tinha os cachorros com ele clara
83	**Carolina**	Porque ele era aventureiro e gostava era disso.
84	**Joaquim**	Ele carrega coragem dentro dele.
85	**Paula**	Ele é valente.
86	**Professora**	Por que o ponto fraco do dragão era debaixo da asa esquerda?
87	**Ana**	Porque ele tinha um ferimento
88	**Laura**	Concordo. Talvez ele já tinha esse machucado e quando o cachorro mordeu, doeu muito.
89	**Afonso**	O dragão foi batalhar numa guerra e ele enfrentou outro homem que feriu ele.
90	**Samuel**	Quando ele foi pegar outra princesa
91	**Professora**	E porque ele não morreu?
92	**Laura**	Será que ele vai ficar com outro ponto fraco?
93	**Joaquim**	Mas Rompe-Ferro matou ele.
94	**Carolina**	Eu acho que o herói dessa história vai ser Rompe-Ferro.
95	**Sara**	Ninguém julga um livro pela capa.
100	**Joaquim**	Mas na capa tem um cachorro mordendo.
101	**Luana**	Eu acho que o cocheiro vai sequestrar a princesa.
102	**Samuel**	Eles vão voltar para o reino

103	**Ana**	Eu acho que Rompe-Ferro pensa que matou.
104	**Carolina**	Não concordo com Luana, porque se o cocheiro fosse sequestrar, ele não estaria com tanto medo.
105	**Laura**	Eu acho que o dragão se fingiu de morto. E quando eles foram embora, o dragão voltou para a caverna muito machucado. Ele esperou um tempo para se curar e voltou para se vingar.

Fonte: A autora (2023)

Organizamos a turma numa grande roda (Figura 51). Muito mais que a posição em que as cadeiras estavam dispostas, a nossa segunda roda de conversa literária estava permeada por mentes férteis e criativas. Compreendemos a roda de conversa como uma prática democrática e dialógica em que os participantes têm a oportunidade de ampliar seus horizontes numa troca permeável, sobretudo, de sensibilidade. A roda é um espaço democrático em que podemos nos aproximar mais das pessoas. Nossos olhos não se voltam para uma única pessoa (como no caso das cadeiras em filas) que está à frente transmitindo conhecimento, mas se movimentam numa sintonia com todos os envolvidos. Na roda de conversa, os participantes dialogam não somente por meio das palavras, mas também por meio do silêncio (FREIRE, 1987; CERQUEIRA e SOUSA, 2011; MELO, E., 2023). Enquanto mediadores nesse processo dialógico, precisamos nos vestir de empatia para podermos ouvir nas entrelinhas, escutando e não apenas ouvindo (BAJOUR, 2012).

Figura 51- Alunos dispostos em círculo

Fonte: A autora (2022)

Teresa Cerqueira e Elane Sousa em capítulo produzido para a obra

(Con)Textos em Escuta Sensível, nos convida a refletir sobre a escuta, conceituando-a:

> A escuta sensível [...] é exatamente essa **proposta de troca mútua, entre quem fala e quem escuta**, em que ambos sujeitos do processo se doam para que haja a aceitação total da complexidade e completude do ser humano. O processo da escuta sensível é uma prática que necessariamente precisa acompanhar as diversas fases da evolução humana, pois ela também é uma das promissoras para o desenvolvimento integra l do sujeito, na medida em que este constitui-se como tal na relação com o outro. A escuta sensível é uma grande **possibilidade de crescimento**, pois à medida que se escuta as angústias do outro, há uma aproximação deste, um conhecimento, e, ao conhecermos o outro, aprendemos a nos conhecer também. (CERQUEIRA e SOUSA, 2011, p.16, grifos nossos)

Nesse processo de empatia e abertura, encaminhamos a nossa leitura literária compartilhada e dialógica. Durante a nossa Roda de Conversa Literária, os(as) alunos(as) lembraram de outras produções, como Maria, que diz: *Lembrei de um filme. Dragões* (Turno de fala 7). Ana pergunta se o filme seria *Como treinar o seu Dragão*, pois durante as nossas atividades com as xilogravuras *A briga dos dragões* e *O dragão do reino dos encantos*, eles também recordaram de alguns filmes que tinham o dragão como personagem, e o filme a que Ana se referiu foi um. Durante a conversa, alguns alunos perceberam que ela estava se referindo à Série *Dragões: corrida até o limite*[52]. Com essa interações em que as vozes dos(as) alunos(as) foram ouvidas, estamos diante de uma **rede de textos** (LAJOLO, 2018), isto é, uma intertextualidade[53].

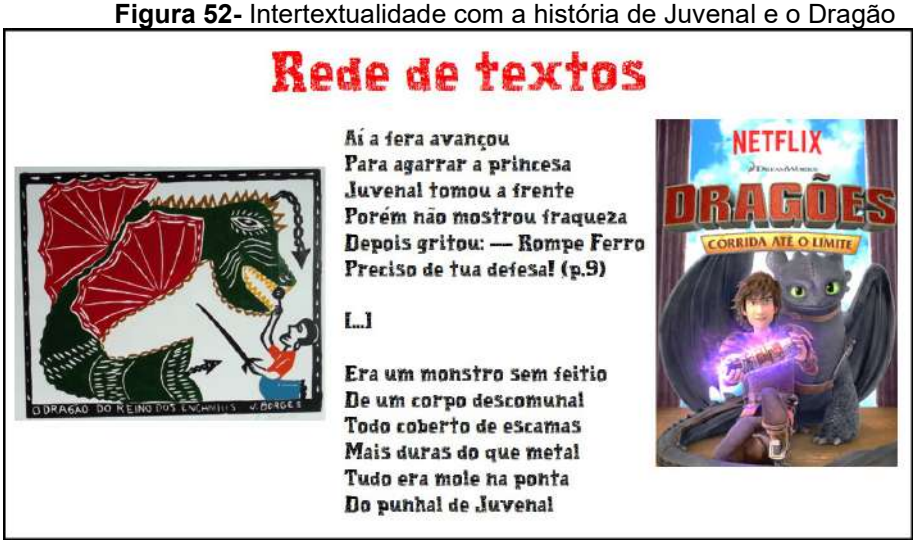
Silva (2006) afirma que a leitura literária é, por natureza, intertextual, assim como outras práticas de leitura. Nessa relação dialógica, os alunos compartilham suas experiências (re)construindo o texto. A professora e pesquisadora Silva (2006), a partir dos estudos de Aguiar e Silva (1988, p. 108-109) nos apresenta alguns níveis de intertextualidade. Em relação a autoria temos a intertextualidade **homoautoral**, que diz respeito a "relação entre textos produzidos por um mesmo autor" e a intertertextualidade **heteroautoral**, que, por sua vez, trata-se do "diálogo entre textos de autores distintos". A autora ainda cita outros dois tipos: a intertextualidade **endoliterária**, que diz respeito às "relações intertextuais entre

[52] Destacamos que a Série *Dragões: corrida até o limite*, foi baseada no filme *Como treinar seu dragão*, que por sua vez, foi inspirado na série de livros infantojuvenil com o mesmo título, da escritora inglesa Cressida Cowell. Estamos diante de um verdadeiro "mosaico de citações" (KRISTEVA, 1974 apud SILVA, 2006).

[53] Termo cunhado por Julia Kristeva na década de 60, com base em Bakhtin: A filósofa e crítica literária "concebe cada texto como constituindo um intertexto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos" (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008, p. 9).

textos que fazem parte do sistema literário", e a intertextualidade **exoliterária**, tratando das "relações intertextuais entre uma obra literária e outro texto que não participa do sistema literário". Lajolo (2018) afirma que a intertextualidade também acontece quando linguagem verbal e visual se articulam ou "quando as artes visuais se inspiram em obras literárias" (p.160)

Figura 52- Intertextualidade com a história de Juvenal e o Dragão



Fonte: A autora (2023)

Na Figura 52 observamos a rede de textos produzida pelos alunos, desde o trabalho com as xilogravuras. Ao adentrarmos na história de Juvenal e o Dragão, esta foi "enriquecida com base nas outras leituras que certamente serão elaboradas e reelaboradas continuamente" (SILVA, 2006, p.85). Os alunos, ao citarem a Série Dragões, fizeram uso da intertextualidade heteroautoral e, concomitantemente, endoliterária.

A leitura do cordel, na visão das crianças, também esteve em diálogo com o livro *O Dragão tem um problema*, da escritora Flávia C. Rocha Dutra. Nessa intertextualidade, também heteroautoral e endoliterária, Sara compara os dragões das diferentes obras: *Acho que o dragão não é ruim. Ele é bom e quer ajuda. Que nem aquela história O dragão tem um problema* (Turno de fala 53). A aluna passa a construir sentido para a história, alterando-a nesse momento. Ela afirma que mesmo que o dragão aparente ser um bicho horrendo, talvez ele esteja apenas precisando de ajuda. Perguntamos o que os alunos achavam do comentário de Sara, e nem todos concordaram. Como Carolina que discorda: *Não concordo, porque esse dragão come princesa e no outro livro não* (Turno de fala 55). Eles relembram que na terceira parte do cordel, o dragão disse que queria uma moça bonita. Sobre esse

contato dialógico, Bakhtin (1986, p.162) *apud* Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 9) diz: “O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo”.

Durante a nossa conversa havia momentos de concordância entre os participantes, mas também tinham pensamentos diferentes no decorrer da leitura. Por meio da democracia da palavra compartilhada, as vozes iam se entrelaçando numa ação colaborativa. Bajour (2012, p.24, grifos nossos) afirma que

> Escutar, assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e com a **disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros** em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo.

Numa roda de conversa literária todos podem contribuir, e assim há o autêntico diálogo, feito, sobretudo, por empatia e respeito (FREIRE, 1997; CERQUEIRA e SOUSA, 2011). Podemos observar essa contribuição, quando Júlia, após ouvir atentamente a colega Carolina, afirma: *Depois que Carolina falou, eu pensei que talvez ele está pensando em ficar amigo dela* (Turno de fala 60). Ela estava aberta à escuta, permeada por humildade e com um olhar sensível “ao fundar-se no amor [...], o diálogo se faz numa relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia” (FREIRE, 1987, p.53).

A quarta parte do cordel estava permeada por discursos diretos, por isso, como uma alternativa lúdica e criativa, buscamos durante a leitura oferecer uma voz diferente para cada uma: Juvenal, o cocheiro, a princesa e o dragão. Alguns alunos achavam engraçado, e riam. Outros, observavam atentamente. Ganhava espaço o jogo dramático, que pode acontecer durante a narração e até mesmo um barulho manifestado na hora da leitura/escuta. (PINHEIRO,2018a).

Destacamos nesse momento a fala de Renato que imagina: *Se o dragão chegasse aqui na escola, ia estremecer* (Turno de fala 25). As outras crianças começaram a se assustar, pensando na possibilidade, e entrando no jogo junto com Renato. Luana, começou a imitar o urro agigantado do dragão. Alguns alunos ficaram rindo e repetindo a ação. Carolina, Laura e Joaquim arrepiavam os cabelos imitando o urro, durante a leitura da sextilha a seguir:

> Ia a princesa na frente
> Juvenal mais atrasado
> Quando a fera viu a moça
> Deu um urro agigantado
> Até os três cães ficaram
> Com o pelo arrepiado
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p.9)

Nesse momento, paramos a leitura, pois as crianças começaram a brincar. De acordo com Slade (1978), o jogo dramático não tem roteiro, e nem ensaio, trata-se do "comportamento real dos seres humanos" (p.17). Imaginaram que o dragão estivesse chegando na escola. Renato imitou o dragão chegando na sala, e Júlia fingiu que entrava no armário. Algumas crianças pegaram também o dragão de mamulengo para continuar a brincadeira. Durante a mediação, tentávamos entrar no jogo dramático, demonstrando também o medo do dragão. A turma toda interagiu, improvisou, numa experiência com a voz, a escuta, com o corpo em movimento. Outros alunos fingiam que eram os cachorros, mais especificamente Rompe-Ferro, o cachorro que eles "se apegaram": *Eu quero um cachorro desse* (Turno de fala 78). Alguns alunos levantavam a hipótese de que seria ele o herói da história, e também voltavam sempre à capa mostrando o cachorro mordendo o dragão. Na capa tem três cachorros, e pelo texto, eles associam o cachorro a Rompe-Ferro.

Souza, G. (2012) nos faz refletir sobre a forma que muitas vezes, o poema é explorado na sala de aula, sendo reduzido a um sentido único. Durante a nossa experiência com a Literatura de Cordel, constatamos o quanto a literatura é plural. As crianças adentraram na história com múltiplas leituras. Como afirma (PETIT, 2009, p. 28-29):

> O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz novas variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo.

A nossa quarta roda também é permeada por perguntas formuladas pelos próprios alunos, levantamento e as primeiras confirmações das hipóteses. Os questionamentos realizados por eles, despertaram a imaginação e os fizeram criar hipóteses. A cada leitura das sextilhas, eles iam se envolvendo, levantavam, gesticulavam, reproduziam os diálogos das personagens. Eles se comunicavam,

inclusive, por meio da performance. A professora-pesquisadora Aline Juliana Vargas de Lira[54] (2023, p.24) afirma que “ao se conceber a performance como uma intervenção corporal que dá forma à palavra, destaca-se que dois elementos são essenciais nesse processo de ritualização da linguagem: o corpo e a voz”.

Os alunos iam imaginando as hipóteses e além de compartilharem por meio da voz, usavam o corpo para demonstrarem os possíveis acontecimentos. Uma das hipóteses foi formulada por Joaquim que acredita que Juvenal vencerá o dragão, respondendo à pergunta de alguns colegas que têm dúvidas sobre tal vitória, e afirma*: Mas acho que ele vai ganhar, porque na capa do livro eles estão lutando. No caso, não é ele, é os cachorros* (Turno de fala 15). Ele se direciona à capa do cordel e mostra que os cachorros estão lutando. Ele não somente acredita na vitória, mas defende que o mérito é dos cachorros, e não de Juvenal. Ele vai assim, tecendo, (re)construindo sentidos por meio da leitura literária do cordel. Joaquim, indo muito mais além, suspeita: *Será que o sujeito já sabia que ia ter essa briga? Por isso trocou?* (Turno da fala 33), e instiga os colegas a pensarem que talvez se tratasse mesmo de algo armado, como Afonso que acredita que “*O sujeito estranho era o rei, por isso pediu para trocar os cães para Juvenal lutar*” (Turno de fala 39), e Sara que acredita que tudo foi combinado para testar Juvenal.

Pinheiro (2011, p.67-68) afirma que é importante “produzir uma discussão para que as crianças verifiquem as dúvidas dos outros alunos, compare-as, mostrando que algumas delas podem ser respondidas através do próprio texto”, como Carolina que confirma a sua hipótese: *Por isso que a gente pegou e disse que ele ia casar com a princesa* (Tipo 49). Na terceira roda de conversa literária, muitas crianças tinham dito que achavam que a moça que estava na carruagem era uma princesa e ao realizarmos a leitura da estrofe em que a princesa faz a oração:

> Também prometo, Senhor
> Meu pranto não é fingido
> Se nesta luta sangrenta
> O jovem não for ferido
> Quando voltar ao reinado
> Farei dele meu marido!
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p.9)

[54] Recomendamos a leitura da dissertação de mestrado produzida por Lira, A. (2023), no âmbito do PROFLETRAS, intitulada por: *O slam como prática discursiva: a poesia falada e o desenvolvimento da oralidade para a apropriação dos espaços públicos de fala*. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50645

Outras hipóteses não eram encontradas no texto, mas também foram valorizadas, afinal, são múltiplos os sentidos na leitura literária. Nenhuma construção poética pode ser vista como “errada” ou “certa”. Buscamos valorizar o que os nossos alunos pensam durante a leitura literária, pois “uma leitura em voz alta, com as páginas do livro folheadas, pode ser rico e soar com uma inflexão dupla, acordando sentimentos e imagens que interrogam e criam entendimentos e perplexidades” (YUNES, 2021, n.p.).

A professora e pesquisadora Eliana Yunes, ao abordar sobre a mediação de leitura, de maneira bastante poética nos faz perceber que as crianças também podem ser “nossas mediadoras”, e numa ação dialógica, elas nos ajudam a “resgatar memórias e sonhos”. Assim, fomos numa dimensão socializadora, escutando atentamente as crianças, respeitando a sua imaginação tão fecunda, como no turno de fala 51, em que Laura cria: “*Eu acho que o dragão se fingiu de morto. E quando eles foram embora, o dragão voltou para a caverna muito machucado. Ele esperou um tempo para se curar e voltou para se vingar*”. Ou quando algumas crianças ficam indignadas pelo fato de algumas personagens não terem nome, porém logo resolvem o problema: nomeiam por conta própria. O cocheiro virou o “homem rato” e o rei virou o Rei Joaquim, por meio de uma votação (nas próximas rodas). Como bem afirma Yunes (2021, n.p.): “O que precisa ser movido é o imaginário, para que ilumine o simbólico sempre em luta com o lugar comum”. Concluímos o nosso diálogo referente à quarta parte. Vejamos no Quadro 13, as próximas interações.

Quadro 13- Fragmentos das interações referentes a **quinta parte do cordel** correspondente a segunda Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão, no dia **10 de novembro de 2022.** Transcrição a partir de gravação de vídeo.

Turnos de fala	Participantes	Interações
1	**Laura**	Tá com inveja! Ele é mentiroso!! Todos cantando e batendo palma
2	**Sara**	Ela não ama ele.
3	**Renato**	E se ela não aceitar?
4	**Laura**	Ele vai jogar ela da ponte?
5	**Carolina**	Matar
6	**Ana**	Escravizar
7	**Júlia**	A princesa vai dizer o quê?
8	**A maioria dos alunos**	Eu aceito!
9	**Joaquim**	Mas quando ela chegar no reino, ela vai matar ele.
10	**Paula**	Ou ela não aceita.

11	**Joaquim**	Ou ela aceita ou morre
12	**Afonso**	E se ela fugir?
13	**Júlia**	Ela pode pular e Juvenal pode encontrar ela.
14	**Carolina**	Acho que ela vai esperar o dragão dormir pra ela fugir e encontrar Juvenal.
15	**Samuel**	Pode ser esconder atrás de uma rocha
16	**Henrique**	E se não tiver um lugar rochoso?
17	**Algumas crianças**	Ela aceitou.
18	**Paula**	Amostrado!
19		Invejoso
20	**Ana**	Eu acho que ela chegou e contou para o pai dela. Ele está contando tudo como aconteceu, mas não foi ele. E na hora dos cachorros também, ele está dizendo que foi ele.
21	**Henrique**	O que é esturro? (Joaquim responde à pergunta feita por Henrique, mostrando com o cabelo arrepiado o grito da fera).
22	**Carolina**	Um homem medroso daquele jeito contando isso tudo.
23	**Laura**	Ele está mentindo. Vai ter as consequências.
24	**Carolina**	Como é o nome do pai dela?
25	**Professora**	Na história não mostra. Que nome vocês dariam a ele?
26	**Carolina**	Pedro.
27	**Joaquim**	Joaquim.
28	**Sara**	João.
29	**Professora**	O que você achou da atitude do cocheiro?
30	**Joaquim**	Ele foi muito medroso e não quis enfrentar seus medos.
31	**Laura**	Ele foi desumano.
32	**Carolina**	Mentiroso.
33	**Sara**	Uma pessoa desonesta.
34	**Professora**	O que você diria ao cocheiro?
35	**Carolina**	Você é muito mentiroso, era para você falar a verdade.
36	**Laura**	Você não merece casar com a princesa, pelo que você fez.
37	**Sara**	Você foi muito desumano.
38	**Samuel**	Você não enfrenta seus medos.
39	**Ana**	Você nunca fala a verdade.
40	**Luana**	Você tem sempre que falar a verdade.
41	**Renato**	Covarde.
42	**Júlia**	Você tem que aprender a falar a verdade, se não quem vai perder é você.
43	**Joaquim**	Fale a verdade, se não seu nariz vai crescer que nem o de Pinóquio.
44	**Maria**	Era bom que ele fosse preso.
45	**Carolina**	Parece o povo da novela falando.
46	**Professora**	Vamos tentar conversar com a princesa? O que poderíamos dizer a ela? Jogo dramático
47	**Carolina**	Sou amiga dela e vou falar. Princesa, tente encontrar Juvenal ou procure ajuda no reino.
48	**Laura**	Princesa, diga a verdade a todo mundo. Você já está em casa protegida.
49	**Carolina**	Mas ela não pode dizer, porque o cocheiro pode ser preso, mas ele pode se soltar e fazer uma maldade com ela.
50	**Laura**	É só ele não ser solto.

51	**Sara**	Concordo com Carolina.
52	**Joaquim**	Mas se ele for solto, a princesa já casou com Juvenal e ele protege ela.
53	**Laura**	Ou ela foge para outro reino com Juvenal.
54	**Joaquim**	Ela precisa falar a verdade.
55	**Professora**	Onde vocês encontraram Juvenal e o que vocês falaram para ele?
56	**Carolina**	Juvenal, vai para o reino, porque o cocheiro tá falando um bocado de mentira. Ele estava procurando outras aventuras.
57	**Samuel**	Estava na floresta escondido.
58	**Paula**	Ele estava indo ver a irmã e aproveitou e colheu maça para levar para ela.
59	**Joaquim**	Ele estava descansando depois da guerra.
60	**Ana**	Colhendo laranja, e no caminho encontrou a irmã.
61	**Luana**	Estava na praia.
62	**Júlia**	Queria eu ir pra praia!
63	**Renato**	Foi isso que falei, tia. (Estava se referindo ao comentário de Luana).

Fonte: A autora (2023)

Durante a leitura da sextilha, mais precisamente dos versos "*Pois aquele aventureiro/ É bruto não tem valor*", Laura reage: *Tá com inveja! Ele é mentiroso!* (Turno de fala 1). No mesmo instante, a turma inteira repete a fala, cantando e batendo palmas. Alguns se levantam e se mostram indignados com a atitude do cocheiro. Estamos diante de uma comunidade de leitores fortalecida, que leem juntos, concordam, discordam, compartilham experiências, etc. Medrano (2017, n.p, grifos nossos) reitera que

> A constituição de uma comunidade de leitores na escola permite que, de maneira mútua e constante, nas diferentes propostas, **uns ajudem os outros a olhar o que não se pode ver sozinho**, ao menos não com a mesma amplitude. E isso não se relaciona somente à ajuda que dá aquele que é mais experiente na leitura para aquele que está iniciando seu percurso leitor, pode se dar também de forma inversa **sempre que houver respeito, escuta atenta, disponibilidade e abertura para interagir com a leitura literária em suas diferentes dimensões e possibilidades**.

Assim, os alunos do quarto ano, com muito respeito foram interagindo e criando significados, também de forma coletiva. Como Júlia que pergunta: *A princesa vai dizer o quê?* (Turno de fala 7), e a maioria dos alunos respondem: Eu aceito! (Turno de fala 8). No decorrer da leitura, os alunos ouviam atentamente e sugeriram algumas ideias para a princesa fugir do cocheiro, como Samuel: "*Pode ser esconder atrás de uma rocha*" (Turno de fala 15). Aos poucos, eles iam confirmando as hipóteses criadas, como: Ela aceitou (Turno de fala 17). Durante a leitura, eles

iam lendo nas entrelinhas, criando uma comunicação com o texto por meio das inferências, que "*permite ao leitor fazer suas próprias descobertas sem um comentário direto do autor*" (SUSAN HALL, 1990, *apud*, GIROTTO e SOUZA, 2010, p.76). Eles demonstraram muitas reações durante a leitura, principalmente indignação à atitude do cocheiro, e continuam a formular hipóteses, como Laura, que diz: *Ele está mentindo. Vai ter as consequências* (Turno de fala 22).

É interessante notar que a roda de conversa acontecia sem muitas interferências do mediador. Os alunos tinham liberdade para se expressarem da maneira deles, sem necessariamente terem nosso direcionamento. Porém, também elaboramos algumas perguntas, que de acordo com a pertinência do momento, eram realizadas ou não. Na quinta parte do cordel, realizamos algumas perguntas, como: "*O que você achou da atitude do cocheiro?*" e "*O que você diria ao cocheiro?*" (Turnos de falas 28 e 33). Esse processo de mediação ganha espaço por meio, sobretudo, da afetividade e da confiança, ou seja, é uma forma de nutrição e não de interferência ou obrigação (SLADE, 1978; MARINHO e PINHEIRO, 2012). A partir das perguntas, ora realizadas por eles, ora por meio da mediação, eles continuavam a criar, oferecendo, inclusive vários conselhos ao cocheiro.

No turno de fala 43, Joaquim realiza uma nova intertextualidade, dessa vez associando a ação do cocheiro à consequência que a personagem Pinóquio[55] sofreu em suas aventuras, e conversa com a personagem, orientando-a: *Fale a verdade, se não seu nariz vai crescer que nem o de Pinóquio* (Turno de fala 43). Joaquim faz uso da intertextualidade heteroautoral e endoliterária. Carolina, por sua vez, ao escutar as respostas dos colegas para as possíveis consequências para o cocheiro, lembra das novelas (Turno de fala 45). Cunha (2012, p.121, grifos nossos) comenta que

> **a humanidade é intertextual**: estamos sempre fazendo e dizendo coisas a partir das experiências anteriores. Desde sempre, obras de arte são recriadas, servem de ponto de partida e referência para muitas outras. **Isso acontece em todas as artes**. Mas acontece também na nossa interação cotidiana. Quando faz um resumo, reconta um caso, cita uma fala de alguém, você está usando a intertextualidade.

Continuando a mediação, propomos mais uma vez, o jogo dramático, ao perguntamos: *Vamos tentar conversar com a princesa? O que poderíamos dizer a*

[55] Pinóquio é a personagem do livro As aventuras de Pinóquio, do escritor italiano Carlo Collodi. Joaquim não diz se está se referindo ao livro ou ao filme ou desenho, já que a obra sofreu muitas adaptações.

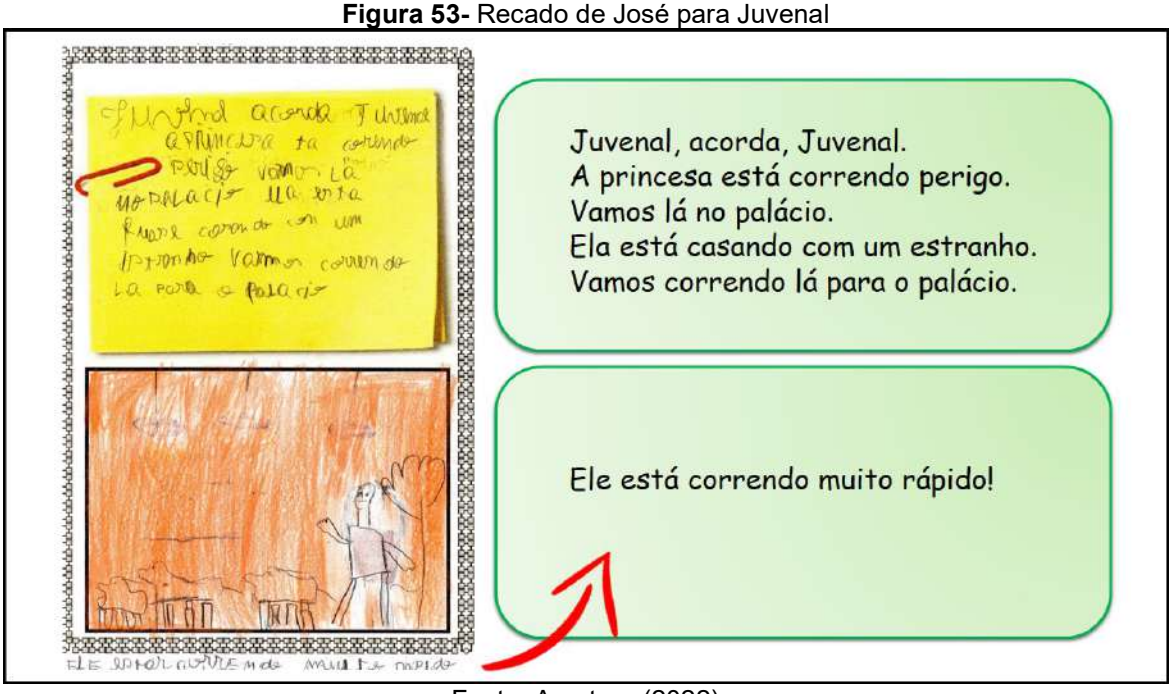
ela? (Turno de fala 46). As alunas Carolina e Laura entram no jogo, levantam e fingem conversar com a princesa. Elas conversam, transmitindo emoção e ansiosas para que a princesa fale a verdade. Laura pede: *Princesa, diga a verdade a todo mundo. Você já está em casa protegida* (Turno de fala 48). Neste momento, Carolina olhou para Laura e disse: *Mas ela não pode dizer, porque o cocheiro pode ser preso, mas ele pode se soltar e fazer uma maldade com ela* (Turno de fala 48). Assim, os alunos vão imaginando as cenas e realizando as ações na sala de aula. Marinho e Pinheiro afirmam que o jogo dramático "recupera a capacidade da criança e do jovem de fantasiar, de recriar a realidade" (2012, p.130). Os autores propõem o trabalho com o jogo dramático e destacam que a Literatura de Cordel já inspirou várias obras, entre filmes e livros.

No decorrer da história, Leandro Gomes de Barros conversa com o leitor, o que deixa a narrativa ainda mais interessante. Vejamos:

> Leitor, deixemos aqui
> Fechada em seu aposento
> A bela e meiga princesa
> Lamentando o seu tormento
> E vamos ver Juvenal
> Onde está nesse momento
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p.20)

Terminamos a leitura da quinta parte do cordel, com a estrofe acima. Durante a nossa roda de conversa, perguntamos aos alunos: "*O que será que Juvenal está fazendo?*". Porém, pedimos que eles não expressassem por meio da voz, mas por meio de desenhos e recados para Juvenal. Eles amaram a ideia, e diziam que eram amigos dele e iriam alertá-lo. Entregamos uma folha para cada criança, e diversas foram as reações. Vejamos o que o aluno José disse a Juvenal na Figura 53.

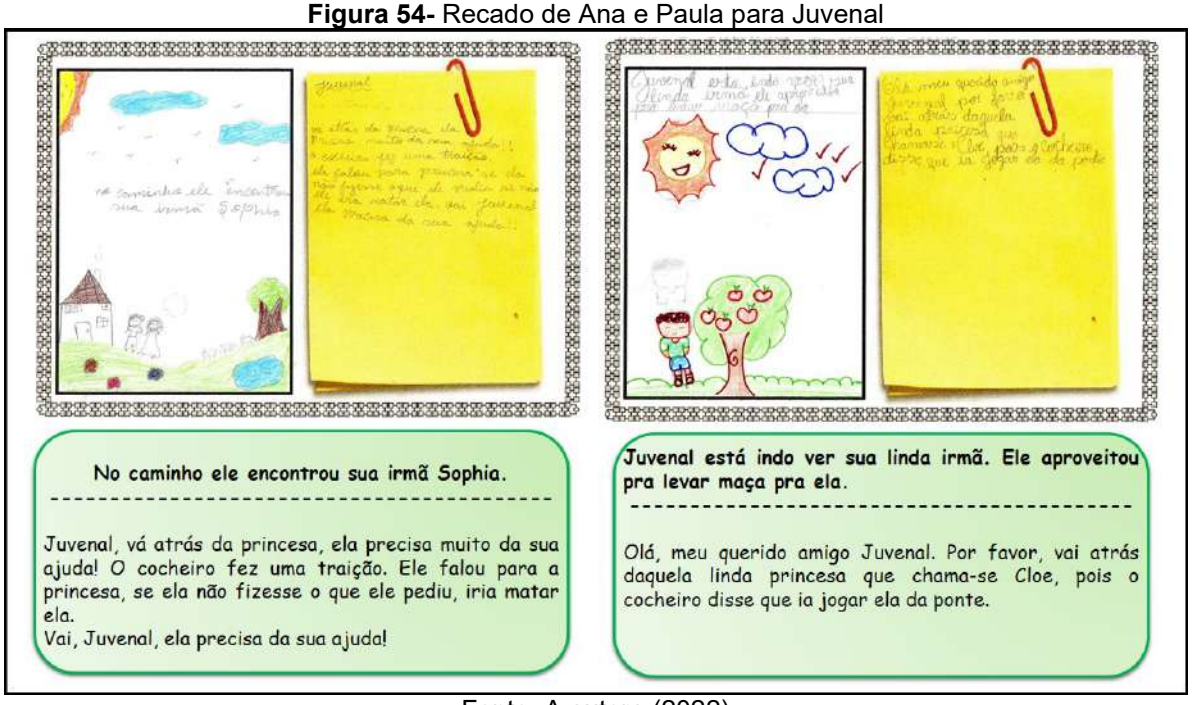
Figura 53- Recado de José para Juvenal



Fonte: A autora (2022)

José é um dos alunos que pouco interagiu por meio da fala em nossas rodas de conversas, mas destacamos o quanto ele se expressou por meio da escrita e do desenho. Ele explicou direitinho a Juvenal o que estava acontecendo com a princesa, e no mesmo instante Juvenal sai correndo. José dá espaço à imaginação, e vai muito além do que pedimos. Ele não registra o que Juvenal poderia estar fazendo, e sim a resposta de Juvenal ao seu bilhete, em forma de ação: "*Ele está correndo muito rápido!*". Bajour (2012, p.17) nos faz refletir que nem sempre a leitura vai nos fazer reagir por meio das palavras, mas também "com a palavra silenciada, não proferida, mas dita [...] com outros múltiplos signos que criamos para estender pontes do texto ao leitor, do leitor ao texto, de leitor a leitor". Assim, o professor-mediador, com o olhar atento, uma escuta atenta, passa a também a ler nas entrelinhas. Nas interações a seguir (Figura 54), as alunas Ana e Paula relembram da personagem Sofia, a irmã de Juvenal, presente no início do cordel. Elas imaginam que Juvenal a encontrou no caminho. Paula, inclusive, além de lembrar de Sofia, dá um nome à princesa, que até então não tinha nome. Interessante que durante as rodas de conversas, as crianças nomearam o cocheiro, e também o Rei, mas não destacaram a princesa. Nessa atividade, Paula a chama de Cloe.

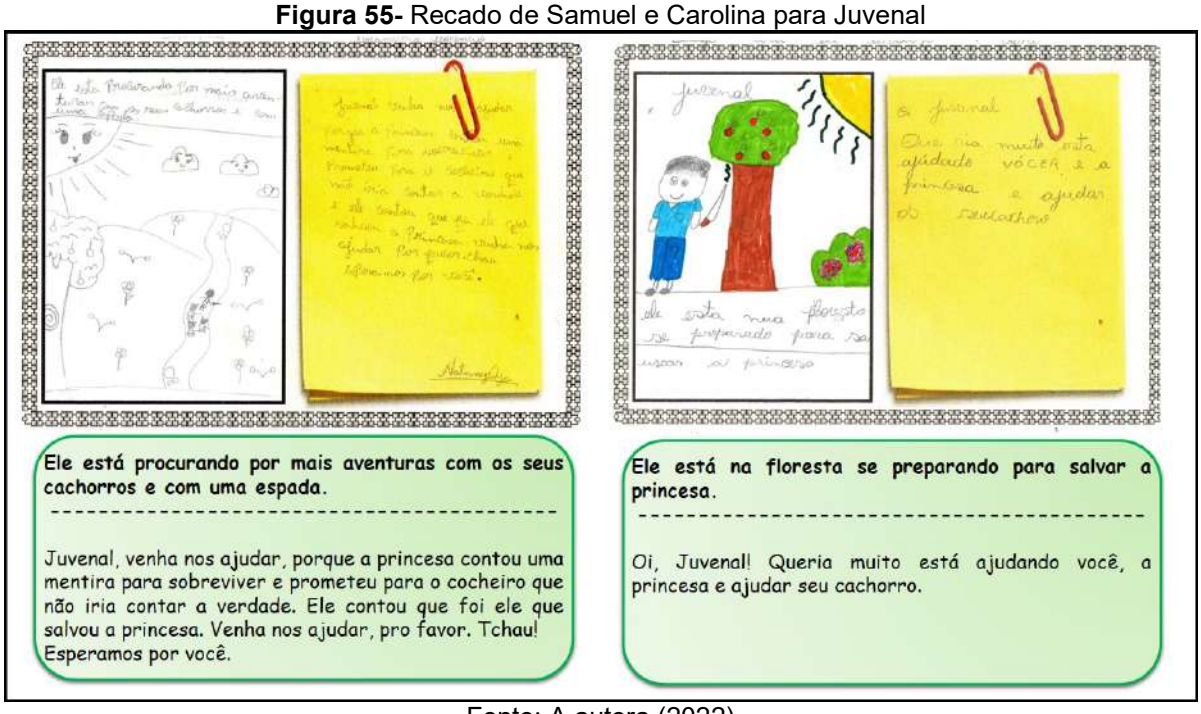
Figura 54- Recado de Ana e Paula para Juvenal



Fonte: A autora (2022)

A seguir, queremos destacar as interações realizadas pela aluna Carolina e pelo aluno Samuel (Figura 55). Os alunos imaginaram de forma semelhante o que Juvenal poderia estar fazendo. Chamaram a atenção para os detalhes, como: a floresta, a espada e os cachorros. Carolina diz que ele estava se preparando para mais uma aventura, e sua hipótese é confirmada (na sexta parte do cordel).

Figura 55- Recado de Samuel e Carolina para Juvenal



Fonte: A autora (2022)

Os alunos entregaram as folhas com os desenhos e suas contribuições para *A história de Juvenal e o Dragão* e estavam curiosos para confirmarem ou não as suas hipóteses. Porém, destacamos que muito mais importante que checar hipóteses, é a vivência de (re)construção do texto literário, pois como afirma Andruetto (2012, p.55): “a obra de um escritor não pode ser definida por suas intenções, mas por seus resultados”. Juvenal e o Dragão, ofereceu aos leitores “mundos imaginários que deixam surgir o que cada um traz como texto interior e permitem compartilhar os textos/mundos pessoais com os textos/mundos dos outros” (ibidem).

Iniciamos mais uma leitura, dessa vez da sexta parte do cordel, ainda em nossa segunda roda de conversa (Quadro 14). Os(as) alunos(as) estavam bem ansiosos para conhecerem o desfecho da obra. A sexta parte foi rápida, mas deixou os alunos com muita mais expectativas. Vamos agora verificar as interações:

Quadro 14- Fragmentos das interações referentes a **sexta parte do cordel** correspondente a Segunda Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia **10 de novembro de 2022.** Transcrição a partir de gravação de vídeo.

Turnos de fala	Participantes	Interações
1	**Joaquim**	Vamos ver quem acertou!
2	**Carolina**	Acertei! Ele estava em busca de outra aventura. Tia, desenhei os cachorros também.
3	**José**	Ele era corajoso até sonhando.
4	**Eduardo**	Era pra ele ter ido com ela.
5	**Henrique**	Coitado do cocheiro.
6	**Afonso**	O que é peregrino?
7	**Professora**	Por que Juvenal gostava tanto de aventura?
8	**Joaquim**	Porque ele era muito forte e corajoso.
9	**Afonso**	Porque ele era aventureiro.
10	**Carolina**	Porque era sua paixão.
11	**Samuel**	Porque ele não queria ficar em casa.
	Paula	Por causa dos cachorros.
12	**Laura**	Acho que não era por causa dos cachorros. Ele já gostava de aventuras, desde o tempo dos carneiros.
13	**Júlia**	Porque ele é um herói e gosta de salvar as pessoas.
14	**Professora**	Vocês gostam de aventuras?
15	**Carolina**	Eu gosto de aventuras no sítio.
16	**Joaquim**	Eu viajo nos livros.
17	**Samuel**	Eu subo no pé de seriguela.
18	**Luana**	Já fui na casa de farinha.
19	**Renato**	Subo no pé de goiaba e chupo goiaba lá de cima.
20	**Paula**	Minhas aventuras são com a minha gata. Sempre salvo ela.
21	**Ana**	Eu e minha amiga no sítio.

22	**Afonso**	No quintal da minha avó.
23	**Eduardo**	Ainda falta muito tempo para Juvenal voltar, doi anos.
24	**Professora**	Será que o cocheiro vai conseguir casar com a princesa?
25	**Júlia**	Não, porque a princesa não ama ele.
26	**Joaquim**	Não, porque ele mentiu e vai sofrer as consequências
27	**Carolina**	Não, porque Juvenal vai chegar na hora e vai contar toda a verdade.
28	**Laura**	Nem a princesa e nenhuma mulher vai querer ele, porque ele é muito mentiroso
29	**Paula**	A princesa vai contar tudo para o pai dela

Fonte: A autora (2023)

A nossa conversa iniciou-se com muitas expectativas. Joaquim foi logo falando: "*Vamos ver quem acertou*!" (Turno de fala 1). Já na primeira sextilha da sexta parte, Carolina confirma a sua hipótese.

> Depois de salvar a moça
> O belo moço saiu
> **Em busca de outra aventura**
> A viagem prosseguiu
> **Junto com os três cachorros**
> Em outro reino dormiu
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p.20, grifos nossos)

Grifamos o terceiro e o quinto verso para destacar a confirmação de hipótese de Carolina: *Acertei! Ele estava em busca de outra aventura. Tia, desenhei os cachorros também* (Turno de fala 2). Como a nossa roda de conversa nessa sexta parte foi rápida, encontramos espaços para realizarmos três perguntas elaboradas anteriormente em nosso planejamento, foram elas: "*Por que Juvenal gostava tanto de aventura?*" (Turno de fala 7); "*Vocês gostam de aventuras?*" (Turno de fala 14) e "*Será que o cocheiro vai conseguir casar com a princesa?*" (Turno de fala 24). Vamos destacar algumas respostas das crianças contando sobre as suas aventuras. Elas falaram que gostam muito de brincar e se aventurar, e compartilharam conosco um pouco de suas vivências, como podemos observar na Figura 56.

Figura 56- Compartilhando aventuras

Fonte: A autora (2023)

Nessas experiências compartilhadas, as crianças se sentem valorizadas, pois naquele momento em sala de aula, as escutamos com muita atenção. Em nossa roda de conversa, "todos opinam sem o fantasma do erro. [...] É que na leitura compartilhada de um texto literário a possibilidade da invenção, da criação, está sempre aberta" (GARCIA, 2003, p.20). Os alunos estavam muito curiosos e eufóricos para descobrirem o final da história. Até pediram para que a leitura fosse adiantada, porém, não tínhamos mais tempo, visto que a tarde foi muito produtiva, mas passou rápido.

No dia **11 de novembro de 2022**, iniciamos a nossa **Terceira Roda de Conversa Literária** em torno do cordel *A história de Juvenal e o Dragão*. Vejamos as últimas duas partes separadas para a leitura compartilhada (Quadro 15):

Quadro 15- Divisão do cordel para a terceira Roda de Conversa Literária

TERCEIRA RODA DE CONVERSA LITERÁRIA	
Sétima parte	A princesa finge estar doente para não casar com o cocheiro. (Estrofes 110 até 118)
Oitava parte	Juvenal chega no reino e tenta desmascarar o cocheiro. Luta mais uma vez, é preso e levado ao rei. Ele conta toda a história ao rei, a princesa confirma. O cocheiro é castigado e Juvenal casa com a princesa. (Estrofes 119 a 157) Os cães eram encantados e viram **pássaros**.

Fonte: A autora (2022)

Quando chegamos na sala de aula para a última roda de conversa, a empolgação foi tanta, que não organizamos a sala em círculo, porém não deixou de ser uma roda de conversa com pessoas reunidas com o objetivo de compartilhar ideias. As crianças estavam muito ansiosas para conhecer o final da história. Estavam presentes 19 crianças, cheias de curiosidade e vontade de participar. A sétima parte constava apenas de nove estrofes, vejamos as interações (Quadro 16):

Quadro 16- Fragmentos das interações referentes a **sétima parte do cordel** correspondente a terceira Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia **11 de novembro de 2022**. Transcrição a partir de gravação de vídeo.

Turnos de fala	Participantes	Interações
1	**Joaquim**	Ela adoeceu de tristeza?
2	**Carolina**	Ela fingiu que adoeceu pra não casar com o cocheiro.
3	**Laura**	Acho que o dragão vai voltar e o cocheiro não vai saber defender a princesa.
4	**Professora**	Por que, Laura?
5	**Laura**	Porque ele foi muito medroso, correu logo.
6	**José**	Do jeito que ele é medroso.
7	**Henrique**	Eu concordo com Laura.
8	**Professora**	Como será que a princesa está?
9	**Carolina**	Ela deve estar bem triste.
10	**Ana**	Tia, ela está chorando?
11	**Luana**	Eu acho que ela está desesperada.
12	**Paula**	Juvenal vai chegar.

Fonte: A autora (2023)

Com interações rápidas, no decorrer da leitura da sétima parte, Joaquim pergunta se a princesa adoeceu de tristeza. Carolina, por sua vez responde, interagindo com o colega. Laura então afirma: *Acho que o dragão vai voltar e o cocheiro não vai saber defender a princesa* (Turno de fala 3). Perguntamos o porquê, e ela junto com outros colegas, relembram da parte da história em que o cocheiro foi muito medroso. Realizamos uma pergunta após a sextilha em que Leandro Gomes de Barros solicita que paremos um pouco. O modo como o cordelista escreve a história é bem dialógico. Ele conversa com o(a) leitor(a) durante a narrativa, vejamos:

Paremos aqui, leitor
Deixemos isso pra frente
Vamos saber como passa
A princesinha doente
Seu pai estava ficando
Severo e muito exigente

(BARROS, [s.d.], 2010, p.24)

Então, perguntamos: *Como será que a princesa está?* (Turno de fala 8). Alguns alunos como Carolina, acreditam que ela está bem triste. Nas próximas sextilhas, por meio da voz, procuramos passar o sentimento da princesa naquele instante, ao entonarmos os versos: "*Exclamou: —Tudo acabou-se/ Minha sina foi fatal/ Vou casar-me com um monstro/ Traidor como chacal!*" (BARROS, [s.d.], 2010, p.24). Nesse momento, Ana pergunta se a princesa está chorando. Luana acredita que ela está desesperada. Paula afirma que Juvenal voltará. As crianças vibram com a possibilidade. Então, partimos para a oitava e última parte da leitura do cordel *A história de Juvenal e o Dragão*. As crianças estavam cada vez mais curiosas. Vejamos as próximas interações (Quadro 17):

Quadro 17- Fragmentos das interações referentes a **oitava parte do cordel** correspondente a terceira Roda de Conversa Literária sobre o Cordel A história de Juvenal e o Dragão no dia **11 de novembro de 2022**.Transcrição a partir de gravação de vídeo

Turnos de fala	Participantes	Interações
1	**Professora**	Quem era?
2	**Todos**	Juvenaaaaaaaaaaaaaaaal
3	**Ana**	O que é extravagante?
4	**Laura**	Uma coisa muito bela.
5	**Carolina**	Tia, eu escrevi: Juvenal volta para a princesa.
6	**Professora**	Ele te escutou, hein?
7	**Laura**	Não foi nem Juvenal, foi Rompe-Ferro.
8	**Maria**	É aí que pega fogo.
9	**Laura**	Quem tem que casar com a princesa é Rompe-Ferro.
10	**Carolina**	Essa história é muito boa.
11	**Laura**	É porque eu fico imaginando como eles estão lá.
12	**Joaquim**	Tô imaginando também.
13	**Paula**	Era pra eu ter trazido pipoca.
14	**Júlia**	A princesa estava lá?
15	**Professora**	Quem acha que estava?
16	**Professora**	Por quê?
17	**Laura**	Porque era na véspera do casamento dela
18	**Professora**	Acho que vou deixar pra contar depois.
19	**Todos**	Não!
20	**Joaquim**	Deu uma dor de barriga (se referindo ao cocheiro).
21	**Carolina**	Isso daria um filme bom.
22	**Professora**	Vi na internet que estão elaborando uma animação.
23	**Algumas crianças**	Vai ser muito bom!
25	**Laura**	Será que ela vai dizer?
26	**Todos**	Vai! Vai! Vai!

27	**Professora**	Quem quer dar um recadinho pra ela, antes de continuarmos?
28	**Laura**	Vai, conta a verdade em nome de jesus!
29	**Carolina**	Princesa, conta a verdade, se não eu vou aí.
30	**Laura**	Já está acabando a história?
31	**Joaquim**	Espero que não
32	**Carolina**	Ô, tia. Acho que tudo acaba bem. Juvenal vai casar com a princesa. Tomara que eles tenham filhos no final.
33	**Joaquim**	O cocheiro vai se dar mal. Vai ser pouco.
34	**Júlia**	Igual aos filmes: sempre tem final feliz
35	**Paula**	Acho que ele vai voltar pra casa da irmã.
36	**Sara**	Acho que a irmã dele vai para o reino quando receber a notícia.
37	**Carolina**	Meu Deus!
38	**Professora**	Casou-se a linda princesa com...?
39	**Todos numa só voz**	Juvenal!!
40	**Laura**	Acabou?
41	**Professora**	Não. Vamos continuar?
42	**Joaquim**	A irmã dele chegou por lá.
43	**Joaquim**	Acertei!
44	**Sara**	Eu também!
45	**Carolina**	Teve a lua de mel.
46	**Professora**	Que missão era essa?
47	**Laura**	Salvar a princesa do dragão.
48	**Samuel**	Proteger o homem.
49	**Renato**	Salvar Juvenal.
50	**Carolina**	Tia, eu nem sabia que os cães falavam.
51	**Afonso**	Igual o tempo em que os bichos falavam.
52	**Joaquim**	A missão deles era proteger as princesas.
53	**Afonso**	Concordo com Joaquim.
54	**Laura**	Ninguém acertou a missão.
55	**Carolina**	Eu acho que eles eram anjos.
56	**José**	Acho que vão viver na casa de Juvenal.
57	**Laura**	Eles vão desaparecer.
58	**Júlia**	Acho que vão voltar para o sujeito estranho.
59	**Paula**	O que eu ia falar.
60	**Sara**	Eu acertei. Sabia que era combinado.
61	**Joaquim**	Já fez a missão, vão viver livres.
62	**Laura**	Eu disse que eles eram mágicos.
63	**Joaquim**	Lê de novo, tia.
64	**Carolina**	É tia!

Fonte: A autora (2023)

Iniciamos a nossa leitura com os quatro primeiros versos da seguinte estrofe:

Na véspera do casamento
Viu-se entrar um viajante
Levando mais três cachorros
Dum tamanho extravagante
[...]
(BARROS, [s.d.], 2010, p.25)

Paramos a leitura e perguntamos: *Quem era?* (Turno de fala 1). Alguns alunos arregalaram os olhos, e todos gritaram numa só voz: Juvenaaaaaaaaaal! Durante a leitura literária, e no decorrer de nossa roda de conversa não oferecíamos todas as respostas aos alunos. Durante a mediação dialógica, buscávamos oferecer oportunidades "para que eles mesmos pudessem pensar possíveis desfechos, interpretações e soluções para suas dúvidas" (BAJOUR, 2012, p.32).

Mais adiante, Carolina relembra do que escreveu para Juvenal: Juvenal volta para a princesa (Turno de fala 5). Ela demonstra está muito feliz, pois fica sorrindo ao perceber que Juvenal a "escutou". Laura, entretanto, relembra que o herói de certa forma, não foi Juvenal, e sim Rompe-Ferro (o queridinho da turma): *Quem tem que casar com a princesa é Rompe-Ferro* (Turno de fala 9). Todos riram com a possibilidade.

Quando íamos lendo a parte em que Juvenal fica enfurecido por descobrir a mentira do cocheiro, as crianças ficam torcendo para que ele dê um jeito no cocheiro. Maria comenta: "*É aí que pega fogo*" (Turno de fala 8). Durante a leitura da sextilha a seguir, as crianças "interrompem" a leitura com muito entusiasmo para participar. Sobre essa atitude, Roland Barthes destaca (1940, p.40) apud Bajour (2012, p.17-18): "Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler e levantar a cabeça?". Vejamos a estrofe:

Juvenal pulou pra trás
Bateu palma ao seu cão
Partiu pros guardas dizendo:
— Sou filho de outra nação
Ainda vindo o exército
Eu não me entrego à prisão

(BARROS, [s.d.], 2010, p.25, grifos nossos)

As crianças começaram bater palmas e a fazerem barulho, ao escutarem o segundo verso, como se estivessem lá vendo tudo. É como se eles visualizassem as

imagens da cena na cabeça, e participavam ativamente. Girotto e Souza (2010, p.85) afirmam que os leitores "**criam cenários** e figuras em suas mentes enquanto leem". As mesmas autoras ainda destacam que ao criar as suas próprias imagens, os alunos "transportam a si mesmos para dentro do texto e se envolvem com o escrito" (ibidem, p.86-87). As crianças se envolveram tanto, que o jogo dramático acontecia com muita frequência. A performance ganhava espaço e a experiência era enriquecida. Laura e Joaquim afirmam que estão imaginando a história: *"É porque eu fico imaginando como eles estão lá"* (Turno de fala 11). Alguns alunos como Carolina, declaram que a história de Juvenal é muito boa (Turno de fala 10). Paula concorda e diz que até seria bom uma pipoca. Enquanto líamos com muita ênfase e entonação, Carolina ia fazendo gestos como se fosse uma personagem. Os colegas ficam observando, e ela diz que também está imaginando tudo.

Na parte em que Juvenal é levado ao rei, as crianças questionam se a princesa estaria lá, como podemos observar no turno de fala 14. Não respondemos imediatamente, mas voltamos a pergunta para a turma. A maioria dos alunos levantam as mãos, afirmando que ela estava lá. Perguntamos por que eles acreditavam nessa possibilidade, e Laura por exemplo, cita: "*Porque era na véspera do casamento dela"* (Turno de fala 17). Assim, todos tiveram possibilidade de socializar suas experiências, suas dúvidas e suas criações. Continuamos a leitura, e na estrofe a seguir, as crianças vibraram e começaram a aplaudir no verso destacado:

> A moça ao ver seu amante
> Chorou de tanta alegria
> Por saber que todo plano
> Ele agora descobria
> E finalmente depois
> **Com ela se casaria**
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p.27, grifos nossos)

Após a leitura dessa sextilha, dissemos em tom de brincadeira, que iríamos deixar para contar o restante da história depois. Então, a maioria dos alunos levantaram e disseram que não, pois estavam muito curiosos. Logo, voltamos à leitura, e eles cheios de expectativas. Mais uma vez, interpretamos a voz do cocheiro numa performance que os alunos acharam engraçado. Até imaginaram que ele estava com uma possível dor de barriga (Turno de fala 20). Todos riram do cocheiro, quando terminamos de interpretá-lo. Carolina ressalta: *Isso daria um filme*

bom (Turno de fala 21). Contamos que vimos na internet que estão elaborando uma animação[56] de Juvenal e o Dragão, e as crianças ficam muito animadas.

Na hora da leitura em que o rei chama a princesa para comprovar tudo que Juvenal está dizendo que fez, a turma fica inquieta, como Laura que pergunta: "*Será que ela vai dizer?*" (Turno de fala 25). Todos reagem batendo na mesa e gritando: *Vai! Vai! Vai!* (Turno de fala 26). As crianças demonstraram um pouco de aflição, ao pensarem na possibilidade da princesa negar tudo. Então, paramos a leitura propositalmente, para que quem desejasse deixasse um recadinho para ela. Muitos foram os conselhos, entre eles, temos o de Laura que um pouco impaciente disse: "*Vai, conta a verdade em nome de jesus!*" (Turno de fala 27), e Carolina que ameaça: "*Princesa, conta a verdade, se não eu vou aí*" (Turno de fala 29). Quando elas disseram isso, as outras crianças riram muito. Enquanto continuávamos a leitura, Carolina seguia fazendo gestos, caras e bocas. A história estava quase chegando ao fim, e algumas crianças já estavam saudosas. As últimas hipóteses eram construídas, como Carolina que afirma: "*Ô, tia. Acho que tudo acaba bem. Juvenal vai casar com a princesa. Tomara que eles tenham filhos no final*" (Turno de fala 30); Joaquim que em relação ao cocheiro diz: "*O cocheiro vai se dar mal. Vai ser pouco*" (Turno de fala 33); Paula que deixa seu palpite: "*Acho que ele vai voltar pra casa da irmã*" (Turno de fala 35); e Sara: "*Acho que a irmã dele vai para o reino quando receber a notícia*" (Turno de fala 36). Continuamos a leitura, e a cada verso lido, a emoção aumentava. Joaquim arregalava os olhos, juntava as mãozinhas... Carolina falava: *Meu Deus!* (Turno de fala 37), tudo isso diante da consequência que o cocheiro obteve.

Nas estrofes finais, seguiu-se a emoção. Iniciamos a próxima sextilha, e nos primeiros versos, paramos: "*Casou-se a linda princesa/ Com...?*". Todos ficaram em pé, e numa só voz gritaram: "*Juvenal!!*". Na antepenúltima sextilha, é informado que Juvenal mandou buscar a sua irmã, pois teve festa 15 dias no reino, devido ao casamento. Sara e Joaquim ficam muito alegres ao confirmarem a hipótese em relação à Sofia (Turnos de fala 43 e 44). Ficaram rindo e pulando. Na penúltima

[56] De acordo com o Portal de Notícias Sopa Cultural: "A STAIRS Filmes, mais conhecida como STAIRS, é uma empresa de Cinema e produtora independente de filmes cinematográficos dos diretores Sílvio Toledo e Natali Toledo. Sediada em Campina Grande PB, Cidade Criativa UNESCO em Artes Midiáticas. Um dos seus próximos projetos lançados está o longa de animação 'Juvenal e o Dragão', uma adaptação de uma clássica história de Leandro Gomes de Barros". (MICHALAK, 2022). Disponível em: https://sopacultural.com/stairs-filmes-prepara-animacao-nacional-juvenal-e-o-dragao/ Acesso em 20 de set de 2022.

sextilha, os alunos ficaram admirados com a informação sobre os três cachorros:

> Os cães vendo a menina
> Ficaram de prontidão
> E disseram a Juvenal:
> — Está finda a nossa missão
> Queríamos ver se a riqueza
> Mudava seu coração
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p 32)

Antes de finalizarmos a sextilha, perguntamos às crianças qual teria sido a missão dos cães. Eles apresentaram suas sugestões. Quando concluímos a leitura, Sara confirma a sua hipótese, pois lá na segunda roda ela tinha dito: "*Acho que tudo foi combinado pra saber se Juvenal é forte mesmo*" (Turno de fala 69 da quarta parte do cordel).

Carolina diz que não sabia que os cães falavam (Turno de fala 50), afinal, durante toda a história eles não dialogaram, só agiram, buscando comidas e lutando para defender Juvenal. A única fala deles foi: *"— Está finda a nossa missão*". Afonso então relembra do cordel de J.Borges: "Igual o tempo em que os bichos falavam" (Turno de fala 51), realizando então, uma intertextualidade heteroautoral e endoliterária. Realizamos a leitura da última sextilha do cordel:

> Os cães eram encantados
> Não podiam ter demora
> Transformaram-se em três pássaros
> Alvos da cor da aurora
> Disseram: — Adeus, Juvenal!! ....
> Voaram e foram embora
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p 32)

No mesmo instante, Laura recorda que tinha dito que os cães eram mágicos. Na segunda parte do cordel, na primeira roda, de fato, ela diz: "*Acho que eles eram cachorros mágicos e fizeram surgir com um feitiço*" (Turno de fala 30). Ela demonstra muita felicidade por ter confirmado. Na parte em que os cães se transformam em pássaros, os alunos ficam de boca aberta. Joaquim diz: "*Já fez a missão, vão viver livres*" (Turno de fala 61), e de fato o último verso revela: "*Voaram e foram embora*" (p.32). Quando terminamos de ler toda *A história de Juvenal e o Dragão*, os alunos batem palmas. Joaquim e alguns alunos pedem para que leiamos novamente a última estrofe, e assim fazemos.

Figura 57- Terceira Roda de Conversa

Fonte: A autora (2022)

Nesse momento ele se emociona e chora. Eles pedem para brincar novamente com os bonecos de mamulengo (Figura 57).

No dia **16 de novembro de 2022** demos início a nossa quarta roda de Conversa Literária em torno do livro ilustrado que reconta A história de Juvenal e o Dragão, pelo olhar da escritora e ilustradora Rosinha. Organizamos a sala num grande círculo (Figura 58), e iniciamos a mediação apresentando o livro sem mostrar as imagens para as crianças.

Figura 58- Quarta roda de Conversa Literária

Fonte: A autora (2022)

Rosinha reconta a história em 12 ilustrações da história de *Juvenal e o Dragão*, em páginas duplas. Vejamos as interações dos alunos, referentes a cada ilustração (Quadro 18).

Quadro 18- Fragmentos das interações referentes a **quarta Roda de Conversa Literária** sobre o livro ilustrado A história de Juvenal e o Dragão no dia **16 de novembro de 2022.**Transcrição a partir de gravação de vídeo.

ILUSTRAÇÃO UM		
Turno de fala	**Participantes**	**Interações**
1	**Laura**	O dragão observando o reino.
2	**Carolina**	Ele tava muito brabo.
3	**Alguns alunos**	Tia, por que só o fogo tem cor?
4	**Carolina**	Ele está queimando as casas.
5	**Sara**	É o reino!
6	**José**	Tá de noite?
7	**Joaquim**	Por isso só dá pra ver o fogo.
8	**Renato**	Tem muitas estrelas.
9	**Laura**	Igual a vila do Dragão tem um problema.
10	**Ana**	Parece a madeira.
11	**Eduardo**	É a matriz.
12	**Carolina**	O livro é bem colorido.
13	**Joaquim**	Quando ela diz: ataca novamente, é por isso que ele não morreu e ficou com o ponto fraco, antes de lutar com Juvenal.
ILUSTRAÇÃO DOIS		
14	**Joana**	A princesa estava vendo as estrelas.
15	**Joaquim**	É uma menina muito corajosa.
16	**Renato**	Ela tá na ponta do penhasco.
17	**Paula**	É a filha do rei.
18	**Sara**	Por que tem que ser uma moça bonita, hein?
19	**Renato.**	Por que ele só quer bonita.
20	**Samuel**	Ali embaixo nas pedras é a caverna do dragão.
21	**Laura**	O cabelo dela tá todo arrepiado.
22	**Carolina**	A casa do dragão tá saindo fumaça.
23	**Samuel**	Eu acho que o dragão tá escondido na caverna.
24	**Renato**	Ele tava cuspindo fogo.
25	**Eduardo**	Ou ele tá assando alguma coisa.
26	**Ana**	Assando outra princesa.
27	**José**	O vestido dela parece uma bandeira.
ILUSTRAÇÃO TRÊS		
28	**Joaquim**	O rei tá preocupado com a filha dele.
29	**Paula**	Ele está chorando.
30	**Laura**	O rei tá triste, porque a filha dele foi “simbora”.
31	**Carolina**	Meu pai foi trabalhar e eu fiquei chorando.
32	**Paula**	Só o rei tá colorido.
33	**Ana**	Porque a roupa dele é bonita.
34	**Henrique**	A princesa tá na carruagem olhando pra baixo.
35	**Joaquim**	O cocheiro tá levando a princesa pro dragão.
36	**Paula**	O cocheiro não tá muito preocupado se ela tá chorando.
37	**Sara**	Os cavalos correm rápido.
38	**Ana**	Tem um bocado de árvore ao redor do castelo.
39	**Joaquim**	Quando vou pra casa da minha tia, tem uma

		árvore lá, e eu fico me pendurando.
ILUSTRAÇÃO QUATRO		
40	**Maria**	Olha os três cachorros.
41	**Sara**	Rompe-Ferro é esse da frente.
42	**Maria**	Ela tá bem preocupada.
43	**Jaoquim**	Essa é a cena que Juvenal com seus três cachorros encontram o cocheiro e a princesa.
44	**Maria**	A princesa tá chorando.
45	**Ana**	Nesse lugar também tem árvores.
46	**Joaquim**	Pé de laranja.
47	**José**	Eu subi no pé de seriguela com meu pai, no sítio.
48	**Carolina**	Eu me surpreendi com o céu.
49	**Ana**	Ele tá muito bonito.
50	**Carolina**	Tem um morro subindo.
ILUSTRAÇÃO CINCO		
51	**Luana**	O homem batalhando com o dragão.
52	**Joaquim**	É Juvenal.
53	**Carolina**	O dragão tava preto e agora tá vermelho.
54	**Ana**	Por que ele mudou de cor?
55	**José**	Porque ele estava se preparando para atacar.
56	**Henrique**	Porque o sangue dele tirou a cor dele.
57	**Samuel**	Será que ele tava se queimando lá na caverna dele?
58	**Júlia**	Por isso tava aquela fumaça.
59	**Sara**	A cor do olho do dragão tá linda.
60	**Júlia**	Está chovendo?
61	**Laura**	Parece que tá chovendo com esses traços.
62	**Afonso**	Quando chove alaga tudo aqui em Vitória.
63	**Carolina**	Um dia levei uma chuvarada.
64	**Joaquim**	Mesmo na chuva, Juvenal não desiste.
65	**Paula**	Olha Rompe-Ferro mordendo a cauda.
66	**Ana**	Acho que ele é o que tá na asa, que é o ponto fraco do dragão.
67	**Paula**	A asa esquerda.
68	**Laura**	Tem muito cachorro atacando o dragão, por isso que ele tá vermelho e brabo.
69	**Joaquim**	Eu já assisti um filme na Netflix. O nome do dragão era Banguela.
70	**Laura**	A princesa desesperada.
71	**Maria**	A princesa tá bastante assustada.
72	**Carolina**	Não foi Juvenal que matou, foi Rompe-Ferro.
73	**Ana**	Essa cena é igual a capa.
74	**Júlia**	Mas na capa ele tá sem bolsa.
ILUSTRAÇÃO SEIS		
75	**Luana**	Rompe-Ferro brincando com a borboleta.
76	**Sara**	Por que será que ela tá com esse pano branco?
77	**Júlia**	Eu lembrei de Rapunzel.
78	**Professora**	Por quê?
79	**Júlia**	Porque ela joga os cabelos.
80	**Joaquim**	Pra Juvenal achar ela.
81	**Luana**	É sinal de paz.

82	**Ana**	Ela tava chorando de emoção.
83	**Henrique**	Ela tá dando tchau com o pano balançando.
84	**Samuel**	Juvenal tá com a espada e o cocheiro com um chicote.
85	**Renato**	O cocheiro volta para o reino para contar as mentiras.
ILUSTRAÇÃO SETE		
86	**Júlia**	Ele quer jogar ela da ponte.
87	**Ana**	No caminho sempre tem muitas árvores.
88	**Joaquim**	Eles estão na ponte e a água está muito forte.
89	**Ana**	Se ela cair, ela morre.
90	**Sara**	Ele tá ameaçando ela.
ILUSTRAÇÃO OITO		
91	**Samuel**	O cocheiro tá contando as mentiras, e o povo acreditando.
92	**Ana**	Tem um bocado de gente.
93	**Júlia**	A princesa está muito triste.
94	**Carolina**	Já ele tá feliz.
95	**Henrique**	A camisa dele é roxa.
96	**Eduardo**	Porque só ele é mentiroso.
97	**Ana**	Porque ele vai morrer.
ILUSTRAÇÃO NOVE		
98	**Carolina**	A princesa tá triste, porque tem que casar.
99	**Joaquim**	Coitada da princesa.
100	**Ana**	Ela foi para o quarto chorar e orar.
101	**Júlia**	Ela tá orando muito a Deus.
102	**Sara**	O cabelo dela é muito grande, parece a Rapunzel mesmo.
103	**Eduardo**	Só o cocheiro tá feliz.
104	**José**	Juvenal vai chegar e ele vai ver.
105	**Henrique**	Ele vai ser descoberto.
106	**Sara**	A calça dele é igual ao chão.
ILUSTRAÇÃO DEZ		
107	**Maria**	É o pesadelo que Juvenal teve.
108	**Paula**	Ele tá lutando pra correr e salvar ela.
109	**Júlia**	As camisas de Juvenal e a do cocheiro são com cor.
110	**Afonso**	O cocheiro fugiu.
111	**Joaquim**	Ele tem medo de Juvenal.
112	**Ana**	Quem mente sempre se dá mal.
113	**Sara**	Os cachorros botam tudo pra correr.
ILUSTRAÇÃO ONZE		
114	**Joaquim**	Agora sim, a princesa tá feliz.
115	**Luana**	Os cachorros também.
116	**Henrique**	O cocheiro se deu mal.
117	**Laura**	Juvenal é honesto.
118	**Joaquim**	Ele ainda provou que nem no cordel.

ILUSTRAÇÃO DOZE		
119	**Laura**	Agora ela tá linda de noiva.
120	**Carolina**	De branco.
121	**Joaquim**	Se ela fosse casar com o cocheiro era azul.
122	**Carolina**	O de verdade é esse.
123	**Laura**	Pra combinar com os pássaros.
124	**Júlia**	Porque é paz.
125	**Henrique**	Até o cabelo tá branco.
126	**Samuel**	Não é o cabelo.
127	**Carolina**	É Rompe-Ferro, Provedor e Ventania.
128	**Sara**	Eles viraram pássaros.
129	**Joaquim**	Cumpriram a missão.
130	**Laura**	Teve 15 dias de festa.

Fonte: A autora (2023)

Durante a quarta roda, buscamos dar ainda mais voz aos alunos, sem realizar perguntas, apenas ouvindo seus pensamentos a respeito da história que Rosinha recontou por meio das ilustrações em sintonia com as palavras. Todas as partes são representadas por páginas duplas. Na primeira imagem, os(as) alunos(as) já relacionam as ilustrações com a xilogravura, mais especificamente com a matriz de xilogravura. Quando Ana diz: "*Parece a madeira*" (Turno de fala 10), Eduardo já nota que é a matriz de xilogravura (Turno de fala 11). Os alunos também observam que a única cor presente na imagem é o fogo (Figura 59), e questionam (Turno de fala 3): "*Tia, por que só o fogo tem cor?*". Mesmo a pergunta sendo direcionada à "tia", eles já sabiam que numa roda de conversa, as respostas poderiam vir de todos. Assim, não buscamos responder diretamente, mas buscamos fazer com que construíssem suas respostas.

Figura 59- Ilustração (um) do livro de Rosinha

Fonte: Rosinha (2010)[57]

Continuando as interações, José observa a lua e as estrelas presentes na imagem, e pergunta se está de noite. Na leitura do cordel, por exemplo, não houve

[57] Disponível em: http://www.rosinhailustra.com.br/es/livro/a-historia-de-juvenal-e-o-dragao/

esse questionamento quando o dragão aparece. Já no livro ilustrado, a presença desses elementos faz nascer a pergunta de José e já leva Joaquim a inferir porque só o fogo teria cor (turno de fala 7). De acordo com Lins (2002, p.31) *apud* Fleck, Cunha e Caldin (2016, p.199):

> O texto escrito conta uma história recheada de imagens nas linhas e nas entrelinhas. A imagem complementa e enriquece esta história, a ponto de cada parte de uma imagem poder gerar diversas histórias. O texto e a imagem juntos dão ao leitor o poder de criar na sua cabeça a única história que realmente interessa. A história dele.

Notamos que as crianças produzem uma narrativa por meio das imagens, que não estão explícitas no texto verbal. Imaginam um cenário noturno, e justificam a presença ou ausência das cores. Joaquim, por sua vez, por já ter lido o cordel, ao ler o texto escrito por Rosinha na primeira imagem, (Turno de fala 13) imagina: "*Quando ela diz: ataca novamente, é por isso que ele não morreu e ficou com o ponto fraco, antes de lutar com Juvenal*". O aluno é bastante perspicaz e relaciona as leituras realizadas, imaginado e reconstruindo-as.

Na imagem abaixo (Figura 60 e 61), Rosinha descreve a segunda parte do livro, e os alunos começam a imaginar com muita criatividade que lá embaixo seria a caverna do dragão e estaria saindo fumaça. Dentre as várias novas histórias geradas pelos alunos, Eduardo (Turno de fala 25) imagina: "*Ou ele tá assando alguma coisa*". Eles ficam admirados com a fumaça saindo e vão imaginando várias possibilidades.

Figura 60- Ilustração (dois) do livro de Rosinha

Fonte: Rosinha (2010)[58]

[58] Disponível em: http://www.rosinhailustra.com.br/es/livro/a-historia-de-juvenal-e-o-dragao/

Figura 61- Alunos interagindo com o livro ilustrado

Fonte: A autora (2022)

Joaquim finaliza associando o vestido da princesa a uma bandeira (Turno de fala 27), como se a princesa estivesse pedindo socorro. O livro ilustrado possibilitou uma leitura literária compartilhada e recriada pelas crianças, num momento em que

> ler não é apenas interpretar um conjunto de palavras impressas nas páginas, mas sentir a textura do papel ao tocá-lo, perceber seu peso ao virar a página, atentar ao som desse movimento ou mesmo àquele do roçar a página. Sentir o cheiro da página impressa, se deixar levar pelas cores (GUTFREUND, 2022, p.16)

Em cada virar das páginas, os alunos iam se empolgando, aguçando o olhar, imaginando e se expressando não somente por meio das palavras, mas também por suas reações, gestos e silêncios. Assim, seguíamos a leitura. Na imagem 3 (Figura 62), os alunos já sabem que o rei (chamaram até de Rei Joaquim) está triste por sua filha, e então, trazem fatos de sua vida, como Carolina (Turno de fala 31): "*Meu pai foi trabalhar e eu fiquei chorando*". A aluna age com certa empatia ao se colocar no lugar da personagem, sendo capaz de entender seus sentimentos, já que ela também já passou por momentos de tristeza em sua vida. Joaquim, por sua vez, relembra dos passeios à casa de sua tia ao observar as árvores e compartilha (Turno de fala 39): "*Quando vou pra casa da minha tia, tem uma árvore lá, e eu fico me pendurando*".

Figura 62- Ilustração (três) do livro de Rosinha

Fonte: Rosinha (2010)[59]

Seguimos a leitura, e agora na ilustração quatro, Rosinha (2010, p. 11-12) narra nas páginas duplas: “A caminho de seu destino cruel, a princesa cruza com o aventureiro Juvenal, que ao vê-la aos prantos quer saber do acontecido. O cocheiro conta que ela será sacrificada”. Rosinha não cita a presença dos três cachorros, mas como realizamos primeiro a leitura do folheto, recomendado por Pinheiro (2013), os alunos associaram a ilustração dos cachorros com Rompe-Ferro e os outros cães.

A ilustração cinco (Figura 63) foi a que os alunos manifestaram muito mais as suas vozes. Todos queriam participar e expressar a sua opinião, trazer um acontecimento, um filme para a nossa roda de conversas.

Figura 63- Ilustração (cinco) do livro de Rosinha

Fonte: Rosinha (2010)[60]

Carolina observa a mudança de cor do dragão (Turno de fala 53): “*O dragão tava preto e agora tá vermelho*”. Diante disso, Ana questiona essa mudança de cor e

[59] Disponível em: http://www.rosinhailustra.com.br/es/livro/a-historia-de-juvenal-e-o-dragao/

[60] Disponível em: http://www.rosinhailustra.com.br/es/livro/a-historia-de-juvenal-e-o-dragao/

imediatamente, temos algumas hipóteses construídas: (Turno de fala 55) “*Porque ele estava se preparando para atacar*; (Turno de fala 56) “*Porque o sangue dele tirou a cor dele*”; (Turno de fala 68) “*Tem muito cachorro atacando o dragão, por isso que ele tá vermelho e brabo*”. Assim, eles vão tentando assimilar a cor vermelha no dragão. Samuel por sua vez, volta à cena 2 do livro e pergunta: “*Será que ele tava se queimando lá na caverna dele?*” (Turno de fala 57). Assim, a leitura literária vai acontecendo com esse entrelaço de ações, com o virar das páginas, com o retorno a algum acontecimento, com criações de inferências e hipóteses, e também com confirmações ou até certezas. Júlia observa os diversos traços presentes na imagem e pergunta se está chovendo. Algumas crianças, a partir da pergunta de Júlia traz algumas situações da região em que moram, como Afonso que afirma (Turno de fala 62): “*Quando chove alaga tudo aqui em Vitória*”, e Carolina (Turno de fala 63): “*Um dia levei uma chuvarada*”. Eles vão compartilhando suas experiências e suas vozes “merecem ser ouvidas e valorizadas na recepção do texto literário” (SILVA, 2006, P.112). Nos deparamos com intertextualidade, quando eles lembram de um novo filme que tem um dragão, e também quando lembram da capa do folheto, associando a ilustração cinco à imagem que compõe a capa, porém Júlia, muito perspicaz, faz uma observação (Turno de fala 74): “*Mas na capa ele tá sem bolsa*”. Segundo Fleck, Cunha e Caldin (2016, p.200, grifos nossos): “Ler o livro ilustrado é mais do que ler texto e imagem separadamente. É **aguçar o olhar** para perceber as nuances e as sutilezas artísticas que se compõem na integração entre as duas linguagens”.

Na ilustração seis, os alunos continuam atentos aos mínimos detalhes. Talvez um leitor mais apressado não tivesse a sensibilidade de notar “*Rompe-Ferro brincando com a borboleta*” no cantinho da página, como Luana percebeu (Turno de fala 75). Júlia, por sua vez, apresenta uma intertextualidade heteroautoral e endolitária, relembrando da personagem Rapunzel que joga seus cabelos, assim como a princesa está jogando/balançando um paninho branco na imagem. Outros dizem que é apenas um tchau e Luana diz algo muito interessante: “*É sinal de paz*” (Turno de fala 81). Continuando a nossa roda de conversa, na ilustração sete, foram poucas as interações, mas Joaquim chama a atenção para o desenho da água, e ele reforça que “a água está muito forte” (Turno de fala 88). Mais adiante, mais especificamente na ilustração nove, José já sabe que Juvenal vai chegar pra resolver tudo e junto com outros alunos pede para virar logo a página. Na ilustração

onze, Joaquim relembra (Turno de fala 118) da cena do cordel em que Juvenal arranca dois dentes da fera.

> Disse ele pra que ninguém
> Duvide desta história
> Que briguei com esse monstro
> E na luta alcancei vitória
> Tirei dois dentes da fera
> Para servir de memória
>
> (BARROS, [s.d.], 2010, p 13)

Finalizamos a nossa quarta roda com a última parte recontada por Rosinha, que diz: “Juvenal e a princesa se casam e são felizes para sempre” (2010, p.28). As crianças afirmam que agora a princesa está muito feliz e linda de noiva, comparando com o momento em que ela quase casaria com o cocheiro. Laura afirma que ela está de branco “*para combinar com os pássaros*” (Turno de fala 123). Carolina relembra: “*É Rompe-Ferro, Provedor e Ventania*”. Na última ilustração (Figura 64), as crianças conseguem associar vários elementos ao cordel, como o fato dos três cachorros terem virado pássaros e terem cumprido a sua missão, e também continuaram o reconto, por exemplo, quando Laura relembra que teve 15 dias de festa.

Figura 64- Ilustração (doze) do livro de Rosinha

Fonte: Rosinha (2010)[61]

Cecília Bajour afirma que “o passeio visual entre a imagem do texto e a ilustração é uma coreografia necessária da leitura” (2018a, n.p.). Em nossa quarta roda de conversa literária, vários foram os movimentos que os leitores realizaram.

[61] Disponível em: http://www.rosinhailustra.com.br/es/livro/a-historia-de-juvenal-e-o-dragao/

Juntos, eles foram ampliando horizontes, foram perdendo o medo de se expressarem, percebendo que suas experiências e vivências são acolhidas, que sua voz tem importância. Nossa comunidade de leitores mais uma vez foi fortalecida.

5.2 RELATO DA TERCEIRA ETAPA

A partir desse momento, apresentaremos a terceira etapa do nosso projeto que, com duração de seis aulas, teve como objetivo: **Socializar as experiências vivenciadas sobre a Literatura de Cordel com a comunidade escolar**. Essa etapa teve duração de seis aulas.

No dia **17 de novembro de 2022**, demos início a primeira atividade dessa etapa, com o propósito de apresentar o processo de criação e produção da *Coleção Palavra Rimada com Imagem* para que os alunos conhecessem mais de perto como se deu a experiência da escritora Rosinha na produção dos livros ilustrados. Com o auxílio do computador interativo da escola, apresentamos o projeto gráfico[62] para os alunos. O documento apresenta um passo a passo de como aconteceu a criação e produção dos livros ilustrados:

- Pesquisa do caminho estético da ilustração;
- Estudo para inserção do encarte no livro;
- Estudo da segunda e terceira capas- bibliografia de Leandro Gomes de Barros;
- Desenho das capas dos cordéis para a segunda e terceira capas;
- Pesquisa sobre a técnica de xilogravura;
- Um pouco sobre a história da xilogravura;
- Estudo da sequência de imagens para o livro ilustrado;
- Desenho inicial para a definição da ilustração;
- Desenho final;
- Escolha da madeira;
- Desenho na madeira para o entalhe de xilogravura;
- Entalhe;

[62] Disponível no site da Editora Projeto: http://www.editoraprojeto.com.br/2018/03/processo-de-criacao-e-producao-da-colecao-palavra-rimada/

- Entintamento;
- Tipografia;
- Artistas Meca Moreno e Davi Teixeira.

Os(as) alunos(as) conheceram de perto como se deu o processo (Figura 65). Ao observarem os livros ilustrados, alguns afirmaram que deveria ter sido muito trabalhoso para a escritora e ilustradora Rosinha ter elaborado a coleção. No decorrer da aula, eles conheceram um pouco do trabalho de Meca Moreno e Davi Teixeira, artistas que trabalharam com Rosinha no processo da produção das matrizes de xilo. Eles são poetas, artesãos e xilogravadores, e compartilharam com Rosinha um pouco da técnica de xilogravura.

Figura 65- Conhecendo o processo de criação da Coleção Palavra Rimada com Imagem

Fonte: A autora (2022)

Numa roda de conversa, continuamos a conhecer mais de perto a coleção. Dessa vez nos debruçando sobre a biografia dos escritores nordestinos: Rosinha e Leandro Gomes de Barros (Figura 66 e Anexos C e D). Os alunos ficaram felizes ao saberem que Rosinha é pernambucana e mora bem pertinho da cidade deles. A aluna Laura, por exemplo, disse que achou a escritora e ilustradora, muito organizada e dedicada. Rosinha, por meio do seu texto, demonstra que sente muito amor pelo que faz. As crianças disseram que ela é muito estudiosa, pesquisa e faz muitos experimentos para realizar um trabalho bonito. Também demos uma olhada no Instagram dela, e os alunos gostaram muito das ilustrações. Ficaram com muita

vontade de conhecê-la.

Figura 66- Biografias de Rosinha e Leandro Gomes de Barros

Fonte: A autora (2022)

Depois, assim como Rosinha, cada criança recontou o cordel escolhendo algumas partes da história, de sua preferência. Eles utilizaram folhas de ofício, e ao seu modo, apresentaram a narrativa.

Na sexta-feira, dia **18 de novembro de 2022**, iniciamos a nossa segunda atividade referente a terceira etapa do projeto, com o objetivo de criarmos um livro gigante intitulado por **A história de Juvenal e o Dragão: recontada pelo 4º ano**. Como os alunos já tinham produzido seus textos, recontando a história, ficou bem mais fácil. Organizamos os grupos para que pensassem nas cenas que representariam no livro gigante. Eles revisitaram o livro ilustrado e também o folheto, e em equipe criaram as suas próprias ilustrações e seus próprios textos, com muita dedicação (Figura 67).

Dessa forma, as crianças foram interagindo, criando e produzindo com o seu grupo as páginas gigantes para o livro ilustrado. Cada aluno demonstrou bastante empenho no trabalho em equipe. Quem tinha mais habilidade para o desenho, fez as ilustrações; quem tinha facilidade em escrever, descrevia a cena. Por fim, chegamos a um resultado final, e o livro gigante ficou do jeitinho que eles imaginaram.

Figura 67- Trabalho em grupo

Fonte: A autora (2022)

Vejamos no Quadro 19, o resultado do trabalho coletivo:

Quadro 19 - Livro gigante produzido pelos alunos

A história de Juvenal e o Dragão: recontada pelo 4º ano

Partes	Ilustração	Texto
1		Era uma vez um camponês que já estava velhinho. Então, decidiu separar a sua herança com seus filhos: Juvenal e Sofia. Juvenal ficou com os carneiros e Sofia com a casa.
2		Quando Juvenal estava saindo em sua longa viagem, um sujeito estranho fez uma proposta de trocar os três carneiros por três cachorros.
3		Juvenal estava com muita fome, mas isso não era problema para Rompe-Ferro. O cachorro ia buscar muitas comidas gostosas para o dono que enchia a barriga.
4		Juvenal estava em busca de uma aventura quando percebeu uma moça bonita chorando. Ele não entendeu o que estava acontecendo e se aproximou. O cocheiro contou toda a história sobre o dragão.
5		Juvenal diz que não tem medo do dragão, que não vai perder para ele. Então ele foi bravamente até a caverna do dragão com ele.
6		Então, Juvenal começa a lutar com o dragão. Leva os seus cachorros. Rompe-Ferro encontra o ponto fraco do dragão e ele morre.

7		Juvenal se despediu da princesa e seguiu sua viagem com os seus três cachorros. Logo depois, o cocheiro ameaça a princesa a contar uma mentira, e se ela não fizesse, morreria.
8		A princesa foi obrigada ao cocheiro. Ela ficou muito triste e chorou muito. Ela orou muito para Juvenal voltar.
9		Juvenal tem um pesadelo e decide ir até o reino contar a verdade. E o rei manda matar o cocheiro. O rei, como agradecimento, manda Juvenal casar com a princesa e eles são felizes para sempre.

Fonte: A autora (2022)

A terceira atividade aconteceu no dia **21 de novembro de 2022**. Os alunos participaram de uma oficina de isogravura. De acordo com Figueira (2016, p.16) *apud* Gusmão (2018, p.14):

> A matriz utilizada na isogravura é um isopor prensado (pratinho de supermercado), a isso vem à denominação desta técnica **"iso" de isopor + gravura = isogravura.** Para fazer o desenho nesta base pode ser utilizado o lápis, a caneta, ou até mesmo algo pontiagudo que faça um risco fundo no isopor. Após o desenho estar finalizado, pode ser utilizado um rolinho de esponja ou pincel macio para passar uma tinta à base de água. Em seguida, faz-se a impressão no papel ou tecido. (grifos nossos).

Durante a semana anterior, os(as) alunos(as) levaram para a escola bandejas de isopor para que pudéssemos realizar a oficina. Todos as turmas da escola (período da tarde) foram convidadas a participarem.

No pátio organizamos uma mesa com diversos folhetos de cordéis, e com os cartazes sobre a história de Juvenal e o Dragão. Antes de iniciarmos o processo de criação da oficina, os alunos do 4º ano, apresentaram a história para os demais alunos que ainda não conheciam (Figura 68). Enquanto eles iam apresentando, iam

amostrando o livro ilustrado para as turmas. Logo após, cada aluno escolheu uma cena ou personagem do livro para realizar o desenho no isopor.

Figura 68- Oficina de Isogravura (parte 1)

Fonte: A autora (2022)

As crianças também compartilharam um pouco do projeto e tudo que tínhamos visto até o momento. Explicaram sobre o processo da xilogravura, e sobre J.Borges. Foi uma verdadeira aula e troca de saberes entre alunos e alunas.

Logo em seguida, escolheram as cenas e fizeram o desenho, utilizando lápis ou caneta no isopor. Com a ajuda de uma caneta, eles fizeram o entalhe da base em isopor, com atenção às partes que sairiam com cor pretae as partes que ficariam em branco. Depois chega o momento de pintar. Essa foi a parte que eles disseram que mais gostaram. Utilizamos tinta guache de cor preta e um rolinho de esponja para espalhar bem a tinta. Em seguida, chega a vez da impressão, e os alunos com bastante cuidado carimbam o isopor na folha ofício, pressionando bem para que o desenho fique bem visível. Durante a oficina, os alunos interagiam e se ajudavam (Figura 69). Eles também tiveram preocupação em pegar um paninho e limpar a tinta que ficava na mesa. Foi uma tarde bastante produtiva e interativa, em que toda a escola se reuniu para aprender uma nova arte e compartilhar saberes. Na Figura 70, podemos observar algumas isogravuras produzidas pelos alunos.

Figura 69- Oficina de Isogravura (parte 2)

Fonte: A autora (2022)

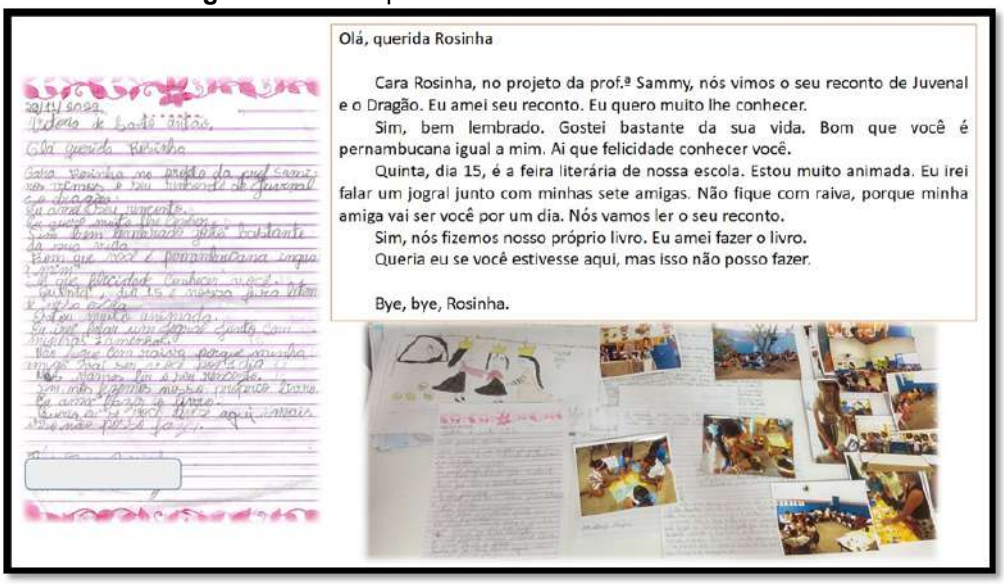
Figura 70- Oficina de Isogravura (parte 3)

Fonte: A autora (2022)

No dia **22 de novembro de 2022**, continuamos as nossas atividades, dessa vez, em nossa quarta atividade, os alunos escreveram uma carta para a escritora e ilustradora Rosinha. Eles contaram um pouco sobre a experiência vivenciada em nosso projeto Entre Versos e Rimas do Cordel. De início, a carta seria coletiva, porém os alunos ficaram à vontade e se expressaram de várias maneiras, inclusive

por meio de desenhos. Depois, reunimos todas as cartas, desenhos e fotos para enviar pelos Correios. Na Figura 71, podemos ler uma das cartinhas e apreciar o restante do conteúdo.

Figura 71- Carta para a escritora e ilustradora Rosinha



Fonte: A autora (2022)

Ainda em nossa terceira etapa, e sendo umas das atividades mais esperadas pelos alunos, no dia **12 de dezembro de 2022**, realizamos a nossa quinta atividade, intitulada por **Café Literário**: Conhecendo a Cordelista Larissa Lopes. Entramos em contato com Alex Apolônio, produtor cultural, que em parceria com Larissa criou o projeto *Meu Mamulengo em Cordel*, incentivado pelo Governo de Pernambuco. A cordelista escreveu cinco cordéis inspirados na força das personagens femininas do Mamulengo pernambucano, formando assim a Coletânea[63] *As bravatas de Xoxa, Quitéria e Carolina: em terra onde machismo não se cria*.

Chegado o grande dia, a escola estava bem empolgada. Todos os funcionários estavam engajados na organização para recebermos a artista. A equipe da cozinha organizou um lanche bem gostoso, os outros funcionários ajudaram na ornamentação, colamos os cartazes, organizamos a mesa, etc (Figura 72).

[63] Os títulos da coletânea são: *O chamego de Simão e Quitéria*; *Janeiro vai, janeiro vem*; *A briga de Goiaba e João Redondo*; *Xoxa e Praxédio: qual dos dois é mais esperto?*; *Na briga de Goiaba e João Redondo, Carolina dá o recado: — Não é não! E assunto encerrado*.

Figura 72- Café Literário (parte 1)

Fonte: A autora (2022)

Neste momento, sentimos que não só a comunidade de leitores (formada pelo quarto ano) foi fortalecida, mas toda a comunidade escolar. Quando eles chegaram, se apresentaram aos alunos. Larissa contou um pouco da sua história, e Alex falou sobre o projeto. Em seguida, Larissa leu o cordel *O chamego de Simão e Quitéria* com os alunos. Ela realizou a leitura de forma colaborativa, interagindo com os alunos e com os bonecos de Mamulengo: Quitéria e Simão.

Após esse momento, alguns alunos foram até a frente conversar com Larissa, contando um pouco sobre o Projeto Entre Versos e Rimas do Cordel. Eles falaram tudo que tínhamos aprendido, e ainda contaram a história de Juvenal e o Dragão. Larissa não conhecia a história e gostou muito de aprender com as crianças. Logo depois, chega o momento de realizar perguntas, e eles buscam interagir com a cordelista, fazendo até fila para tirar todas as dúvidas e apresentar as suas curiosidades (Figura 73).

Na Figura 74, toda a equipe escolar, juntamente com os alunos e os nossos convidados se reuniram para registrar esse momento tão especial e marcante.

Figura 73- Café Literário (parte 2)

Fonte: A autora (2022)

Figura 74- Café Literário (parte 3)

Fonte: A autora (2022)

Encerramos o nosso projeto **Entre Versos e Rimas do Cordel** no dia 15 de dezembro de 2022 com uma Feira Literária. As crianças se prepararam por vários dias para compartilharem saberes se apresentando para os colegas, funcionários e para seus familiares. Durante a semana, pensamos numa arte para estampar a blusa que usaríamos, realizamos muitos ensaios, e enviamos convites para as pessoas. As crianças se empenharam ao máximo. Algumas diziam que estavam com um pouquinho de medo, pois nunca tinham participado de uma feira literária, mas logo o medo foi dando espaço a muita alegria. A nossa feira foi organizada em nove momentos (Figuras 75, 76 e 77):

1.Declamação do Poema Convite, de José Paulo Paes;

2. Grupo 1 explicando sobre o que é Literatura de Cordel, contando um pouco sobre a origem, a estrutura do cordel e os principais cordelistas;

3.Grupo 2 explicando sobre a xilogravura, o trabalho de J. Borges e apresentando os resultados da oficina de isogravura que realizamos na escola;

4. Grupo 3 apresentando sobre as adivinhas em cordel. Eles realizaram a leitura das adivinhas e o público tentava descobrir;

5. Grupo 4 declamando num jogral, o Cordel Lampião lá do Sertão, de Mariane Bigio. O poema tem 13 estrofes e a canção *Olha pro céu* de Luiz Gonzaga;

6. Grupo 5 apresentando *A história de Juvenal e o* Dragão com as cenas do livro ilustrado de Rosinha;

7. Biografia de Leandro Gomes de Barros, J. Borges e Rosinha a partir da interpretação de três alunos;

8. Leitura da história de Juvenal e o Dragão, por meio do livro ilustrado, recontada pela turma;

9. Música *Literatura de Cordel*, de Francisco Diniz, cantada pela turma.

Figura 75- Feira Literária (parte 1)

Fonte: A autora (2022)

Figura 76- Feira Literária (parte 2)

Fonte: A autora (2022)

Figura 77- Feira Literária (parte 3)

Fonte: A autora (2022)

Após esses momentos, as famílias se reuniram para tirar fotos. As apresentações iam se repetindo com a entrada de novos visitantes. Quase no fim da feira, recebemos a visita da mãe de Joaquim, que veio prestigiar a feira. Ela é cantora, e a pedido da turma animou a nossa feira cantando *Anjo Querubim*, canção

de Limão com Mel. Assim, finalizamos a nossa Feira Literária e o nosso Projeto Entre Versos e Rimas do Cordel (Figura 78).

Figura 78- Feira Literária (parte 4)

Fonte: A autora (2022)

6 A CONVERSA CONTINUA, ENTRE AÇÃO E REFLEXÃO

> É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. [...] Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mas me torno capaz de mudar. (FREIRE, 1996, p. 39)

Em nossa pesquisa nos debruçamos nos estudos da Educação Literária atrelados à perspectiva da Educação Dialógica que oportuniza envolver os alunos em experiências com a leitura literária. Escolhemos levar a Literatura de Cordel para a sala de aula como forma de resgate desse ramo da Cultura Popular, que muitas vezes, ainda adentra o espaço escolar de uma maneira que não contribui com a imaginação e a criatividade dos alunos.

Nesta direção, nosso estudo teve como objetivo geral: analisar como as crianças do 4º ano do Ensino Fundamental dialogam e vivenciam a leitura com o cordel A história de Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros, em Rodas de Conversas Literárias, e com o livro ilustrado em que Rosinha reconta a mesma história. Algumas perguntas nortearam a nossa pesquisa e nos ajudaram a refletir sobre a experiência da Literatura de Cordel em sala de aula, são elas: como explorar a Literatura de Cordel com as crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, possibilitando a aproximação de suas vivências com o texto literário? E também nos perguntamos como as crianças dos anos iniciais dialogam com a Literatura de Cordel e quais sentidos e significados podem circular durante a leitura.

Quando pensávamos na construção de nossa pesquisa, no início da nossa trajetória no mestrado, buscamos (re)pensar a nossa prática, pois só assim, alcançaríamos um resultado permeado por transformações, como bem afirma Paulo Freire no início de nossas considerações finais. Trata-se de um processo autoavaliativo que se fez presente durante todo nosso estudo, e continuará em nossa jornada.

No decorrer dos nossos estudos, constatamos que uma das possibilidade de explorar a Literatura de Cordel é por meio das Rodas de Conversas Literárias. Nas rodas, o ponto principal é o diálogo que permite que as crianças se aproximem do texto literário trazendo à tona as suas vivências.

Elaboramos nosso projeto de intervenção com o Projeto Entre Versos e Rimas do Cordel, e numa dimensão lúdica, buscamos nos aproximar das

experiências e vivências das crianças e da comunidade. Esse projeto foi o produto final da nosso estudo. Em nossa abordagem metodológica, buscamos escutar, selecionar e avaliar durante todo o processo, que envolveu atividades de aproximação poética, as Rodas de Conversas Literárias e uma etapa de compartilhamento de saberes. Buscamos envolver as crianças numa dimensão lúdica e socializadora em que seus sentimentos, sua voz e seus gestos fossem levados em consideração.

Ao analisarmos como as crianças do 4º ano dialogam e vivenciam a leitura do cordel *A história de Juvenal e o Dragão*, e também com o livro ilustrado da escritora e ilustradora Rosinha que reconta a mesma história, verificamos que as crianças quando ouvidas têm muito a contribuir na construção dos significados da leitura literária. Ao quebrarmos a cultura do silêncio e darmos espaço a uma educação dialógica e democrática, nos vestimos de humildade, empatia e amor. Durante as conversas sobre o cordel, os alunos realizavam diversos questionamentos, seja de uma palavra desconhecida ou sobre a atitude de determinada personagem. As suas perguntas os movimentavam, e eles(as) ficavam inquietos(as) para encontrar as respostas. Quando não as encontravam, criavam as suas soluções de maneira muito imaginativa. Além disso, as crianças também paravam para ouvir as dúvidas dos colegas.

A experiência poética que vivenciamos foi dialógica a todo momento, envolvendo a obra, o leitor e o autor. Estávamos diante de uma construção social de uma comunidade de leitores exercendo o direito à literatura, ao mesmo tempo em que exercia o direito de brincar. Constatamos que as crianças realizam conexões durante a leitura: conexões texto-texto, texto-leitor e texto-mundo. Ao buscarmos a sensibilidade da Literatura de Cordel enquanto arte, as crianças relacionaram a leitura literária com a própria vida. Durante a leitura foi formada uma rede de textos, com intertextualidade heteroautoral, endoliterária e exoliterária, em que as crianças lembravam de filmes, desenhos e livros. Também fizeram uso de inferências e visualizações, (re)criando cenários.

As Rodas de Conversas Literárias concederam um espaço democrático por meio da palavra compartilhada. O próprio cordel A história de Juvenal e o Dragão é dialógico. Leandro Gomes de Barros em algumas sextilhas, fala diretamente com o leitor. As crianças conversavam com o autor e respondiam, criando mundo imaginários.

Em relação ao livro ilustrado de Rosinha, verificamos que as crianças ficaram atentas às cores e continuavam criando novas hipóteses, mesmo já tendo realizado a leitura do cordel, elas complementaram a história com narrativas próprias. Por meio das imagens, elas aguçavam o olhar e notavam cores, texturas e pequenos detalhes. Quando as imagens retratavam uma das personagens que sofria e expressava seus sentimentos com lágrimas, por exemplo, as crianças demonstraram empatia. Lembravam de momentos que também ficaram tristes e compartilhavam as suas experiências e sentimentos na grande roda. O livro ilustrado com seu entrelaço de ações em cada virar de página, deixavam as crianças entusiasmadas. Elas manuseavam a obra, e sempre retornavam a alguma cena, criando inferências e hipóteses. Ao término da leitura, as crianças continuaram a recontar a história, trazendo elementos que Rosinha não apresentou, mas que estavam no cordel. Assim, suas experiências, suas vozes, seus sentimentos foram acolhidos. Também relembramos a nossa Feira Literária em que as crianças se prepararam com muito entusiasmo para receber seus familiares e amigos na escola. Elas compartilharam os saberes construídos durante todo o ano letivo, aprenderam e também ensinaram durante todo o processo.

Em nossa mediação dialógica, muito mais que formular perguntas, buscamos realizar a leitura em voz alta, com muita atenção à entonação e nos envolvendo enquanto professores-leitores num jogo dramático e performático. Notávamos que as crianças estavam em estado de poesia, assim como nós.

Consideramos que nossas decisões metodológicas e nossa prática pedagógica em torno da Literatura de Cordel permitiu um elo entre professores e alunos junto à comunidade. A Escola Municipal Jornalista Júlio Augusto de Siqueira foi permeada pela Educação Literária, resgatando a Literatura de Cordel e dando espaço a esse gênero literário como arte e não como um mero recurso para transmitir conteúdos.

Nossos objetivos foram alcançados de maneira satisfatória, e desejamos que este trabalho possa ajudar outras escolas, professores e mediadores de leitura de diversos âmbitos, juntamente com as suas comunidades de leitores, a (re)pensarem as abordagens metodológicas com a Literatura de Cordel. O desafio de “colocar o aluno diante do texto literário como objeto lúdico de construção e negociação de sentidos” (SILVA, 2006, p. 88) continua. Por isso, refletimos sobre a urgência de formação para que os professores possam desenvolver novas práticas em torno da

Literatura de Cordel, para que assim, possamos continuar a encorajar nossos(as) estudantes a desenvolverem suas próprias experiências. Além disso, acreditamos na possibilidade de construção da nossa biblioteca escolar, pois assim, poderemos realizar um trabalho de Educação Literária com ainda mais entusiasmo e resultados positivos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, São Paulo: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. Coleção Paradidáticos. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ACCIOLY, Marcus. **Guriatã:** um cordel para menino. Recife: Bagaço: 2005, 183p.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura.** Coimbra: Livraria Almedina. 1994.

ALVES, Aletéia Eleutério; ESPÍNDOLA, Ana Lúcia; MASSUIA, Caroline Sanchez. Oralidade, Fantasia e Infância: há lugar para os contos de fadas na escola? In.: SOUZA, R.J. FEBA, B. L. T (Org). **Leitura Literária na Escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

AMORIM, Marcelo da Silva. A permanência de aspectos orais no romance de folheto. 229 f. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Letras. 2008. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/6059/1/Marcelo%20Amorim_Tese.pdf Acesso em fevereiro de 2023.

AMORIM, Marcel Alvaro de. *et al*. **Literatura na escola.** São Paulo: Contexto, 2022.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O sorvete e outras histórias**. São Paulo: Ática, 2002 apud KRAMMER (2007).

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos.** Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português:** encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARENA, Dagoberto Buim. Nem hábito, nem gosto, nem prazer. In: MORTATTI, Maria do Rosário. **Atuação de professores**: propostas para a ação reflexiva no ensino fundamental. Araraquara: JM editora, 2003. p. 53-63.

ARENA, Dagoberto Buim. A Literatura Infantil como Produção Cultural e como Instrumento de Iniciação da Criança no Mundo da Cultura Escrita. *In:* MENIN, A. M. da C. S. *et al.* (org.). **Ler e Compreender***:* Estratégias de Leitura. São Paulo: Fapesp, 2010.

AZEVEDO, Lindaci Cavalcanti de. **A literatura de folhetos de cordel:** uma proposta de letramento literário a caminho da formação do leitor no 8º ano. 178 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Pernambuco. Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), 2018. Disponível em: https://profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, Cecília; BOMBINI, Gustavo; CANTAGALLI, Alicia; CARRANZA, Marcela; FERNÁNDEZ, Mirta Gloria. **Experiencias de Capacitación:** el Postítulo de Literatura Infantil y Juvenil. Buenos Aires: Editora: Claudia López, 2006.

BAJOUR, Cecília. **O artesanato do silêncio.** Revista Emília. 16 de abr. de 2018a. Disponível em: https://emilia.org.br/o-artesanato-do-silencio/ Acesso em 10 de abr. de 2023.

BAJOUR, Cecília. Entrevista com Cecília Bajour. **Livros-álbum.** Entrevista concedida à Dani Gutfreund. Cadernos Emília- publicação on-line periódica. Ano 1- nº 2 – 2018b. Disponível em: https://emilia.org.br/wp-content/uploads/2018/12/CadernoEmilia2_AF_Issuu.pdf Acesso em 10 de jun. de 2023.

BARROS, Leandro Gomes de; ROSINHA (org). **A história de Juvenal e o Dragão**. Ilustração de Rosinha. Coleção Palavra Rimada com Imagem. Porto Alegre: Projeto, 2010.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral**. Campinas: Pontes, 1991.

BIGIO, Mariane. **O Pato Carioca e o Marreco Baiano**. Editora Coqueiro, s.d.

BONOMI, Maria. Caminhos da Reportagem | **Xilogravura:** a maestria da madeira. Participação na reportagem da TV Brasil. 23 de maio. de 2022. [*S. l.*]: Canal TV Brasil. 1 vídeo (27min:23seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YGhGJswuONY&t=289s Acesso em: 20 de abr. de 2023**.**

BORGES, José Francisco. **Memorial J. Borges um dos Artistas mais famosos do mundo na Arte da Xilogravura.** Entrevista cedida a Walkiria Diniz. Canal Mulher Versátil com Walkíria Diniz. 29 de mar. de 2022a. Bezerros. 1 vídeo (27min:18seg). Disponível em: Acesso em: 20 de set. de 2022.

BORGES, José Francisco. Caminhos da Reportagem | **Xilogravura:** a maestria da madeira. Participação na reportagem da TV Brasil. 23 de maio. de 2022b. [*S. l.*]: Canal TV Brasil. 1 vídeo (27min:23seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YGhGJswuONY&t=289s Acesso em: 20 de abr. de 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação.** 51ª reimpressão da 1ª edição de 1981. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende... In.: PAIVA, A. MACIEL, F. COSSON, R. **Literatura- Coleção Explorando o Ensino**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para Séries Iniciais.** Brasília: MEC/CNE, 1997.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 3 de agosto de 2021.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular- CNFCP. **Literatura de Cordel- Dossiê de Registro**. Brasília: IPHAN, 2018b;

BUNZEN, Clecio. **Círculo de leitura como metodologia na formação literária na escola**. IV Seminário Biblioteca nas escolas. YouTube. Canal EDUCA-PE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xakJw24qt8w. Acesso em setembro de 2022.

_____. **Escolhas de textos para mediação literária**: curadoria e critérios de decisão. Revista Literatura e arte no ciclo de alfabetização. UFPE, Centro de Estudos em Educação e Linguagem. Ano 1, n.1 (set 2017). Recife: CEEL/UFPE, 2017.

CALDAS, Carlos Frederico de Gouvêa. **A literatura em festivais escolares:** o folheto de cordel na escola. 129 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural de Pernambuco. Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), 2016. Disponível em: https://profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: ____. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI JR, Celso. **Oralidade na educação básica:** o que saber, como ensinar. São Paulo: Parábola, 2018.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRO, Gabriella. Hoje é dia: cordel, maracatu e capoeirista têm datas nessa semana. **Agência Brasil**, Brasília, 31 de jul. de 2022. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-07/hoje-e-dia-cordel-maracatu-e-capoeirista-tem-datas-nesta-semana. Acesso em 23 de junho de 2023.

CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E. M. Escuta sensível: o que é? Escuta sensível em diferentes contextos laborais. In: CERQUEIRA, T. C. S.(Org.). **(Con)Textos em Escuta Sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011.

CHARTIER, Roger. Comunidade de leitores: In: **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1999.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORDEIRO, Bellah Leite. **A Pedra e o Vento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. Disponível em: https://www.estantevirtual.com.br/contos-e-encantos/bellah-leite-cordeiro-a-pedra-e-o-vento-3261481920?show_suggestion=0. Acesso em novembro de 2022.

CORSINO, Patrícia. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Organização de J. Beauchamp, S. D. Pagel, A. R. do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 57-68.

CORSINO, Patrícia. **Infância e literatura:** entre conceitos, palavras e imagens. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 16, n. 41, 2015.

CORSINO, Patrícia. Infância e literatura nas urdiduras de palavras e imagens. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org). **A função da literatura na escola:** resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021.

CORSINO, Patrícia. **Infância, literatura e o brincar:** bases para a formação docente. YouTube. Canal É para copiar? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M13z31LcBPM&t=4403s. *Acesso em setembro de 2022.*

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **O professor como educador:** um resgate necessário e urgente. Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães, 2001.

CUNHA, Léo. O livro de poesia infantil: desafios e tendências. In: CUNHA, Leo. **Poesia para crianças:** conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Piá, 2012.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Mergulhando nos textos poéticos. In: CUNHA, Leo. **Poesia para crianças:** conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Piá, 2012.

_____. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade** / org. Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007

COSSON, R. **Círculos de Leitura e Letramento Literário.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. **Como criar círculos de leitura na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2021.

DALVI, M. A. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M. A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **Formação de leitores e educação literária:** uma base que desaba. Revista Voz da literatura. v.7, n.7, p. 13-17. 16 de nov. de 2018. Disponível em: https://www.vozdaliteratura.com/post/forma%C3%A7%C3%A3o-de-leitores-e-educa%C3%A7%C3%A3o-liter%C3%A1ria-uma-base-que-desaba. Acesso em agosto de 2022.

DEZOTTI, Magda; PEDROSA, Janaína; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Leitura literária na escola: compreendendo um evento pelas lentes da pesquisa etnográfica. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org). **A pesquisa etnográfica em alfabetização, leitura e escrita:** a experiência do GPEALE. Curitiba. CRV, 2021.

DUTRA, Flávia C. Rocha. **O Dragão tem um problema.** Recife: Bagaço, 2018.

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira; CALDIN, Clarice Fortkamp. **Livro ilustrado**: texto, imagem e mediação. Perspectivas em Ciência da Informação, v.21, n.1, p.194-206, jan./mar. 2016 Disponível em: https://www.scielo.br/j/pci/a/qqjzs8gJfMWHfK3XqmRphqR/?lang=pt Acesso em 15 de julho de 2023.

FONSECA, L. M. A escola e os eventos literários. In: **Eventos literários e formação do leitor.** Salto para o Futuro. Ano XVIII- boletim 16- TV Escola: 2008.

FRANCEZ, Letícia; NEITZEL, Adair de. **Mediações de leitura visual na escola:** um estudo com as narrativas das crianças do ensino fundamental. Revista Ibero-americana de Educação. Vol.79, num 2. 15 de fev. de 2019. Disponível em: file:///C:/Users/shama/Downloads/3252-Texto%20del%20art%C3%ADculo-2160-4-10-20190605.pdf Acesso em: 12 de jun. de 2023.

FREIRE**,** P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa**.** SP: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Biografia à moda da casa**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_pesquisa.html

GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 1996.

GARCIA, Pedro Benjamim. Círculo de leitura: identidade e formação do leitor em processo de alfabetização. In: YUNES. Eliana; OSWALD, Maria Luiza (orgs.). **A Experiência da Leitura.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GIROTTO, C. G. G. S; SOUZA, R. J. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, R. J. et al. **Ler e compreender**: estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

GULLAR, Ferreira. In: **Poetas da escola.** Caderno do docente: orientações para produção de textos do gênero poema. Olimpíada de Língua Portuguesa. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/10736/caderno-poema.pdf Acesso em outubro de 2022.

GUSMÃO, Andreia Carina Santos **A isogravura na prática pedagógica para o ensino das artes visuais no ensino médio**. Universidade de Brasília (Trabalho de Conclusão de Curso), Licenciatura em Artes Visuais. Barretos/SP: 2018 Disponível em:https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21619/1/2018_AndreiaCarinaSantosGusmao_tcc.pdf Acesso em: 01 de julho de 2023.

GUTFREUND, Daniela. **O branco e a virada da página**: o silêncio no livro-álbum. 2022. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16140/tde-14102022-170001/pt-br.php Acesso em 10 de julho de 2023.

HATA, Luli. **O cordel das feiras as galerias**. 1999. Dissertação (mestrado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/185983

HAURÉLIO, M. **Breve história da Literatura de Cordel**. 3ª ed. São Paulo: Claridade, 2019.

HAURÉLIO, M. **Literatura de cordel:** do sertão à sala de aula. São Paulo: Paulus, 2013.

INFANTE, Ulisses. **Textos:** leituras e escritas. Literatura, língua e produção de textos, volume único. São Paulo: Scipione, 2005.

IZÍDIO, Maria Aparecida da Silva. **O uso do folheto de Cordel na formação do leitor literário:** uma perspectiva de letramento. 125 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Pernambuco. Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), 2015. Disponível em: https://profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes

KLEIMAN, A. B. **Oficina de Leitura:** teoria & prática. São Paulo: Pontes/ Unicamp: 2002.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. B. **Trajetórias de acesso ao mundo da escrita:** relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 28, n. 2, 375-400, jul./dez. 2010.

KLEIMAN, Ângela B. **Levantamento de hipóteses de leitura.** *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/levantamento-de-hipoteses-de-leitura Acesso em 20 abril de 2023.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade:** diálogos possíveis. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KRAMER, Sônia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil**: Educação Infantil e/é fundamental. In: Educação e Sociedade, v. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000300009

KRAMER, Sônia. **Infância, Cultura Contemporânea e Educação contra a barbárie.** Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2000. Disponível em: https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23857/16830 Acesso em 23 de abr. de 2023.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade** / org. Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler:** o que eu faço? Campinas: CEFIEL, 2005.

LAJOLO, Marisa. A literatura no reino da linguagem. In: REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar:** literatura, escrita e educação. Tradução: Rodrigo Petrônio. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Literatura ontem, hoje e amanhã.** São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LEAHY-DIOS, C. **Educação Literária como metáfora social:** desvios e rumos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. In: PIMENTA, Selma Garrido (org). **Pedagogia e pedagogos**: caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, Derlon Almeida de. Caminhos da Reportagem | **Xilogravura:** a maestria da madeira. Participação na reportagem da TV Brasil. 23 de maio. de 2022. [*S. l.*]:

Canal TV Brasil. 1 vídeo (27min:23seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YGhGJswuONY&t=289s Acesso em: 20 de abr. de 2023**.**

LIRA, Georgia Ramine Silva de. **PARA ALÉM DOS MUROS**: o *graffitti* na Ciência da Informação.Recife, 2019. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

LIRA, Aline Juliana Vargas de. **O slam como prática discursiva:** a poesia falada e o desenvolvimento da oralidade para a apropriação dos espaços públicos de fala. 167 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Mestrado Profissional em Letras, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50645 Acesso em junho de 2023.

LOPES, Larissa. Coletânea **As bravatas de Xoxa, Quitéria e Carolina:** em terra onde machismo não se cria. Projeto Meu Mamulengo em Cordel. Edital Funcultura Microprojeto Cultural. Glória do Goitá, 2022.

LOURENÇO, S. P. M.; DALVI, M. A. A mediação da leitura literária: uma proposta de metodologia temática. **Revista Graphos**, *[S. l.]*, v. 21, n. 1, p. 77–100, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1516-1536.2019v21n1.46526. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/46526 Acesso em: 28 ago. 2021.

MACAMBIRA, Germana. Registro do Patrimônio Vivo de Pernambuco: inscrições abertas para 18ª edição. **Folha de Pernambuco.** 28 mar.2023. Disponível em: https://www.folhape.com.br/cultura/registro-do-patrimonio-vivo-de-pernambuco-inscricoes-abertas-para/263909/

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. **Educação Literária e os Novos Estudos do Letramento.** [*S. l.*]: GPEL/UFPE, maio de 2021a. 1 vídeo (1h:52min:01seg). [*Live*]. Disponível em https://youtu.be/gGHoM6tv8xM

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Literatura, mediação literária e formação docente. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org). **A função da literatura na escola:** resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021b.

MARINHO, A. C; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. **Oralidade, literatura e leitura em voz alta**: uma abordagem possível para a formação de leitores. Nonada: Letras em Revista. 2012. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451672007.pdf

MEDEIROS, Hadoock Ezequiel Araújo de; ALVES, José Hélder Pinheiro. **Palmas, gritos, assovios**: a leitura de Cordel na sala de aula. Leia Escola, Campina Grande, v. 14, n. 2, 2014 – ISSN 2358-5870. 46. Disponível em: http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/358/288 Acesso em 20 de abr. de 2022.

MEDRANO, Sandra Mayumy Murakami. **A constituição de uma comunidade de leitores** na escola. Revista Emília. 2017. Disponível em: https://emilia.org.br/a-constituicao-de-uma-comunidade-de-leitores-na-escola/. Acesso em janeiro de 2023.

MELO, José Camelo de. **O Romance do Pavão Misterioso**. [s.d].

MELO, Rosilene Alves de. **Do rapa ao registro:** a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 72, p.245-261, abr. 2019. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/157060 Acesso em: 26 de abr. de 2023.

MELO, Elisabeth Maria de. **Rodas de conversas literárias na Educação de Jovens e Adultos (EJA):** diálogos com a obra "Os cem menores contos brasileiros do século", 205 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50223 Acesso em abril de 2023.

MELLO, Nicolau. **Como fazer xilogravura:** vídeo aula com Nicolau Mello. Rio de Janeiro, 17 de set. de 2020. 1 vídeo. (32min:35seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IJPmHKt5950 Acesso em abril de 2022.

MENDES, Murilo. **Poemas modernos do Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1972.

MICHALAK, Marcos. **Stairs Filmes prepara animação nacional 'Juvenal e o Dragão'**. Portal de Notícias Sopa Cultural. 23 de abr. de 2022. Disponível em: https://sopacultural.com/stairs-filmes-prepara-animacao-nacional-juvenal-e-o-dragao/ Acesso em 20 de set. de 2022.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NAKANO, Renata. **Qual a importância da bibliodiversidade para as crianças?** Renata Nakano fala sobre o assunto. Canal Clube Quindim. 19 de out. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AfocVKIqMmo

NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza. **Letramento Literário e Cordel:** um novo olhar para o ensino de literatura. 176 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS. Recife, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44638 Acesso em julho de 2021.

NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza. **Letramento Literário e Cordel:** o ensino de literatura por um novo olhar. Curitiba: Appris, 2019.

NASCIMENTO A, Juliana do. **Estudos Críticos do Discurso e o ensino de Língua Portuguesa**: uma proposta metodológica a partir de postagens de temática ambiental no Instagram. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de

Pernambuco. Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS. Recife, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44638 Acesso em novembro de 2022.

NUNES, Lucinéia. **Estação da Luz ganha painel de Maria Bonomi**. O Estado de S. Paulo - São Paulo - Sexta-feira, 17 de dezembro de 2004. Disponível em: https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/na-imprensa/estacao-da-luz-ganha-painel-de-maria-bonomi/#:~:text=Com%2073%20metros%20de%20comprimento%20por%203%20de%20altura%2C%20a,que%20voluntariamente%20deixaram%20suas%20marcas. Acesso em janeiro de 2023.

OLIVEIRA, Rafael Augusto Costa de. **Literatura de cordel e identidade cultural**: O olhar de alunos do Ensino Médio integrado ao curso de Agropecuária do IFPE Campus Vitória de Santo Antão. 2011. 109 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.

OLIVEIRA, Andréia dos Santos. **Formação de leitores literários na Amazônia Brasileira**: da escuta à leitura silenciosa. Revista Literartes, n.14, 2021. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/168081/178010 Acesso em 10 de junho de 2023.

PAES, José Paulo. **Poemas para brincar.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

PAULINO, Graça. **Leitura literária**. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria Acesso em 20 de abril de 2023.

PETI, M. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009a.

PETIT, M. **A arte de ler**: ou como resistir a adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009b.

PINHEIRO, Hélder. Literatura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos. In: **Literatura e formação de leitores**. PINHEIRO, Helder et al (Orgs.). Campina Grande: Bagagem, 2008a.

PINHEIRO, Hélder. **Caminhos da abordagem do poema em sala de aula**. *Graphos.* João Pessoa, v. 10, n. 1, 2008b – ISSN 1516-1536. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/4299/3250 acesso em 15 de março de 2022.

PINHEIRO, Hélder. SOUZA, R.J. GARCIA, Y.M.R. Lendo e brincando com sextilhas e outros versos. In.: SOUZA, R.J. FEBA, B. L. T (Org). **Leitura Literária na Escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

PINHEIRO, Hélder. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: DALVI, M. A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2018a.

PINHEIRO, Hélder. Cordel para crianças: aspectos temáticos e metodológicos ou um sabiá na sala de aula. In.: DEBUS, E. BAZZO, J.L.S. BORTOLOTTO, Nelita (org). **Poesia (cabe) na escola:** por uma educação poética. 1ª ed. Campina Grande-PB: EDUFCG, 2018b. Disponível em: https://fliphtml5.com/wskm/owlo/basic.

PINHEIRO, Hélder. **O que é o Cordel?** YouTube. Canal Parafraseando. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3Gt6wI4YqAY .Acesso em outubro de 2022.

RAMOS, A. C. **Incentivando a produção escrita/ formando novos autores**. In: Eventos literários e formação do leitor. Salto para o Futuro. Ano XVIII- boletim 16- TV Escola: 2008.

RESENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M. A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar:** literatura, escrita e educação. Tradução: Rodrigo Petrônio. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSA, Ester Calland de Sousa. A biblioteca como instância de formação de leitores. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org). **A função da literatura na escola:** resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021.

ROSINHA; BARROS, Leandro Gomes de Barros. **A história de Juvenal e o Dragão**. Coleção Palavra Rimada com Imagem. Ilustrações de Rosinha. Porto Alegre: Editora Projeto, 2010.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura:** quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Cadernos de pesquisa, v.42 n.145 p.272-283 jan./abr. 2012.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. DALVI, M. A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS FILHO, José Jacinto dos. **A formação do formador de leitores do texto literário numa relação com a pintura, a fotografia e o cinema.** 271 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Educação, 2015.

SILVA, Kenia Adriana de Aquino Modesto; SOUZA, Renata Junqueira de. **Os significados dos paratextos, da narrativa e das ilustrações:** a mediação e a formação do leitor literário. Revista Cerrados, v. 25, n. 42, p. 76-93, 2016.

SILVA, Ivanda Maria Martins. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? *In*: **Português no ensino médio e formação do professor**. BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (org.). São Paulo: Parábola, 2006. p.83-102.

SILVA, Ana Valéria Ubaldo da. **A Literatura de Cordel como prática motivadora da leitura e escrita em sala de aula.** 140 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural de Pernambuco. Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), 2017. Disponível em: https://profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes

SILVA, Ezequiel Theodoro da Silva. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Criticidade e leitura:** ensaios. São Paulo: Global, 2009.

SIMÕES, Ester Suassuna. **A morte, o feminino e o sagrado:** uma leitura intersemiótica das iluminogravuras de Ariano Suassuna. Recife, 2016. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Letras.

SISTO, Celso. A literatura frequenta a escola... Mas quem conta as histórias? In: PAROLIN, Isabel. **Sou professor!:** a formação do professor formador. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

SLADE, Peter. **O Jogo Dramático Infantil.** (Tradução de Tatiana Belink). São Paulo: Summus, 1978.

SONCINI, Gabriela Regina. **Traços de sonho:** uma leitura do livro ilustrado "O nascimento de Celestine de Gabrielle Vincent". Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 24, n. 45, p. 477-495, jan./jun., 2022. Universidade Federal 479 de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. Disponível em: https://doi.org/10.5007/1518-2924.2022.e84371 Acesso em 20 de junho de 2023.

SOUZA, Angela Leite de. Alguns dedos de prosa sobre poesia. In: CUNHA, Leo. **Poesia para crianças:** conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Piá, 2012.

SOUZA, Gláucia de. Procurando pelo poema na sala de aula. In: CUNHA, Leo. **Poesia para crianças:** conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Piá, 2012.

SUASSUNA, Ariano. **Seleta em Prosa & Verso**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2ª edição, 2007.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set/dez.2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

VIANA, A. **Cordel:** da feira à sala de aula. Série: Literatura de Cordel e Escola. Ano XX, Boletim 16, Outubro. TV Escola: 2010.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor:** estrutura mítica para escritores. Tradução: Petê Rissati. São Paulo: Aleph, 2015.

XYPAS, Rosiane. **Perguntas e processos para um ensino de leitura literária inovador**. Revista Investigação, Recife, v. 33, n. 1, p. 1-27, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/245167/36687

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus Editora, 1998.

YUNES, Eliana. **Mediadores e Leitura**. Universidade de Caxias do Sul e Instituto Quindim. 22 de out. de 2021. Disponível em: https://www.institutoquindim.com.br/post/mediadores-e-leitura-por-eliana-yunes Acesso em 20 de abril de 2023.

YUNES, Eliana. Círculos de Leitura: teorizando a prática. In: **Leitura: teoria & prática**. Revista semestral da Associação de Leitura do Brasil. Ano 18, número 33. São Paulo:1999.

ZILBERMAN, Regina. Educação para mudar um país. Prefácio. In: LEAHY-DIOS, C. **Educação Literária como metáfora social:** desvios e rumos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

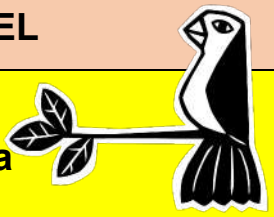
ZIRALDO. Apresentação. In: **Poesia quando nasce...**/ vários autores. Coleção Literatura em minha casa; v. 1. Poesia. São Paulo: Editora Melhoramento, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Editora Hucitec, São Paulo:1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Educ, 2000.

APÊNDICE A - PLANEJAMENTO DO PROJETO ENTRE VERSOS E RIMAS DO CORDEL

ENTRE VERSOS E RIMAS DO CORDEL



Primeira etapa: **Aproximação poética**

Duração: 5 aulas
(Cada aula: 13h00 às 17h00)

Primeira atividade: **Brincando de Adivinhas**

Objetivo: Promover uma experiência literária com a Literatura de Cordel, nos aproximando das vivências dos alunos, buscando ampliar seus horizontes de expectativas por meio do diálogo e de uma escuta ativa.

Datas: 24 e 25/10/2022	**Duração:** 2 aulas (Cada aula: 13h00 às 17h00)

- Organizar a turma em círculo, convidando as crianças a brincarem de poesia, por meio do poema Convite de José Paulo Paes. Logo após, perguntar se elas já brincaram de adivinhas.

- Apresentar a Antologia Poética “Brincando de Advinhas” com estrofes selecionadas dos cordéis dos cordelistas nordestinos Mariane Bigio e Pedro Costa, com a temática dos animais. Na antologia, estará presente sextilhas e quadras. O texto encontra-se disponível no Canva para que os alunos possam acessar em casa com a família.

Link: Antologia Brincando de Adivinhas

- Além da antologia, as adivinhas serão colocadas em pequenos pedaços de papel dentro da “Lata das Adivinhas”. Um aluno por vez irá retirar uma estrofe da lata. A professora irá declamar em alta voz com atenção à entonação para que as crianças completem o último verso da estrofe. Os alunos irão tentar descobrir os respostas das advinhas que são nomes de animais de cordelistas nordestinos: Pedro Costa e Mariane Bigio.

- Na lata também estará disponível as imagens dos animais. Os alunos quando descobrirem a resposta, irá procurar a imagem correspondente à estrofe e colar

na lousa.

- Após a leitura de cada estrofe, iniciar um diálogo para que os alunos compartilhem as suas impressões sobre o texto;

- Escutar ativamente as falas, os gestos e silêncios dos alunos.

- Tanto a professora quanto os alunos podem declamar as estrofes em voz alta. No decorrer da leitura, pode-se fazer pausas para realizar comentários, destacar alguma palavra desconhecida, etc. Conversar um pouco sobre as rimas presentes no texto. Destacar que as advinhas também possuem outros formatos, e que a antologia poética “Brincando de Adivinhas” trata-se de cordéis.

- Entregar cartões informativos com a biografia dos Cordelistas Pedro Costa e Mariane Bigio e informações sobre as obras que foram selecionadas para a produção da antologia. As fichas também estarão disponíveis por meio do Canva.

Link: Cartões informativos

- Realizar uma roda de conversa sobre os cordelistas, sobre a Literatura de Cordel e sobre o texto lido.

Segunda atividade:

Conhecendo as Xilogravuras

Objetivo: Aguçar a capacidade imaginativa e criativa dos alunos, por meio da relação entre a Literatura de Cordel e a Xilogravura. Explorar o texto literário, possibilitando um diálogo entre os participantes, possibilitando novas narrativas, além de propiciar o jogo dramático.

Datas: 26/ 10/2022 27/10/2022 03/11/2022	**Duração:** 3 aulas (Cada aula: 13h00 às 17h00)

- Apresentar a capa do Cordel *No tempo que os Bichos Falavam* de José Francisco Borges, também conhecido como J. Borges. A imagem da capa do cordel será colada na lousa e o folheto do cordel apresentado aos alunos.

- Explorar a capa com os alunos, ouvindo as suas experiências.
- Explicar que a imagem diz respeito a uma xilogravura.
- Levar uma matriz de xilogravura original, bem como uma reprodução da xilogravura, para que os alunos conheçam de perto.
- Iniciar uma conversa sobre o processo de criação da xilogravura.
- Perguntar aos alunos quem é o autor do texto, quem ilustrou os animais dessa forma.
- Pedir que eles leiam o título e imaginem o que será contado na história. Dizer que eles serão “leitores-espiões” que irão realizar “especulações literárias”. Durante a conversa, explicar para os alunos os significados dos termos utilizados.

CONHECENDO O ARTISTA J. BORGES

- Apresentar o vídeo *Memorial J. Borges, um dos artistas mais famosos do mundo na arte da Xilogravura*, disponível no YouTube no Canal Mulher Versátil.

Link: https://youtu.be/ljyTe_ONqyU

- Após o vídeo, continuar a conversa ouvindo as crianças.

Apresentar a imagem da xilogravura **A Ciranda dos Bichos** também de J. Borges

Perguntar aos alunos quais diferenças eles identificam entre a capa do Cordel **No Tempo que os Bichos Falavam** e a Xilogravura **A Ciranda dos Bichos**, ambas de Jota Borges.

Apresentar imagens de xilogravuras de animais, principalmente de cachorros, carneiros e também pássaros (animais presentes no Cordel A história de Juvenal e o Dragão).

OS PÁSSAROS J.BORGES

O CÃO NO JARDIM J.BORGES

O FORRÓ DOS BICHOS J.BORGES

A VIDA NO SERTÃO J.BORGES

PÁSSAROS NO FAXEIRO J.BORGES

GALO DE CAMPINA J.BORGES

A MENINA E O CÃO J.BORGES

Buscar se aproximar das experiências dos alunos, escutando as suas impressões sobre as xilogravuras.

- Construir junto aos alunos um espaço propício à criatividade e imaginação, valorizando a capacidade de invenção.
- Durante a conversa, oportunizar um espaço para que os alunos realizem um jogo dramático.
- Pedir que os alunos criem novos títulos para as xilogravuras.
- Formar um grande círculo no chão para explorar o texto literário com as crianças. No centro disponibilizar os animais em fantoches de palito.
- Antes de iniciar a leitura em voz alta, colocar imagens de vários animais que irão aparecer na narrativa do cordel, no meio da roda.
- Realizar a leitura em voz alta do Cordel No tempo que os bichos falavam, de J. Borges.
- Observar o que os alunos têm a dizer durante a leitura literária.
- Buscar entrar no mundo da ficção, perguntando o que os animais fariam se falassem, criando novas narrativas com o uso dos fantoches.
- Cantar o Cordel *No tempo que os bichos falavam*, com as crianças.

Segunda etapa: **Um Dragão na sala de aula**

Duração: 7 aulas
(Cada aula: 13h00 às 17h00)

Primeira atividade: **De olho nos paratextos**

Objetivo: Explorar os elementos paratextuais com as crianças, para que elas possam formular suas primeiras impressões sobre o cordel *A história de Juvenal e o Dragão*.

Datas: 04/11/2022 07/11/2022 08/11/2022	**Duração:** 3 aulas (Cada aula: 13h00 às 17h00)

Agora que os alunos já conhecem a arte da xilogravura, chegou a hora de explorar os elementos paratextuais do Cordel A história de **Juvenal e o Dragão**.
Antes disso, vamos nos aproximar um pouco do dragão, o vilão da história, observando as reações das crianças.

- Apresentar xilogravuras de dragões.

Convidar as crianças a apreciarem as imagens coladas na lousa. Elas podem levantar, observar os detalhes. Assim, apresentarão as suas ideias, lembranças e emoções.

Ampliando a conversa, perguntar se elas observam algumas diferenças entre a primeira xilogravura e a imagem abaixo.

Informar que se trata da matriz da xilogravura, ou seja, o suporte de madeira em que a arte foi feita.

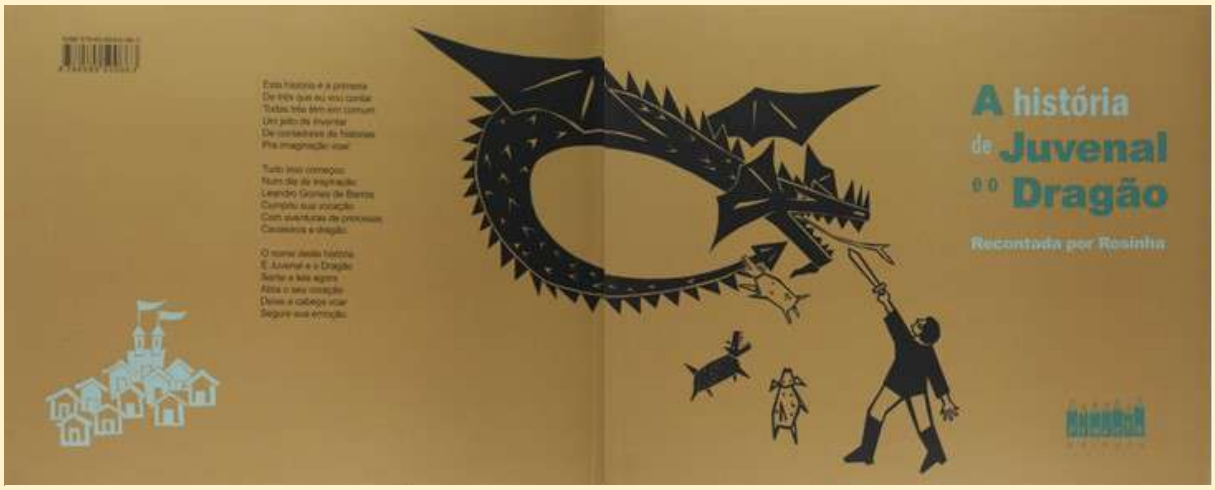
Apresentar a capa do Cordel A história de **Juvenal e o Dragão** de Leandro Gomes de Barros. O folheto faz parte da Coleção Palavra Rimada com Imagem da ilustradora e escritora Rosinha.

Realizar um momento em que os alunos serão leitores espiões numa espécie de especulação literária, desafiando-os.
Cobrir o título do Cordel e deixar que as crianças, permitindo que elas explorem os elementos da capa, realizando a leitura das imagens e verificando se elas reconhecem a presença da xilogravura.
Buscar desafiá-las a fim de que elas levantem hipóteses e previsões sobre o cordel. Ouvir as crianças, criando um espaço para que elas criem as suas próprias indagações. Se for preciso, realizar perguntas como:

- O que vocês observam nesta imagem?

- Onde será que eles estão?
-O que vai acontecer com essas personagens?
- Vocês acham que existem outras personagens na história? Quais?
- O que você faria se estivesse nessa história?

Depois de uma escuta atenta e da conversa em torno da capa, revelar o **título** e o **nome do autor.** Neste jogo literário entre imagens e palavras as expectativas vão se formando em relação à história. Oferecer um espaço dialógico em que os alunos fiquem à vontade para aguçar a imaginação.
Os alunos também podem formular perguntas diante de suas dúvidas e certezas.
No decorrer da conversa apresentar os elementos paratextuais do **livro ilustrado** A história de Juvenal e o Dragão, recontado por Rosinha.
Oferecer aos alunos o **folheto de Cordel** e o livro ilustrado, permitindo que eles tenham contato com as obras, sentindo o objeto-livro, sentindo a textura, observando as cores, o tamanho, as diferenças...
Pedir que ainda não abram as obras.



- Quais são as diferenças entre as obras?
- Será que estão contando a mesma história? Por quê?
- Estão curiosos para conhecer a história?

Logo após, abrir o livro explorando as orelhas e as guardas com as crianças, escutando-as.

Deixar a obra circular entre as crianças, para que elas tenham a oportunidade de num exercício de curiosidade e atenção observar cada título de cordel ilustrado. Assim, os alunos vão conversando entre si, apontando suas experiências, perguntas e respostas.
Logo após, explicar que são folhetos de Cordel.
Levar para a sala de aula folhetos de Literatura de Cordel variados e apresentar aos alunos para que manuseiem as obras, deixando-as à vontade para trocar ideias entre si.
Observar se eles relacionam os folhetos com as ilustrações presentes no livro.

Segunda atividade: **RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS**

Objetivos: Realizar a leitura compartilhada do Cordel *A história de Juvenal e o Dragão* e também do livro ilustrado que reconta a mesma história, em Rodas de Conversas Literárias, possibilitando um diálogo entre os leitores, o texto e os autores.

Datas: 09/11/2022 10/11/2022 11/11/2022 16/11/2022	**Duração:** 4 aulas (Cada aula: 13h00 às 17h00)

O Cordel A história de **Juvenal e o Dragão** será dividida em partes.

1ª parte: A origem da família de Juvenal. O convívio com a irmã Sofia e com o seu pai que era camponês e deixou uma herança para os filhos e o espírito aventureiro de Juvenal. (Estrofes 1 até 7)

2ª parte: Juvenal troca a sua parte da herança com um sujeito. (Estrofes 8 até 19).

3ª parte: Juvenal segue sua viagem passando por diversos reinos. Encontra a moça seguindo o cocheiro e a princesa indo em direção ao dragão. O cocheiro conta o motivo a Juvenal. (Estrofes 20 até 34)

4ª parte: Juvenal segue em direção à furna onde estava o dragão para matá-lo. A princesa promete casar com ele. Juvenal promete voltar ao seu reino depois de 3 anos. (Estrofes 35 até 63)

5ª parte: O cocheiro ameaça a princesa e finge ter matado o dragão. Enganou o rei que deu sua filha em casamento. (Estrofes 64 até 94)

6ª parte: Juvenal segue viagem. Ele tem um estranho sonho onde luta com um inimigo. Ele fica preocupado e passa 3 anos pensando na viagem ao reinado da princesa. (Estrofes 95 até 109)

7ª parte: A princesa finge estar doente para não casar com o cocheiro. (Estrofes 110 até 118)

8ª parte: Juvenal chega no reino e tenta desmascarar o cocheiro. Luta mais uma vez, é preso e levado ao rei. Ele conta toda a história ao rei, a princesa confirma. O cocheiro é castigado e Juvenal casa com a princesa. (Estrofes 119 a 157)

Os cães eram encantados e viram **pássaros**.

PRIMEIRA RODA

Na primeira roda, será feita a leitura compartilhada da 1ª, 2ª e 3ª parte do Cordel.

Realizar a leitura em voz alta das estrofes correspondente a **1ª parte** do Cordel.

Na hora da leitura iremos manusear alguns bonecos de Mamulengo representando as personagens que irão aparecer no Cordel Juvenal e o Dragão.

O dragão e os cachorros, peças de Mamulengo, foram feitos pelo **Mestre Bila**. Ele é bonequeiro e mamulengueiro do Museu do Mamulengo.
Idealizador do Teatro História do Mamulengo, Bila compartilha a sua arte desde os nove anos de idade.

- Continuar a leitura, sempre realizando pausas para que os alunos se expressem. Levantas alguns questionamentos, se for preciso: O que será que vai acontecer com Sofia, a irmã de Juvenal?

- Muito mais que fazer perguntas aos alunos, a intenção é criar condições para que eles vivenciem uma experiência estética, apresentando as suas experiências. É importante dar espaço para a voz.

ESCUTAR O QUE OS ALUNOS QUEREM DIZER!

Continuar a leitura em voz alta das estrofes correspondente a **2ª parte** do Cordel

> O folheto também poderá ser manuseado pelas crianças, com cuidado para que não adiantem as próximas leituras.

Alguns questionamentos, se for preciso. Pois, é importante que as crianças realizem suas perguntas.

- Por que a outra personagem que aparece na história é denominada como um "sujeito estranho"? Porque ele queria trocar os cães nos carneiros de Juvenal?
- Juvenal trocou seus carneiros por três cães chamados: Rompe-ferro, Ventania e Provador.
- Por que será que eles tinham esse nome?
- Onde Rompe-ferro arrumava comida?

Realizar uma brincadeira com as crianças:
Desenhar ou colar uma cesta no quadro, entregar um post-it para cada aluno e pedir que eles escrevam o nome de um alimento que imaginam que Rompe-ferro pode trazer para o dono e por quê.

Continuar a leitura em voz alta, dessa vez da 3ª parte do Cordel, em que entrará em cena o dragão.
Propiciar um ambiente em que as crianças interajam com o dragão de Mamulengo, convidando-as a "entrarem dentro da história" num jogo dramático.

SEGUNDA RODA

Na segunda roda, será feita a leitura compartilhada da 4ª, 5ª e 6ª parte do Cordel.

Realizar a leitura em voz alta das estrofes correspondente a **4ª parte** do Cordel.

- Por que o ponto fraco do dragão era debaixo da asa esquerda?
- Você teria medo do dragão? Por quê?

Realizar a leitura em voz alta das estrofes correspondente a **5ª parte** do Cordel.

- O que você achou da atitude do cocheiro?
- O que você diria ao cocheiro se estivesse passando por lá?
- O que você diria a princesa?

Buscar ouvir os alunos atentamente, e criar possibilidades para que eles criem suas próprias perguntas. Observar seus gestos, movimentos, expressões, etc.

No decorrer da história, Leandro Gomes de Barros conversa com o leitor, o que deixa a narrativa ainda mais interessante. Vejamos:

Leitor, deixemos aqui
Fechada em seu aposento
A bela e meiga princesa
Lamentando o seu tormento
E vamos ver Juvenal
Onde está nesse momento

- O que será que Juvenal está fazendo?

Pedir que os alunos desenhem o que acham que Juvenal está fazendo e deixem um recado para ele.

Realizar a leitura em voz alta das estrofes correspondente a **6ª parte** do Cordel.

- Por que Juvenal gostava tanto de aventura?
- Você gosta de aventuras?

Deixemos ele um instante
E voltemos ao reinado
Onde o cocheiro covarde
Viu seu plano coroado
Era agora herói do rei
Só faltava ser casado

- Será que o cocheiro vai conseguir casar?

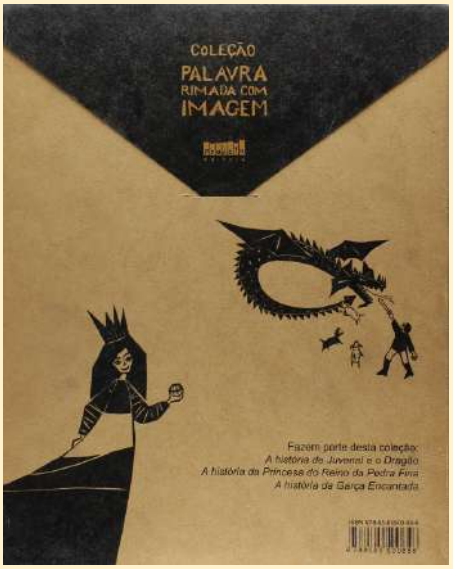
TERCEIRA RODA

Na terceira roda, será feita a leitura compartilhada da 7ª e 8ª parte do Cordel.
Realizar a leitura em voz alta das estrofes.

Aqui discutiremos sobre o desfecho da história. Os cães eram encantados e queriam ver se a riqueza mudaria o coração de Juvenal.

QUARTA RODA

Realizar a leitura em voz alta do livro ilustrado “A história de Juvenal e o Dragão” da escritora Rosinha que reconta o cordel em forma de um conto curtinho.



Realizar a leitura e durante a mediação deixar que as crianças explorem o livro, observando as imagens, principalmente das páginas duplas que apresentam uma ilustração cheia de significados, revisitando os paratextos.

O livro ilustrado e recontado por Rosinha apresenta 12 cenas selecionadas do cordel. Cada ilustração representa 1 cena e está expressa em xilogravura em páginas duplas no livro. Iniciar a mediação mostrando apenas as imagens e deixando as crianças narrarem a história observando as ilustrações. Depois realizar a leitura em voz alta.

Terceira etapa: **Compartilhando Saberes**

Duração: 6 aulas
(Cada aula: 13h00 às 17h00)

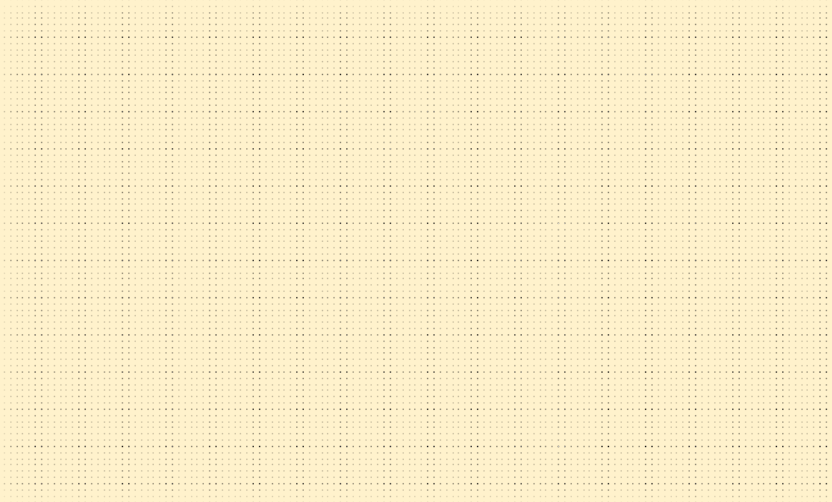
Objetivo: Socializar as experiências vivenciadas sobre a Literatura de Cordel com a comunidade escolar.

Datas: 17/11/2022 18/11/2022 21/11/2022 22/12/2022 12/12/2022 15/12/2022	**Duração:** 6 aulas (Cada aula: 13h00 às 17h00)

Primeira atividade

- Apresentar o processo de criação da Coleção Palavra Rimada com Imagem, disponível no site da Editora Projeto em PDF.

- Explorar mais uma vez a coleção que traz uma caixa com três livros ilustrados em que Rosinha reconta três cordéis escritos por Leandro Gomes de Barros. Além disso, a coleção acompanha os três folhetos de cordel.



Entregar uma ficha com a biografia de Rosinha e outra com a biografia de Leandro Gomes de Barros, conversando com os alunos sobre os autores.

Assim como Rosinha, cada criança irá recontar o cordel escolhendo algumas cenas de sua preferência.

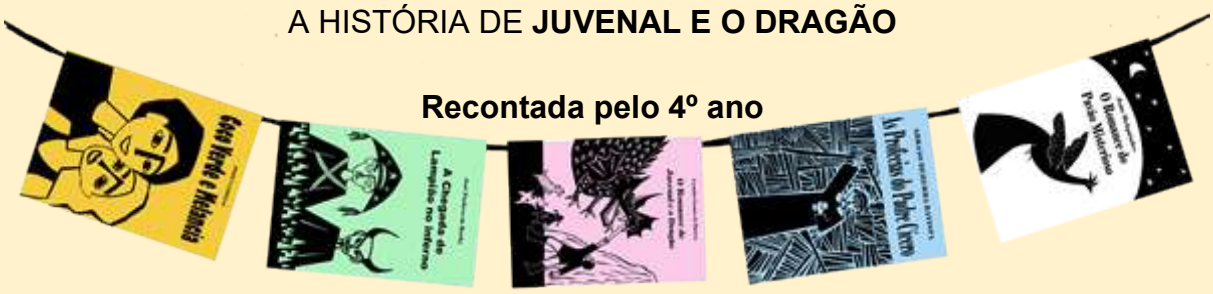
Será entregue folhas de ofício para que as crianças desenhem as cenas e em seguida criem uma frase curta para cada desenho, formando assim, a sua narrativa.

Segunda atividade

Confeccionar um livro gigante intitulado:

A HISTÓRIA DE **JUVENAL E O DRAGÃO**

Recontada pelo 4º ano



Terceira atividade

Realizar uma oficina de isogravura com os alunos.

Cada um aluno irá escolher uma cena do Cordel de Juvenal e o Dragão e ilustrar com a arte da isogravura que reproduz o desenho tendo o isopor como matriz, lembrando a xilogravura.

Quarta atividade

Escrever uma carta para a escritora Rosinha contando sobre a experiência vivenciada com a história Juvenal e o Dragão da coleção Palavra Rimada com Imagem. A carta será coletiva e escrita pela professora na lousa, com a participação de todos os alunos.
Compartilharemos com Rosinha todas as etapas vivenciadas na sala de aula. No envelope poderão ser colocadas fotos para a escritora apreciar.

- Levar a carta para o correio.

Quinta atividade

Realizar o **Café Literário**: Conhecendo a Cordelista Larissa Lopes.

A Cordelista irá visitar a escola e conversar com os alunos da escola, realizando uma apresentação dos personagens do Mamulengo na narrativa dos cordéis.

Sexta atividade

Realizar o encerramento com uma Feira Literária na sala de aula. Momento em que os alunos receberão os pais e os colegas das outras turmas para conhecerem um pouco mais sobre a Literatura de Cordel. Os trabalhos desenvolvidos serão expostos em cartazes produzidos pelos alunos.

ANEXO A - ANTOLOGIA POÉTICA

Brincando de Adivinhas

Diga-me que bicho é esse
Caminha dando supapo
Come brasa, engole fogo
Canta feio e bate o papo
Solta espuma e mora em loca
O nome dele é _____.

Tem o corpo colorido
Na beleza é campeão
O seu rabo forma um leque
Que causa admiração
Parece com avestruz
Que pássaro é esse? _____.

Não tem pernas, corre muito
Se arrasta e faz manobra
Do corpo faz uma rodilha
O homem vendo se dobra
Tem veneno e engole sapo
Que bicho é esse? _____.

Ele carregou Jesus
Logo ao seu nascimento
Da Judeia para o Egito
Ele é manso e anda lento
Relincha e carrega carga
Que bicho é ele? _____.

Vive em rios e lagoas
Nunca gostou de maré
A sua cabeça é seca
muito cascuda ela é
Tem presa e rabo comprido
Quem é ele? _____

É carnívoro e preguiçoso
Tem força como dragão
Ruge forte mas em circo
Serve até de atração
É o rei dos animais
Quem é ele? _____

Tem penas, asas e bicos
Bota ovo e se aninha
Voa baixo e cisca muito
Dorme em poleiro, é baixinha
Choca e faz coró-cocó
O nome dela é _____

Maior do que um cavalo
É muito liso o seu pelo
Ele atravessa o deserto
Corcundo por desmantelo
Passa dias sem beber
Que bicho é esse? _____

Come sal, capim e folha
Tem barba, chifre e bigode
Pula, bodeja e faz mé
Na malhada faz pagode
É o marido da cabra
O nome dele é? _____

Ele é um bicho da selva
Entre outros se garante
Tem a tromba muito grande
Na força ele é um gigante
Pesa quatro toneladas
Que bicho é esse?_____

Ele gosta de banana
Na destreza não é fraco
Se segura pelo rabo
Tem unha e coça o "suvaco"
Parece muito com a gente
Que bicho é esse?_____

Lhe chamam até de galheiro
De tudo é desconfiado
Tem chifre igualmente ao bode
Com o gay é comparado
Come folha e fruta braba
O nome dele é?_____

É um pequeno lagarto
Se arrasta feito um tolo
A meninada lhe ataca
Com pedra ou com rebolo
Balança sempre a cabeça
Que bicho é esse?_____

Em buraco de parede
Ele canta sem estilo
Uma cantiga enteriça
Que tira o nosso cochilo
Parece com uma paquinha
Quem é ele?_____

Anda no chão e telhado
Ele é um bicho do mato
Impesta por onde passa
Tem muito medo de gato
É taxado de "ladrão"
Que bicho é esse?_____

Ele tem o pelo branco
Preto, marrom e vermelho,
Rabo curto, orelhas grandes
Danado desde sedelho
Adora comer cenoura
Que bicho é esse?_____

Anda sempre em rebanho
E faz festa à tardezinha
Gosta muito de igreja
Se esconde de manhãzinha
Nem é pombo e nem marreco
Que ave é essa?_____

De sua lã se faz casaco
Da ovelha é companheiro
Ele gosta de criança
Lhe chamam até de cordeiro
Ele carregou São João
Que bicho é esse?_____

Maior do que periquito
Colorido como um raio
Levando ele para casa
Pra falar basta um ensaio
Atende como meu louro
O nome dele é?_____

Um bicho de estimação
É ligeiro em qualquer ato
Enxerga bem no escuro
Ele caça e pega rato
Inimigo do cachorro
Que bicho é esse?_____

Ele corre, late e fareja
Até em cima do morro
É o vigia da casa
Ao dono presta socorro
Melhor amigo do homem
Que bicho é esse?_____

É uma ave bonita
Voa como um avião
Atravessa o oceano
Vai do Brasil ao Japão
Parece com uma águia
Que ave é essa?_____

É um animal bonito
Calor pra ele é ruim
Tem bico, penas e asas
Preto branco, anda assim
Em pé e gosta de gelo
Que bicho é esse?_____

Ele é um peixe do mar
É muito lindo o bichinho
Bota bola no nariz
É bastante engraçadinho
Gosta muito de brincar
Que peixe é esse?_____

Dizem que vive no mar
Com tubarão e baleia
Meio peixe e meio gente
Aparece em lua cheia
É a rainha do mar
O nome dela é?_____

Ela é mansinha e dá leite
Na fazenda se destaca
Tem chifre, ruge e faz "mom"...
Na força ela não é fraca
Seu bebê é o bezerro
Sabe quem é? _____

O pássaro que come outro
Ele vive no sertão
Come rolinha e nambu
Voa como um avião
Tem pena, bico e é carnívoro
Quem é ele? _____

Ele é o rei da limpeza
É preto como jacu
Voa como um gavião
Feio do pescoço nu
Saboreia uma carniça
Quem é ele? _____

É um animal comprido
Mas na beleza ele abafa
Diz que ele dorme em pé
Tem o pescoço de garrafa
Pintado como uma zebra
Que bicho é esse? _____

Ela tem canelas grandes
Nasceu com esse problema
Tem asas, porém não voa
Maior do que seriema
O macho é quem choca os ovos
Que bicho é esse? _____

O que falamos, repete
Só precisa de um ensaio
Alguns o chamam de "Louro"
Quem é ele? O _____

É caçador, com certeza
Voa alto e vai ao chão
O pintinho é sua presa
Tem medo do _____

Deve enxergar muito bem
Pelo canto que eu ouvi
Se a flor é bem-me-quer
Passarinho é _____

Se vai chover no sertão
A ave anunciará
Na canção do Gonzagão
Quem faz "psiu"? _____

O seu canto é o mais bonito
Desde a Terra até o Sol
Tão famoso passarinho
O pequeno_____

Seu bico é longo e bem fino
É do néctar coletor
Bate as asas bem depressa
Quem é ele? O _____

Usando a matéria-prima
Que o oleiro faz o jarro
É um pássaro engenheiro
Ele é _____

Ele bica e faz barulho
Não pra dizer "oi" ou "tchau"
Busca larvas na madeira
Quem é ele? O _____

Referências:

COSTA, Pedro. **Cordéis para crianças.** 5ª edição. Teresina- Piauí.

BIGIO, Mariane. **Adivinhas em passarinhas**. Disponível em: https://maribigio.com/2021/09/02/adivinhas-passarinhas-em-cordel/

ANEXO B - NO TEMPO QUE OS BICHOS FALAVAM

NO TEMPO QUE OS BICHOS FALAVAM
(José Francisco Borges)

O Sapo com muita fome
Foi saindo do barreiro
Um batalhão de formigas
Lhe enfrentaram no terreiro
E o Sapo com a língua
Venceu o cortejo inteiro

O Macaco é bicho esperto
O Jumento trabalhador
O Macaco é mais alegre
O Jumento mais sofredor
O Jumento sofre calado
O Macaco é chiador.

O Bode é conquistador
E só anda perfumado
E nos atos de amor
O Porco é muito calado
O Porco é mais moralista
O Bode é mais depravado.

O Tatu e o Timbu
Eram amigos demais
Tatu comia batata
E o Timbu mais voraz
Comia pintinhos novos
O cachorro corria atrás.

Gambá e o Papa-Mel
Foram a festa um certo dia
Gambá não arranjou nada
E cheio de ironia
Destampou o seu perfume
Correu toda bicharia

O Galo e o Carneiro
Foram cantar num festim
O Galo cantou bonito
Carneiro cantou ruim
O Galo almoçou milho
Carneiro comeu capim.

O Bentiví chama chuva
Anum preto é agoureiro
Quando os bichos falavam
Anum era o seresteiro
E os dois só cantavam bem
Tendo água no barreiro.

O Pato invejava o Pombo
Por ele ser mensageiro
E o Pombo invejava o Pato
Por nadar muito maneiro
Sempre foram bons amigos
Um manzanza, outro ligeiro.

A Galinha encontrou-se
Com a velha Tanajura
Deu vontade de comê-la
E beliscou na cintura
Dizendo ó que sabor
Essa bunda de gordura.

O Morcego era o Vampiro
E só de noite saía
Para sangrar o Cavalo
Com a sua covardia
Sugava o sangue e voava
E na mata se escondia.

Beija-flor disse pra Ema
Por que esse pescoção?
Disse a Ema e tu também
Com o bico de ferrão
Ela aí meteu-lhe o bico
E deixou morta no chão.

O ódio só foi guardado
Pelo Cachorro e o Gato
Mas são menos despeitados
Do que o Gato e o Rato
E depois deram uma festa
Pra acabar o desacato.

Mas depois de muito tempo
Os bichos se reuniram
E os problemas de todos
Com calma ali discutiram
Chegaram a um acordo
E todos eles se uniram.

Na festa todos os bichos
Brincavam entusiasmados
E o Cachorro admirava
Da Cachorra o penerado
E já pela meia-noite
Disse vem cá, meu bucado.

[...]

O Bode se perfumou
E caiu dentro do salão
Agarrou uma marrã
Por detrás de um barricão
Quase acaba a brincadeira
Com a cantiga de cão.

E nessa noite de festa
Os bichos se "divertiam"
Muitos deles embebedou-se
O Timbu quem mais bebia
E foram acabar a dança
Na manhã do outro dia.

[...]

O bichos dançavam em casa
Galo no meio do terreiro
Pegava as franguinhas novas
Levava para o puleiro
A Raposa saiu fora
O Galo correu ligeiro.

O Jumento muito alegre
Deu risadas de estalo
E a Jumenta também
Caiu no meio do embalo
E quando o Burrinho nasceu
Era filho do Cavalo.

O Leão mandou as ordens
Para acabarem a dança
Algumas das bichas fêmeas
Saíram coçando a pança
E até agora não fizeram
Outra daquela festança.

Quando a festa terminou
Voltaram as atividades
E muitos deles saíram
Cheios de felicidade
E até hoje inda vivem
Conservando as amizade.

Cordel disponível em:
MARINHO, A. C; PINHEIRO, H. **O Cordel no Cotidiano Escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

ANEXO C - BIOGRAFIA DE ROSINHA

Conhecendo a Escritora Rosinha

Ela é pernambucana de Recife, é arquiteta e especialista em Literatura Infantojuvenil. Ilustra e escreve livros para crianças e jovens. Recebeu vários prêmios, participou de várias exposições de ilustrações. Atualmente, Rosinha mora em Olinda/PE. Ela nasceu no dia 22 de fevereiro de 1963. O seu 1º livro publicado foi: Som Coração, em 1994.

Veja o que Rosinha nos diz:

Em Olinda o sol levanta muito cedo e cedo ele se põe. Acordo entre 5 e 6 horas da manhã e já começo a trabalhar para aproveitar melhor a luz do dia. Como só consigo trabalhar com tudo organizado, passo as duas primeiras horas do dia respondendo email, listando as tarefas do dia, resolvendo coisas administrativas. Só depois de tudo isso no lugar é que inicio o trabalho com os livros.

Assim que recebo um texto, leio várias vezes para poder entender bem as entrelinhas, e cada vez mais, surgirem imagens na minha cabeça. Passo um bom tempo pesquisando imagens na internet e em livros, e fazendo experimentos. Com o material da pesquisa em mãos, faço os esboços, monto um boneco, que é uma primeira versão do que será o livro, e envio para o editor. Depois da aprovação do boneco, passo para a finalização das imagens, que pode ser uma pintura com materiais diversos (tinta, papel, tecido, lápis de cor) ou no computador.

Quando uso os materiais, costumo trabalhar até as 17h, quando o sol se põe. Não gosto de pintar à noite, com luz artificial, isso raramente acontece. Aproveito a noite para desenhar ou escrever. Se trabalho no computador, primeiro desenho à mão, escaneio e coloco a cor e a textura no computador. Nesse caso consigo trabalhar até mais tarde. Para as ilustrações dos meus textos o processo demora um pouco mais, pois passo um bom tempo pesquisando para produzir o texto. Escrevo e reescrevo inúmeras vezes. Em alguns livros só consigo começar os esboços se o texto estiver totalmente pronto. Outras vezes faço os dois ao mesmo tempo. Como trabalho em casa, precisei desenvolver, ao longo dos anos, muita disciplina.

Por isso organizei minha semana de forma a dar conta de trabalhar e resolver todas as coisas que precisamos fazer além do trabalho. Nas segundas, terças e quintas, trabalho das 6 às 22h e raramente saio de casa. Quartas e sextas passo o dia fora de casa, resolvendo coisas diversas, como ir a médicos, fazer pilates, fazer compras, aula de inglês. No final de semana, se não tenho nenhuma programação de lazer, trabalho das 8 às 16 no sábado e no domingo apenas pela manhã.

Além disso tudo ainda me organizo para passar um tempo com minha mãe, meus filhos e meus amigos. Apesar de ser uma rotina muito puxada, acordo todos os dias feliz, muito feliz, por saber que vou trabalhar criando livros.

Disponível em: http://www.editoraprojeto.com.br/autores/rosinha/

Imagem: Instagram da Escritora: @rsosinhailustra

ANEXO D - BIOGRAFIA DE LEANDRO GOMES DE BARROS

Conhecendo o Cordelista

Leandro Gomes de Barros

Ele nasceu na Fazenda Melancia em Pombal/PB, no dia 19 de novembro de 1865. A data de sua morte está registrada nos folhetos editados por seu genro, Pedro Batista: 4 de março de 1918 em Recife.

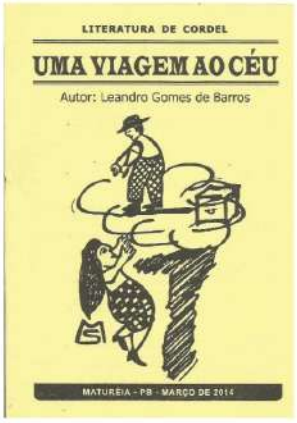
Ainda menino ficou órfão de pai e mudou-se com a mãe para a Vila do Teixeira/PB, berço da literatura popular nordestina, tendo convivido com os mais importantes cantadores e poetas da região.

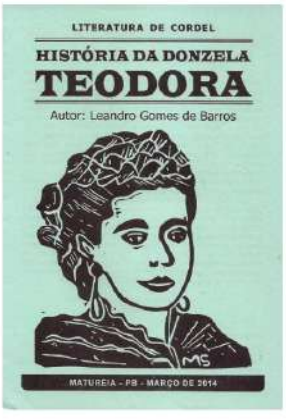
Passou a morar com seu tio materno, padre Vicente Xavier de Farias, tutor da família e responsável pela educação de Leandro. Devido aos maus tratos do tio, fugiu de casa rumo a Pernambuco, em 1880.

Casou-se com Venustiana Eulália e teve quatro filhos: Rachel, Erodildes, Julieta e Esaú Eloy.

Começou a escrever em 1889, e seu folheto mais antigo data de 1893. Estima-se que produziu mais de 600 folhetos com milhares de edições. Era um grande leitor e suas leituras serviam de inspiração para a maioria dos seus folhetos. Seu personagem mais marcante, Canção de fogo, foi fruto também de inspiração autobiográfica. Podemos perceber nas aventuras de Canção muitas semelhanças com a vida de Leandro.

Ele foi o poeta popular mais importante de todos os tempos.





ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) _____ para participar, como voluntário (a), da pesquisa **ENTRE VERSOS E RIMAS DO CORDEL: A RECEPÇÃO DAS CRIANÇAS EM RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS.**

Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Shamara Angélica Cassiano da Paz, domiciliada em _____, CEP:_____, telefone:_____, e-mail: _____ e está sob a orientação do Professor Doutor Clecio dos Santos Bunzen Júnior, telefone:_____, e-mail:_____.

O/a Senhor/a será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida a respeito da participação dele/a na pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e o/a Senhor/a concordar que o (a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias.

Uma via deste termo de consentimento lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. O/a Senhor/a estará livre para decidir que ele/a participe ou não desta pesquisa. Caso não aceite que ele/a participe, não haverá nenhum problema, pois desistir que seu filho/a participe é um direito seu. Caso não concorde, não haverá penalização para ele/a, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- **Descrição da pesquisa**: Acontecerão três rodas de conversas literárias sobre os livros da Coleção Palavra Rimada com Imagem, da Escritora Pernambucana Rosinha. Os livros são recontos de 3 romances da Literatura de Cordel do Poeta Cordelista Leandro Gomes de Barros. As obras utilizadas na roda de conversa também serão analisadas pela pesquisadora. As rodas de conversas acontecerão na sala de aula da turma do 4º ano do Ensino Fundamental e terão duração de aproximadamente 1 hora. Durante as rodas haverá trocas de experiências que poderão emergir a partir dos diálogos. A participação também consiste em ter sua imagem ou produção registrada por meio de fotografias e vídeos. Essas práticas são propostas pelo Currículo do Estado de Pernambuco e pela Base Nacional Comum Curricular, documentos que norteiam o trabalho dos professores de Vitória de Santo Antão/ PE. Caso algum aluno se recuse a participar desta atividade em sala de aula, a professora conversará com ele. Se mesmo assim, o aluno se negar a participar, ele terá a oportunidade de realizar atividades individuais sobre a mesma temática em outro local da escola em que ele se sinta à vontade. A professora receberá ajuda de toda a equipe gestora, que estará disponível, apoiando e oferecendo suporte, isto é, trabalhando em conjunto para o bem estar dos alunos participante da pesquisa.

- **Esclarecimento do período de participação do voluntário na pesquisa, início, término, local onde será realizada a pesquisa e número de visitas para a pesquisa:** O voluntário participará da pesquisa no período de abril a junho de 2022, na Escola Municipal Jornalista Júlio Augusto de Siqueira, durante as aulas que serão ofertadas no primeiro semestre do corrente ano letivo.

- **RISCOS diretos:** Nesta pesquisa-ação, os riscos que podem ocorrer são possíveis desconfortos das crianças durante as gravações de vídeos e registros fotográficos. Buscando preservar as crianças, as fotografias e vídeos serão focados no trabalho a ser realizado, evitando a exposição do rosto, preservando a imagem delas. Os alunos também podem

apresentar timidez ou não se sentirem à vontade para participarem das rodas de conversas. Acredita-se que as rodas serão tranquilas, visto que já é uma prática pedagógica desenvolvida com a turma. Vale salientar que a pesquisa-ação será desenvolvida na turma em que a professora-pesquisadora é docente. Antes das aplicações das rodas de conversas, a professora irá conversar com a turma explicando como ocorrerão as atividades. Porém, as crianças terão liberdade para participarem ou não das rodas de conversas. Caso alguma criança se negue a participar, a equipe gestora realizará atividades com ela, o que não afetará a rotina. As atividades serão sobre leitura e poderão ser realizadas com a criança em outro local para que ela se sinta à vontade.

- **BENEFÍCIOS diretos e indiretos para os voluntários:** Os benefícios esperados nesta pesquisa-ação são indiretos. No município de Vitória de Santo Antão/PE, onde a pesquisa-ação acontecerá, o planejamento das aulas é feito com base no Currículo de Pernambuco: Ensino Fundamental, bem como, na Base Nacional Comum Curricular. Dessa forma, as atividades propostas nesta pesquisa-ação encontram-se entrelaçadas a esses documentos. O trabalho com a Literatura de Cordel é proposto nos documentos supracitados. Dessa forma, os estudantes participantes da pesquisa estarão envolvidos em uma prática própria para a sua turma, no caso, o 4º ano doo Ensino Fundamental. Além disso, os alunos poderão ser beneficiados pelo fato de estarem envolvidos numa Educação Literária que poderá promover conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, oferecendo voz e vez aos alunos, escutando-os e valorizando suas experiências e potencialidades. Pensando na escola como um espaço coletivo, plural e democrático, esta instituição também será beneficiada, visto que toda a comunidade escolar será representada diante das práticas realizadas no espaço escolar. Além disso, será produzido um material que será disponibilizado para outros professores, auxiliando-os em sua prática pedagógica.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário (a). Os dados coletados nesta pesquisa (atividades, fotos, filmagens), ficarão armazenados em pastas de arquivo do computador pessoal do pesquisador, sob a responsabilidade do pesquisador e orientador, no endereço, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

_____

Assinatura do pesquisador (a)

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO

Eu, _____, CPF_____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua participação no estudo **ENTRE VERSOS E RIMAS DO CORDEL: A RECEPÇÃO DAS CRIANÇAS EM RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS.** Como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim ou para o (a) menor em questão.

Local e data _____

Assinatura do (da) responsável: _____

Impressão Digital (Opcional)

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO F - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você _____, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário (a) da pesquisa: **ENTRE VERSOS E RIMAS DO CORDEL: A RECEPÇÃO DAS CRIANÇAS EM RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS.** Esta pesquisa é da responsabilidade do (a) pesquisador (a) Shamara Angélica Cassiano da Paz domiciliada em_____, CEP: _____, telefone:_____, e-mail:_____e está sob a orientação de: Clécio Bunzen, telefone:_____, e-mail_____.

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via deste termo lhe será entregue para que seus pais ou responsável possam guardá-la e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, um responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- **Descrição da pesquisa**: Acontecerão três rodas de conversas literárias sobre os livros da Coleção Palavra Rimada com Imagem, da Escritora Pernambucana Rosinha. Os livros são recontos de 3 romances da Literatura de Cordel do Poeta Cordelista Leandro Gomes de Barros. As obras utilizadas na roda de conversa também serão analisadas pela pesquisadora. As rodas de conversas acontecerão na sala de aula da turma do 4º ano do Ensino Fundamental e terão duração de aproximadamente 1 hora. Durante as rodas haverá trocas de experiências que poderão emergir a partir dos diálogos. A participação também consiste em ter sua imagem ou produção registrada por meio de fotografias e vídeos. Essas práticas são propostas pelo Currículo do Estado de Pernambuco e pela Base Nacional Comum Curricular, documentos que norteiam o trabalho dos professores de Vitória de Santo Antão/ PE. Caso algum aluno se recuse a participar desta atividade em sala de aula, a professora conversará com ele. Se mesmo assim, o aluno se negar a participar, ele terá a oportunidade de realizar atividades individuais sobre a mesma temática em outro local da escola em que ele se sinta à vontade. A professora receberá ajuda de toda a equipe gestora, que estará disponível, apoiando e oferecendo suporte, isto é, trabalhando em conjunto para o bem estar dos alunos participante da pesquisa.

- **Esclarecimento do período de participação do voluntário na pesquisa, início, término, local onde será realizada a pesquisa e número de visitas para a pesquisa:** O voluntário participará da pesquisa no período de abril a junho de 2022, na Escola Municipal Jornalista Júlio Augusto de Siqueira, durante as aulas que serão ofertadas no primeiro semestre do corrente ano letivo.

- **RISCOS diretos:** Nesta pesquisa-ação, os riscos que podem ocorrer são possíveis desconfortos das crianças durante as gravações de vídeos e registros fotográficos. Buscando preservar as crianças, as fotografias e vídeos serão focados no trabalho a ser realizado, evitando a exposição do rosto, preservando a imagem delas. Os alunos também podem

apresentar timidez ou não se sentirem à vontade para participarem das rodas de conversas. Acredita-se que as rodas serão tranquilas, visto que já é uma prática pedagógica desenvolvida com a turma. Vale salientar que a pesquisa-ação será desenvolvida na turma em que a professora-pesquisadora é docente. Antes das aplicações das rodas de conversas, a professora irá conversar com a turma explicando como ocorrerão as atividades. Porém, as crianças terão liberdade para participarem ou não das rodas de conversas. Caso alguma criança se negue a participar, a equipe gestora realizará atividades com ela, o que não afetará a rotina. As atividades serão sobre leitura e poderão ser realizadas com a criança em outro local para que ela se sinta à vontade.

- **BENEFÍCIOS diretos e indiretos para os voluntários:** Os benefícios esperados nesta pesquisa-ação são indiretos. No município de Vitória de Santo Antão/PE, onde a pesquisa-ação acontecerá, o planejamento das aulas é feito com base no Currículo de Pernambuco: Ensino Fundamental, bem como, na Base Nacional Comum Curricular. Dessa forma, as atividades propostas nesta pesquisa-ação encontram-se entrelaçadas a esses documentos. O trabalho com a Literatura de Cordel é proposto nos documentos supracitados. Dessa forma, os estudantes participantes da pesquisa estarão envolvidos em uma prática própria para a sua turma, no caso, o 4º ano doo Ensino Fundamental. Além disso, os alunos poderão ser beneficiados pelo fato de estarem envolvidos numa Educação Literária que poderá promover conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, oferecendo voz e vez aos alunos, escutando-os e valorizando suas experiências e potencialidades. Pensando na escola como um espaço coletivo, plural e democrático, esta instituição também será beneficiada, visto que toda a comunidade escolar será representada diante das práticas realizadas no espaço escolar. Além disso, será produzido um material que será disponibilizado para outros professores, auxiliando-os em sua prática pedagógica.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (atividades, fotos, filmagens) ficarão armazenados em pastas de arquivo do computador pessoal do pesquisador, sob a responsabilidade do pesquisador e orientador, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos, após o término da pesquisa.

Nem você e nem seus pais [ou responsáveis legais] pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Este documento passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE que está no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

_____

Assinatura do pesquisador (a)

ASSENTIMENTO DO(DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **ENTRE VERSOS E RIMAS DO CORDEL: A RECEPÇÃO DAS CRIANÇAS EM RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS.** Como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Local e data _____

Assinatura do (da) menor : _____

Presenciamos a solicitação de assentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do/a voluntário/a em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO G - CARTA DE ANUÊNCIA

PREFEITURA DA VITÓRIA DE SANTO ANTÃO – PE
Escola Municipal Jornalista Júlio Augusto de Siqueira
Rua do Chafariz, S/N Loteamento Conceição – Iraque 1
Vitória de Santo Antão – PE

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins que aceitaremos a pesquisadora Shamara Angélica Cassiano da Paz, a desenvolver o seu projeto de pesquisa ENTRE VERSOS E RIMAS DO CORDEL: A RECEPÇÃO DAS CRIANÇAS EM RODAS DE CONVERSAS LITERÁRIAS que está sob a coordenação/orientação do Professor Doutor Clecio dos Santos Bunzen Junior, cujo objetivo é Analisar o processo de planejamento e implementação de Rodas de Conversas Literárias numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental, com atenção especial para a recepção dos textos pelas crianças, levando em consideração as reflexões sobre a Educação Literária, na Escola Jornalista Júlio Augusto de Siqueira, localizada na Rua do Chafariz, S/N, Loteamento Conceição- Iraque 1 em Vitória de Santo Antão/PE, 55609-200.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoas dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Vitória de Santo Antão/PE, ____/_____/ _____.

Nome/ assinatura e carimbo do responsável onde a pesquisa será realizada.